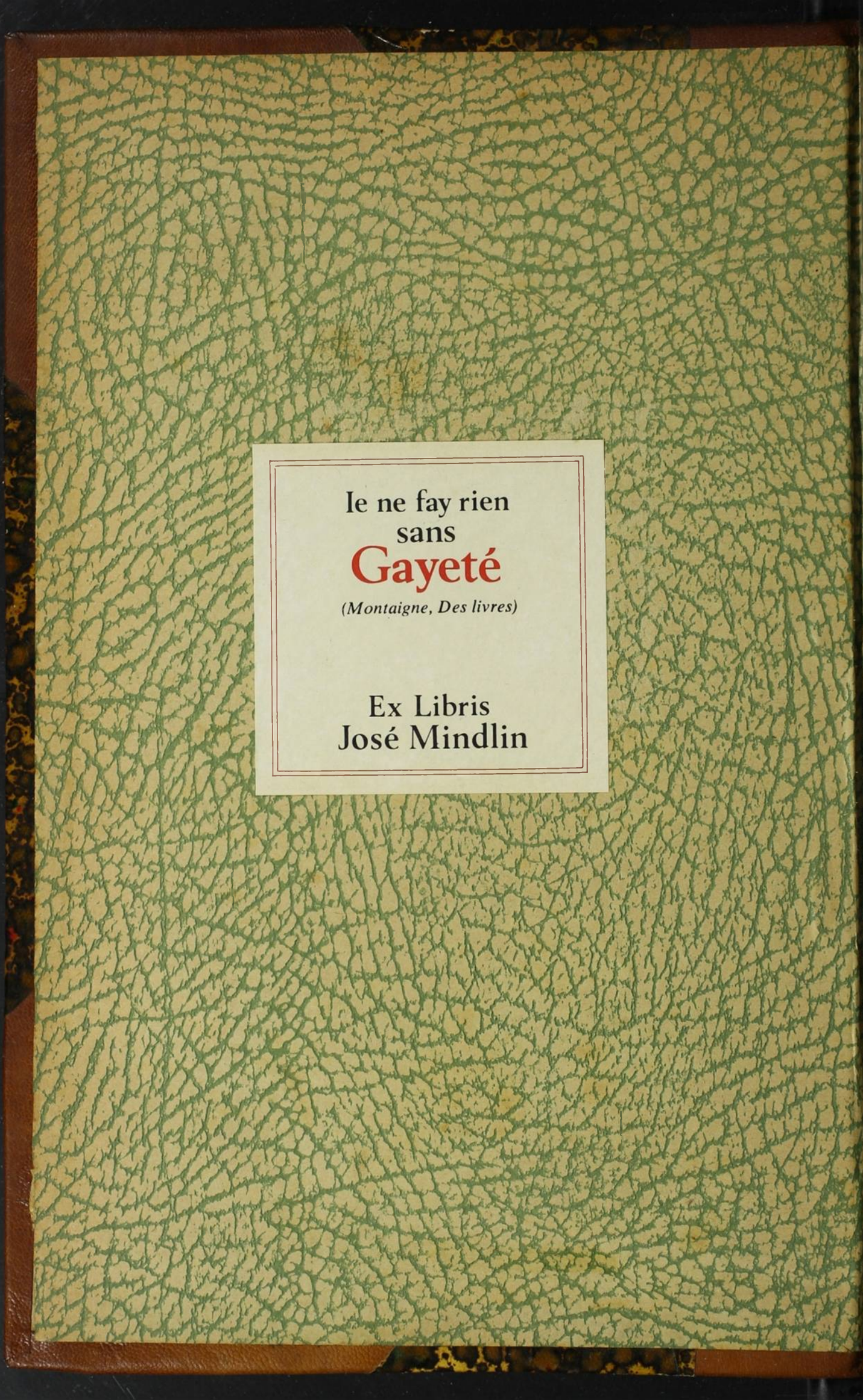
Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

COMMISSÃO DO MADEIRA.

PARÁ E AMAZONAS

PELO

ENCARREGADO DOS TRABALHOS ETHNOGRAPHICOS

Conego Francisco Bernardino de Souza.

2.ª PARTE.

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA NACIONAL

1875.

COMMISSÃO DO MADEIRA.

H69

PARÁ E AMAZONAS

PELO

ENCARREGADO DOS TRABALHOS ETHNOGRAPHICOS

Conego Francisco Bernardino de Souza.

2.ª PARTE.

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA NACIONAL
1875.

751—75.

COMMISSÃO DO MADEIRA.

Pará e Amazonas.

I

Antes de proseguir na descripção do grande rio e de seus numerosos affluentes, procurarei patentear aos leitores algumas das maravilhosas riquezas que encerra o magestoso Valle do Amazonas. Em parte alguma a natureza é tão farta em suas variadas producções como ahi. O homem desta região, diz o Sr. conselheiro Brusque, a cada instante encontra os dispersos elementos de uma riqueza natural, que elle aproveita somente, quando se lhe não offerece maior trabalho do que seja o necessario para colher-lhe os fructos que os encerram, e quanto basta á satisfação das necessidades do presente, como se as gerações que virão depois delle não lhe pedirão contas do muito que perderam e do pouco que reservaram para ellas.

Seja, porém, como fôr, ha nestas risonhas paragens productos naturaes, que n'um futuro mais ou menos proximo deverão figurar como importantes objectos de permuta nas relações do commercio exterior.

Ahi vai sem ordem e sem apparato scientifico uma resumida noticia de algumas producções, que se ostentam no magestoso valle—como verdadeiros presentes doados pela mão benefica e poderosa da Providencia.

MACUCU-MIRIM. — E' uma arvore que vegeta no valle do Amazonas. Com a infusão da entrecasca desta arvore, é que dão uma especie de mordente nas cuias, sobre o qual assentam depois as tintas. Usam deste mordente na falta de outro,

que é melhor e que extrahem da arvore *cumaty*. Os pescadores molham as linhas com que hão de pescar, no succo resinoso, que extrahem da entrecasca desta arvore, afim de se lhes não desgastar tão depressa, como succede quando lhes não fazem isto.

O *macucu-mirim* nasce pelas margens dos rios, tendo a raiz debaixo d'agua.

MANACAN ou *manacá* ou *geratacaca* ou ainda *mercurio vegetal*. E' um arbusto de folhas alternas, oblongas, acuminadas e curtamente pecioladas. As flores são solitarias e terminaes e a corolla monopetala. A raiz principalmente é impregnada de um principio amargo e enjoativo, que estimula a garganta.

Emprega-se internamente em decocção de meia a uma onça em libra e meia d'agua ou em tintura alcoolica ou em infusão em vinho branco.

E' um poderoso excitante do systema lymphatico e modificador energico da idiosincrasia escrophulosa; é muito recommendado na syphilis, no rheumatismo e em outros incommodos. Tambem o empregam como antidoto nas mordeduras das cobras venenosas. E' planta muito usada no Amazonas pelos *pagês* ou curandeiros com tal ou qual resultado.

Ha duas qualidades de *manacan*, diz o Sr. Dr. F. da Silva Castro, uma de folha como a do café e outra de folha comprida semelhante á da mangueira : a esta chamam *manacan de veado*, em virtude de um preconceito popular. Refere Baena— que os indios acreditam que alguem embriagando-se com ella, e conversando depois com uma mulher pejada, lhe passa a embriaguez, e se fôr immediatamente ao mato caçar veados, acha-os e apanha-os sem difficuldade, porque elles não correm nem fogem.

O extrato do *manacan* é empregado por algumas tribus do Alto Amazonas, para envenenar as settas.

GUAPUHI.— E' uma planta trepadeira. Obra como tonico.

A raiz, crua ou assada no rescaldo, ralada e depois exprimida, para servir o liquido nas primeiras vinte e quatro horas, é empregada com muita vantagem nas ophtalmias chronicas.

JUTAHY.—Dos troncos e dos ramos da arvore *jutahy* ou *jatobá* mana grande quantidade de uma resina amarellada e transparente, a que dão o nome de resina de *jutahy* ou *jutahy-cica*.

Encontra-se de ordinario enterrada na proximidade das raizes e algumas vezes em lugares onde já não existe vestigio algum da arvore, que a produzio.

E' ordinariamente em pequenos pedaços, de fórma espherica, ou em grandes massas cobertas por uma camada terrea.

Sua fractura é brilhante e o cheiro aromatico, mas, pouco sensivel.

Na exposição universal de Pariz, em 1867, havia muitos bocados cylindricos desta resina, procedentes do Amazonas

e de outras partes; os maiores tinham 24 centimetros de comprimento e 7 de largura; sua côr era amarellada, cinzenta ou com veios avermelhados: fractura vitrea.

Esta resina é empregada nas artes para fazer vernizes, que são brilhantes e bastante solidos. Tambem aqui a empregam para vidrar a louça de barro.

E' remedio popular, diz o Dr. Chernoviz, contra os escarros de sangue: usam tomal-a em pó, na dóse de 20 grãos (1 gramma), misturada com uma gemma de ovo.

Diz o Sr Gustavo Wallis que a *jutahy cica* dos rios *Canamé* e *Mocajahy*, affluentes da margem direita do Rio Branco, é distincta das outras conhecidas no Amazonas e no Rio Negro.

A resina é differente, não só pela côr mais clara e transparente, mas sobretudo por quebrar docemente, logo que se aperta entre os dentes.

ARARANI.—Aos *mundurucús*, que em 1804 foram ao Pará, em numero de doze, sendo dous tuchauas ou principaes e dez subditos seus, cumprimentar o governador D. Marcos de Noronha e Brito, conde dos Arcos, deve-se o conhecimento da arvore do *Ararani*, cujas folhas calcinadas são um remedio poderoso na cura da hydropesia.

AMAPÁ.—E' uma arvore que cresce em parte do valle do Amazonas e sobretudo nas margens do Rio Branco. E' muito apreciada pelo fructo que produz.

A fruta do Amapá, diz o Sr. G. Wallis, é um excellente producto até sem rival, substituindo de algum modo no Rio Branco a sorva do Rio Negro.

E' do tamanho de uma manga e contém uma polpa encarnada, refrigerante e muito doce. Seria propria para confeitaria, porque além da bonita côr que tem, é sobre modo assucarada

MAÇARANDUBA.—(*Mimusops elata* ou *mimusops excelsa*, segundo Freire Allemão.)

E' uma arvore gigantesca, da familia das sapotaceas e que se encontra em grande abundancia no valle do Amazonas.

E' facil distinguil-a no meio das florestas em que cresce. Ergue-se do solo em linha recta, diz o Sr. Ferreira Penna, como o tronco do murity, e, como este, despida de galhos, apresentando na parte superior uma bella corôa de ramagens. As folhas são oblongas, de 1 até 2 decimetros de comprimento, verde-escuras e lustrosas na face e de um amarello pardo no dorso, com bordos lisos e nervuras mais tenues e regulares do que as do abricoseiro, formando um tecido espesso e quasi coriaceo.

O tronco eleva-se a altura de 20 a 25 metros e é revestido de uma casca tuberculosa como a do castanheiro e cuja superficie verde-negra é alterada por numerosas manchas brancas. Seus fructos, globulosos, muito menores do que um pecego ordinario, encerram uma polpa saborosa.

A madeira é uma das melhores e mais procuradas para a construcção de casas e de embarcações de qualquer dimensão: ella resiste, mais do que qualquer outra, á acção destruidora

do tempo e da agua. E' dura e rija, fina e de facil brunidura.

A commissão da exposição industrial do Pará, de que fazia parte o illustrado Sr. Dr. F. da Silva Castro, disse que entrava em duvida se era a maçaranduba o *galactodendron utile* de Humboldt e Bompland, o qual abunda na cordilheira dos Andes, especialmente na Columbia, e que estes dous naturalistas classificaram na familia das *artocarpeas*.

Os habitantes da cordilheira lhe chamam *palo de vacca*, (arvore de vaca).

As partes empregadas da maçaranduba são—o leite ou gomma—resina liquida, que se obtem, fazendo-se na casca uma incisão transversal, que chegue á madeira.

Toma-se internamente, combinado com algum cosimento emolliente ou peitoral, em partes iguaes, e externamente em emplastro estendido sobre a pelle e coberto com algodão. E' empregado com vantagem nas molestias do peito.

No Pará e no Amazonas usam delle como alimento e tomam-no misturado com café ou chá, tornando assim mais saborosas e nutritivas estas bebidas.

O mesmo praticam os habitantes da cordilheira dos Andes com o leite que tiram da sua *galactondrendon utile* e por igual processo.

O leite da maçaranduba, combinado com a borracha ou ainda com a gutta-percha, presta-se ao fabrico de mil artefactos, como cadeias de relogio, anneis, castiçaes, bandejas, pulseiras etc. Um vaso de procellana ou de barro, diz o Sr. F. Penna, uma cadeira ou qualquer outra peça de copa ou de mobilia, que se quebre, recebendo no lugar fracturado uma camada deste leite, torna-se tão perfeitamente soldada, que toma, por assim dizer, maior consistencia e solidez do que antes possuia.

CAUIXI.—E' o sedimento que no Rio Negro e em outros, mas sómente nos de agua preta, se agglomera nas raizes das arvores das margens destes rios. O *cauixi* apresenta a fórma da esponja e tem propriedades causticas.

Os naturaes utilisam-se da cinza do *cauixi* para fabricarem louça, misturando-a com argilla.

ASSACU' ou UASSACU'.—(*Hura brasiliensis.*) E' uma arvore colossal, que cresce espontaneamente em todo o valle do Amazonas. Pertence á familia das *euphorbiaceas*.

Desta arvore extrahe-se por incisão um succo gommoso ou leite branco pardacento e um pouco avermelhado, que se condensa e solidifica com difficuldade e vagar; quando condensado, é escuro pardacento, com o aspecto mais de gomma que de resina e mui soluvel em agua.

E' muito irritante o leite ou veneno vegetal do *assucú*, produzindo até ulcerações na pelle quando sobre ella cahe. Mata immediatamente quando tomado internamente em dóse elevada. Em pequenas dóses porém (ás gotas) é vomitivo, purgativo e tambem anthelmintico. E' pouco usado.

Os pescadores costumam empregar a casca da arvore e ás vezes o mesmo leite para embriagar os peixes, posto que

semelhante pratica seja formalmente prohibida pelos regulamentos municipaes.

Por algum tempo acreditou-se no Pará que o leite do *assacú* era um antidoto contra a elephantiasis; mas depois de diversas experiencias, sem resultado que satisfizesse, desvaneceu-se esse raio de esperança, essa scentelha de salvação para tantos infelizes, que ahi gemem sob a pressão cruel de tão terrivel enfermidade, condemnados á lenta dilaceração das carnes e á uma morte afflictiva...

Um facto mal averiguado, não quanto ao curativo de um enfermo supposto elephantiaco, mas quanto ao verdadeiro conhecimento da molestia curada, deu lugar a essa tão animadora esperança. Attribuindo-se ao indio Antonio Vieira Passos o curativo, na cidade de Santarém, de um fuão Gomes, que se dizia elephantiaco, foi mandado o dito indio para o hospital dos Lazaros, a fim de incumbir-se do tratamento dos doentes com o leite de assacú, com que pretendia ter curado Gomes.

Mas ainda desta vez falhou infelizmente o ensaio e foi completo o desengano.

Caruru'. Uma das maravilhas do Rio Negro; é uma especie de *carurú*, que cresce nas pedras das cachoeiras deste rio. Comem-no os naturaes cosido com peixe ao qual fornece o sal commum.

Deste *carurú* sabem os indios extrahir o sal com processos mais grosseiros sem duvida, mas na essencia os mesmos que outros mais civilizados poderiam empregar. Colhem a planta seccam-na ao sol, carbonisam-na depois de bem secca, dissolvem a cinza em agua, filtram em folhas seccas, evaporam ao fogo e assim obtem o sal, que não é muito puro, porque o filtro que empregam, de folhas seccas, não póde reter em si todas as impurezas.

Outra utilidade desta planta menos apreciada, porém não menos real, consiste em que crescendo ella nas cachoeiras e justamente nos lugares por onde é preciso arrastar as canôas, que procuram as margens, na subida do rio, serve esta herva de leito ou almofada, sobre a qual ellas resvalam mais facilmente e sem offensa do casco.

Cumaty.—E' uma tinta arroxada escura, preparada com a casca da arvore do mesmo nome e que se torna preta pela acção do ammoniaco em evaporação.

Serve para pintar cuias e outros objectos de uso commum.

Fallando das cuias do Pará, dizia o seguinte o Sr. Gonçalves Dias: « As indias do Pará pintam-nas de *urucú, carajurú, cary, tauá, tabatinga*; servindo-lhes de oleo a infusão da casca da arvore *cumaty*, a qual tambem serve de mordente, porque antes de pintadas as cuias, as mettem na dita infusão, e sem isto, dizem ellas que lhes não pegam bem as tintas e não ficam bem lustrosas.

O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, escreveu a este respeito: « As que se distinguem neste genero de trabalho, são as indias da villa de Monte Alegre e as das barreiras circumvizinhas, chamadas de *curupá-tuba* (no Pará)

e no Rio Negro as do lugar do Carvoeiro. Os curandeiros applicam o dito fructo (*cumaty*) para hernias, assando-o e dividindo-o em duas metades e mettendo entre ellas os testiculos, o que os faz desinchar promptamente. »

Páo de rainha.—E' uma das melhores e das mais lindas madeiras do paiz. E' originaria das florestas do Rio Branco. Apparece em ambas as margens do rio, acima da cachoeira de S. Felippe, na terra firme e de preferencia nos lugares montanhosos.

Ha algumas variedades, segundo a côr, porque além da encarnada, que é de todas a mais apreciada, ha tambem a amarella e a preta.

A madeira presta-se tanto para a marcenaria, como para a construcção naval e civil. Houve tempo em que se exportou grande quantidade para os Estados-Unidos.

Se é verdade, como ouvi dizer, diz o Sr. G. Wallis, que a côr desta madeira desapparece no fim de algum tempo, talvez provenha isso de não haver cuidado no córte, fazendo-o em épocas improprias, e quando é maior a força da vegetação, não se achando assimilada a seiva circulante e nem consolidada a fibra. Póde ser tambem que concorra para este máo resultado o cortar a arvore ainda não completamente desenvolvida, pois sabe-se que muitas madeiras só com avançada idade adquirem as boas propriedades de que gozam.

A bella e immensa folhagem do *páo de rainha*, faz com que esta arvore sobresaia entre as outras que a cercam.

A fruta é singular: é um caroço dentro de um casulo, que é guarnecido por uma grande cauda em fórma de aza e toda coberta de espinhos de uma pollegada de comprimento.

Carajurú—E' o nome de uma tinta vermelha, extrahida das feculas de um cipó que cresce no Rio Negro e da familia das *bignoniaceas*. E' empregada nas artes.

Ypadú ou Padú ou Coca (*Erythroxilon coca*).—E' um arbusto originario do Perú e cultivado no Alto Amazonas e ultimamente em alguns lugares da provincia do Pará.

As folhas deste arbusto são oblongas, um pouco obtusas, membranosas e trilineadas na face inferior; as flores são pequenas, numerosas e sustentadas por um pedunculo curto. As folhas actuam sobre o systema nervoso e são usadas pelos viajantes, correios e outros, que as mastigam em pequena porção, sustendando-lhes as forças e permittindo-lhes supportar por um ou dous dias a fome e a sede.

Os indios preparam as folhas do *ypadú*, torrando-as, reduzindo-as a pó em um pilão proprio e juntando-lhes um pouco de tapioca ou cinza das folhas da ambaúba Fazem grande uso desta preparação, conservando, como os mascadores de fumo, um pouco della no canto da boca.

O Dr. Martius reputa o *ypadú* como digno de fazer parte da materia medica, em vista do seu admiravel effeito sobre o systema nervoso e principalmente sobre o cerebro. O Dr. Haller, em um notavel artigo publicado no *Journal de Pharmacie et Chimie*, compara sua acção á do canhamo, por causa

da dilatação da pupilla, que a produz, e á do opio pelos seus effeitos narcoticos. Refere mais que o viajante Tschudi recommenda o uso das folhas do *ypadú* aos maritimos, como meio refrigerante e de combater os máos effeitos dos alimentos salgados; que tem sido observado que os indios dados ao seu uso, são isentos completamente de affecções escrophulosas e cutaneas; e que conservam perfeitamente os dentes.

O Sr. Gustavo Wallis, em um artigo publicado no *Jornal do Amazonas*, e no qual contesta a existencia da *herva-mate* nessa provincia, propõe o *ypadú* para substituir a esta como bebida quotidiana; attribue-lhe virtudes semelhantes ás da herva-mate, e julga-as preferiveis ao café, que contém partes oleosas e irritantes, o que o torna prejudicial, principalmente nos paizes quentes, e funda se, para assim pensar, em numerosas experiencias, que diz ter feito.

PUXIRY OU PUXURY.—(*Nectandra puchury major et minor*). E' uma arvore que produz uma grande noz, que encerra duas amendoas, a que dão o nome da mesma arvore. Pertence á familia das laurinéas.

Ha duas especies de *puxiry*, o grosso e o miudo. Este é o mais delicado, assim no gosto como no aroma.

A arvore do *puxiry* é peculiar do Rio Negro e seus affluentes. O seu fructo foi colhido pela primeira vez, segundo Baena, em 1775.

Emprega-se o fructo, ou antes a semente, a que dão o nome de fava. Toma-se internamente em pó, na dóse de um escropulo a uma oitava, e emprega-se com resultado nas diarrhéas, desynterias, leucorrhéa, colica e cholera.

GUARANÁ'. —(*Paullinea sorbiles*, da familia das pindaceas.) E' uma planta vivaz, trepadeira em fórma de cipó; contém grande quantidade de *cafeina*, gomma, tanino, etc. Emprega-se o fructo reduzido á massa sob diversas fórmas. E' refrigerante, calmante, subtonico e adstringente. Tambem é reputado anti-febril. Toma-se internamente, reduzido a pó tenue e fino, por meio de uma grosa, na dóse de duas a quatro oitavas para uma libra d'agua fria ou ligeiramente tepida, adoçada com assucar.

E' empregado com grande proveito nas diarrhéas agudas ou chronicas, nas molestias das vias ourinarias, provenientes de relaxamento dos orgãos e nas excitações nervosas. O seu uso continuado, porém, produz insomnias. Da raiz, que é amargozissima, usam os indios, em infusão, como preservativo das febres intermittentes.

Tambem é hoje empregado por medicos notaveis, contra as enxaquêcas, o cholera e até contra a tysica. O Dr. Stenhouse, na analyse que fez do producto desta planta, achou-lhe uma quantidade consideravel de *theina*, que é a materia que dá ao chá o seu valor peculiar.

O fructo dá um cacho á semelhança dos da uva, e, quando está maduro, é de uma bella cor vermelha rutilante. Planta-se o *guaraná* com o cacáo; a germinação das sementes porém é mais morosa, porque só dous ou tres mezes depois

de plantadas é que começam a grelar. A planta só no 3.° ou 4.° anno é que principia a dar fructos, e desde então é preciso preparar-lhe uma latada ou caramanchão, a que se possa encostar e subir.

E' cultivado o *guaraná* em grande quantidade nos municipios de Maués e Villa Bella da Imperatriz. Em Maués sobretudo constitue elle quasi que a unica industria e que tanto tem concorrido para a sua prosperidade. Tambem se encontra nas margens do Tapajoz, acima de Aveiro.

A planta *guaraná*, diz o incançavel Sr. Ferreira Penna, parece ser a companheira fiel das tribus indigenas Mondurucús, Maués, Araras, Muras e Apiacás.

A sua patria, pois que é onde mais commummente se encontra em estado silvestre, é esta magnifica região, ainda pela maior parte habitada por aquellas tribus e que o autor da *Corographia Brazilica* denominou *mundurucania*, comprehendida entre o Tapajoz e o Madeira,—região maravilhosa pela variedade e abundancia de seus ricos productos vegetaes.

Os habitantes da provincia de Mato Grosso e os da Bolivia, desde as margens do Alto Paraguay e do Madeira até as montanhas orientaes dos Andes, fazem avultado consumo do guaraná, que tem entre elles o emprego que em quasi todas as nossas provincias se dá ao café e no Rio Grande ao mate.

Tomam-no frio todos os dias, principalmente pela manhã muito cedo, em um copo ou cuia. Para se reduzir á pó a massa do guaraná emprega-se geralmente a lingua ossea do pirárucú, a qual substitue optimamente uma lima.

No Pará, onde ha 20 annos era uma bebida de uso geral e continuo, tem sido substituido pelo *assahy*, que, com o ser muito mais agradavel, não tem todavia as qualidades beneficas do guaraná; tendo já havido quem opinasse que uma das causas da multiplicidade de molestias, que hoje reinam no Pará e que outrora eram ahi desconhecidas, está provavelmente na quasi extincção do uso do guaraná.

Os indios Maués, muitos Mundurucús, os Muras e os Araras tomam-no a qualquer hora do dia ou da noite, começando das 3 as 5 horas da manhã.

Cada anno descem pelo Madeira mercadores da Bolivia e Mato Grosso, dirigindo-se a Serpa e Villa Bella da Imperatriz, para onde trazem seus generos de exportação e donde recebem os de importação. Dahi, antes de regressarem, vão a Maués, donde levam mil arrobas de guaraná, regressando então com suas *ubás* carregadas daquelles e deste ultimo genero, que vão vender nos departamentos de Beni, Santa Cruz de la Sierra e Cochabamba, na Bolivia, e nas povoações do Guaporé e seus affluentes.

O preço de cada arroba de guaraná, comprado nos municipios em que elle se fabrica, é de 40$000 a 50$000.

Em Mato Grosso chega muitas vezes a ser vendido por preços verdadeiramente fabulosos.

Para a capital da provincia de Mato Grosso os productores só do Tapajos exportam annualmente de 1.500 a 2.000 arrobas

O guaraná é pois incontestavelmente uma planta das mais uteis e tudo indica que o futuro da sua exportação será muito lisongeiro para os productores. O que convem porém é introduzir na cultura e no fabrico os melhoramentos que a experiencia fôr indicando.

No Tapajoz, diz ainda o Sr. F. Penna, a sua cultura tem-se propagado rapidamente, graças ao genio industrioso dos Mundurucús, de sorte que Itaituba começa a competir com Maués no supprimento ao mercado, não só de Cuyabá e Diamantino, mas tambem do Pará, donde é exportado para as provincias do Sul e, em pequenas porções, pora a Europa.

As terras altas do Tocantins, Pacajás, Xingú, Tamatahy, Trombetas e as do Lago Grande são tão adaptadas á cultura do guaraná como as do Tapajóz; e eu creio que esta planta, cedo ou tarde, será encontrada no Xingú, em estado silvestre e talvez em abundancia.

Fóra da provincia ella póde, segundo penso, ser cultivada com vantagem nas terras quentes dos baixos valles dos rios S. Francisco, Parahyba, Rio Doce, Jequitinhonha e em varios pontos da provincia do Maranhão. (1)

Eis como o preparam:

Torram em fogo brando e lento, a amendoa, que é de côr escura e quasi do tamanho de uma avelã, trituram-na bem em um pilão, deitando-lhe um pouco d'agua, até ficar bem compacta, e dão-lhe então a fórma de rolos cylindricos ou outra qualquer, como bengalas, castiçáes, animaes e diversas, e por fim levam ao forno para endurecer. A este ultimo processo dão o nome de *defumação*. Na torrefacção deve haver o maior cuidado, porque o calor um pouco mais forte do que aquelle que convem, queima a semente e o producto torna-se pessimo.

Em geral consideram de superior qualidade o guaraná, que apresenta uma côr parda clara no interior; posto que não seja isto signal decisivo de sua perfeição.

Munpiquêra ou Amaro da Silva.—E' assim que chamam uma arvore da qual extrahem leite como o da seringueira, e apresentando as mesmas propriedades chimicas.

Paracutaca.—E' uma arvore do Alto Amazonas. Da madeira fazem os indios remos e pequenas canôas, que duram porém pouco tempo.

Nasce pelas margens dos rios, com as raizes debaixo d'agua

Marupa'-miri.—A raiz, em infusão, deste arbusto, é tida como poderoso remedio contra as diarrhéas.

Victoria regia. Esta gigantesca nymphacea, verdadeira maravilha do reino vegetal, habita mansa e tranquillamente nas pacificas aguas dos lagos pouco profundos do Amazonas e de seus numerosos affluentes.

---

(1) A Região Occidental da provincia do Pará por D. S. F. Penna.

O celebre botanico Kaenke e Fr. Lacueva, missionario hespanhol, navegando pelo rio Mamoré, foram os primeiros europeus que tiveram a fortuna de ver a maior e a mais bella das nymphaceas. O sabio naturalista cahiu de joelhos, e em acção de graças ao Ente Supremo, que creou tão portentosa maravilha, entoou o *Te-Deum* ante seu companheiro admirado.

Em 1845 um viajante inglez, o Sr. Bridges, navegando pelas margens do rio Iocouma, um dos tributarios do Mamoré, deu com um lago, no qual viu com sorpresa uma quasi colonia dessa planta magnifica. Em sua admiração e em seu amor britanico deu-lhe o nome de sua soberana, apellidando-a de *Victoria Regia*.

Os indios dão a essa flôr o nome de *Uapé Jaçaná* (forno dos jaçanas) porque estas aves vivem pousadas sobre ellas, de cujas sementes se alimentam. A *Victoria Regia* ou melhor, *Uapé Jaçaná*, é uma planta aquatica da familia das nymphaceas. Suas folhas tem de 15 a 18 pés de circumferencia; a parte superior é de um verde escuro e lusidio, a inferior é de um vermelho carmezim; apresenta varias veias cellulares bem salientes, cheias de ar, e o talo é coberto de espinhos molles e elasticos.

As flores elevam-se acima das aguas quasi seis pollegadas, e quando estão abertas tem de 3 a 4 pés de circumferencia. E' quasi á noitinha que costuma abrir as pétalas. A principio ostentam na côr a mais deslumbrante alvura, mas depois, dentro de 24 horas, mudam successivamente desde a côr de rosa até o vermelho mais brilhante. Logo ao desabrochar exhalam delicioso perfume; no fim de tres dias desmaiam, pendem da haste e mergulham n'agua para ahi amadurecerem as sementes. Destas, quando maduras e por causa da fécula de que são ricas, fazem os indios grande colheita: torram-nas e comem-nas com prazer, por serem mui saborosas.

Urucú' (*Bixa orellana*). E' um arbusto de 12 a 15 pés de altura; o fructo é uma capsula eriçada de espinhos, contendo muitas sementes vermelhas. Postas de infusão n'agua deixam uma tinta encarnada muito linda, com que os indigenas pintam suas manufacturas e em algumas tribus a si proprios.

Tambem empregam o *urucú* para misteres culinarios. Igualmente usam da semente para curar o defluxo. Preparam-na de infusão em agua fervendo.

O principal emprego do urucú é para a tinturaria. Para este fim, diz o Dr. Chernoviz, separa-se e rejeita-se o primeiro envoltorio do fructo. Pisam-se as sementes em celhas de páo e diluem-se em agua quente; deita-se tudo sobre um peneiro. A agua passa, arrastando comsigo a materia corante e alguns destroços. Deixa-se fermentar sobre o residuo; côa-se e faz-se seccar a materia á sombra. Depois de reduzida á consistencia de massa solida, faz-se com ella pães de 2 a 4 libras, que se envolvem em folhas de bananeira ou de alguma outra planta. Deve-se escolher o urucú de um bello

vermelho. Cede á agua fria um principio corante amarello; e ao espirito de vinho, assim como aos liquidos alcalinos, um principio corante vermelho de natureza resinosa; este toma a côr azul de anil pelo acido sulfurico concentrado. Emprega-se sobretudo o urucú para tingir a seda de amarello alaranjado; dá côres bellas, mas pouco fixas.

Usa-se tambem para dar côr aos vernizes, azeites, gorduras, manteiga, etc.

ASSUPA'.—Dão os indios do rio Purús este nome a um pequeno arbusto, que parece ter a propriedade febril como a quina; produz a febre pela sensação do olphato dentro de meia hora. Temem-no os indios extraordinariamente; presentem-no de longe e fogem delle. Não ha interesse que os faça apanhal-o ou pegar nelle, e acreditam que possue propriedades venenosas.

E' possivel que tenha esse arbusto a propriedade anti-febril, como a quina, e bom serviço prestaria á medicina e á humanidade quem se propuzesse a estudal o.

ARARA-SIPÓ.—E' uma planta trepadeira, flexivel e forte: nasce no cimo da castanheira e fórma como um tronco lenhoso em redor da mesma arvore.

Córta-se um gomo do sipó e apara-se o liquido, que corre copiosamente: é limpido e crystallino, e extinguindo a sêde, promove tambem a secreção e sahida das ourinas.

BARIMBÉ.—E' o nome que dão algumas tribus do Pará a um arbusto que cresce de 6 decimetros a um metro.

Tem propriedades muito excitantes e por isso é mui usado entre os indigenas, que preparam uma bebida com o succo das raizes e folhas. Dizem que produz uma grande agitação nervosa, dando movimento e actividade aos membros e viveza ao espirito, affugentando a preguiça e a inercia. Provoca vomitos, quando a bebem.

FRUTA-PÃO.—A' margem do Amazonas crescem arvores de fruta-pão, um pouco differentes no tamanho (são menores) e no fructo que produzem, das que são cultivadas nas provincias do sul. No interior do fructo encontra-se diversas castanhas em nada inferiores ás castanhas de Portugal.

Com o leite que extrahem da arvore, misturam um pouco de gengibre (aqui chamam *mangarataia*) e formam um emplasto, que dizem ser de prompto effeito nas dôres de cabeça, por mais agudas e violentas.

ARARA-UBÁ DA VARZEA.—E' uma arvore muito commum á margem do Amazonas.

Da casca extrahe-se uma delicada côr de carmim, addicionando-se um pouco de pedra hume á agua em que é fervida.

CARAPANÁ-UBA.—*Arvore do Carapanã.*—Cresce no valle do Amazonas e abunda sobre tudo nas margens do Trombetas.

E' a celebre e tão decantada *Anacauita*.

JATUATUBA.—E' uma arvore que produz fructos em cachos, que muito se assemelham aos da videira.

Dizem que a raiz em infusão é um remedio cathartico.

Da tona da arvore preparam um purgante, que, affirmam

os da terra, tem a propriedade de tornar prolifica a mulher que é esteril, por molestia ou por compleição.

CARAIPÉ.—Nas bahias de Camuhy e Anapú fabricam-se varios utensis de argilla plastica, como panellas, potes, alguidares, bacias de rosto e tachos de torrar farinha. Para prepararem esta louça, queimam a casca da arvore chamada *Caraipé* e misturam os seus residuos com a argilla, que adquire por este modo uma solidez e consistencia, que até então não possuia. A louça é submettida depois á acção do fogo, no forno ou sobre uma trempe de ferro.

SERINGUEIRA.—*Symphonia elastica*.—A celebre arvore, geralmente conhecida por *Seringueira*, é alta, perpendicular e de copa pouco frondosa. Cresce e vive nas varzeas.

Os indios *Cambebas* davam-lhe a denominação de *Canchú;* no commercio é conhecida por arvore da borrocha ou gomma elastica, e o povo dá-lha o nome de seringa ou seringueira.

Mede de 20 a 40 metros de altura, tendo de grossura um metro e alguns centimetros de diametro. A folhagem imita á primeira vista a folha da maniva, por seu alongamento, divisão e côr.

Abunda no valle do Amazonas, e sobretudo nas margens dos rios Xingú, Tapajóz, Anajaz, Jary, Tocantins, Madeira, Purús, Juruá e muitos outros e nas ilhas que demoram na fóz do Amazonas.

Do pequeno, mas interessante opusculo do Sr. tenente-coronel A. R. P. Labre, intitulado—*A seringueira*—, e publicado em 1873, extrai a seguinte e minuciosa noticia do processo geralmente empregado no valle do Amazanos para colher e preparar o leite da seringueira com que se fabrica a borrocha.

« Para a extracção do leite, diz o Sr. tenente coronel Labre, faz-se uma estrada pelo bosque, de pé em pé de seringueira, até completar-se de 80 a 120 arvores, limpando-se com cuidado em roda de cada arvore (1).

Feito este serviço, o trabalhador espalha pelas arvores o vasilhame de colher o leite (tigellinhas), distribuidas ordenadamente de tres a oito por cada arvore até a ultima (conforme a grandeza da arvore) de 500 a 700 tigellinhas. Por essa occasião dão-se seis ou mais talhos na arvore com um machadinho, de modo que só corte a casca para correr o leite, na

---

(1) A estrada é uma picada feita a facão, para descobrir o pé das arvores, afim de facilitar a colheita do leite, dando transito ao trabalhador, e pelas arvores trabalhadas ao defumador. E' feita por uma curva, de modo que as extremidades fiquem proximas umas das outras, afim de que, pregadas as tigellinhas, dê-se logo começo á colheita do leite, no principio da estrada, finalisando esta colheita ao pé do defumador, para não haver demora na defumação.

O facão para a feitura da estrada é commummente americano: melhor conviria uma foicinha americana.

altura que possa alcançar o braço, deixando cahir o leite no chão, e chama-se isto *preparar a seringueira* (em que alguns gastam dous e tres dias inutilmente). Feito este preparo, no dia seguinte muito cedo deverá dar-se começo ao trabalho da extracção ou colheita do leite. Entre 5 e 6 horas da manhã segue o trabalhador pela estrada com um machadinho e um bolo de barro de antemão preparado (1), e o balde de depositar e conduzir o leite para o defumador; em cada seringueira dá o operario, na altura do braço, em roda da seringueira, tantos golpes obliquos quantas são as tigellinhas que devem ser pregadas na arvore, alguns dão dous golpes perpendiculares para cada tigellinha; é, porém, bastante um.

Feitos estes golpes ou cortes, abaixo de cada um delles prega-se á arvore uma tigellinha com um pouco de barro amassado (2) e assim se faz em todas as arvores da estrada até a ultima e volta-se immediatamente ao principio da estrada, onde deve estar o balde (3), que é alceado em um braço, e com a mão que fica desembaraçada tiram-se da arvore as tigellinhas que estão com leite, que vai sendo colhido no balde e deixam-se as tigellinhas emborcadas no pé da arvore ou penduradas em outra arvore proxima; e assim se colhe o leite de todas as arvores, o que concluido, volta-se com presteza para o defumador, a fim de fabricar a seringa. Em chegando ao defumador (4), derrama-se o leite em uma bacia grande de zinco ou de

---

(1) O machadinho é de ferro sem aço; tem 9 centimetros de longo, é estreito, boca ou parte cortantes 3 cs., elevado 2 1/2 cs. em diametro com uma manivella tubular de 80 cs. de longo.
O barro é viscoso ou plastico, preparado de antemão em quantidade de 4 a 5 kilos para o trabalho de um dia; é levado dentro do um cofinho ou enfiado n'um páo.

(2) As tigellinhas são de estanho ou zinco; antigamente eram de barro queimado. Tem a fórma de um copo, com o fundo mais ou menos estreito; em diametro de boca tem 8 cs. e 5 cs. em diametro de base e 8 cs. de profundidade.

(3) O balde é de folha de Flandres e de fórma cylindrica; póde ser de zinco ou de outro qualquer metal barato; tem a fórma de uma lata; na boca deve caber uma mão, para facilitar a limpeza; tem de profundidade 35 a 40 centimetros; 11 cs. de boca e 66 a 72 cs. de circumferencia, com seu diametro relativo, isto ou mais, devendo ter capacidade para 16 a 25 litros de leite; tem um aro, que serve de alça, para pendurar-se ao braço, afim de facilitar a sua conducção.

(4) Na extremidade terminal da estrada faz o trabalhador uma choça, onde abriga-se das chuvas por occasião da defumação, servindo tambem para impedir a introducção de grossas columnas de ar, que fariam escapar da chaminé o fumo com celeridade, impedindo o trabalho e já consumindo o combustivel com rapidez: este palhal não abriga mais do que um até dous trabalhadores; tem commummente a altura de uma pessoa ou pouco mais.

barro (1), acende-se fogo com côco (2), por baixo de uma chaminé de barro queimado, a que dão o nome de *boião*, e quando o fumo começa a evaporar-se pela valvula superior em quantidade, pega-se em uma prancha de madeira, da feição de um remo (3), e molha-se no leite por meio de uma pequena cuia, p ssa-se no fumo, que evapora-se pelo boião (4) e rapidamente coagula-se o leite na grossura de uma folha de papel; molha-se de novo a fôrma no leite e faz-se o mesmo serviço alternado e successivamente até esgotar o leite, cujo processo em duas horas, pouco mais ou menos, está acabado, segundo a maior ou menor quantidade de leite. Fica a seringa até o dia seguinte na fôrma, e talhada em uma das extremidades é tirada da fôrma para seccar e curtir ao sol.

Quando vai bem defumada toma uma cor amarella escura; e quando vai mal defumada, toma a cor esbranqui-

---

(1) O vaso de depositar o leite para a defumação, é uma bacia de zinco, que deve ter capacidade para 20 a 30 litros de leite. Antigamente estes vasos eram de barro queimado ou o casco de tartaruga, do qual ainda hoje se servem os indios.

(2) O côco para defumar a seringa é de todas as especies e deve estar despido da casca e massa, que cobre a materia rija, mesmo velho e quasi pôdre serve para a defumação.

São empregados o côco de *urucury*, *inajá*, *yacy*, e o de palmeira ou côco propriamente dito (*wawassú*, em lingua geral—quer dizer côco grande). O côco é colhido durante o inverno, por ser tempo de leval-o ao seringal, que durante esta estação está debaixo d'agua, facilitando por isso a sua conducção embarcada aó centro do trabalho. Cada trabalhador póde consumir um hectolitro por safra, pouco mais ou menos.

(3) As fôrmas são de madeira leve, tendo, porém, consistencia para supportar o peso da seringa no processo da defumação; ellas têm a feição de um remo com sua manivella feita de uma só peça de madeira: umas são perfeitamente circulares, com um diametro de 25 a 30 centimetros, pouco mais ou menos. Esta fôrma facilita mais o trabalho. Outras são quadrilongas, tendo 30 centimetros de longo e 20 de largo, pouco mais ou menos.

(4) Boião ou chaminé de barro queimado. E' bojudo, da feição ou figura de um pote, aberto, porém, em duas extremidades: tem boca onde acende-se o fogo e valvula respiradora do fumo, por meio do qual se prepara a seringa: tem de altura ou profundidade 50 centimetros, 1^{m},20 cs. de circumferencia no seu bojo; 10 cs. no diametro da valvula, 30 cs. no da boca, que tem uma pequena abertura de 6 centimetros para communicar-se a ventilação, afim de facilitar a actividade do fogo nas materias inflammaveis, dando sahida ao fumo pela valvula.

Este boião é posto em cima de um pouco de lenha secca, e, depois de bem inflammada, deita-se o côco sobre ella pela valvula, e immediatamente, ao começar a sahida do fumo do côco, segue-se o processo da defumação, e á proporção que o fumo vai diminuindo tambem de novo vai-se deitando côco. Para evitar a queda do boião, que póde quebrar-se, como sempre succede, é conveniente usar de uma grade de ferro, que supporte este vaso.

çada: com a acção porém do tempo toda ella toma a cor negra.

Demorada ou prolongada a defumação, por falta de presteza e actividade no trabalhador, o leite começa a saturar-se e coagula-se antes de findar a defumação.

D'isto provém as differentes qualidades de seringa; fina entrefina e sernamby.

A *fina* é defumada até o fim sem que o leite seja saturado; a *entrefina* é defumada quando o leite já está saturado e em começo de coagulação; a *sernamby* é do leite coagulado naturalmente ou por precipitação de qualquer corpo ou materia estranha, lançados no leite, como agua, caxaça, pedaços de seringa, falta de asseio nos vasos do serventuario, etc. Todo o leite, que se derrama dos vasos ou do córte das arvores, coagulado, é *sernamby*, e tem dous terços do valor da fina. E' um trabalho valioso, porque o que se julga perdido ainda dá dous terços do seu valor real..... ....

Ha outra arvore leitosa, que produz a seringa Os trabalhadores, que a conhecem, mettem-nas nas estradas e intigellam-nas colhendo o leite com o da verdadeira seringueira. Chama-se *tapurú* esta arvore. Entretanto a seringa tirada della não tem o elastico tão distensivo e resistente como o da seringueira; comtudo liga-se perfeitamente com o leite desta.

No começo da extracção da seringa empregava-se o systema denominado do—*arrôcho*, que consistia em comprimir o tronco da arvore, obliquamente, com um cipó mui grosso, fazendo-se na parte superior algumas incisões, por onde corria o leite, que era recebido em um vaso, depositado na parte inferior da ligadura.

Este processo porém matava as arvores em pouco tempo, e apezar de ser formalmente prohibido, ainda muitos o empregam, porque infelizmente a rotina cega quasi que a tudo preside aqui no Amazonas.

O processo demasiadamente lento e enfadonho da preparação da borracha por meio da defumação, e os inconvenientes não pequenos que lhe são annexos, tem chamado a attenção de alguns homens intelligentes e industriosos, que têm pretendido simplifical-o e melhoral-o por meio de outros processos mais rapidos e mais aperfeiçoados.

Em 1860 o Sr. Henrique Antonio Strauss, que já havia obtido do governo imperial, por decreto de 28 de Setembro de 1858, um privilegio para empregar o processo por elle descoberto para a preparação da borracha, offereceu-se a divulgar o segredo pela quantia de 25:000$000, e a assembléa provincial do Pará, pela lei de 3 de Novembro de 1860, autorizou a presidencia da provincia a despender a quantia necessaria para a divulgação do processo, uma vez que se reconhecesse a sua superioridade sobre o que actualmente está em pratica. O inventor apontava grande numero de vantagens do seu processo e a presidencia nomeou uma commissão, encarregando-a de estudal-as.

Os resultados do exame a que foi submettido o processo

Strauss pareceram satisfactorios á commissão, que reconheceu a superioridade do novo sobre o velho processo.

N'este processo, que é de facil comprehensão para quaesquer intelligencias, a solidificação do leite da seringueira opera-se rapidamente, e os ingredientes, que nelle entram, são por demais baratos, porque consistem em uma solução de pedra-hume em agua a ferver, nas seguintes proporções: 10 libras de pedra-hume para 32 frascos d'agua

Esta solução, base primordial de todo o processo, mistura-se com o leite da seringueira, na razão de 1 para 20, isto é, um frasco de solução é sufficiente para solidificar 20 frascos de leite. A borracha preparada deste modo fica muito pura, com a elasticidade natural e com uma bella cor de ambar.

Entretanto o commercio prefere a borracha solidificada pela fumegação com o côco do *uricury*, talvez por conter maior porção de oxygeneo e tornar-se de mais elasticidade e de mais facil emprego nos misteres para que é destinada.

Eis as instrucções dadas pelo Sr. H. Strauss para o fabrico da borracha, segundo o seu systema:

« Cada uma feitoria, segundo suas proporções, deve estar provida dos seguintes utensilios:

« Uma ou mais tinas ou alguidares.

« Um jogo completo de medidas, de 1 frasco até meio quartilho.

« Uma espatula de madeira, do comprimento de 3 palmos.

« Um pequeno regador, com capacidade para conter um frasco de liquido

« Fôrmas de madeira, zinco ou folha, quantas forem necessarias, proporcionalmente á força ou numero dos trabalhadores, com as dimensões abaixo indicadas:

« Comprimento, 24 pollegadas (3 palmos.)

« Largura, 12 ditas (1 1/2 dito.)

« Altura, 1 dita.

Estas fôrmas devem ser collocadas umas proximas ás outras, em um giráo de conveniente altura, bem niveladas, para as pelles da borracha ficarem iguaes em toda a sua espessura, sendo coberto por cima, para evitar que alguma chuva repentina venha transtornar o succo elastico, recentemente preparado.

« Para impedir a adherencia da borracha ás fôrmas, lavam-se estas pelo lado de dentro, antes de deitar-se-lhe o leite, com agua em que se tenha desfeito algum barro, pondo-as depois a escorrer, conforme se pratica com as fôrmas pelo antigo systema.

« Disposto tudo nesta ordem, se procede á preparação do leite pela fórma seguinte:

« Mede-se este e se lança depois dentro de uma tina ou alguidar, e á cada 20 medidas, quér seja de frasco ou outra qualquer, se deitará uma do mixto, adiante indicado, por meio do regador, mexendo-se constantemente o leite durante o processo da mistura. Isto feito, lança-se sem demora nas fôrmas, na quantidade de meio frasco, para cada

uma, desmanchando-se levemente com uma penna as bolhas que em cima affluirem, para que as pelles fiquem lisas.

« Assim concluido se deixam em repouso até o dia immediato.

« Sendo o processo regulado conforme as instrucções, estará no dia seguinte a borracha nos termos de ser tirada fóra das fôrmas, e, para esse fim, passa-se uma faca pelos lados della para a desligar de qualquer embaraço; e virando depois a fôrma em cima de uma taboa, se deixa a pelle cahir direita, lavando esta do lado que tiver estado em contacto com o barro, sem que seja necessario movel-a do lugar.

« Passam depois estas a serem depositadas em uma prensa, separadas uma das outras por meio de taboas delgadas e bem ajustadas, devendo ser a ultima mais grossa para poder resistir ao peso que em cima se lhe deverá pôr por espaço de 24 horas, cujo peso póde ser de ferro, pedras ou qualquer outro objecto.

« A prensa póde ser feita por qualquer curioso em razão da sua simplicidade; ella consiste em uma caixa do mesmo tamanho das fôrmas, com a unica differença de ter 2 a 4 palmos de altura, furada por todos os lados amiudadamente, cujos furos devem regular de 2 a 3 linhas de diametro, pouco mais ou menos. Estes furos são para darem sahida á parte aquosa contida na borracha e no mixto envolvido, a qual é expellida por meio da força da pressão exercida pelo peso, tornando-se por isso a borracha densamente compacta.

« Tambem se podem conseguir os mesmos effeitos da prensa por outra maneira:

« Furam-se as fôrmas em 6 ou 8 lugares nos lados proximo ao fundo, os quaes se tapam com tornos ou barro, quando se lança o succo dentro; e a taboa destinada para separar as pelles umas das outras na prensa, conforme ácima se disse, servirá neste caso para entrar dentro da fôrma, pondo sobre ella o peso necessario, abrindo-se nessa occasião os mencionados buracos.

« No dia subsequente tiram-se as pelles da prensa e se expõem ao sol, virando-se de tempos a tempos pelo espaço de dias que fôr preciso para ficarem seccas.

« Se a fabrica fôr em grande escala, póde-se fazer o caixão da prensa mais alta, ou terem duas, para que a operação seja feita no dia em que as pelles são tiradas das fôrmas, isto é, quando seja dirigido o serviço com as prensas.

« Todo este processo é mui simples e está ao alcance de todos.

« A quantidade ácima indicada de meio frasco de succo elastico em cada fôrma, deve produzir uma pelle de duas linhas de espessura com 20 pollegadas de comprimento e 10 de largo, pouco mais ou menos, com o peso de sete e meia onças.

« Quando se queira formar a borracha logo no mesmo momento, não sendo para pelles, vai-se-lhe botando o mixto até tomar a consistencia de massa; depois concerta-se dentro da vasilha que lhe serviu de fôrma, e no dia se-

guinte, ou no mesmo, passadas 2 ou 3 horas, comprime-se com algum peso para fazer expulsar a agua e tornal-a compacta.

« Por este processo se poderão fazer as obras que se quizerem, seja qual fôr o seu tamanho e formatura. Quando, para fazer-se uma grande peça, não chegar o leite, póde juntar-se-lhe no dia immediato o resto, comtanto que seja sujeitada á pressão depois de se lhe unir o resto.

« Mede-se a quantidade de agua correspondente á porção que se pretende fazer de mixto; aquece-se esta em qualquer vasilha até o ponto de ebullição (effervescencia); retira-se depois do fogo, e nesse estado de quentura se lhe ajunta sulphato de alumina e potassa (pedra-hume) em pedaços nas proporções abaixo indicadas

Para	32	frascos	de agua	10 libras de pedra-hume.
»	16	»	»	5 » »
»	8	»	»	2 1/2 » »
»	4	»	»	1 1/4 » »
»	2	»	»	10 onças »
»	1	»	»	5 » »

«São por consequencia estas proporções reguladas a 16 partes de agua, uma de pedra-hume; por exemplo, para 16 onças de agua, uma de pedra-hume, que corresponde a um quartilho, medida do commercio; a 16 libras de agua ou 16 quartilhos, uma libra de pedra-hume, e assim se farão as porções que se quizer em maior ou menor quantidade, guardando-se a devida conformidade.

«Deve haver todo o cuidado em não afastar e seguir exactamente as referidas proporções na composição do mixto, porque se fôr de mais a agua ou de menos a pedra hume, não produzirá o desajado effeito na coagulação do succo, e se fôr em menor porção a agua, e em maior a pedra-hume, nada aproveitará com isso, porque, depois de saturada a agua, todo o superfluo se depositará no fundo sem se diluir. Mas em todo o caso antes seja assim, porque esse sobejo poderá ainda servir para nova preparação, sem comtudo transtortornar o processo da coagulação; o contrario, porém, succederá na falta da conveniente proporção.

« A primeira quantidade acima indicada do mixto, isto é, a de 32 frascos, para a qual são precisas 10 libras de pedra-hume, é sufficiente para manufacturar 40 arrobas de borracha, que pelo preço actual do mercado importam em 1$560 réis, corsespondente a 39 réis por arroba, aliás preço exorbitante, porquanto regularmente seu custo nos mercados da Europa, não passa de 900 réis fortes cada uma arroba, por consequencia ficará mui reduzido para o fabricante que directamente o mandar vir.

« Esta preparação não se altera e por isso póde reservar-se de uns annos para outros

« A borracha preparada por este systema, não admitte fraude; qualquer que seja a mistura que se lhe faça, será

visivelmente reconhecida na pelle, por se não ligar com o succo elastico.

«O trabalhador que tentar augmentar com agua o producto que tiver extrahido do leite, com o fim de illudir o patrão com mais quantidade de liquido, quando ajustado a pagar-se-lhe o trabalho pela porção, que extrahe, nada conseguirá, porquanto o leite, que fôr adulterado, jámais coagulará por mais mixto que se lhe deite. *Henrique Antonio Strauss.*»

Com satisfactorio resultado tambem o Sr. Etchegoyen descobriu um novo processo para preparar a borracha.

Empregou arbitrariamente uma pequena quantidade de cachaça sobre cerca de 25 grammas de leite de seringueira e a coagulação operou-se rapidamente

Pensa o mesmo Sr. Etchegoyen que um litro de aguardente será sufficiente para coagular 16 kilogrammas de leite.

A borracha assim preparada, além de coagular-se de prompto, fica completamente secca e pura de outra qualquer materia; o que não acontece com outros processos, que, além, de serem dispendiosos, tem o inconveniente de deixarem o producto sujeito á quebra do peso pela quantidade d'agua que absorve o leite no acto de coagular, e que só mui lentamente se evapora pela acção do calor.

Sabe-se pelas experiencias do Sr. Goodyear, dos Estados Unidos, que a borracha misturada com 1/5 de enxofre, adquire uma consistencia dura e rija, pelo que se presta a ser polida, esculpida e cortada de todos os modos, servindo assim para uma infinidade de objectos.

Na exposição nacional de 1861, na Côrte, foi vista e apreciada a gomma elastica do Pará em estado bruto e preparada em alguns objectos, entre os quaes sobresahiam uma folha imitada de arvore, um cacho imitando uvas e um transparente com relevos.

Havia mais uma caixa contendo tiras de borracha e um livro com amostras de differentes cores, fabricadas pelo processo do Sr. Henrique Strauss.

O leite da arvore da mangaba, coagulado com solução de pedra-hume e passado na prença, dá borracha excellente, tendo sobre a da seringueira a vantagem de já ser branca, dispensando portanto a clarificação que ordinariamente faz-se com arsenico.

A mangabeira é muito abundante na ilha de Marajó e alguns outros pontos.

A gomma elastica ou borracha, que tão grande influencia tem tido nos destinos das duas provincias do Pará e Amazonas, e que representa tão importante papel nos dominios da industria, merece ser estudada desde a sua origem.

Eis em resumo a historia das diversas vicissitudes e peripecias por que tem passado, segundo o bem elaborado estudo que a respeito escreveu o erudito Sr. Ferreira Penna e que tanto me tem auxiliado neste modesto estudo.

A gomma elastica ou borracha não era ainda conhecida dos povos civilizados na época em que o famigerado Orellana desceu de Quito pelo Napo e Amazonas até o Oceano,

nem mesmo quando o capitão Pedro Teixeira subia do oceano pelo Amazonas e Napo até Quito.

Os missionarios portuguezes, que viviam entre os indios do Solimões, parece que foram os primeiros europeus que della tiveram conhecimento.

Com effeito, parece que a primeira noticia da sua existencia e da sua utilidade foi dada por um missionario carmelita chamado Fr. Manoel da Esperança, o qual nos ultimos annos do seculo XVII foi estabelecer missões entre os indios Omaguas ou Cambebas, conforme se deprehende da cópia imperfeita de uma carta de outro religioso carmelita, que em 1738 missionava entre aquelles indios.

Os Cambebas ou Omaguas destas missões, tantas vezes perturbadas desde 1690 pela ambição dos jesuitas hespanhóes, fabricavam botijas, baldes e outros vasos em que conduziam ou conservavam suas bebidas e fructos.

Conta-se que o seu primeiro cuidado, quando recebiam hospedes ou visitas dos missionarios, era offerecer-lhes um desses utensis de nova especie, cheios de bebidas espirituosas ou frutas de suas terras.

Pouco habituados ao uso dessas bebidas, davam-lhes os europeus muito menor apreço do que aos vasos, que as continham, nos quaes era facil á perspicacia do missionario enxergar um artefacto digno da maior attenção.

Com effeito, como naquelles lugares as terras são em geral encharcadas, mormente na estação invernosa, e a humidade para o europeu era origem de molestias perigosas, recebeu logo a borracha uma applicação mais util, sendo empregada para calçado, como um preservativo da humidade, e dahi proveiu o fabrico de botas e sapatos dessa materia.

Conhecido no Pará o uso deste calçado, tornou-se geral e não tardou a passar a Portugal, onde em 1755 já estava tão generalizado que o rei D. José tambem quiz ter botas cobertas de gomma elastica e para esse fim remetteu o governo uns poucos de pares para a cidade do Pará, a fim de serem convenientemente preparados.

A sua applicação estendeu-se ás mochilas dos soldados, sendo em 1797 remettidas no bergantim *Gavião* 2.250, que por ordem do governo tinham sido cobertas.

Na França as suas applicações industriaes foram logo animadas pelos esforços da sciencia; assim em 1768 o cirurgião Macquer apresentou á academia das sciencias de Pariz uma *memoria* justificando as vantagens da substituição do metal pela gomma elastica no fabrico das algalias, o que foi logo adoptado, percebendo os fabricantes grandes lucros pelo notavel commercio destes instrumentos.

Só muito mais tarde e no ultimo anno do seculo passado, foi que o ministerio portuguez, aceitando o offerecimento do cirurgião do exercito Dr. Francisco Xavier de Oliveira, autorizou-o a fixar a sua residencia no Pará, a fim de fabricar iguaes instrumentos e fazer desenvolver essa industria monopolisada pelos francezes, que aproveitavam a nossa materia prima.

O fisco principiava já a entrever na gomma elastica um ramo de rendas incalculaveis, quando os successos extraordinarios da França, agitando o mundo inteiro, lhe perturbaram os calculos. Então a exportação desappareceu totalmente, como era natural, em presença das batalhas, que ensanguentavam a Europa e da paralysação geral da industria.

Depois do restabelecimento da paz geral, a gomma elastica reappareceu timida e vacillante; mas acoroçoada pela crescente demanda em varias fabricas, começou a ganhar terreno no commercio.

Assim, a sua producção já importante quando o Brazil se declarou independente, constituiu um dos nossos ramos de exportação, embora ainda de valor insignificante. (1)

A gomma elastica, como genero de exportação, foi pela primeira vez incluida nas pautas em 1825, em virtude do decreto de 31 de Maio do mesmo anno; mas sómente em 1827 é que se encontra declaradamente que houve exportação della, não existindo documentos dos dous annos antecedentes.

No relatorio da commissão da exposição industrial do Pará, em 1861, lê-se o seguinte a respeito da gomma elastica

« Até 1840 era este artigo exportado pela maior parte em sapatos e em outras fórmas, apenas em quantidades diminutas, valendo então a de melhor qualidade de 6$ a 7$ por arroba.

« Em 1850 já a exportação em sapatos tinha diminuido consideravelmente, e nesse anno exportava-se apenos 138.873 pares, augmentando então a quantidade exportada em bruto para uso das fabricas a 92.026 arrobas, valendo de 12$ a 15$ por arroba.

« De 1854 a 1855 cessou completamente a exportação em sapatos e naquelle ultimo anno subiu a exportação em bruto a 178.840 arrobas, tendo chegado a valer o exorbitante preço de 36$ por arroba

« Em 1856 a 1857 soffreu este genero uma reacção, tendo diminuido consideravelmente de valor e voltou ao preço de 11$ a 12$ por arroba. »

No periodo de 1858 até meiados de 1861 teve nova alta. O preço da gomma elastica, subindo até 25$ por arroba; desceu porém, logo consideravelmente até 15$, em razão dos acontecimentos politicos que se davam nos Estados Unidos, o que bem graves prejuizos causou á praça do Pará e aos emprehendedores daquella industria. Com a terminação da guerra reappareceu a confiança e o preço da borracha teve prompta alta.

---

(1) *O Tocantins e o Anapu.* Relatorio apresentado á presidencia do Pará pelo Sr. D. S. Ferreira Penna.

Actualmente—com mais ou menos oscillações—o preço se tem conservado entre 28$ e 30$ por arroba.

O termo médio das quantidades e valores da exportação deste producto, nos annos que decorreram de 1836 a 1852, segundo dados officiaes, é o seguinte:

Termo médio: 47.276 @ no valor de 288:346$151.

Nos annos que decorreram de 1852 a 1873, a exportação tem regulado do modo seguinte:

Annos.	Arrobas.	Valores.
1852—1853	158.998	1.430:773$338
1853—1854	158.007	3.577:235$411
1854—1855	177.810	2.713.981$490
1855—1856	140.751	2.261:440$197
1856—1857	91.670	1.395:451$904
1857—1858	106 604	1.224:290$011
1858—1859	116.352	1 880:921$288
1859—1860	170 521	3 402:330$253
1860 1861	164.235	2.863:946$576
1861—1862	153.785	2 405:476$557
1862—1863	198 034	3 232:875$098
1863—1864	232.287	3.265:373$237
1864—1865	281.823	3.619:978$085
1865—1866	236 389	4.628:562$283
1866—1867	321.366	5.844:005$703
1867—1868	337.381	7.598:506$621
1868—1869	317.306	7 836:846$825
1869—1870	332.250	9.728:442$349
1870—1871	4.798.921 kilos.	7 509:491$000
1871—1872	9.944.139 kilo .	10.043:165$000
1872—1873	4.147.492 kilos.	7.378:740$000

Agora algumas breves considerações ácerca dessa industria, que tanto tem augmentado as rendas da provincia do Pará e que parece-lhe augurar o mais prospero e brilhante futuro.

Disse eu algures: « a seringa é a praga do Amazonas ». Parece isto á primeira vista um contrasenso ; mas é a opinião de todos os que pensam seriamente, de todos que maduramente meditam nestas cousas e que se não deixam illudir pelo brilhantismo das apparencias.

A historia da extracção da borracha no valle do Amazonas tem peripecias bem tristes, tem miserias bem pungentes, bem dolorosas. O Amazonas retrograda a olhos vistos, despovoam-se as suas cidades e villas e o desanimo se vai apoderando dos que meditam e estudam os factos, apezar desse crescimento de rendas e dessa apparente prosperidade. «Ninguem se illuda com o progresso espantoso que apresenta o Pará, dizia ha alguns annos o Dr. J. M. da Silva Coutinho, esse progresso é ficticio, não tem bases ; acaba cedo se o governo não tomar providencias. No fim de 60 annos os seringaes estão mortos, a salsa deve ter desapparecido, assim como

as cupahybeiras, dos lugares mais favoraveis e onde o trabalho é vantajoso. E' preciso depois ir buscar essas drogas no alto Japurá e nas cabeceiras de outros rios, ainda hoje desconhecidos. A grande questão do Amazonas é, portanto, regularizar o trabalho da extracção das drogas, ou melhor—fixar a população—para que a lavoura dos generos alimenticios se desenvolva, para que o progresso das duas provincias seja real. »

O que tem feito a extracção da borracha em favor daquelles que lhe sacrificam a saude e todos os commodos da vida ? Que riquezas têm elles accumulado, que futuro têm preparado para si e para os filhos ? Ao vêr essas caravanas numerosas, que todos os annos partem para essas paragens tão remotas e de onde poucos voltam ao vêr essa espantosa emigração de familias inteiras, de povoações inteiras, devoradas pela vertigem de fabulosos lucros, que abandonam o lar, a pequena lavoura que cultivavam, o socego e a segurança ; que não recuam ante a taquara certeira dos Araras e dos Parintintins ; que vão devassar as brenhas do Madeira, do Purús, do Juruá e do Javary, onde o misero selvagem tinha procurado para si uma guarida ; ao vêr esse movimento periodico, essa emigração em massa, dir-se-hia que esses rios tão ricos de productos e de terras uberrimas, apresentam hoje o espectaculo admiravel de lindas povoações com todos os commodos da vida, com todas as vantagens da civilisação.

E' bem cruel a decepção. Os desertos continuam desertos, onde de longe em longe se avista uma pobre barraca de seringueiro, toscamente feita de páos e coberta com grelos de palmeira. Alli, completamente fóra da acção da autoridade, sem religião e sem lei, vivem os emprezarios dessa industria rodeados da *sua gente ou pessoal*. A honra da virgem, os serviços do operario, a sua liberdade, o seu trabalho durante o dia, o seu descanço durante a noite, tudo pertence a esse regulo caricato, que se chama *patrão* e cuja vontade naquellas alturas é superior á lei !

« A industria extractiva da borracha, diz o Sr. Ferreira Penna, com aquelle bom senso que lhe reconhecem todos, não é fatal sómente ao seringueiro ; seus effeitos perniciosos no estado actual recahem sobre outros ramos de industria e sobre a riqueza e civilisação no interior da provincia.

« Falla-se dos progressos da capital do Pará ; assim é, sem duvida ; e esse progresso é tão notavel, como rapido. O commercio e a navegação aqui florescem de dia para dia ; as rendas crescem de anno para anno ; a cidade acompanha esse movimento de civilisação ascendente ; orna-se de novos edificios, povôa seus subburbios, rasgam-se novas ruas e praças ; o porto enche-se de navios, as dócas de canoas, as ruas de gente, o caes de occiosos ; a illuminação se faz por canalisação ; as letras mesmo tomam certo desenvolvimento . Tudo, emfim, denuncia progresso e prosperidade.

« Mas o interior ? Todo o mundo sabe quão notavel é a decadencia de suas povoações. Eu dei tambem uma idéa geral do seu estado pouco satisfactori » ; estudei-o com algum

cuidado e indagando a origem desssa decadencia, achei-a quasi exclusivamente na extracção da gomma elastica, industria maldita para o interior e para os que della se occupam; industria que rouba quasi todos os braços, quasi toda a força vital da agricultura, desprestigia e desacoroçôa todas as emprezas uteis, despovôa as villas, dispensa o commercio e reduz uma parte dos habitantes a nomades, sem residencia certa ou antes com residencia em muitos lugares ao mesmo tempo, fazendo que fujam dos thesouros da agricultura, por que o espectro do trabalho normal os assusta e que procurem a fortuna onde os aguarda a desgraca, a miseria ou a morte! »

Um outro homem pratico e que tinha maduramente meditado sobre este assumpto, assim se exprimia ante os representantes da provincia do Pará:

« Não sei se o exercicio desta industria não é antes fatal aos interesses desta provincia.

« Por amor de seus avantajados lucros, que só aproveitam áquelles que recebem os productos já preparados, e ao thesouro, que sobre elle levanta grossas sommas pelo imposto que cobra, soffre a população, e as outras industrias da provincia sentem a falta destes braços.

« Compare-se a estatistica de alguns ramos de producção da provincia em tempos que floresciam, com a época do desenvolvimento da industria da gomma elastica, e reconhecer-se-ha que as lavouras do algodão, do arroz, do café e da canna foram supplantadas pelos fabulosos lucros que esta outra offerecia; e ainda mesmo agora outras não se desenvolvem por falta destes braços, que outro emprego não procuram.

« Não esqueçamos ainda que os seringaes vão sendo destruidos e que o producto que delles resulta, deve diminuir para o futuro, que registrará então nos annaes de sua historia o tempo que perderam os emprehendedores desta industria, e os males que soffreu a população que a ella se dedica.

« Não a condemno, senão porque, considerando esta industria conforme se passam as scenas de sua existencia nesta provincia, os homens que a exercem são representados como quantidades inertes ou cifras existentes no fim de uma columna de sommar, como se a humanidade seja uma sociedade em commandita, onde o trabalhador faz o simples papel de uma machina, onde tudo se representa por lucros e perdas, sem lembrarmo-nos que estas quantidades são intelligencias, que essas cifras arithmeticas são a vida, a moralidade de muitos sêres, que são votados por Deus ao mesmo destino que aspiramos. »

Os seringaes têm dado milhares de contos de réis, os cofres provinciaes se têm enchido com o imposto sobre a borracha; mas qual o beneficio real que disso tem resultado ao valle do Amazonas? Só a miseria. O estrangeiro leva a borracha como materia prima e dá-nos em pagamento a mesma borracha manufacturada e as suas mercadorias que são annual-

mente destruidas para serem annualmente renovadas; de sorte que, no dia fatal em que se extinguir essa fonte de receita, no dia em que as seringueiras negarem o seu leite ou forem descobertas e exploradas em outros paizes e já a Africa a colhe e exporta, assim como a ilha de Java e alguns lugares da India o que teremos nós, o que terão por legado esses imprevidentes filhos do valle do Amazonas?

Ninguem ignora que os seringaes do baixo-Amazonas pelo modo inconveniente por que foram trabalhados, acham-se presentemente quasi todos estragados ou muito enfraquecidos, não compensando o trabalho da exploração, ao menos da maneira por que se obtem o producto em outros lugares. O rio Jary, que foi em algum tempo o centro da producção da seringa, e onde se reuniu tão grande numero de trabalhadores, acha-se hoje deserto. A população emigrou para o Madeira, o Javary, o Jurná e o Purús, onde ainda a seringa se encontra em abundancia, para abandonal-os mais tarde e ir mais longe e com mais difficuldades procural-a nas cabeceiras de outros rios ainda desconhecidos.

E depois?

Pergunto ainda que beneficio verdadeiro, real tem trazido ao valle do Amazonas a extracção da borracha?

Para responder a esta questão, cita o Sr. F. Penna muito a proposito o seguinte facto:

« Ha seis mezes, conta elle, percorrendo uma parte do vasto Estuario, formado entre as aguas do Pará e as do Amazonas, tive por companheiro de viagem um homem sexagenario, em cuja physionomia scintillavam alguns raios de intelligencia adquirida pela longa experiencia dos annos.

« Eu disse-lhe que as ilhas por onde passavamos eram ricas; mas admirando-se desta qualificação, expliquei-lhe que me referia á grande quantidade de gomma elastica que ellas forneciam.

« — Sim, é certo, respondeu-me; estas ilhas são ricas de seringa e tem dado muito dinheiro; mas a quem o tem dado? Tem-no dado aos inglezes e americanos; sómente aos estrangeiros, de quem somos caixeiros e serventes!

« Contou-me então que ha mais de 40 annos que passava por aquellas ilhas e que ha 30 annos ajuntava-se nellas um mundo de seringueiros, tendo sido elle tambem desse numero; mas tendo alli perdido dous filhos, sem jámais conseguir fazer fortuna, voltou á lavoura, e pôde pagar, pouco a pouco, o que ficara devendo. « E hoje, disse-me, graças a Deus a lavoura me dá com que passar sem vexame o resto dos meus dias. »

« Dizia-me tambem que ha 40 annos as ilhas estavam no mesmo estado de hoje, sem cultura e sem uma habitação regular ou permanente, com a differença porém de que então havia por alli muita madeira, muitas frutas, muito cacáo selvagem e hoje nada mais ha disso! »

Este facto notavel, que facilmente se póde verificar e é commum a todos os seringaes, revela por si só a infecundidade da industria da borracha para a prosperidade da pro-

vincia. Elle se refere a uma região que, como se sabe, é das menos insalubres, das mais ferteis e das mais apropriadas para a cultura, porém que todavia, em referencia ao interior, se póde ao mesmo tempo denominar o—*Eldorado dos seringueiros e o cemiterio da civilisação !*

Comprehendo o respeito que se deve á liberdade da industria e nem sou daquelles que odêam a industria da borracha, por não enxergarem nella senão uma immensidade de males e nem um só beneficio. Os que rejeitam-na de um modo absoluto como um grande mal social, não estudaram sua origem, nem sua marcha, nem o seu estado actual.

A industria da seringa é uma industria viciosa e eis ahi toda a origem dos males que produz. Destruir os vicios e impurezas que a nodôam e corrompem, para que seus effeitos e fructos sejam os mais salutares e proveitosos, eis o que cumpre fazer. Ninguem ha que não reconheça que o poder social não deve intervir de um modo directo nos objectos, que tocam á industria ou, que não deve monopolizar a industria e o commercio. Entretanto concordam todos, mais ou menos, que ha grande perigo que o governo abandone e retire a sua influencia tutellar nestas materias, porque, como disse alguem, a liberdade não é o fim da sociedade e sim a prosperidade publica.

Ha igualmente em todo o valle do Amazonas uma quantidade extraordinaria de vegetaes fibrosos, que se forem convenientemente explorados offerecerão com abundancia a materia prima ao fabrico de variados tecidos.

Entre elles muitos se encontram que dando já excellentes fios para certos usos vulgares, prestam-se igualmente ao fabrico de cordas, que poderiam servir com vantagem ao serviço dos navios.

Outros existem que contém em si magnifica estôpa já experimentada no calafeto dos navios, e que serviria tambem para guarnecer moveis e se empregaria igualmente com proveito no fabrico do papel de todas as qualidades. Alguns se encontram que pela natureza de suas folhas, de seus ramos e raizes brandas, flexiveis e resistentes, podem bem ser aproveitados na confecção de chapéos trançados, cestos e outros objectos da industria do cesteiro.

Para as noticias que ahi vou exarar aproveito-me, como fonte principal, dos relatorios do Sr. conselheiro Brusque, apresentados á assembléa provincial do Pará.

Palmaceas.—A rica familia das palmeiras, tão variada em especies, interessante e util, sob diversos aspectos, derrama-se profusamente por todo o valle do Amazonas e seus tributarios, com notavel distincção, por sua quantidade, sobre todas as outras, é bastante por si só para preencher as differentes applicações de que acima fallei.

Com effeito, diz o Sr. conselheiro Brusque, as denominadas *astrocarium*, a cuja classe pertencem o *jauary* e o *tucum* ; as *acrocomia*, com a *macacaúba* e muitas outras, e bem assim diversas *bactris*, contêm nos longos foliolos de suas immensas folhas fibras tão delicadas, finas e fortes, que

bem serviriam ao fabrico de tecidos regulares, assás consistentes.

As chamadas *mauritia*, em cujo gremio está o *caraná*, o *muruty* ou *burity*, fornecem aos habitantes do vale do Amazonas as excellentes cordas que empregam em usos domesticos. A *piassaba* presta-se ao fabrico de cabos, que servem na marinha, de todas as dimensões e de longa duração.

Emfim, as folhas novas do *tucum*, do *tucuman* e do *inajá*, pertencente áquella mesma familia, podem, convenientemente preparadas, prestar-se, como já se vão prestando, á confecção de chapéos, de lindas esteiras, e de cestas delicadas.

De quasi todas estas arvores extrahe-se uma certa especie de estopa mais ou menos fina, mais ou menos clara, que, quando a industria tomar maior desenvolvimento entre nós, poderá ser com muita vantagem empregada no calafeto de navios e até mesmo no fabrico de papel.

Bromeliaceas.—A familia das *bromeliaceas* não deixa de ser tambem interessante considerada debaixo do ponto de vista de possuir substancias filamentosas, que se encontram em bastante quantidade nas folhas do maior numero das especies que a compõem.

Diversas especies não cultivadas do genero *bromelia ananás*, assim como muitas outras do genero *bilbergia*, confundidas debaixo dos nomes *carauá*, *crauá*, *crauatá*, e *gravatá*, dão fibras extraordinariamente finas, fortes e seguramente proprias para muitos tecidos; as menos boas ou inferiores se empregam no fabrico de cordas, que possuem grande solidez e resistencia.

A *cillandsia* e em particular a *cillandsia usnevides*, que é a mesma *samambaia*, depois de despida da sua parenchima por meio da maceração dentro d'agua, fornece uma substancia fibrosa, de côr negra reluzente, que se assemelha muito á crina, em cuja substituição poderia ser empregada com vantagem, para servir de enchimento dos moveis estufados e para colchões, e ainda mesmo no fabrico de cordas, posto que não sejam de grande duração e resistencia.

Duas plantas de uma outra familia proxima ás *agave americana* e *agave vivipara*, confundidas com os nomes de *gravatá-assú* de *pita* e outros, guardam tambem em suas longas folhas fibras brilhantes e fortes, proprias para diversos usos.

A primeira destas plantas sendo transplantada e cultivada no sul da Europa, assim como no norte d'Africa, abriu bem depressa novas fontes a um importante commercio de cordas e tecidos differentes.

Urticeas. A familia das *urticeas*, geralmente rica de fibras textis, occupa tambem distincto lugar no vale banhado pelo Amazonas e por todos os seus affluentes.

A *umbaúba* ou *ambaúba*, uma das especies do genero *cecropia* encerra na casca de seus ramos e na epiderme do longo peciolo de suas folhas as fibras bastantemente finas e tambem fortes, que podem prestar-se á fiação e ao fabrico de tecidos e de cordas.

Mas, sendo extraordinariamente a profusão destas arvores, seria talvez mais vantajoso aproveital-as para o fabrico de excellente papel, reservando-se as fibras escolhidas para os tecidos, a que se podem prestar.

Neste caso, o Amazonas só, poderia fornecer papel ao mundo inteiro, porque não existem nelle outras arvores, que mais do que estas, cresçam naturalmente em tão grande quantidade.

MALVACEAS.—A familia das *malvaceas* póde tambem fornecer um bom contingente de substancias fibrosas nos generos *Urena Myrodia Hibiscus* e outros conhecidos vulgarmente pelos nomes de *malvaisco e malva branca*, que offerecem materia propria para tecidos, cordas e papel.

Uma familia proxima das *Bombaceas* está representada no Amazonas por vegetaes gigantescos, pertencentes aos generos *Bombax, Chorisia, Eriodendron* e *Carolinea*, conhecidos pelos nomes de *Mungubeira, Sumaumeira, Mamaurana* e *Embira-assú*.

Estas interessantes arvores, que bordam as margens do Amazonas e seus affluentes, conservam pela maior parte em seus fructos uma especie de algodão de fibra mais ou menos longa, de côr branca ou pardo claro, que geralmente se emprega no enchimento de colchões, almofadas e outros objectos semelhantes.

Da casca destas arvores tambem se póde extrahir estôpa, propria, e que se emprega no fabrico de cordas destinadas á navegação interior, bem como no calafeto dos navios.

LECYTHIDEAS.—Na familia das *lecythideas* existe tambem a estôpa, que se destina aos mesmos usos e applicações e especialmente na *bertholetia excelsa* ou *castanheira*, nas diversas especies do genero *lecythis* ou *sapucaia* bem como na *embiriba amarella* e outras especies.

TREPADEIRAS. — Entre os variados vegetaes desta ordem, que por toda a parte se encontram nas matas das duas provincias do Pará e Amazonas, e que são conhecidos pelos nomes de cipós, e que pertencem a muitas familias, aqui apontaremos sómente os que são conhecidos como mais importantes.

Na familia das *Leguminosas* ha o *Mucuna-urens*, que dá boas cordas, que servem para o serviço da marinha, na das *Apocynéas*, os *Echites*, que tambem fornecem cordas um pouco fracas; e na das *bignoniaceas* diversas *bignonias*, conhecidas vulgarmente com o nome de *cipó* verdadeiro, que servem ao mesmo fim.

Da casca, e do mesmo talo deste cipó se obtem e se fabricam cestos de toda a especie e outros muitos objectos.

Aroideas.— Na familia das *aroideas*, muitas especies do *arum* arborescentes, como seja o *aningá*, contém em seu tronco substancias fibrosas, que embora grosseiras e asperas, podem ser aproveitadas.

Outras especies, as *epiphites*, conhecidas vulgarmente com os nomes de *imbé, tajá*, lançam do alto das mais elevadas

arvores suas longas e finas raizes aereas, de um diametro igual e que pendem até o solo.

Umas são proprias para liame ou cordas grosseiras; outras porém, convenientemente preparadas e divididas regularmente, servem para fazer-se com ellas chapéos, cestos e outros muitos objectos semelhantes.

Amomeas.—A familia das *amomeas* ou *caneas* apresentanos diversas especies de *Marantheas*, conhecidas pelos nomes *uaruma-meri*, *uaruma-assú*, *uaruma-membeca*.

Da sua haste convenientemente dividida, fabricam-se balaios, curiosas esteiras, gelosias, peneiras e tipitis (1).

Ha tambem uma grande variedade nas especies da *embira*, differentes conforme as localidades e que empregam os indigenas em differentes uzos.

Algumas dellas são ricas de fibras assaz fortes e de resistencia extraordinaria.

Agora, ainda auxiliado pelo relatorio do Sr. conselheiro Brusque, passarei a tratar das plantas fibrosas, conhecidas nas mattas de valle do Amazonas, indicando igualmente a parte da planta, que é empregada no fabrico dos diversos objectos e o uso que delles fazem.

Algodoim (*Cossipium*).—A parte da planta que se aproveita, é uma especie de algodão, que envolve as sementes.

Emprega-se no fabrico de rêdes e é proprio para tecidos grosseiros.

Cresce espontaneamente e em abundancia.

Ambaúba ou umbaúba. (*Cecropia palmata* e *cecropia ambaiaba*.

E' uma arvore de ramos distanciados e pouco espessos; a madeira é esbranquiçada, secca e leve, contendo tanto no interior dos ramos como no tronco uma massa molle, côr de chocolate. Esta massa, estendida em panno, applica-se com vantagem sobre as feridas cancerosas. Com as folhas da ambaúba prepara-se um xarope, que se emprega contra a tosse.

Ha duas especies de ambaúba—a roxa e a branca. Esta dá fructos em cachos semelhantes aos da videira, mas os bagos são do tamanho e cor de um figo preto. Contém cada cacho até cincoenta bagos. Para se comerem tira-se a tona, que é aspera.

A *preguiça* vive nesta arvore, de cujos fructos se alimenta.

São as fibras das cascas dos ramos mais novos e os pecciolos das velhas folhas a parte empregada no fabrico de cordas. Podem tambem servir para tecidos e papel.

A *ambaúba* abunda extraordinariameente nas ilhas e margens do Amazonas, Madeira e outros. Em geral no cimo desta arvore encontra-se uma pequena abelha, que alli faz o seu cortiço, produzindo cada um até 8 libra decêra.

---

(1) *Tipitis*: são uma especie de sacco comprido, susceptivel de destender pela tracção e destinado a exprimir o succo da mandioca.

A difficuldade de transporte do littoral do Perú para o interior, além dos Andes, obrigou os habitantes dessa parte do paiz a lançarem mão da cêra da *ambaúba*, que foi extrahida em grande escala até estabelecer-se a navegação a vapor do Amazonas.

Hoje preferem a cêra preparada na Europa, que lhes chega por menor preço.

ARATICU'-CORTIÇA.— (*Anona palcustris.*)

O fructo desta arvore é uma especie de pinha molle, cheia de massa de côr amarellenta e venenosa, com caroços da mesma côr da massa: tem a casca fina, verde, com alguns picos brandos e curtos.

Ha outro *araticú* branco e doce.

Servem as fibras da casca dos ramos no fabrico de cordas de pouca resistencia, e poderão ser empregadas no fabrico do papel.

BANANEIRA.— (*Musa paradissiaca.*)—Ha em grande quantidade em todo o valle do Amazonas. No municipio de Villa Bella, vi eu bananas ou *pacovas*, como aqui as chamam, de um tamanho descommunal.

Ha muitas variedades. Conheço as seguintes:

Pacova grande.—Cujo comprimento varía de um a dous palmos, e de diametro tres pollegadas. Ha variedades nesta especie.

Pacovi; semelhante a pacova grande, porém, de menor diametro. Ha tres qualidades, sendo a mais notavel a *acary*-

Pacova rôxa, por ter a casca dessa côr.

Pacova maçã

Pacova prata.

Pacova Cayenna. (1)

Pacova japurá, ou *cambotas* ou *anã*, por ser mui pequena a arvore.

Pacova mundurucú, por ser pintada.

Pacova de S. Thomé.

Pacova inaja; pequena e extraordinariamente doce.

São as fibras do tronco e dos pecciolos das folhas a substancia, que se aproveita no fabrico de cordas grosseiras, e serve tambem para o papel.

BARRIGUDA, (*Chorisia ventricosa.*) —A substancia felpuda, que envolve as sementes, serve para o enchimento de colchões e outros objectos semelhantes.

Poderá talvez fiar-se.

E' pouco abundante no valle do Amazonas.

CARANÁ.—(*Mauritia aculeata.*) Empregam-se as fibras das folhas novas no fabrico de rêdes e cordas.

Estas arvores são bellas palmeiras, delgadas, de mediana grandeza, com espinhos venenosos e que crescem nos lugares

---

(1) Foi transplantada de Cayenna para o Pará pelo 1.º tenente da marinha João Gonçalves Corrêa.

do litoral do Amazonas sujeitos á inundação, como tambem em terrenos pantanosos do interior das matas. Dá fructo em cachos grandes. A folha é semelhante á da palmeira *assaky*.

Ha differentes especies e de todas ellas se extrahem fibras em geral perduraveis e fortes.

Crescem em abundancia nas duas provincias do Pará e Amazonas.

CASTANHEIRO.—(*Bertholetia excelsa.*) Da casca do tronco destas arvores, e quando não tem ainda chegado ao seu desenvolvimento ordinario, se extrahe a estopa, que serve para o calafeto de navios e poderá provavelmente aproveitar no fabrico do papel.

Tenho para mim, como deploravel, diz o Sr. conselheiro Brusque, a devastação a que estão sujeitas estas arvores pela extracção da estôpa, que contém; como se não fôra melhor reserval-as para a colheita de seus fructos abundantes e uteis sob diversas relações; mormente quando é indubitavel que se encontram no Amazonas, e a cada passo, os vegetaes de diversas especies, proprios a fornecer tambem a estôpa para o calafeto de navios.

CIPÓ VERDADEIRO.—(*Bignoniacea.*) Do talo por inteiro ou dividido se fazem laços e todos os objectos da industria dos *cesteiros*.

COQUEIRO.—(*Cocosbutyracea.*) Aproveitam-se as fibras do *epicarpo* e com estas se fabricam cordas grosseiras, servindo tambem a estôpa para o calafeto dos navios.

CURAUÁ.—(*Bromelia* e *Bilbergia.*) Estando as folhas completamente desenvolvidas, dão fibras excellentes.

Dellas se fazem cordas bastante fortes e rêdes muito apreciadas, e serviriam bem para tecidos de bella apparencia pelo brilho do fio.

EMBIRA-ASSU'.—(*Bombax.*) São aproveitaveis as fibras lanuginosas, que envolvem a semente, e as que se extrahem da casca do proprio tronco.

As primeiras servem para travesseiros, almofadas e outros objectos semelhantes. As outras formam boa estôpa, que se presta ao fabrico de cordas grosseiras, bem como para calafetos.

EMBIRA.—(*Xilopia sericea.*) Das fibras da casca se fazem cordas muito fortes e resistentes.

EMBIRA AMARELLA.—(*Lecithidœa.*) De sua casca se extrahem fibras, como as precedentes, com a differença de serem menos fortes.

Os usos a que se applicam são tambem os mesmos.

GRAVATÁ.—(*Bromeleaceas.*) Em seu estado de perfeito desenvolvimento as folhas offerecem fibras fortes, com que se fazem cordas mais ou menos resistentes, conforme as suas especies.

GRAVATÁ-ASSU'.—(*Agave americana* e *agave vivipara.*) Das fibras das folhas já desenvolvidas se fazem excellentes rêdes, e boas cordas, proprias para o serviço dos navios.

Dellas tambem se fazem elegantes tecidos.

IMBÉ (*Aroidæ Epiphites.*) — E' um cipó ou planta trepa-

deira. Suas folhas contém um succo ácre, e são empregadas no curativo de ulceras. A raiz é purgativa e é aconselhada na hydropesia. Ha differentes especies desta planta trepadeira.

Das raizes, despidas ou não da sua casca, fazem-se diversas obras da industria dos cesteiros, chapéos, etc.

INAJÁ (*Maximiliana-Regia*).— E' uma palmeira que dá fructo da feição de um côco pequeno e em cachos. Come-se crú, cosido e assado. O caroço deste fructo serve aos seringueiros, na falta do *uricury*, para dar consistencia á borracha.

Os foliolos desta planta, ainda não abertos, e a epiderme dura e lisa do peciolo das suas folhas, são tambem aproveitaveis.

Servem os foliolos para o fabrico de esteiras e chapéos grossos e as laminas delgadas da epiderme, para peneiras, cestas.

ANANAZ (*Bromelia ananâs*).—Empregam-se as fibras das folhas já de todo desenvolvidas.

Servem para cordas, e podem prestar-se, como em outros paizes, para tecidos fortes e brilhantes.

JACITARA (*Desmonchus Macracanthus*). — E' uma planta trepadeira ou cipó, grande, pouco grosso e espinhoso.

Dos talos partidos em pedaços, mais ou menos delgados, fazem-se tranças para assento de cadeiras e outros moveis, bem como cestas, esteiras e outros objectos semelhantes.

JAUARY (*Astrocarium Jauary*).—Dos foliolos desta planta extrahem-se fibras com que se fabricam excellentes rêdes, boas cordas, e tambem servem para tecidos finos.

MACAUBA (*Acrocomia Sphœrocarpa.*)—Das fibras de seus foliolos fazem-se tambem tecidos finos e cordas muito fortes.

MALVAISCO (*Sphœralcia cisplatina*).— Da epiderme do talo desta planta, que cresce até cinco pés de altura, extrahem-se diversas qualidades de estôpa, e que são proprias para o fabrico de cordas, tecidos e papel.

No Solimões ha duas qualidades de *malvaisco*: o malvaisco commum, a que os indios denominam *iauiiera-caa* (folha de arraia), devido isto ou á fórma das folhas ou á propriedade de ser antidoto contra o seu veneno; e malvaisco hespanhol, de flôres vermelhas e folhas miudas, parecidas com as do geranio.

Ambas estas qualidades têm propriedades diureticas.

MAMAURANA (*Carolinea princeps*). — E' uma arvore que cresce á margem dos rios, dá uma flôr encarnada e branca, e o fructo é semelhante ao do copuassú. O alburno do tronco e dos ramos das duas especies—*Carolinea princeps* e *Carolinea insignis*, como na maior parte das *bombaceas*, que vivem em terras do Amazonas, offerecem uma especie de estôpa bastante forte, com que se fabricam cordas, servindo tambem aquella substancia para calafetar os navios.

MURITY ou BURITY (*Mauritea vinifera*). — Esta elegante palmeira é uma das mais altas do Amazonas, onde cresce em abundancia, principalmente na zona comprehendida entre

a capital do Pará e a cidade de Santarém, na foz do rio Tapajoz. E' uma palmeira elevada, diz Baena, aprumada, de casca bastante grossa e rija, e o cerne um miolo quasi semelhante ás escovas de côco. No cocuruto desta arvore sáhem certas cannas, que na extremidade deitam uma rama parecida na fórma com um chapéo de sol. Produz fructo em cachos Dentro do fructo ou côco tem um caroço envolvido em massa amarella.

Das fibras de suas folhas, quando ainda fechadas, se fazem cordas, linhas e rêdes menos resistentes que as do tucúm.

Marajá.— (*Bactris.*) E' uma palmeira que produz uma fruta rôxa, e um pouco parecida com a uva. Ha de diversas especies. Os seus foliolos dão fibras com que se fazem alguns tecidos, cordas e redes.

Maxixi.—(*Cucumis anguria.*) As fibras do talo desta planta são proprias para o fabrico do papel.

Melão de S. Caetano.— (*Momordica balsamina.*) De seus talos tiram-se tambem fibras que devem servir para o fabrico de papel.

Mororó.—(*Bauhinia.*) A sua casca fornece boas fibras, que servem á confecção de cordas tambem fortes.

Ha diversas especies.

Mucajá.— *Acrocomia læseospatha.*) Dos foliolos, que possue, tiram-se as fibras com que se fazem cordas, e que se podem prestar tambem aos tecidos.

Mucunan.—(*Mucuna'-urens.*) Do talo sahem as fibras com que se fabricam boas cordas proprias aos misteres da navegação.

Munçubeira.—(*Bombax.*) Da casca do tronco se tiram fibras estopentas, bem como se colhem outras mais delicadas, que envolvem as sementes de diversas especies de bombaceas dos generos *bombax*, *chorisia* e *eriodendron*.

A côr destas substancias fibrosas varia, segundo as especies; umas são brancas, outras russas, mais ou menos pronunciadas, e serve para enchimento de almofadas, para cordas e estôpas.

Os indios empregam as que tiram do *eriodendron* de preferencia ao algodão, para guarnecer a base das flexas envenenadas, leves e curtas, que arremessam com destreza notavel por meio de suas compridas zarabatanas.

Não ha muito, affirma o Sr. conselheiro Brusque, que na Europa se começou a empregar no fabrico de chapéos de castor, a substancia felpuda de uma especie analoga da *bombacea*, que dá na Africa.

Entre nós já se fazem fios e cordões com esta materia.

« A planta conhecida no valle do Amazonas pelo nome de munguba, diz o Dr. Saldanha da Gama, possue dous predicados: a paina (*sumaúma*), que tira-se do pericarpo, semelhante a de uma das nossas *bombaceas*, e que serve para a colchoaria, e as fibras do *liber*, que são de uma tenacidade pouco vulgar (97 grammas, termo médio)

« Poder-se-hiam obter excellentes cabos desta fibra, e talvez tão fortes, como os da palmeira *caranã*. »

Palmeira real.—Das fibras dos foliolos, que são extraordinariamente finas, brandas, flexiveis e fortes, podem-se fazer fios, cordas e tecidos.

Pataua — (*OEnocarpus bacaua.*) Dá fibras grossas e rijas, que nascem na base do peciolo; fibras de côr escura e capillares, que ligam as primeiras, e fibras que unem os foliolos antes de sua separação.

As primeiras servem para cestas e outros objectos semelhantes; as segundas para estôpa e as ultimas para cordas.

Piassaba. — (*Attalea funifera.*) Possue grossas e fortes fibras, que nascem na base dos peciolos, e que os cobrem antes do seu maior desenvolvimento.

Servem no fabrico de uma multidão de objectos de uso commum, como vassouras e outros. O que dá lhe maior apreço é prestar-se tambem á confecção de cabos de todas as dimensões, e que duram por muito tempo.

Samambaia.—(Cilladsia *Usnerids.*) As fibras de toda esta planta podem ser aproveitadas no enchimento de colchões, de estôfo, de moveis e no fabrico de cordas, que não são muito duraveis.

Sapucaia.—(*Lecythis Ollaria* e *Lecythis sapucaia.*) As fibras que se encontram na casca do tronco dão bôa estôpa para calafetar, e servem tambem para o fabrico de cordas.

Lamaumeira.—(*Eriondendron sumaúma.*) As fibras felpudas do fructo se podem fiar. São, porém, apenas empregadas no enchimento de almofadas.

Samaumeira de macaco.—(*Eriondendron anfractuosum.*) E' uma arvore alta, de que nascem umas cabacinhas e dentro destas ha uma felpa semelhante ao algodoim. Dá-se o nome de *samaumeira de macaco*, porque mui guloso do fructo é aquelle animal

As fibras felpudas do fructo têm a mesma applicação que a especie precedente.

Samaumeira de terra firme.—(*Eriondendron?*) As fibras que envolvem as sementes, servem aos mesmos usos a que se applicam as duas especies precedentes.

Suppõe o Sr. conselheiro Brusque que poderiam ser empregadas com vantagem as fibras de todas as especies deste genero no fabrico de bom papel e nas preparações de feltro.

Tajá.—(*Aroideæ Epiphites.*) As suas longas, finas e fortes raizes aereas, são proprias para o fabrico de cestas e outros objectos semelhantes.

Ha diversas especies.

Tauary.—*Lecythis Binhonia.* Arvore notavel, diz Baena, por suas grandes sapopemas ou largas pranchas que as raizes formam alteando-se sobre o lenho em feição tringular com a base do lado das mesmas raizes.

E' aproveitavel o *alburno* ou segunda casca. Faz as vezes de papel no uso do cigarro e tambem se poderá prestar ao fabrico de cordas.

Tucúm.—(*Astrocarium vulgare.*) E' uma palmeira de tronco cheio de espinhos e sem ramo algum, diz Buena.

Do cimo desta palmeira partem cinco a sete folhas recor-

tadas, das quaes se extrahem filamentos muito semelhantes ao linho e que se prestam á mais delicada fiação, embora um pouco mais escuros.

O *tucúm*, manipulado em delicados cordões, serve para o fabrico de lindas maqueiras para rêdes, linhas de pescaria e differentes usos domesticos. Em cordoalhas, torna estas mui superiores ás que são fabricadas com o linho e canhamo europêo, tanto pela sua flexibilidade natural e resistencia, como pela sua longa duração, embora sempre expostas á acção do tempo.

Tambem é aqui muito vulgar o *caruá* ou *carauá* planta bastante fibrosa, de onde se extrahe uma especie de linho muito alvo, porém mais aspero que o *tucúm*. Quando preparado em cordoalhas, torna estas bastante resistentes. São porém sujeitas a pouca duração, quando expostas á humidade. Julga-se que manipulado com alcatrão, poderá servir no apparelho de navios.

« A palmeira do genero *astrocarium*, conhecida vulgarmente por *tucúm*, diz o Sr. Dr. J. Saldanha da Gama, é assás importante debaixo deste ponto de vista. A fibra é macia, semelhante á lã e de uma resistencia admiravel, quando empregada em cordas. Infelizmente esta immensa riqueza do nosso solo é aproveitada sómente para redes, tarrafas, linhas de anzol e pequenas cordas; o seu emprego seria muito mais lato, se as nossas fibras textis houvessem sido estudadas convenientemente. »

E em outro lugar:

« Os cabos de tucúm rivalizam em resistencia com os melhores da industria europea e deviam ser preferidos aos de outras quaesquer fibras. Mas para que isso tenha lugar é necessario verificar a abundancia desta planta nos terrenos do Brazil ; calcular o peso de fibras que cada individuo poderá produzir annualmente ; e por fim crear-se a industria no valle do Amazonas ou em lugar em que os individuos forem mais frequentes. »

TUCUMAN. — (*Astrocarium tucuman.*) E' uma palmeira que produz cachos de côcos amarellos e vermelhos.

São as fibras extrahidas dos foliolos e estes mesmos, ainda não desenvolvidos completamente, as substancias que se empregam em diversos usos.

As fibras são inferiores ás que produz o *tucúm* e servem para o fabrico de cordas. Os foliolos são aproveitados na factura de esteiras, chapéos e outros objectos.

A mais notavel das palmeiras da familia *Astrocarium tucuman*, a mais elevada e magestosa, é o *tucuman-assú*.

Nasce solitaria e solitaria eleva a copa espinhosa muitas vezes acima do arvoredo, que a circunda. Algumas ha de mais de 30 metros de altura. E' de admirar que tão bella palmeira não tenha ainda sido descripta e nem especialmente classificada.

As demais especies de *tucuman* nascem em touças e crescem á pouca altura, comparadas com a *tucuman-assú*. As palmas deste são mais extensas e grossas e os espinhos at-

tingem até 3 decimetros. O tronco, na juventude, é revestido desses espinhos em camadas circulares, que pouco a pouco se vão despegando e cahindo, á proporção que a arvore cresce em idade, de modo que em um tronco velho sómente de certa altura para cima é que se encontram espinhos.

Os cocos, que produz, differem dos das outras especies no tamanho, na côr, no cheiro e no gosto. São de um sabor agradavel e servem de alimentação aos naturaes do paiz, que lhes dão grande apreço.

Extrahe-se do tucuman-assú um oleo excellente e os indios attribuem á agua do interior do caroço, ainda verde, a virtude de restituir a saude aos olhos.

TURURY.— (*Lecytid.*) E' uma arvore magestosa, diz Baena, cuja tona é forte, alva e distensivel.

Extrahem-se das diversas especies desta arvore uma certa qualidade de fibras, que formam um quasi panno natural.

Algumas tribus as empregam em seus vestidos, que são de uma só peça e sem costura; quando muito lhes adaptam mangas.

Serve ainda entre ellas este tecido natural para fazer cobertores, mosquiteiros e esteiras.

Prestam-se tambem como estôpa aos calafêtos e poderiam tambem servir para a fabrica de cordas.

UAISSIMA.— (*Urena lobata.*) As fibras da casca deste vegetal, que cresce em grande quantidade nas immediações dos lagos e nos terrenos paludosos, são aproveitadas na factura de cordas, que têm em verdade um bello aspecto. Poderiam tambem servir na confecção de tecidos, que se destinguiriam pela alvura e brilho dos fios.

UARUMÃ.— (*Maranta pitiolata.*) A caule, partida em pedaços, é a substancia que se aproveita destes vegetaes uteis a muitos usos vulgares e domesticos.

E' empregada na confecção de cestos e rotulas ou gelosias para janellas, como usam no interior das provincias do Pará e Amazonas, e a que dão o nome de *japás*.

Ha diversas especies.

URUCU'.— (*Bixa orellana.*) Das fibras da casca do tronco e dos ramos, se fazem telas e diversas cordas.

Sem duvida nenhuma é o valle do Amazonas uma das localidades mais favorecidas pela natureza. E' incalculavel a riqueza que alli se acha depositada, como em reserva, esperando que um dia a mão do homem civilisado e industrioso se estenda para apanhal-a. E' para ahi que deviam convergir as vistas e os esforços do governo, e quaesquer que fossem os sacrificios, de sobejo compensal-os-hiam os resultados. E' uma mina a explorar e sel-o-ha tarde ou cedo. « E' alli, disse Humboldt, que mais cedo ou mais tarde se ha de concentrar um dia a civilisação do globo. » E porque não diriamos: E' alli que está a verdadeira riqueza do Brazil?

Além dessa variedade de productos, que ficam mencionados e que encerram as margens uberrimas do Amazonas e os terrenos banhados pelos grandes e pequenos rios que

lhe são tributarios, muitas outras riquezas existem, que podem e já o vão sendo com vantagem exploradas.

Entre essas riquezas, entre esses productos, não passarei em silencio as differentes qualidades de oleos, que fornecem diversas substancias vegetaes, muitos dos quaes são preciosissimos, já pelas virtudes therapeuticas, que contém e já pelo suavissimo perfume que exhalam.

Para esta resumida noticia, e bem resumida será ella, além de outras fontes officiaes e particulares, continuarei a soccorrer-me dos importantes relatorios apresentados em 1863 á assembléa provincial do Pará pelo Sr. conselheiro Brusque e do não menos importante trabalho do Sr Ferreira Penna, e que tem por titulo: *A região occidental da provincia do Pará.*

Oleo de castanha. — E' extrahido por meio da expressão do fructo conhecido por castanha do Maranhão ou castanha da terra, ou castanha do Brazil e ultimamente por castanha do Pará.

Os indios meio civilisados dão-lhe simplesmente o nome de *castanha* e os selvagens, segundo o dialecto que fallam, chamam-no *nha. nhia* ou *niâ, juvia, tocari*, etc.

Humboldt e Bompland, que foram segundo me parece, os primeiros botanicos que descreveram a arvore da castanha, deram-lhe o nome scientifico de *bertholetia excelsa*, naturalmente porque domina as demais arvores, que a circundam, por sua altura colossal e notavel robustez. Pertence á familia das *Lecythidiaceas.*

As castanheiras não têm sido até hoje descobertas senão nas duas provincias do Pará e Amazonas e nas florestas do Alto Orenoco, mórmente a E. da montanha do Duida.

Na provincia do Pará e em parte da do Amazonas, ellas, por uma singular disposição geographica, determinam geralmente os limites da extensão livremente navegavel dos rios.

Ao norte e ao sul das planicies do Amazonas, diz o Sr. Ferreira Penna, ellas occupam uma larga facha, passando de um lado pelas cachoeiras do Tocantins, Pacajá, Anapú, Xingú, Tapajós e Madeira, e do outro lado pelas do Jary, Parú, Maycurú, Curuá e Trombetas, indo reapparecer nas terras altas e pequenas montanhas de Jamundá e Uatuman.

Assim, para este precioso vegetal, continúa o Sr. Ferreira Penna, em vez de um *centro de criação*, propriamente dito, ha duas vastas zonas, que acompanham de longe o curso do Amazonas.

No Tocantins chegam a formar grupos, mesmo em algumas ilhas das cachoeiras, e não começam a apparecer na parte inferior senão onde esse rio torna-se innavegavel pela multidão de rochas que lhe obstruem o leito.

No Pacajá succede o mesmo, apparecendo em numero consideravel junto ás cachoeiras do Uruá e Grande e á de Pependá no affluente Cururuhy; abaixo destes obstaculos do rio, raras vezes vê-se uma ou outra arvore, e essa mesma

não é senão o resultado da dispersão de algumas sementes emigradas da sua zona de criação.

A castanheira vegeta unicamente em terrenos altos e fortes, ao passo que a sapucaia vegeta indifferentemente nesses terrenos ou em varzeas, mesmo quando alagadas durante o periodo das grandes aguas.

Viajando pelo rio Pacajá, conta o Sr. Ferreira Penna, avistei acima de uma floresta alagada a bella cupula de uma castanheira, e bem que se me assegurasse que tudo alli era um extenso *igapó* (mato alagado), pude penetrar por este até ao pé da arvore e verifiquei que ella se firmava em uma especie de ilha sobre um terreno solido e elevado cerca de dous metros acima do nivel do *igapó*, tendo a ilha talvez 100 a 120 metros de circumferencia. Factos identicos se reproduzem e podem induzir a erros, mesmo a espiritos os mais intelligentes, como já succedeu a um illustre viajante nosso compatriota, que por um facto identico, mas de certo não bem obeservado, disse em uma memoria muito estimada, que a castanheira era uma planta *comospolita*.

A castanheira eleva-se a 24 e 30 metros de altura, dominando as florestas vizinhas. Esta arvore gigantesca offerece o mais notavel exemplo do poder das forças organicas na estructura dos seus fructos, especie de côcos arredondados e revestidos de espesso lenho, os quaes contêm sementes triangulares, encerradas tambem n'um tegumento lenhoso. Estas sementes ou amendoas creadas dentro de um ouriço são em numero de 12 a 16.

A immensa altura a que attinge a castanheira não permitte facilmente chegar-se a seus galhos para apanhar-lhe os fructos; e quando o permittisse, seria este trabalho perdido em grande parte, pois que tem provado a experiencia, que não sendo colhidas em completa madureza, deterioram-se as castanhas em pouco tempo. E' necessario, pois, esperar a queda espontanea dos ouriços.

A colheita dos fructos que se faz precisamente na época em que começam a desprender-se dos galhos, de fins de Dezembro a fins de Fevereiro, é um trabalho simples, porém que exige a maior precaução contra os perigos que o acompanham.

Volumosos, revestidos de uma couraça de consistencia cornea, e formando, com as amendoas que encerram, uma massa de duas a quatro libras de peso, os ouriços da castanheira, escapando dos altos galhos, onde amadureceram, cahem com tanta força, que enterram-se no chão, abrindo uma cova, mais ou menos profunda, segundo a natureza do solo.

Esta simples enunciação exprime o perigo da colheita, perigo, acrescenta o Sr. Ferreira Penna, de onde extrahi esta noticia, que mais de uma vez tem roubado a vida a colhedores inexperientes.

Para evitar semelhante perigo, costumam armar debaixo da floresta uma ligeira barraca, de coberta, fortemente inclinada para o chão, e alli dentro esperam a hora em que,

depois de agitados pelo vento, os galhos têm desprendido de si todos os ouriços maduros, e conservam-se em quietação completa. O colhedor prudente sahe então do abrigo, que o defendera e enche o paneiro com os fructos que vai encontrando espalhados pelo chão. Terminada esta operação, recolhe-se de novo á barraca, e aguarda outra opportunidade para continuar a colheita. Emquanto está refugiado occupa-se em quebrar os ouriços.

As amendoas da castanheira ou as castanhas, como geralmente se diz, não entraram na ordem dos artigos de commercio senão nos primeiros annos do nosso seculo.

No anno de 1755 eram tão pouco apreciadas que apenas se empregavam para sustento dos animaes domesticos. Este facto está comprovado com uma participação do missionario do Rio Negro Fr. José de Santa Magdalena, declarando que o ajudante da guarnição de Barcellos mandára, na fórma do costume, uma canôa ás castanhas para se colher com que sustentar as criações.

Talvez tambem não tenha outra origem o nome de *Sapucaya* dada ás amendoas da *Lecythis Ollaria*. Em lingua geral corresponde a gallinha a palavra *Sapucaya*; o que parece indicar que as castanhas desta especie eram o alimento com que se nutriam essas aves domesticas.

Constituem hoje as castanhas um importante genero de exportação do Pará, muito estimado na Europa e nos Estados Unidos, sendo esse paiz, a Inglaterra, a Allemanha e a Russia os seus principaes consumidores.

A castanha da sapucaya é a mais estimada, dando um preço regularmente triplo do da outra; porque além de ser muito mais agradavel ao paladar, offerece a sua colheita muito maior difficuldade; as suas amendoas não são, como as da *Bertholetia excelsa*, encerradas dentro de um pericarpo indehiscente, corneo e encouraçado, que exige o emprego de um machado ou de um pesado martello para ser quebrado, de modo a poderem ellas ser extrahidas; pelo contrario desprendem-se do fructo no mesmo momento em que este deixa cahir o operculo ou tampa, que as detinha, dispersam-se pelos igapós e pelas margens das correntes, onde se perdem, ou cahindo em terrenos seccos, são logo devorados por uma infinidade de animaes silvestres, que de ordinario esperam com anciedade a sua queda.

A sapucaya occupa na geographia botanica um lugar muito mais importante do que o da castanha do Pará; ella se encontra nas provincias de Minas Geraes, Rio de Janeiro, Espirito Santo, Bahia, Pará, Amazonas e em algumas outras em maior ou menor quantidade.

O preço da castanha do Pará regulava ha 60 annos ou pouco mais, a 80 réis o alqueire e por muito tempo conservou-se a 100, 160 e a 200 réis. Mais tarde elevou-se a 500 réis, preço então animador.

O preço normal regula quasi sempre actualmente de 5$000 a 6$000 por alqueire; entretanto tem muitas vezes chegado a 7$000 e a 8$000.

O preço da sapucaya regula mais ou menos o triplo, conforme a quantidade existente no mercado.

Nestes ultimos 25 annos (1847—1872) regulou do modo seguinte o seu preço, termo médio:

No 1.º	quinquennio a	1$100
No 2.º	»	2$400
No 3.º	»	3$400
No 4.º	»	4$800
No 5.º	»	5$500

A exportação e colheita da castanha, segundo consta das estatisticas officiaes, tem ido sempre em augmento. O termo medio das quantidades e valores da exportação deste producto nos annos que decorreram de 1836 a 1852, segundo os dados officiaes, que foram presentes em 1862 ao Exm. Sr. conselheiro Brusque é o seguinte:

Termo médio 31.102 alqueires, no valor de 34:269$760.

Nos annos que decorreram de 1852 a 1862, regulou a exportação do modo seguinte:

	Alqueires.	Valores.
1852—1853	79.628	110:380$100
1853—1854	55.181	100:588$400
1854—1855	67.155	216:121$300
1855—1856	55.281 1/2	151:875$175
1856—1857	41.781 1/2	175:645$100
1857—1858	88.844 1/2	290:638$600
1858—1859	83.184	169:838$945
1859—1860	43.988	220:463$080
1860—1861	57.530	238:728$720
1861—1862	45 161	164:996$750
	617.734 1/2	1.839:276$170
Termo médio do decennio de 1852 a 1862	61.773	183:927$617
Comparado com o periodo de 1836 a 1852	31.102	34:269$760
Differença para mais	30.671	49:657$857

Segundo o relatorio do Exm. Sr. conselheiro João Alfredo:

	Alqueires.	Valores.
1863—1864	52.641	187:708$254
1864—1865	68.301	269:061$100
1865—1866	55.796	229:709$550
1866—1867	89.385	391:432$700
1867—1868	89.420	316:012$858
	355.543	1.393:924$462

Nestes dados estatisticos comprehende-se tambem a castanha sapucaya. Até o anno de 1860 a sua colheita não passava de 300 a 400 alqueires annualmente. Tendo porém obtido no

mercado o subido preço de 12$, 14$ e 15$, tem havido maior concurrencia de então em diante, sendo exportada para os Estados-Unidos e Inglaterra, donde tambem vai para a Russia.

O oleo extrahido da castanha do Pará é fixo, amarello e claro; conserva mais ou menos o gosto do fructo que o contém. Quando fresco e novo, é empregado nos usos culinarios. E' proprio para o fabrico do sabão branco e susceptivel de ser aromatisado.

Tambem serve para luz e póde ser obtido em grande quantidade.

Oleo de andiroba.—E' conhecido vulgarmente por azeite de andiroba. E' extrahido de amendoas triangulares encerradas dentro de um ouriço, produzido pela arvore yandiroba (*Carapa guyanensis*, d'Aublet), que se encontra em grande abundancia nas ilhas e varzeas das duas provincias do Amazonas e Pará e principalmente nas do baixo Tocantins e nas do grande estuario entre os rios Amazonas e Pará.

O oleo de andiroba é fixo, extremamente amargo e de côr amarella, quando é bem purificado. E' empregada pela medicina, dá excellente luz, no que não será talvez excedido por nenhum outro, e por isso é o azeite de que mais uso se faz nas duas mencionadas provincias.

E' fabricado pela expressão ou pelo calor a que submettem o fructo, depois de fazerem-no soffrer a maceração. Este ultimo processo é o de que mais geralmente fazem uso. Entretanto muito deixa elle a desejar para chegar ao estado de perfeição: é ainda o mesmo empregado ha dous seculos.

Delle resulta a perda de grande quantidade de oleo e a imperfeição do producto, a qual lhe não permitte obter preço mais vantajoso no mercado. Comtudo, nem por isso deixa de ser o fabrico do azeite de andiroba uma industria importante, que occupa grande numero de pessoas e tem sido até agora o seu producto um bom ramo de negocio. Ha dez annos só o Tocantins exportou para Belém 9.865 potes de azeite no valor de 49:325$000.

A andiroba abunda tanto no valle do Amazonas, que seria incalculavel a porção de oleo, que se poderia obter; uma vez que fossem empregados processos aperfeiçoados.

Na exposição de Paris de 1867, diz o Sr. Dr. J. Saldanha da Gama, foi a andiroba citada como uma das arvores que fornecem boa madeira para vergas e pequenos mastros. As cavernas feitas desta madeira não são tão estimadas. Na mastreação parece resumir-se o seu maior emprego....

O tecido lenhoso contém um principio amargo que o preserva contra a acção malefica dos insectos.

A andiroba racha facilmente e por isso procuram-a para ripas, regoas, etc.

Oleo de assahy.—E' obtido por meio da decocção do fructo daquelle nome, producto da palmeira *Euterpe oliracia*, que é muito abundante em quasi todo o valle do Amazonas.

E' ligeiramente amargo, fixo e de côr verde escura.

Ainda não são bem conhecidos os seus usos.

Oleo de bacaba.—E' tambem extrahido por decocção do fructo que tem aquelle nome, produzido pela palmeira *Œnocarpus bacaba*, que abunda em grande parte no valle do Amazonas.

E' fixo, de côr verde clara e de gosto agradavel. E' empregado para luz e tambem serve para os usos culinarios quando é bem fabricado e puro, podendo substituir o azeite de oliveira.

Oleo de baunilha.—E' extrahido da fava ou semente do fructo da trepadeira *vanilla aromatica*, que cresce espontaneamente em quasi todas as localidades do Amazonas, Solimões e Rio Negro, sendo sobretudo muito abundante no Japurá.

O fructo ou capsula da baunilha é de 14 a 25 centimetros de comprimento e de 6 a 12 de espessura; tem a côr verde a principio, que se muda depois em um rôxo-avermelhado. Abre-se longitudinalmente por tres valvulas. As sementes são pequenas, luzidias, de côr negra e cercadas de um succo espesso, arroxeado e muito aromatico.

A baunilha mais estimada deve ser de um rôxo escuro, porém não tanto que pareça negro e nem tão pouco avermelhado. Não deve ser nem muito pegajosa ao tacto, nem muito secca. O aroma deve ser penetrante e agradavel. Uma bage, em perfeito acondicionamento e fresca, deve conter um liquido preto, oleoso e balsamico.

Colhem-se as bagas antes de estarem completamente maduras, mergulham-se por poucos instantes em agua a ferver e vão a seccar durante 15 dias, a fim de perderem a humidade superflua. Depois, para que se não evapore o aroma untam-se com oleo de mamona ou de castanha de cajú e fecham-se em caixinhas de folha.

A baunilha é uma substancia aromatica, cordial e tonica. O oleo é empregado não só para perfumaria, como para aromatizar doces de differentes qualidades, sorvetes, cremes e sobretudo o chocolate, ao qual dá um gosto particular e torna-o de mais facil digestão e proprio para restabelecer as forças das pessôas convalescentes.

E' de côr vermelho-escura e de cheiro activo e agradavel.

Ha duas outras variedades de baunilha, mas inferiores em qualidade.

Oleo de cumarú.—E' extrahido da pequena fava, que se contém no fructo da arvore *Dipterix odorata*, da familia das leguminosas.

A arvore do *cumarú* é colossal, de folhas pennadas e foliolos alternos; mede de 20 a 27 metros de altura e 1 metro de diametro. As flôres são papilionaceas terminaes, dispostas em racimos; o fructo é legume ovoide, formado de um tecido esponjoso, contendo uma unica semente branca por dentro e coberta por uma pellica escura. Esta semente é de sabor amargo e de cheiro aromatico particular. Serve principalmente para aromatizar o rapé, quér misturando-a

em pó com elle, quér mettendo-a inteira na caixa que o contém.

Os naturaes guardam-a entre a roupa para preserval-a dos insectos.

E' tambem empregada contra a onzena e ulcerações na boca.

Apezar de haver em grande quantidade e valer em bruto de 320 a 400 réis a libra, é insignificante a sua exportação, como o demonstram os seguintes dados:

O termo médio das quantidades e valores da exportação deste producto nos annos que decorreram de 1836 a 1852, segnndo os dados officiaes, é o seguinte:

Termo médio: 18 @ no valor de 100$000.

Nos annos que decorreram de 1852 a 1862, a exportação regulou de modo seguinte, na praça do Pará:

Annos.	Arrobas.	Valores.
1852—1853.....	22.978	11:097$680
1853—1854.....	1 447	1:463$800
1854—1855.....	.....	$
1855—1856.....	14.155	7:401$000
1856—1857.....	9.540	6:724$400
1857—1858.....	51.440	20:916$260
1858—1859.....	5 496	1:467$800
1859—1860.....	30.186	12:810$000
1860—1861.....	2.193	701$120
1861—1862.....	2.354	753$280
	139.789	63:335$340
Termo médio do decennio de 1852 a 1862.....	13.970	6:333$534
Comparada com o periodo de 1836 a 1852.....	18	100$350
Differença para mais.....	13 959	6:233$184

O Sr. Gustavo Wallis diz que ha uma outra especie de *cumarú*, mui abundante nas matas do Dio Branco, e a que denominam *cumarú do campo*.

Esta arvore, diz elle, dá favas de um cheiro mui agradavel, proveniente de um balsamo depositado em não pequena quantidade nas cotyledones.

Assemelha-se o seu cheiro ao do *cumarú* e d'ahi o nome. Por experiencias continuadas, diz ainda elle, este vegetal sem duvida tornar-se-ha um dia valioso, mesmo na medicina, pois já no estado bruto goza de grande reputação em virtude de suas qualidades. Um simples extracto da resina bastaria para garantir a este interessante producto a mais séria attenção da parte dos facultativos, para cujo fim já desempenhei o necessario cuidado, afim de serem as favas chimicamente estudadas. (1)

(1) Tambem nas matas do Rio Branco encontrou o Sr. G.

Oleo de cravo —E' extrahido da semente e da casca da arvore *dicypellium caryophyllatum*, da familia das *laurinéas*. Usa-se delle na perfumaria e é tambem empregado nas affecções odontalgicas.

Tambem empregam a propria casca da arvore, ligeiramente preparada ao calor do fogo no mesmo lugar em que a mão destruidora do homem derruba a arvore para extrahil-a.

Do cêpo que lhe deixaram, renascem novos brotos; mas sómente depois de 30 annos é que fica em estado de prestar-se á nova operação.

A descoberta, no Pará, do páo cravo, é quasi contemporanea dos primeiros estabelecimentos coloniaes desta região. Desde que se fez conhecido na Europa, a sua procura taes proporções tomou, que de 1660 a 1670 não se exportava menos de 10.000 arrobas por anno, segundo se infere de documentos daquelle tempo (1).

Esta consideravel exportação e o preço exorbitante a que subiu, excitaram de um modo extraordinario a cobiça dos negociantes ou fornecedores e a sua extracção se fazia com um frenesi, que não differia muito da loucura.

Representava então o cravo o papel que nos nossos dias tem representado a borracha no Pará e no Amazonas dominava todos os espiritos, distrahia o maior numero de braços e alimentava a cobiça de todos os colonos.

O processo que empregavam na colheita do cravo denunciava instinctos selvagens; ninguem já se satisfazia com o despojar sómente a arvore de sua preciosa casca; mas para chegarem mais depressa a seu fim a deitavam abaixo e esfolhavam até á raiz o resto do tronco decepado. Ainda mais; para fazerem render melhor a industria lançavam mão da falsificação por methodos engenhosos que a cobiça lhes ensinava.

O governo da metropole e os governadores procuraram os meios de obstar á devastação de tão uteis arvores, de conserval-as, cultival-as e proteger e ennobrecer o seu commercio.

Antonio de Albuquerque, com o fim de dar um golpe no monopolio que se tinha estabelecido, fez baixar o preço do cravo a 6$000.

Wallis a arvore da *canella*. « Cresce esta interessante arvore, diz elle, que é como a canella ceylanica, da familia dos *louros*, na serra de *Cumacú*, onde encontrei exemplos veteranos. Bem valia a pena de tornar esta arvore accessivel á mais geral apreciação. Lastimo não ter encontrado sementes.

«A arvore da *canella* attinge dimensões consideraveis, medindo até 3 palmos de diametro o tronco. A casca é grossa, cheirosa e de um sabor doce e forte. Creio que não será inferior á canella de Ceylão. »

(1) Esta noticia ácerca da arvore do páo de cravo devo-a ao estudo e trabalho do infatigavel Sr. Domingos Soares Ferreira Penna.

Gomes Freire pediu e expediu providencias energicas contra a devastação geral das arvores.

Cezar de Menezes representou contra as falsificações.

A côrte não approvou as medidas tomadas por Antonio de Albuquerque, extranhou-lhe taxar preços nos generos e ordenou-lhe que deixasse o povo vender seu cravo como bem lhe parecesse; mas providenciou successivamente em medidas convenientes; assim sujeitou a penas de cadêa e multa os que falsificassem o cravo ou cacáo; prohibiu o córte das arvores dando certos preceitos sobre o modo e o tempo em que esse córte podia ter lugar; prohibiu que em cada anno se exportasse mais de quatro mil arrobas; ordenou a plantação de 100 pés novos junto ás povoações para se reproduzir e augmentar os seus productos e commercio.

Não sei, diz o Sr. Ferreira Penna, se taes preceitos e ordens foram fielmente observadas; mas a devastação continuou ainda, posto que em menor escala e provavelmente não parou senão onde já não havia arvores a derribar e troncos a esfolar.

Em principios e meiados do seculo passado ainda o cravo apparecia em quantidade não pequena. Assim os jesuitas do Pará em 1728 receberam das diversas missões nos armazens do seu collegio 774 @ e 23 lb., como consta de uma certidão passada pelo respectivo procurador.

Em 1753 só um navio exportou para Lisboa, entre outros generos, 4.344 arrobas e 27 libras de cravo, sendo 2.678 arrobas e 26 libras do fino e 1.666 arrobas e 1 libra do grosso.

Comparando-se esta exportação, aliás parcial, com a que tem havido nos nossos dias, nota-se uma baixa extraordinaria na producção, devendo-se ainda observar que a maior parte da quantidade exportada nestes ultimos 30 annos, é procedente da provincia do Amazonas.

De 1836 a 1852 a média da exportação, foi de 910 arrobas e 25 libras, e no decennio de 1852 a 1862, foi de 320 arrobas e 9 libras.

Assim a exportação total neste ultimo periodo (de 1852 a 1862), que chegou apenas a 3.203 arrobas e 2 libras, foi menor que a parcial de 1753, que chegou a 4.344 arrobas e 27 libras.

Oleo de dendê do Para'. —E' extrahido do fructo da palmeira *elacis guyanensis*, da familia das palmaceas.

E' concreto, de côr amarello-vermelha e levemente aromatico.

E' empregado nos usos culinarios e tambem no fabrico do sabão chamado amarello.

Oleo de umiry. E' obtido por meio da incisão da casca da arvore *umirium balsamiferum*, da familia das *umiriaceas*. Quando impuro é quasi branco; mas purificado é perfeitamente branco, claro e transparente e muito aromatico.

E' empregado na perfumaria e tambem na medicina.

Em certas épocas do anno a arvore que o produz está tão

carregada de oleo, que por si mesma o expelle, aromatizando o ar na sua circumvizinhança.

Oleo de amendoim.—E' extrahido do fructo deste nome. E' fixo, de côr loura e de cheiro especifico.

E' usado como meio culinario e é tambem empregado como meio medicinal contra as affecções rheumaticas.

Oleo de jacare-cupahyba.—E' oriundo do Alto Amazonas e extrahido da arvore *calaphilum braziliense*, da familia das *clusiaceass*

E' fixo, de côr verde escura ou quasi preta e tem um cheiro forte e desagradavel. E' empregado no calafeto das embarcações com melhores resultados do que o breu e alcatrão, segundo affirmam as pessoas praticas nestes trabalhos.

Oleo de jupati.—E' extrahido por decocção ou pela expressão da polpa do fructo daquelle nome, produzido pela palmeira *Sagus tædigera*, da familia das *palmaceas*.

E' fixo, de côr vermelha e muito amargo. Seus usos não são ainda conhecidos, mas sendo muito semelhante ao oleo de *dendê*, tambem servirá provavelmente para o fabrico do sabão.

Oleo de mucajá.—E' extrahido do fructo da palmeira deste nome, que abunda no valle do Amazonas.

E' concreto e de côr amarella. A sua applicação não é ainda conhecida.

Oleo de patauá.—E' extrahido por decocção do fructo da palmeira *œnocarpus distichus*, da familia das *palmaceas*.

O fructo é um coquinho do tamanho de um cajá; maduro é de côr rôxo-escura, ou quasi preta, dispolpado dá um leite agradavel ao paladar, quando misturado com assucar, e é mui nutriente.

Da polpa é que se extrahe o oleo, que é fixo, amarello claro e transparente, quando bem purificado e quasi inodoro.

E' empregado na arte culinaria, onde substitue perfeitamente o oleo da oliveira em todos os seus usos. No mercado do Pará é muitas vezes vendido em lugar do outro.

Oleo de cacáo.—E' extrahido das sementes do fructo assim denominado.

E' concreto e de côr branca. A medicina emprega-o com vantagem.

Nos districtos de Cametá fabrica-se o sabão conhecido pelo nome de *sabão de cacáo*, por ser preparado com as cinzas energicas das cascas deste fructo. Esta industria póde dar grande interesse aos productores; ella faz esperar que mediante processos mais perfeitos e attenta a boa qualidade do material, venha-se a obter facilmente o sabão de um modo que rivalise com o melhor que apparece no mercado.

Em 1863 a exportação deste genero para o mercado do Pará foi de 2.384 arrobas, que, segundo os preços medios, produziram o valor de 9:536$000.

Oleo de Copahiba. E' extrahido, por meio de incisões, da arvore *Cupaifira officinales*.

E' fixo, de côr branca amerellada, transparente, de um cheiro forte e sabor acre.

E' empregado nas artes e na medicina, onde seus effeitos são bastantemente conhecidos.

Este producto natural constitue um interessante artigo de commercio e sua colheita tem ido sempre em augmento desde 1836

Já não abundam estas arvores nas proximidades das margens dos rios navegaveis e conhecidos; é mister ir a longas distancias para encontral-as em estado de serem aproveitadas. Não é porque tenham de todo desapparecido destas paragens sob o peso da mão destruidora do homem, que lhes arranca até a ultima gotta a seiva da vida; mas porque acredita-se que a arvore que uma vez contribuiu com o contingente do oleo, que lhe extrahiram, não torna mais a produzil-o. Entretanto, parece mais natural suppôr, que, completamente esgotada, a arvore tem necessidade de longos annos para recuperar a seiva perdida e por isso se mostra avara da pouca, que possue, áquelle que já uma vez feriu-a mortalmente.

Seja como fôr, a colheita deste producto deve decrescer em um futuro, que não está remoto. Entregue aos indios semi-selvagens, que são os que principalmente della se occupam, continuará á mercê de sua imprevidencia e ignorancia e a natureza succumbirá por certo aos duros golpes da rude destruição.

Eis o que consta da estatistica da exportação deste artigo.

O termo médio das quantidades e valores da exportação deste producto nos annos, que decorreram de 1836 a 1852, segundo dados officiaes, é o seguinte:

Termo médio 3.660 canadas, na importancia de 26:891$970.

Nos annos, que decorreram de 1852 a 1862, regulou a exportação do modo seguinte:

Annos.	Canadas.	Valores.
1852—1853	8.215	53:597$725
1853—1854	23.984	174:055$000
1854—1855	8.142	53:602$000
1855—1856	6.030	34:262$713
1856—1857	3.438	33:525$000
1857—1858	3.385	45:547$500
1858—1859	4.064	67:726$500
1859—1860	4.893	86:453$500
1860—1861	3.394	98:990$070
1861—1862	2.868	76:997$452
Termo médio do decennio de 1852 a 1862	22.571	72:455$746
Comparada com o periodo de 1836 a 1852	3 660	26:891$970
Differença para mais	18.911	45:563$776

No periodo decorrido de 1862 a 1868

Annos.	Libras.	Valores.
1862—1863.....	152.241	66:416$690
1863—1864.....	151.384	63:027$960
1864—1865.....	153.451	65:451$230
1865—1866.....	187.880	90:893$000
1866—1867.....	151.353	74:122$174
1867—1868.....	173.934	101:364$606

Oleo de piquiá.—E' extrahido por decocção ou expressão da polpa do fructo da arvore daquelle nome.

E' concreto, de côr branca e tem o gosto do fructo de que é extrahido. Ainda não se conhece bem o seu uso e applicação.

Talvez sejam os mesmos que tem o oleo da castanha, com o qual tem muita semelhança.

Oleo de sassafraz.—E' extrahido da casca e lenho da arvore *Nectandra cymbarum*, da familia das *laurinéas*.

Tem esta arvore mais de 30 metros de altura; as folhas são oblongas, lanceoladas e o fructo é uma baga pouco carnosa e meio envolvida em uma capsula.

A casca da arvore é de sabor amargo e cheiro aromatico; usa-se em infusão contra a debilidade dos orgãos digestivos. O lenho é duro e de cheiro agradavel; emprega-se no fabrico de canôas.

O oleo de sassafraz é volatil, de um amarello brilhante e tem um cheiro activo e agradavel.

E' empregado na medicina, e nas artes substitue a therebentina.

OLEO DA SERINGA.—E' obtido do fructo da celebre arvore denominada *seringueira*, cujo leite ou succo coagulado constitue a borracha ou gomma elastica.

O fructo da seringueira é uma grande capsula composta de tres cellulas lenhosas, arredondadas. A amendoa é branca, oleoginosa, de gosto agradavel e póde comer-se sem inconveniente. E' della que se extrahe o leite denominado da seringa. E' fixo e de côr rôxo-clara, assemelhando-se á côr do vinho velho do Porto.

O processo da extracção é o mesmo que o da mamona.

Póde ser vantajosamente empregado no fabrico de sabão duro e de tinta typographica. Não tem dissecativo como a linhaça, mas, sendo misturado com a gomma copal e therebentina, dá um verniz analogo áquelle que se prepara nas mesmas condições com o oleo de linhaça e póde ser empregado nas mesmas circumstancias. Póde substituir tambem o oleo de linhaça nas preparações que empregam os vidraceiros.

OLEO DE TAMAQUARÉ.— Extrahe-se golpeando a arvore do mesmo nome e collocando nos golpes algodão, o qual se imbebe do liquido. Espreme-se depois o algodão e passa-se o liquido para uma vasilha.

E' um anti-dartrozo muito energico. Delle fazem aqui

grande uso, untando a parte affectada. Tambem serve para fricções nos casos de rheumatismo.

OLEO DE UCUUBA.— E' extrahido da massa interior do fructo da *myristica officinalis*. E' concreto, de côr branca e bastante inflammavel.

E' empregado contra as affecções rheumatismaes, asthmas e tremores das articulações. Tambem com elle se preparam velas como a da carnaúba e talvez superiores, quando bem fabricadas.

OLEO DE MERITY.— E' obtido do fructo da palmeira deste nome, que existe em grande quantidade no valle amazonense.

Tambem das palmeiras denominadas *Tucumã* e *Inajá* extrahem-se excellentes oleos.

Antes de serem purificados têm muita semelhança com o oleo de palma, tão precioso para o fabrico do sabão. O de *Tucumã* sobretudo parece poder perfeitamente servir para este fim.

OLEO DE MACUCU. — Estrahe-se do fructo do mesmo nome. Serve para pintura de casas, etc.

Muitas outras substancias abundam no riquissimo valle do Amazonas, e de que se póde extrahir excellente oleo.

II

Não deverei deixar o Solimões, que tão rapidamente percorri, sem registrar um facto importante, que já deveria ter mencionado, quando tratei dos rios Javary e Japurá.

Devendo o Brazil confinar com a republica do Perú pela margem esquerda do rio Javary, desde a sua confluencia com o Amazonas e pela direita da quebrada Santo Antonio, no dia 28 de Julho de 1866 deu começo a commissão mixta de limites, nomeada em virtude da convenção de 23 de Outubro de 1851, á fixação de limites, collocando dous marcos provisorios na foz da referida quebrada Santo Antonio, um á margem brazileira (á esquerda) e outro á margem peruana (á direita) e outro nas vertentes dessa pouco extensa, mas extraordinariamente sinuosa quebrada, do que foi lavrado o competente auto nas linguas portugueza e castelhana, o qual é deste teor: (1)

« Aos vinte e oito dias do mez de Julho do anno de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos sessenta e seis, quadragesimo sexto da independencia da republica do Perú e quadragesimo quinto da emancipação politica do Imperio do Brazil, sendo chefe supremo do Perú o Exm. Sr. coronel D. Mariano J. Prado, e governando o Brazil Sua Magestade o Senhor D. Pedro II, imperador constitucional e defensor perpetuo, a commissão mixta de limites entre o Perú e o Brazil, se reuniu na quebrada do igarapé denominado de Santo Antonio, affluente esquerdo do caudaloso Amazonas e distante da freguezia brazileira de Tabatinga, edificada na mesma margem, dous mil quatrocentos e dez metros ao rumo verdadeiro de seis gráos e cincoenta minutos N E.

---

(1) Vide o *Diccionario topographico do departamento de Loreto* pelo Exm. Sr. João Wilkens de Mattos.

« A referida commissão estava representada pela fórma seguinte:

« *Por parte do Perú.* — O Sr. commissario capitão de mar e guerra da armada D. Francisco Carrasco.

« Secretario interino D. Manuel Rouaud y Paz Soldan, cidadão da republica e D. Roberto Suarez, tambem cidadão da republica, como membro auxiliar e encarregado dos trabalhos da secretaria.

« *Por parte do Brazil.*—O Sr. commissario capitão-tenente da armada imperial José da Costa Azevedo, condecorado com o officialato da ordem da Rosa e os habitos das ordens de Christo e S. Bento de Aviz

« Secretario o capitão-tenente da mesma armada João Soares Pinto.

« Membros auxiliares os 1.os tenentes da armada imperial Geraldo Candido Martins, Augusto José de Souza Soares de Andréa e o 1.º tenente de engenheiros José Antonio Rodrigues.

« Devendo os referidos Srs. commissarios fixar os limites territoriaes communs aos dous Estados em harmonia com os tratados solemnes celebrados pelos respectivos governos em vinte tres de Outubro de mil oitocentos cincoenta e um, e dezoito (1) de igual mez do anno de mil oitocentos cincoenta e oito; depois de haverem conferenciado previamente os ditos Srs. commissarios em presença dos estudos feitos praticamente por elles e em harmonia com o disposto nos tratados referidos, concordaram que o dito igarapé de Santo Antonio deve ser o principio da linha divisoria, seguindo o curso delle para o norte verdadeiro até encontrar o rio Japurá, e em direcção á bocca do Apaporis; resolução que satisfaz ao cumprimento dos tratados mencionados, tratados que elles têm o dever de cumprir e executar. Em tal virtude disseram: que aceitam o que fica expressado em nome dos respectivos governos, cujos direitos representam e em virtude dos poderes com que se encontram legalmente investidos. Concordaram igualmente os mesmos Srs. commissarios que deverão erigir-se duas columnas fronteiras na bocca da presente quebrada, sendo a construcção dellas por conta dos dous governos e nos termos em que se resolver ao finalisar os trabalhos da demarcação.

« Estas columnas serão de fórma quadrangular com 10 metros de elevação, afóra as bases, que terão a mesma figura e as dimensões convenientes.

« Na columna que assignala o territorio do Perú, se gravarão as seguintes inscripções:

FACE DO NORTE.

« Limites do Perú anno de 1866, chefe supremo da republica o Exm. Sr. coronel D. Mariano J. Prado.

---

(1) E' de 22 de Outubro.

FACE DO SUL.

« As armas nacionaes.

FACE DE OESTE.

« Latitude 4°, 13', 21" sul, longitude 69° 55'00" ao occidente de Greenwich.
« Vem da bocca do Javary.

FACE DE LESTE.

« Segue o igarapé de Santo Antonio.
« Na columna que corresponde ao territorio do Brazil gravar-se-hão as seguintes inscripções:

FACE DO SUL.

« Limite do Brazil anno de 1866, governo de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil.

FACE DO NORTE.

« As armas imperiaes.

FACE DO OESTE.

« Latitude 4°, 13', 21", 2 sul, longitude 69° 55' 00" ao occidente de Greenwich.
« Vem da bocca do Javary.

FACE DE LESTE.

« Segue o iparapé de Santo Antonio.
« Ficou tambem resolvido que na vertente do igarapé de Santo Antonio se collocará outra columna de cinco metros de altura, com mum ás duas nações, tendo as seguintes inscripções:

FACE DO NORTE.

« Limite do Perú.

FACE DO SUL.

« Limite do Brazil.

FACE DE OESTE.

« Latitude 4°, 12', 59", 36 sul. Longitude 69°, 54', 24"86 ao occidente de Greenwich.
« Vem da bocca.

FACE DE LESTE.

« Segue a fronteira para o norte até o Japurá na linha que vai encontrar a bocca do Apaporis.

« E estipulou-se finalmente, como foi executado, que se fixassem dous marcos de madeira, para que sirvam de assignalamento provisorio nos mesmos sitios, em que deverão erigir-se as columnas, e nellas tremularam as bandeiras do Perú e do Brazil durante o tempo da ceremonia.

« Da presente acta de inauguração dos limites entre a Republica do Perú e o Imperio do Brazil se farão quatro do mesmo teor, duas em castelhano e duas em portuguez, as quaes serão assignadas por todos os membros da commissão mixta e pelos particulares presentes, e para que ella tenha toda a validez que merece, serão enterradas as mesmas actas separadas e alternativamente, junto com varias moedas da Republica e do Imperio, em caixões expressamente construidos para esse fim, nos lugares em que ficam estabelecidos os marcos para distinguir o assignalamento dos limites por esta parte.

« E oxalá que este acontecimento sirva para perpetuar a amizade de dous povos americanos, o interesse com que desejam assegurar tão precioso vinculo e os esforços com que procuram seu verdadeiro progresso.

« Outra acta original ficará nos livros das respectivas commissões, outra na secretaria da prefeitura do departamento de Loreto, e ainda outra no archivo da provincia do Amazonas. Em fé de quanto fica expressado foi subscripta a presente acta no mesmo dia e lugar que nella se declara — *Francisco Carrasco* —*Manoel Rouand y Paz Soldan.*—*Roberto Suarez.*—*José da Costa Azevedo.*—*João Soares Pinto.*—*Geraldo Candido Martins.*—*Augusto José de Souza Soares de Andréa.*—*José Antonio Rodrigues.*—*João Wilkens de Mattos.*—Dr. *João Carlos da Rosa.*—*Clemente de Alcantara Toscano.*—*Antonio Luiz de Freitas Velloso.*—*Antonio José Ribeiro.*»

Ficando assim assignalados os limites occidentaes da republica do Perú com o Imperio do Brazil, partiram por parte do commissario brazileiro, o capitão tenente João Soares Pinto e mais dous auxiliares, e pela do commissario peruano, o Sr. D. Manuel Rouaud y Paz Soldan, para o rio Javary, com instrucções que de seus chefes receberam.

Nos primeiros trinta e cinco dias de exploração, para o levantamento da planta do rio Javary, os trabalhos proseguiram naturalmente, e sem contraridade, havendo a commissão explorado mais de 2.000 kilometros, e feito as observações necessarias ao perfeito reconhecimento do verdadeiro curso do rio. D'ahi em diante, porém, começaram a apparecer as difficuldades. As aguas do rio diminuiam em quantidade e augmentavam em correnteza.

Navegar proximo á margem não convinha, porque os escaleres encalhavam a cada momento; aproximar-se do canal, era retardar-lhes consideravelmente a marcha. E não era só isto; embaraços maiores iam frequentemente augmentando. Robustos e possantes troncos de arvores obstruiam o caminho, e para cortal-os consumia-se grande somma de tempo, de fadiga e de trabalho. Os viveres tambem iam escasseando. Era forçoso abandonar as embarcações mais pesadas, e

a commissão sabia que estava percorrendo regiões habitadas por tribus selvagens, e quiçá ferozes.

Ainda se não tinham ellas mostrado, mas indicios evidentes tiravam toda e qualquer duvida sobre a sua existencia. A cada passo encontravam-se canôas feitas do tronco da paxiuba, grosseiramente escavadas, remos toscamente preparados a fogo, e o *matapy*, armado nas margens, para a pesca. Estas testemunhas mudas da existencia dos selvagens naquellas paragens, cresciam em numero á medida que iam subindo o rio. Por vezes, em algumas praias, encontravam-se pegádas de homem recentemente impressas.

Nada se sabia ainda ácerca do caracter desses selvagens; entretanto, a sua placidez até então, inspirava tal ou qual confiança sobre os seus habitos pacificos. Em consequencia, pois, e augmentando-se a escassez dos viveres, foi resolvida a 22 de Setembro a divisão da expedição, e no dia 23 continuavam a exploração, em uma ligeira igarité e duas pequenas montarias, os Srs. Soares Pinto, José Antonio Rodrigues, Paz Soldan e 14 homens de guarnição.

Infelizmente, embora já bastante reduzida em seu pessoal e recursos, ainda assim não podia a expedição caminhar livremente. O numero dos obstaculos crescia cada vez mais; a cifra dos páos diariamente cortados era superior a 12, as embarcações tinham de ser puchadas a braços, e esse rude trabalho empeiorava o estado sanitario da guarnição.

A 5 de Outubro foi despedida a igarité, por não poder continuar a seguir, e para conduzir os doentes. Um novo obstaculo viera juntar-se aos que já existiam. Eram as pontes atravessadas pelos selvagens sobre o leito do rio, para dar-lhes passagem de uma para outra margem. Para proseguir, a expedição tinha de cortal-as, e essa operação foi effectuada.

O selvagem, até então pacifico, resolveu vingar-se.

A 10 de Outubro, tres flexas despedidas occultamente por entre o mato, deram, como que o primeiro signal do ataque, que em breve tornou-se a peito descoberto.

Numeroso bando de selvagens da tribu *mayorunas* (1),

---

(1) MAYORUNAS.— Tribu que habita entre Maranõn, Javary e Ucayali. Os individuos della são alvacentos; os homens, barbados. Suppõe-se que descendem elles dos soldados de Ursua.

Vaguêam pelas matas; arrancam as barbas com duas conchas, que lhes servem de pinças.

Suas armas de guerra são: lanças, clavas, flechas, arcos e zarabatanas.

São mui guerreiros, vivem em constante luta com as outras tribus.

As mulheres têm as mãos e os pés mui bem formados, o nariz pequeno e os labios finos.

Usam os cabellos cortados na frente e longos nas costas. São aceiados.

E' esta tribu pouco conhecida.

arremeçam nuvens de flechas hervadas sobre os expedicionarios que estavam desarmados, visto como as continuas alagações soffridas pelas montarias havia humedecido e inutilisado as espoletas.

As mulheres tomaram parte no ataque, combatendo isoladas, na margem opposta áquella de onde os homens atacavam.

Houve na luta a desesperação do homem desarmado que resiste contra homens armados.

Logo no começo do ataque o capitão tenente Soares Pinto foi ferido mortalmente e falleceu tres horas depois. O Sr. Paz Soldan e mais quatro homens da tripolação foram tambem feridos. Após 15 minutos de resistencia, reconhecendo-se a impossibilidade de afugentar os soldados em numero muitissimo superior, tratou-se da retirada.

O capitão tenente Soares Pinto, já meio desfallecido, foi carregado a braços para a montaria mais pequena, que estava mais afastada do perigo. A outra, onde achavam-se os instrumentos astronomicos, foi tomada pelos selvagens.

Embarcaram na pequena montaria, que mal accommodaria seis homens, nove pessoas contusas ou feridas e um moribundo. Na madrugada seguinte foi o capitão tenente Soares Pinto enterrado em uma praia da margem direita.

Após cinco dias de immensas privações, em que nem faltou a fome, conseguiram os salvados reunir-se ao resto da expedição, que mais abaixo os esperava.

Nesse mesmo dia, 14 de Outubro, a expedição poz-se em marcha, descendo o Javary, e a 26 do mesmo mez, apresentou-se a bordo da canhoneira *Ibicuhy*, que se achava em Tabatinga.

Depois desses lamentaveis acontecimentos, por algum tempo ficaram paralysados os trabalhos da commissão de demarcação das nossas fronteiras com o Perú, até que de novo foram continuados sob a direcção, por parte do Brazil do seu commissario o capitão de fragata Antonio Luiz Hoonholtz, hoje barão de Teffé, e por parte do Perú do seu commissario D. Manuel Rouaud y Paz Soldan.

Interrompidos ainda os trabalhos pela morte do commissario peruano, seguiu ultimamente a commissão para o rio Javary, depois da chegada do novo commissario da republica peruana o Sr. capitão de fragata D. Guilherme Black, e é de crer que em breve termine a fixação dos limites do Brazil com a republica do Perú, apezar das difficuldades com que

---

Os *Mayorunas*, que habitam em Cochiquinas, são doceis e dados ao trabalho.....

Nesse rio (Javary) e á margem esquerda, os extractores da gomma elastica estão constantemente recêosos dos assaltos dos *Mayorunas*, assim como no Ucayalis. Os transeuntes evitam sempre acampar na margem direita com o mesmo receio.

(*Diccionario topographico do departamento de Loreto* pelo Sr. J. Wilkens de Mattos.)

está lutando e dos perigos que vai arrostando. Os jornaes da provincia do Amazonas deram ha dias noticia de um pequeno combate travado entre a expedição e os selvagens do Javary, que foram repellidos, proseguindo a commissão em seus trabalhos de exploração.

Oxalá possa terminal-os brevemente.

Ainda um outro facto:

Tambem no dia 5 de Julho de 1781 ergueu-se um padrão na margem austral do Amazonas denominada Solimões na distancia de 1875 braças a léste da foz do Javary, por não haver terreno proprio mais perto em que elle pudesse ser collocado. O seu verdadeiro lugar devera ser no alveo da foz do Javary, situada a 4°, 17' 30" meridionaes e308° 6'30" a leste da ilha de Ferro; mas a undação irregular desse rio não permittiu que elle fosse alli erigido.

Este padrão, obra do major de engenheiros Euzebio Antonio de Ribeiros, era de madeira, de fórma pyramidal, com 48 palmos de altura, incluindo o engradamento e tendo as seguintes inscripções na base.

Para futura memoria.

Na fronteira do estado do Gran-Pará e Maranhão, e da real audiencia de Quito no vice reinado de Santa Fé:

Nos gloriosos reinados
Da muito alta poderosa, e augusta rainha fidelissima
De Portugal e Algarve
A senhora D. Maria I e do senhor D. Pedro III
E do muito alto, poderoso e augusto rei catholico
Das Hespanhas e das Indias
O senhor D. Carlos III.

Diz Baena, que havia outro de marmore, que não foi alçado por causa da difficuldade do transporte nos igarapés e por terra. Tambem era pyramidal: tinha sobre a cimalha uma cruz, na frente da pyramide logo abaixo da cimalha as armas portuguezas e por baixo destas a inscripção seguinte:

Sub
Joanne V
Lusitanorum.
Rege
Fidelissimo.

E na base:

Sub
Ferdinando VI
Hispania.
Rege.
Catholico.

No perfil lateral da piramide:

Ex Pactis
Finium Regundorum
Conventis
Madriti
Idib. Januar.
M. D. CC. L.

E na base

Justitia,
Et Pax
Osculatæ
Sunt.

As aguas do Rio Negro continuam por algumas milhas a nodoar as aguas do Amazonas e durante a época da vasante, ainda perto de Serpa (1), isto é, na distancia de mais de 80 milhas, descobrem-se grandes manchas escuras na margem esquerda do grande rio, e que geralmente são attribuidas ás aguas do Rio Negro.

Deixando o Amazonas á esquerda os desaguadeiros do lago Amatary (2), e á direita os do *Rei* e dos *Auta-*

---

(1) Nessa época (da vasante), da confluencia do Rio Negro até quasi á villa de Serpa, distingue-se, cada vez mais pronunciadas, duas gradações na côr das aguas do Amazonas: uma mais amarellenta junto á margem direita, outra mais escura do lado opposto. Figuram dous rios correndo unidos no mesmo leito, mas confundidos inteiramente. Esse combate gigantesco prolonga-se por 30 leguas. Na enchente não succede o mesmo: não se vê no Amazonas o menor vestigio das aguas do Rio Negro. Sómente mui perto da foz deste, observam-se a espaços algumas largas manchas escuras, que sobrenadam nas aguas barrentas do grande rio. (*Relatorio do Dr. Adolpho de Barros em* 1865.)

(2) Lago da Guiana, na margem esquerda do Amazonas, entre *Araúatá* e *Puraquécuara*. Perto d'ahi na margem septentrional do Amazonas, entre os desaguadeiros do lago de que toma o nome, 63 leguas acima da fóz do Jamundá e 14 acima da villa de Serpa, fica a aldêa ou povoação de S. José de Matary ou Amatary.

Foi uma das missões em que o benemerito Fr. José das Chagas, o apostolo da mundurucania, mostrou o seu nunca desmentido zelo pela catechese das indios. A elle deve-se a construcção da capella, que hoje está arruinadissima.

Manoel João, indio da tribu *Juma*, sendo apprehendido ainda de tenra idade, no rio Maturá, pelos *muras*, que o criaram, veiu depois a ser, em consequencia da sua pouco vulgar intelligencia e vivacidade, o principal ou *tuchaua* da tribu, fundando a maloca, que depois, no meiado do seculo passado, foi a missão de Matary, nome que tomou do rio em cuja proximidade se acha. O

zes (1), recebe o importantissimo rio *Madeira*, o maior dos seus affluentes da margem direita.

Perto da foz do Madeira ficam as «pedras morona,» que têm esta denominação, porque foi ahi que a 28 de Outubro de 1862 encalhou o vapor de guerra peruano *Morona*.

Contra os regulamentos e disposições então vigentes, e a despeito da recusa formal e peremptoria do governo provincial do Pará, havia aquelle vapor deixado o porto de Belém, demandando o Perú pelo Amazonas. Em Gurupá tentaram fazel-o retroceder; mas resistiu á intimação. A fortaleza de Obidos quiz impedir-lhe a passagem, e de parte a parte trocaram-se alguns tiros, logrando entretanto o *Morona* sahir da estreita garganta, que ahi faz o rio e continuar sua viagem, seguindo rio acima, indo porém desastradamente encalhar nas pedras do *Puraquêcuara*, hoje denominadas *pedras morona*.

Informado de taes acontecimentos, visto como a presidencia do Pará, expedindo immediatamente o vapor *Belém*, da companhia do Amazonas, se apressara em communical-os ao presidente do Amazonas, deu este logo as providencias que estavam ao seu alcance para salvaguardar e defender os direitos e interesses brazileiros, pondo á disposição do capitão-tenente José da Costa Azevedo o vapor *Inca*, que para esse fim fôra fretado.

Partindo de Manáos no dia 28 de Outubro, voltou logo no dia seguinte o capitão-tenente Costa Azevedo com a noticia de que o vapor *Morona*, depois de se encontrar com o *Inca*, havia encalhado nas pedras do *Puraquêcuara*.

O commandante do *Morona* por diversas vezes solicitou officialmente soccorros á presidencia do Amazonas, que lh'os prestou, mandando-o rebocar pela canhoneira *Ibicuhy*, que o conduziu a Manáos, onde ficou detido, aguardando a decisão do governo imperial.

« Neste procedimento, disse o presidente do Amazonas á assembléa provincial, n'este procedimento guardei as regras de direito e houve-me com moderação. Não autorisei

---

assento da primeira maloca, que depois passou para o local em que se acha Matary, foi um pouco abaixo.

Ha ainda um outro lago Matary, na margem direita do Madeira, acima da freguezia de *Borba*, na Mundurucania.

(1) Lagos do Solimões, que desaguam nelle, no Amazonas e no Madeira. Ainda se não acham de todo explorados e presume-se que occupam quasi todo o territorio comprehendido entre os rios Purús e Madeira.

Em 1838, diz o capitão-tenente Amazonas, Ambrosio Ayres Bararoá levou a esses lagos toda a gente de Manáos capaz de pegar em armas e alli deixando-a e voltando sobre a villa, apenas com a gente da sua parcialidade e com intenções que ainda hoje se interpretam horrorosamente, foi em um dos ditos lagos sorprendido pelos *cabanos*, que o assassinaram com a mais revoltante barbaridade.

excessos e violencias desnecessarios. No meu entender, elles seriam um desar para a autoridade brazileira. »

A 21 de Dezembro chegou a Manáos o chefe de esquadra Guilherme Parker com instrucções do governo imperial e em virtude d'ellas, conduziu a reboque para o Pará o vapor *Morona*, que se achava detido em Manáos. (1)

Communicando á assembléa provincial do Pará o desenlace desta questão provocada pelo *Morona*, assim como da que provocara o *Pastaza*, outro vapor de guerra peruano, assim referia os acontecimentos o Sr. conselheiro Brusque:

« Chegando á côrte a 22 de Dezembro do anno proximo passado (1862) o representante da republica do Perú, de volta do Rio da Prata, mostrou desde logo desejos de entender-se com o governo imperial sobre a questão pendente entre os dous paizes.

« Como preliminares da negociação sollicitou o ministro residente do Perú na côrte e conveiu o governo imperial, por notas trocadas em 8 e 10 de Janeiro do corrente anno, que se facilitassem os meios necessarios para que o vapor *Pastaza*, que se achava em Cayenna e o *Morona*, que se conservava em Manáos, pudessem regressar livremente ao porto desta cidade, onde deveriam aguardar a solução final, que, por commum accordo, se houvesse de dar ao conflicto.

« A negociação envolvia duas questões,—uma de direito, outra de facto.

« Quanto á primeira, era forçoso reconhecer que não estavam ainda organisados os regulamentos especiaes, de que tratam os artigos 2, 4 e 5 da convenção de 1858, para que se pudesse considerar desde logo em plena execução as suas estipulações e nem destas se podia deduzir, que franqueada a navegação do Amazonas aos navios mercantes, ficara ella extensiva aos navios de guerra.

« Para remover estas difficuldades, entendeu-se que o meio mais conveniente era providenciar provisoriamente sobre a applicação immediata do principio de navegação garantida por direito convencional entre o Imperio e o Perú.

« Neste intento foi entabolada a negociação sobre as seguintes bases:

« 1.ª Que se franqueasse desde já a navegação aos navios mercantes, uma vez que se sujeitem aos regulamentos fiscaes e de policia, que em seu territorio prescrever cada um dos dous governos, modificando-se depois esses regulamentos por mutuo accordo, se não estiverem nos termos dos arts. 4.º e 5.º da convenção.

---

(1) A 30 de Dezembro chegou ao porto de Belém o vapor *Morona*, depois de sua infelicissima excursão ao Amazonas. Era acompanhado pelas corvetas *Parnahyba* e *Biberibe*.

« Era bello de ver-se, diz um jornal paraense daquella epoca, a arrogancia de hontem transformada hoje em humildade.... Os nossos brios estavam desafrontados; aonde se recebeu a injuria, ahi se tirou a desforra.... »

« 2.ª Que se consentisse aos navios de guerra peruanos navegar o Amazonas brazileiro, em reciprocidade de igual concessão por parte da republica do Perú aos navios de guerra brazileiros, que houverem de navegar pelo Amazonas peruano, ficando reservado a cada um dos dous Estados o direito de limitar o numero desses navios, aos quaes se concedesse aquella permissão; de conformidade com os principios de direito internacional, admittidos e reconhecidos pelas nações cultas.

« 3.ª Que se reconheça em principio, que o navio de guerra, que recebe mercadorias a seu bordo constitue-se mercante e como tal sujeito ás condições respectivas.

« Mas o governo imperial considerou sempre qualquer ajuste a este respeito, dependente de uma satisfação precisa pela offensa feita á soberania territorial e pelas faltas em que incorrera o commandante do vapor *Morona*.

« E esta satisfação devia consistir: em reconhecer-se por parte da republica a irregularidade do procedimento daquelle commandante, na imposição da multa estabelecida pelo regulamento da alfandega, por não terem sido preenchidas as formalidades fiscaes; e em uma salva á fortaleza de Obidos, por haver o referido commandante desattendido ás intimações que lhe foram feitas nesta cidade, em Gurupá e por ultimo em Obidos, onde resistiu á fortaleza com tiros de bala, dentro dos limites da soberania territorial.

« A questão de facto foi discutida nos protocollos das conferencias celebradas com o representante do Perú na côrte em 15 e 22 de Janeiro do corrente anno.

« E em vista das explicações e dos documentos apresentados pelo governo imperial, conveiu o ministro da republica do Perú em que effectivamente tinha havido imprudencia da parte do commandante Ferreiros em deixar o porto, a despeito das intimações que lhe fizera esta presidencia; mas que assim procedera sem o proposito de violar os regulamentos do porto e de faltar ao respeito devido á jurisdicção do paiz.

« Parecia-lhe entretanto que o vapor *Morona*, como navio de guerra, não carecia de uma permissão especial para subir o Amazonas, e que por conseguinte entendia ser exorbitante a salva á fortaleza de Obidos, como condição para regularisar-se desde logo praticamente a navegação fluvial entre os dous paizes.

« Este ponto foi afinal assim ajustado. Concordou-se em que o vapor *Morona*, ao subir o Amazonas para o Perú, desse uma salva á fortaleza de Obidos e esta lhe correspondesse, como uma manifestação commum de haver cessado o conflicto e achar-se restabelecida a boa intelligencia entre os dous paizes.

« Acertados assim os termos em que foram reguladas, nos protocollos das conferencias, as questões que se suscitaram com a partida dos vapores *Morona* e *Pastaza* para o Amazonas, foi este accordo approvado pelo governo imperial, por nota de 24 de Janeiro, que contém litteralmente as esti-

pulações reciprocas e confirmado pelo ministro peruano sob sua responsabilidade.

« E porque tinham sido tambem aceitos, sobre a base da reciprocidade, os principios acima estabelecidos para regularisar desde logo a navegação fluvial entre os dous paizes, quér pelos navios de guerra quér pelos mercantes, até que sejam confeccionados os regulamentos de que trata a convenção de 1858, o governo imperial na convicção de que o accordo celebrado com o ministro peruano teria a approvação do seu governo, expediu sem demora as convenientes ordens para que o mesmo accordo tivesse inteira execução por nossa parte, ordenando porém que se não cobrasse a multa em que houvesse incorrido o vapor *Morona*.

« Cuidei immediatamente em fazer as necessarias communicações, para que fosse o accordo cumprido na parte que dependesse das autoridades brazileiras, logo que fosse pelo commandante do vapor *Morona* tambem executado.

« Foi entretanto depois de expedidas aquellas ordens pelo governo imperial, que chegou á côrte a communicação do reboque dado ao vapor *Morona*, de Manáos até esta cidade, pela esquadrilha ao mando do chefe de esquadra Parker, segundo as ordens desta presidencia e de accordo com as instrucções do governo imperial.

« Então o ministro do Perú, considerando este facto como offensivo ao pavilhão da republica, exigiu satisfações ; mas aceitando depois as explicações do governo imperial sobre os motivos que aconselharam aquella providencia, concordou aquelle ministro na conveniencia de dar-se immediata execução ao referido accordo de 24 de Janeiro, trocando-se as notas reversaes de 23 de Abril do corrente anno, pelas quaes foram considerados como terminados e esquecidos os conflictos, que tiveram lugar nesta provincia.

« Em consequencia, partiu o vapor *Morona*, do porto desta cidade para o Perú, no dia 12 de Julho ultimo, e ao chegar a Obidos deu a salva estipulada, a qual foi correspondida pela fortaleza.

Pouco depois seguiu tambem o vapor *Pastaza*, com o mesmo destino. »

Pouco antes da foz do Madeira, em frente á boca do *Puraquêcuara* (1) vê-se o lugar onde em 1870 deu-se a terrivel catastrophe do naufragio do vapor *Purús*.

---

(1) Corrente no Amazonas, abaixo da confluencia do Rio Negro, entre *Jatuarana* e a boca inferior do canal *Maraquiri*.

Em lingua geral *Puraquêcuara* quiz dizer—caminho de puraquê, parece que a denominação que tem esse lugar, lhe proveiu da abundancia que ha alli desse temivel peixe.

O *Puraquê é o gymnotus electricus* de Linnêo, do genero *malaco-pterygiano apodo*, o mais vigoroso e notavel dos da sua especie, e por isso mais conhecido e estudado pelos naturalistas.

Este peixe, diz o muito illustrado Sr. Dr. Francisco da Silva Castro, habita os lagos, igarapés e rios da America meridional,

Este acontecimento é um dos mais tristes e horriveis episodios, senão o mais triste e horrivel de quantos têm presenceado as aguas do grande rio.

Eis pouco mais ou menos como teve lugar o acontecimento:

Do porto de Manáos, com destino ao Madeira, sahiu ás onze horas da noite de 7 de Julho o vapor *Purús*.

Eram duas horas da manhã do dia 8.

O vapor *Arary*, que havia sahido de Belém, com destino a Manáos, navegava então ao longo da costa do lago do Rei, mui proximo á boca do Paraná, em frente ao Paraquêcuara, e na distancia de oito a dez braças de terra.

Nesse lugar fórma o Amazonas uma especie de cotovello ou de ponta.

Ambos os vapores navegavam com marcha regular e dirigiam-se um para o outro.

O grande cotovello ou curva formada pelo rio impedia-os de se poderem avistar de longe.

A noite estava escura, posto que luzissem algumas estrellas no céo, e descuidados dormiam os passageiros do *Purús* e do *Arary*, sem se lembrarem da morte que para elles rapida se ia aproximando.

Pouco depois das 2 horas da manhã, o official de quarto do *Arary*, que passeiava no passadiço, distinguindo as luzes de um vapor que caminhava aguas abaixo, mandou despertar o commandante, o qual incontinenti dirigiu-se ao passadiço da caixa das rodas, ordenando em voz alta ao machinista de

---

preferindo os primeiros e os igaropés, por terem aguas menos movediças: é encontrado porém mais particularmente nas provincias do Pará e Amazonas, onde se lhe dá o nome de *puraqué*, e os ha ahi em grande quantidade e de todos os tamanhos, chegando alguns a terem cinco e seis pés de comprimento e quasi meio pé de diametro na sua maior grossura. A côr da pelle é preta, excepto na parte inferior da mandibula e por baixo do pescoço, que é de um bello vermelho. A sua configuração em geral é como a das enguias, pelo que os francezes lhe tem chamado *enguia electrica*.

Tem a propriedade fulminante em alto gráo, dando choques ou commoções electricas vigorosas nos seus inimigos e em tudo quanto o toca, por fórma que abate e fere de torpor inevitavel e temporario, não só os peixes, como tambem os homens e os mais animaes. Quando a descarga electrica é muito forte e o torpor profundo, sendo ao mesmo tempo dirigida sobre algum ou alguns dos orgãos importantes e essenciaes á vida, acontece algumas vezes seguir-se a morte, a qual sobrevém então por asphixia. O apparelho ou pilhas, onde por uma singular faculdade este animal seggrega a electricidade, occupa os lados da cauda e toma o volume de nove decimos do corpo e talvez metade de sua espessura.

A sua composição organica é admiravel e recebe na estructura extraordinarissimo numero de nervos e finas cartilhagens. A sua carne é pouco ou nada utilisada nos usos culinarios, não só por ser mal saborosa, como porque é de consistencia mucilaginosa e de cheiro de alguma sorte desagradavel.

quarto, que diminuisse á meia força daquella com que seguia.

Caminhava o vapor *Purús* aguas abaixo, na distancia pouco mais ou menos de 2 milhas, demorando quarta e meia de rumo por EB da prôa do *Arary*.

O commandante Pereira Leal, a bordo do *Arary*, fez tudo quanto a sciencia ensina, tudo quanto humanamente delle podia depender para evitar o pavoroso sinistro. Era tarde. As duas massas se iam cada vez mais aproximando, impellidas uma pela força da corrente e do vapor e a outra pela do vapor sómente.

Era já tarde, muito tarde; a mão mysteriosa e sinistra da fatalidade impellia-as uma contra a outra; nada podia mais evitar a catastrophe.

A's 2 horas e 15 minutos teve lugar o abalroamento.

Foi horrivel o choque e mais horrivel ainda a scena de confusão, que teve então lugar.

O *Arary* galgou por sobre o *Purús*, entrando-lhe por um dos lados e fazendo-o afundar-se e quasi unir a pôpa com a prôa.

Lançados violentamente fóra das rêdes e dos beliches, corriam atordoados os passageiros do *Arary*, augmentando a confusão e a desordem. Os gritos e o soluçar das mulheres e das crianças, as imprecações dos homens, a voz vibrante e energica do commandante que mandava a manobra e dava providencias para salvar os naufragos do *Purús* e impedir que tambem por elle fosse arrastado o *Arary* na voragem das aguas; o ranger das taboas que se desconjuntavam, que se partiam; a escuridão sinistra da noite, o ruido das aguas; tudo dava a essa scena um caracter horrivel como um arremedo do inferno.

« E' cousa terrivel um naufragio, disse já um grande poeta; ainda mais, é o ideal da impotencia humana. Lutar, lutar furiosamente, desesperadamente com as ondas e não poder domal-as; estar perto da terra e não poder chegar a ella; ver a algumas braças a salvação e a vida e sentir a mão gelada e humida da morte apertar-nos a garganta; fluctuar e não poder vogar, ter os pés em uma cousa que parece solida e que é fragil e mobil; estar ao mesmo tempo cheio de vida e cheio de morte; sentir-se prisioneiro, manietado nessa immensa masmorra das ondas; ser agarrado, paralysado, tornar-se brinco e ludibrio das aguas,—é horrivel como o inferno, é uma acabrunhação que paralysa e embrutece. O que nos tem empolgado, o que nos mata, é o mesmo que dá movimento ás aves e liberdade aos peixes. E' com o infinitamente pequeno, diz um philosopho e poeta, que o infinitamente grande nos esmaga; é com gotas que o oceano nos tritura. »

As scenas que se davam a bordo do *Purús* eram ainda mais lamentaveis. Os gritos de terror dos que se achavam no *Arary*, confundiam-se com o gemer dos moribundos, com o estertor dos que se debatiam esmagados, com os gritos pungentes de soccorro que soltavam os do *Purús*.

E o vapor se ia pouco e pouco afundando... De repente ouviu-se um estampido horrivel e as aguas fervendo e espadanando espuma, ergueram-se furiosas, ameaçadoras, como uma immensa montanha e depois cahiram com medonho fragor, abrindo enorme voragem em que submergiu-se o navio.

A caldeira do *Purús* havia arrebentado.

O commandante Leal deu ordens promptas e tomou as medidas necessarias não só para salvar os naufragos do *Purús*, como para restabelecer a ordem e a calma a bordo do *Arary*, no que foi energicamente auxiliado pelo intelligente tenente coronel Michiles. Os escaleres foram lançados ao rio e a tripolação e os passageiros começaram a recolher das aguas os miseros que alli se debatiam. Levaram o resto da noite nesta piedosa occupação, porém de mais de 200 passageiros que levava o *Purús*, apenas conseguiram salvar 73.

A's 12 horas e meia do dia 8 chegou o *Arary* a Manáos, levando a noticia da horrivel catastrophe.

« Alli, dizia-me ainda ha dias o velho Paixão, pratico do *Arary*, e o decano dos praticos do Amazonas, alli na bocca do Puraquêcuara dormem no fundo do rio, que os devorou, os infelizes passageiros do *Purús*. Quanta desgraça em uma só noite ! Quanta gente morreu ! Pobre immediato do *Purús* ! Era tão moço ; parece que o coração lhe adivinhava... recusou partir, queria despedir-se do serviço do vapor e sómente embarcou para satisfazer a vontade e a imposição do pai. Morreu fechado no beliche ; passou do somno á eternidade.

« Quem sabe onde repousam os ossos daquella respeitavel senhora, D. Victoria, a abastada fazendeira do Madeira.

« Hermengildo Braga, estava salvo ; havia conseguido saltar para o *Arary* ; mas de repente lembrou-se dos filhinhos que dormiam no *Purús* e que iam ser arrebatados pela morte.

« E quiz salval-os. Quem se atreveria a embargar o passo a um pai, que corria a salvar os filhos ?

« Em um momento achou-se a bordo do *Purús*, que se affundava, mas immediatamente depois a explosão da caldeira indicou que o misero havia morrido, por não querer que lhe morressem os filhos.

« Vê aquella arvore que alli está pendida para o rio, cujas aguas lhe lambem o tronco, continuou o velho pratico. Pois bem ; um dos naufragos nadou, nadou e conseguiu chegar até ella. Agarrando-se aos ramos, subiu e sentou-se em um galho, esperando alli que amanhecesse o dia. Os que andavam procurando naufragos não o viram, nem o ouviram, posto que bem alto os chamasse. E' tão largo este Amazonas ! Pela manhã seguiu o *Arary* aguas acima e afastou-se do lugar do sinistro. E o pobre homem alli ficou com o olhar perdido no espaço e vendo afastar-se a esperança e a vida. O que poderia fazer alli perdido em meio das aguas ! De um lado o rio e do outro o terreno alagado e movel e quasi tão perigoso como elle... Quiz descer ; a posição em que estava

torturava-o; talvez caminhando ou agarrando-se ao tronco das arvores, encontrasse um terreno menos alagado, onde pudesse descançar um pouco.

« E preparava-se para descer, quando, lançando os olhos para baixo, viu, cercando-lhe a arvore e promptos a devoral-o, um bando de jacarés, monstruosos, famintos, que alli estavam immoveis, com as fauces escancaradas e os olhos fitos na presa que consideravam segura.... Pobre homem! continuou o velho Paixão; Deus, porém, compadeceu-se delle; havia-o salvado das aguas, salvou-o tambem dos jacarés. Pouco depois passou por alli uma canôa e os que a tripolavam accudiram aos gritos de soccorro que o infeliz soltava. Os jacarés fugiram, abandonando a presa e o pobre naufrago desceu então, escapando milagrosamente daquelle grande perigo. Quantas desgraças, murmurou ainda o velho Paixão, quantas desgraças naquella noite fatal! » (1)

Quasi defronte da foz do Madeira acha-se situada a villa de Serpa, em uma pequena collina, á margem esquerda do Amazonas e a 270 leguas acima de sua foz.

O seu nome primitivo era *Itacoatiara* (pedra pintada, em lingua geral); por causa de umas pedras que em seu porto são visiveis na vasante e nas quaes se acham traçados diversos hierogliphos. Tambem teve já o nome de *Abacaxis*.

Serpa ou Itacoatiara ou Abacaxis, tem sido por vezes transferida para differentes sitios. Foi primitivamente fundada pelos jesuitas no rio *Mataurá*, confluente do Madeira; passou depois para o rio Canumã, em seguida para o rio Abacaxis, e mais tarde para a margem direita do Madeira e finalmente para o sitio onde hoje se acha.

Em 1759 o governador da capitania do Rio Negro Joaquim de Mello Povoas deu-lhe o predicamento de villa, com a denominação que hoje tem.

Passando em 1833 a ser simplesmente freguezia, foi de novo elevada á categoria de villa, por lei provincial de 10 de Dezembro de 1857.

Actualmente é a villa de Serpa um importante porto da provincia do Amazonas, por servir de entreposto ao avultado commercio do rio Madeira.

Por decreto de 25 de Janeiro de 1872, foi creada alli uma alfandega de quinta ordem, com as attribuições conferidas ás demais alfandegas do Imperio, guardadas as disposições do regulamento annexo ao decreto de 31 de Julho de 1837.

Permittiu-se igualmente que as embarcações com destino á fronteira do Perú e da Bolivia, quando não possam por seu grande calado subir além de Serpa, ahi, com assistencia das

---

[1] Este episodio dos jacarés é verdadeiro, e passou-se tal qual se acha ahi narrado. Como elle, tambem são verdadeiros todos os episodios do naufragio. Baseei-me entre outras peças, na communicação official feita ao gerente da companhia do Amazonas pelo commandante do *Arary*.

autoridades fiscaes da alfandega, baldeem os generos para embarcações menores.

Os bolivianos, descendo pelo Madeira, costumam deixar em Serpa as suas canôas ou *ubás* e descem nos vapores até o Pará, onde vendem as suas mercadorias e se fornecem dos objectos de que carecem.

Ao norte de Serpa vêm-se as ruinas da colonia *Itacoatiara* pertencente á companhia de navegação e commercio do Amazonas e que tantos prejuizos lhe causou.

Na mesma margem em que está Serpa situada, mais um pouco acima, vêm-se ainda os vestigios de um vasto cemiterio indio.

Aqui e alli, a terra diluida pelas enxurradas, cahe e deixa ver ao navegante, que transita por aquellas paragens diversas *igaçabas* ou urnas funerarias em que guardavam os indigenas os restos dos seus maiores.

Muitas dessas urnas têm sido recolhidas pelos transeuntes, como objectos de curiosidade, mas provavelmente sem lhes darem a importancia devida; e dest'arte vão as reliquias venerandas de uma geração inteira tendo um fim para que nunca as destinaram.

Depois de ter recebido o caudaloso e importantissimo rio Madeira, de que me occuparei adiante, recebe o Amazonas as aguas do Arauató, que lhe trazem as aguas do rio Urubú.

E' o Arauató o desaguadeiro mais occidental dos lagos de Saracá.

O Urubú recebe em seu curso as aguas do lago de Canumã, em cujas margens existiu a freguezia de Nossa Senhora da Conceição, e banha as taperas das antigas freguezias de S. Raymundo e S. Pedro Nolasco.

Acima das cachoeiras encontram-se-lhe nas margens extensas campinas apropriadas para a criação de gado, as quaes se estendem até as fraldas das serras da Guyana hollandeza.

Este rio, onde em outro tempo floresceram as missões dos mercenarios, acha-se hoje de todo deserto, e as taperas das abandonadas freguezias servem de mocambo a escravos fugidos. Os indigenas davam-lhe o nome de *Burururú*, de uma de suas tribus, mas substituiram-no os portuguezes pelo de *Urubú*, porque é hoje geralmente conhecido.

Habitavam-no, entre outras, as nações Burururú, Guanavena e Cabouquena, contra as quaes em 1664 commetteu Pedro da Costa Favella, em represalia, horrivel carnificina em que pereceram 700 indigenas, foram prisioneiros 400 e incendiaram-se 300 malocas.

Eis o facto que deu lugar a tão lamentavel acontecimento:

Em consequencia das ordens do governador Ruy Vaz de Siqueira, diversas missões, escoltadas por mosqueteiros, internaram-se pelos sertões do Amazonas e de alguns rios que nelle affluem.

Uma destas escoltas, commandada pelo sargento-mór An-

tonio Arnaud Villela, entrou com o missionario frei Raymundo, da ordem das Mercês, no rio Urubú, e teve a infelicidade de perder parte dos seus companheiros, com o seu commandante e o alferes Francisco de Miranda, nas mãos dos cabouquenas e guanavenas que com mostras de paz conseguiram illudil-a. Apenas puderam escapar o missionario e o seu companheiro mal ferido e alguns mosqueteiros e indios amigos, que se apressaram em montar as canôas.

Senhores do campo, embarcam-se os selvagens em 45 canôas para a aldêa de Saracá, onde sabiam que se achava o alferes João Rodrigues Palheta, mas pouco antes de chegarem á aldêa encontram-se com elle, que os esperava á frente de 18 soldados e 200 indios em 5 canôas, e os põe em completa debandada.

Informado o governador de semelhantes acontecimentos resolveu tomar prompta desforra e infligir nos indios do Urubú exemplar castigo.

A 6 de Setembro do mesmo anno sahiu de Belém a expedição contra os indios do Urubú, commandada pelo capitão Pedro da Costa Favella. Compunha-se esta expedição de 34 canôas com 500 indios sob as ordens de seus superiores e de quatro companhias de tropas regulares sob o mando de quatro capitães de infantaria e de outros officiaes subalternos.

A 25 de Setembro chegou a expedição á aldêa de Tapajós, hoje cidade de Santarém, e depois de chamar a si muitos indigenas das aldêas domesticadas daquelles contornos, e de refrescar a sua gente, partiu no dia 25 o capitão Favella para o seu destino.

A 4 de Novembro partiu da cidade de Belém o governador com o designio de subsidiar de mais perto a expedição, levando comsigo o maior numero de gente que pôde pôr em pé de guerra. Não foi porém além do porto de Mós (1), visto como interesses momentosos de politica o chamaram com urgencia á cidade. Em seu lugar partiu o sargento-mór Antonio da Costa, em demanda da expedição.

No dia 25 de Novembro desembarcou o capitão Favella no primeiro porto dos indios inimigos no rio Urubú, e depois de fortificar-se na margem do rio e de deixar alli tropa sufficiente para defender as canôas e as fortificações, penetra com a força no interior das matas.

A 7 de Janeiro encontra os cabouquenas já unidos aos guanavenas e outros das serranias do Parú, que marchavam tumultuariamente contra a expedição em bandos numerosos. Travou-se então encarniçada peleja, e depois de tenaz e feroz resistencia, conseguiu Favella pôl-os em debandada.

A perseguição foi violenta. Os indios accossados por Fa-

---

(1) Chamava-se então aldêa do Xingú e primeiramente aldêa Madeturú.

vella e pelo sargento mór Antonio da Costa, que chegou nessa occasião, reunem-se de novo e de novo e com mais furia continua o combate.

Foi horrivel: morreram 700 selvagens, cahiram prisioneiros 400 e as chammas produzidas pelo incendio de 300 aldêas illumiaram sinistramente essa scena de luto e de sangue.

Assim terminou essa celebre expedição do rio Urubú, o qual d'então em diante pareceu ter ficado fechado aos exploradores.

Consta que o actual presidente do Amazonas o Sr. Dr. Domingos Monteiro Peixoto pretende mandar exploral-o. Deus queira que possa levar avante o seu intento. Vem appello transcrever aqui as seguintes linhas de um artigo publicado pelo *Baixo Amazonas*.

« Os rios Urubú e Jatapú explorados podem nos offerecer um commercio franco com as Guyanas, como offerece o Tapajós com as provincias de Mato Grosso e Goyaz. Poderá exportar valores que augmentarão as rendas provinciaes, chamará para ahi uma população que pelos vapores com facilidade remetterá seus productos para o mercado e será uma communicação directa para os productos das Guyannas, que serão trocados pelos nossos. As vantagens que resultam só o tempo poderá apresental-as, porque para os diversos misteres do homem não ha limites. Franqueando a navegação, quebrado o encanto que tem fechado as suas portas aos homens desde 1864, para ahi affluirão a tirarem proveito do que nelles houver. E' mais um campo que se offerece á sciencia para as suas indagações, é mais um terreno que se entrega á lavoura, á industria e ao commercio.

Pela posição geographica que occupa este rio, a sua flóra é muito promettedora, atravessando regiões alpestres, as suas riquezas naturaes devem participar dessa causa, e assim como a vegetação resente-se do solo, assim tambem devem os mineraes provar a variedade do terreno.

Pobre em mineraes a parte já conhecida do Amazonas, é muito de esperar que nos rios de que tratamos, appareça maior riqueza. Geologicamente fallando, o terreno alli favorece a mineralogia. Quem tomar sobre os seus hombros esta empreza, tendo de lutar com os gentios e os habitantes dos mocambos, arriscando assim a vida, prestará serviços reaes, serviços cujas vantagens são incontestaveis e que tende ao engrandecimento da provincia.

Pela margem esquerda recebe ainda o Amazonas os desaguadeiros dos lagos de *Saracá*, que lhe trazem as aguas do rio *Anibá* e ainda o rio *Atumã*, engrossado com as aguas dos rios *Jatapú*, *Acapucapú*, *Paraná-petinga*, *Uruducú*, *Abacate*, *Maripá*, *Taboary*, *Atapany* e *Sanabany*.

Os lagos de Saracá são: o *Canaçary* e o *Macuará*.

E' incrivel a quantidade de ciganas, que enchem as arvores, que margeam os lagos. apezar de serem constantemente perseguidas por seu implacavel inimigo, o *japacamin*.

E' o *japacamin* uma das aves de rapina mais vigorosas e

elegantes do valle do Amazonas. Varia a sua altura de 35 a 40 centimetros sobre um comprimento até 55 centimetros.

Tem as pernas e o bico de um amarello vivo e brilhante e a plumagem de um pedrez semelhante ao de gallinha d'Angola. Eleva-se á grande distancia da terra nas horas calmosas do dia e alli desprende o seu canto, que semelha o som agudo de uma requinta. O seu cantar nas alturas serve de barometro aos indios, que quando o ouvem, costumam dizer « temos bom tempo ».

Não ha passaro que escape á sua voracidade e fereza. No centro das florestas virgens, nas campinas e nas margens dos rios, é elle encontrado sempre fazendo presas como um audaz corsario.

Não poucas vezes escrevia-me o Sr. Dr. Romualdo de S. P. de Andrade, a quem devo esta e muitas outras noticias, não poucas vezes tenho-o visto apresentar-se repentinamente no meio de um bando de *ciganas*, aturiás, em lingua geral ou tupica, e precipital-as todas entre as algas do rio, para ir dalli tirando uma a uma, a fim de comer-lhes sómente os miolos. Causa dó ouvir o grasnido lamentoso que soltam as pobrezinhas sem entretanto procurarem na fuga meios de salvação!

Parece que cedem á força magnetica do *japacamin*, assim como o jacaré cede á da onça.

E já que fallo nesta ave de rapina, vem appello mencionar uma outra, notavel sobretudo pela aversão que tem ás cobras.

E' a *acauán* ou *macuan*. Canta, parecendo que repete o nome pelo qual é conhecida e isto em tom alto e prolongado.

Tem a cabeça grande e cinzenta, a barriga, o peito e o pescoço vermelhos, as costas pardas, as azas e a cauda pretas, malhadas de branco. Os supresticiosos julgam-na agoureira de grandes males e calamidades. Os indigenas, quando esperam algum hospede, affectam conhecer pelo canto desta ave o tempo em que aquelle deve chegar.

A *acauan* é inimiga das cobras: quando succede ver alguma, tem como que certa senha, que, usando della, apparece logo uma outra *acauan*: repentinamente investem ambas á cobra, por maior que seja esta, por diversos lados, escudando-se em uma das azas: em quanto a cobra está occupada com a que tem em frente, a outra fere-a pelo lado opposto e dest'arte cançam-na e matam-na para comerem-na.

Diz o Sr. Gonçalves Dias que a *acaun* sustenta os filhos com cobras e pendura as pelles destas, como trophéos, na arvore em que habita. Tambem diz que os ovos da *acauán*, seccos e reduzidos a pó, são um antidoto poderoso contra o veneno das cobras.

E' tambem muito vulgar ahi á margem dos lagos de Saracá, assim como em muitos outros lagos, um pequeno pato de dous centimetros de comprimento sobre um de largura, a que dão o nome de *Ipequy*.

E' o *Ipequy* a especie mais pequena da ordem dos palmipedes. Tem o bico pardo, chato e arredondado na extremi-

dade, como o do pato, a plumagem é tambem pardacenta, as pernas vermelhas e a cabeça circulada de uma facha branca.

Habita as margens dos rios e lagos de agua preta e leva constantemente a nadar. Vive só ou quando muito em casal. As femeas põe dous ovos, que produzem sempre um novo casal. Logo que os filhos sáhem da casca ferram o bico no dorso da mãi, junto ao tronco das azas e ahi vivem até poderem procurar por si o sustento. « Isto assevero, escrevia-me ainda o Sr. Dr. Paes de Andrade, porque tenho por muitas vezes observado. Talvez de um facto semelhante nascesse o que se diz do *pelicano*, isto é, que se sustentam os filhos do proprio sangue da mãi. »

Em uma ilha do lago de que teve o nome ou antes na mais formosa ilha do lago, na raiz de uma serra e olhando para o oriente, existe a freguezia de *Saracá*, hoje villa de *Silves*, cujo aspecto é por demais magestoso para quem de longe a contempla.

Aldêa, com o nome de *Saracá*, sob a direcção dos religiosos mercenarios, foi em 1759 elevada á categoria de villa, com a denominação que hoje tem, pelo governador Joaquim de Melio Povoas.

Eis a cópia do respectivo auto, mandado lavrar pelo dito governador:

« Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos e cincoenta e nove, aos sete dias do mez de Março do dito anno, nesta aldêa de Saracá e praça publica, aonde veiu o Sr. governador desta capitania Joaquim de Mello Povoas, e estando ahi na mesma praça publica da referida aldêa junto o povo della e mais officiaes de milicias, que se achavam presentes, pelo referido Sr. governador foi dito que elle, em observancia das ordens que sua magestade lhe mandava, erigia esta aldêa em villa, com o nome de Silves, e que elle assim a dava por creada.

« Logo no mesmo lugar foi levantado o pelourinho, e por todo o povo dito por tres vezes « VIVA el-rei. » Do que tudo mandou fazer o dito Sr. governador a mim escrivão este auto, em que assignaram as testemunhas que presentes estavam. » (*Seguem-se as assignaturas.*)

Passando a ser simplesmente freguezia, foi de novo elevada á categoria de villa, por lei provincial de 21 de Outubro de 1852.

Segundo o ultimo recenseamento, a população da villa e seu termo é de 3.157 almas.

Além da igreja matriz, que é uma das maiores da provincia, tem a freguezia tres capellas filiaes: a de Nossa Senhora do Rosario de Jatapú, edificada por Manoel Antonio, *tuchaua* ou principal dos Pariquis; a de Sant'Anna do Atumã, edificada em 1845 pelo *tuchaua* dos Aruaquis, Caetano e pelo tenente Vicente Ferreira de Macedo; e finalmente a capella de Sant'Anna do Paraná-miry, que é propriedade dos herdeiros de Crispim Lobo de Macedo, por quem foi edificada.

Por acto do governo provincial de 16 de Janeiro de 1874

foi o municipio de Silves elevado a termo, com fôro civil e jury.

Os generos que exporta são: cacáo, pirarucú, borracha, castanha, breu, estôpa, cravo, oleo de copahyba e algum tabaco.

A farinha, o milho e o café mal chegam para o seu consumo. O arrôz e o feijão vão-lhe do Pará, e por causa da extracção da borracha vai definhando a sua lavoura.

Um dos generos de exportação em que mais prima esse municipio é o da manteiga de ovos de tartaruga.

Não vem fóra de proposito mencionar aqui o processo por que a fabricam nas duas provincias do valle do Amazonas.

Cavam na praia os ovos que as tartarugas alli depositam durante a vasante dos rios. Enchem com elles uma montaria ou canôa pequena, esmagando-os com os pés, como fazem os amassadores de barro, e, deitando-lhes um pouco d'agua, deixam á natureza o trabalho de separar das outras materias, que entram na composição do ovo a parte gordurosa, a qual fica na superficie, de onde é tirada para se depurar em taxos ao fogo.

Depois, ou enchem potes com ella, se o lugar em que foi fabricada não fica longe de algum povoado ou porto de embarque, ou levam-na em grandes coxes para esses portos, e dahi passam-na para potes, como apparecem no mercado.

Os coxes são tóros, de muitos palmos, de grandes cedros ou outras quaesquer arvores grossas e pouca rijas, nas quaes abrem um grande bôjo, em que depositam a manteiga, fechando-os depois com uma tampa, tambem de madeira, que calafetam.

Tem elles a vantagem, sobre qualquer vasilha, de virem boiando, amarrados a uma espia ou corda e puxados por uma montaria, se a viagem é em agua morta ou em rio abaixo.

No tempo em que o celebre naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira visitou o Pará, era a manteiga dos ovos de tartaruga uma das industrias ahi mais usadas; e o processo era então pouco mais ou menos o que ainda hoje se emprega. Eis como elle o descreve.

« Juntam-se aos montes nas praias os ovos que se descobrem nellas; se se quer que funda mais a manteiga, deixa-se fermentar, de 4 a 5 dias, mas então ella sahe rançosa e com máo cheiro. Se os ovos se preparam frescos, são logo mettidos em uma canôa, que de proposito está reservada para este uso, e aos pés os vão pisando, como em Portugal se faz ás uvas.

« Sobre os ovos pisados lançam agua, a qual depois de mechida e encorporada com elles, deixa sobrenadar o oleo; com a mesma agua se dissolve parte da clara: as cuias e com preferencia as valvulas das conchas *itans*, são as colheres com que tiram de cima d'agua o oleo que sobrenada e o lançam dentro dos tachos. Segue-se irem ao fogo, esfriar depois a manteiga em panellões á parte e delles mudar-se para os potes. Esta manteiga serve para temperar o comer, frigir o

peixe, entreter as luzes domesticas e se encorporar com o breu, quando o fazem para calafetarem canôas.

« Tambem se faz manteiga das banhas da tartaruga, accrescenta elle. Consiste o methodo de as fazer, em frigir simplesmente as banhas. Se as fregem frescas, a manteiga sahe boa para com ella se temperar o comer, nem se lhe presente cheiro, nem sabor máo. Não usam della para luzes, porque nem ella é tanta como a dos ovos, nem se conserva fluida como a delles. »

A'cerca do desovamento das tartarugas prefiro a fazer descripção propria, transcrever aqui a minuciosa noticia que dá o padre Antonio Vieira.

« Nos mezes de Novembro e Dezembro, escreveu aquelle homem, tão conhecedor das cousas do Pará, sahem do rio grande quantidade de tartarugas, que vêm criar nos areaes de algumas ilhas, que pelo meio deste Tocantins estão lançadas. O modo da criação é enterrarem os ovos que cada uma põe em numero de 80 até 100, e cobertos com a mesma arêa os deixam ao sol e á natureza, a qual sem outra assistencia ou beneficio da mãi, os cria em espaço pouco mais ou menos de um mez. Destas cóvas sahem para as ondas do mar por instincto da mesma natureza, a qual tambem os ensina a sahir de noite e não de dia, pela guerra que lhes fazem as aves de rapina, porque toda a que antes de amanhecer não alcançou o rio, a levaram nas unhas. Sahem estas tartaruguinhas tamanhas como um caranguejo pequeno, mas nem esta innocencia lhe perdoaram os nossos indios, comendo e fazendo matalotagem porque são delicia e havia infinidade dellas. Os portuguezes as mandam buscar aqui e as têm por comer regalado, e a mesma informação nos deu tambem o padre Manoel de Souza, o qual está já tão grande pratico, que sendo todos os outros, que aqui viemos, mazombos, elle é o que menos estranha esta differença de manjar.

« A estas mesmas praias vêm no seu tempo quasi todo o Pará a fazer a pesca das tartarugas, que cada uma pesa ordinariamente mais de uma arroba; e assim as tem em curraes ou viveiros, onde entra a maré e as sustentam, sem lhes darem de comer, salvo algumas folhas de aninga, arbusto que nasce pela borda dos rios, sustentando-se dellas quatro e seis mezes.

« A carne é como a de carneiro e se fazem della os mesmos guizados, que mais parecem de carne, que pescado. Os ovos são como os de gallinha, na côr, e quasi no sabor, a casca mais branca e de figura differente, porque são redondos, e delles bem machucados se fazem, em tachos as bellas manteigas do Pará; e o modo com que se faz esta pesca requer mais noticia que industria, pela muita cautela e pouco resistencia das tartarugas. Quando vêm a desembarcar nestas praias, trazem diante de si duas, como sentinellas, que vêm a espiar com muita pausa; logo depois destas, com bom espaço, vêm oito ou dez, como descobridores do campo, e depois dellas, em maior distancia, vem todo o exer-

cito das tartarugas, que consta de muitos milhares. Se as primeiras ou as segundas sentem algum rumor, voltam para traz e com ellas as demais e todas se somem em um momento; por isso, os que vêm á pesca se escondem todos por detras dos matos e esperam de emboscada com grande quietação e silencio.

« Sahem pois as duas primeiras espias, passeiam de alto a baixo toda a praia e como estas acham o campo livre, sahem tambem as da vanguarda e fazem muito de vagar a mesma vigia, e como dão a campanha por segura entram á agua e voltam, e depois dellas sahe toda a multidão do exercito com os escudos ás costas e começam a cobrir as praias e a correr em grande tropel para a mais alta dellas. Applica-se cada uma a fazer sua cova e quando já não sahem mais e estão entretidas, umas no trabalho, outras já na dôr daquella occupação, rebentam então os pescadores da embuscada, tomam a parte da praia e remettendo ás tartarugas, não fazem mais que ir virando e deixando; porque estando viradas de costas, não se podem mais bolir, e por isso estas praias e estas tartarugas se chamam de viração »

Nesta circumstanciada e muito exacta noticia apenas accrescentarei algumas palavras.

Dias antes do desovamento, costumam as tartarugas ir estacionar nos baixios fronteiros á praia e ahi como sentinellas vigilantes, levam a boiar de instante a instante, como espreitando a praia. No dia anterior ao desovamento, sahem á praia, por alta noite, e mui cautelosamente, duas tartarugas, sendo uma de grandes dimensões e que faz como de ordenança ou guarda costas, e outra pequena, de casco branco, a que denominam «mái das tartarugas » Percorrem ambas a arêa mais saliente da praia e se a julgam no caso de servir, traçam alli as linhas divisorias do *taboleiro*, isto é, do perimetro em que devem desovar, e cuja demarcação, salvo caso de força maior, é respeitada pelo exercito das tartarugas. Embora esteja demarcado já o *taboleiro*, nunca sahem á praia para desovar em tempo chuvoso e sómente quando o céo está limpo e sopra vento de leste ou geral.

Terminado o desovamento, voltam ao rio, e alli estacionam, boiando incessantemente e espreitando o taboleiro, como para chocarem os ovos á imitação dos jacarés, até que das covas possam sahir as tartaruguinhas.

O rio *Atumã* ou *Uatumã* lança-se no Amazonas entre o lago *Saracá* e o ribeiro *Cararaucú*, cinco leguas acima de sua foz recebe pela margem esquerda o rio *Jatapú* e 35 acima desta o rio *Paranápitinga* pela margem direita. Corre de norte para sul, geralmente em leito desigual e pedregoso. Tem differentes cachoeiras que mais ou menos lhe embaraçam a navegação. São apenas conhecidas as seguintes: Maximiana, é a maior das que são conhecidas, Caparú, Uauassú, Muruty, Balbina, (pequenas), Tucumari (grande), Itapiranga (pequena e além da foz do Paranápitinga), Iauácaca, Tabocas (grandes).

Desta ultima cachoeira para cima é ainda desconhecido o curso do rio.

As aguas do *Atumã* são escuras e piscosas e nas suas margens abundam o breu, o cravo e a copahyba. Nas matas encontram-se differentes madeiras, sendo mais notaveis as seguintes: angelim, acapurana, carapanáuba, capitari, castanheiro, itaúba, itaúba-jutairana, itaúba preta, itaúba-rana, jacarandá, jutahy-assú, jutahy-miri, louro preto, louro amarello, louro-branco, maçaranduba, murajuba, maparajuba, macacaúba, páo de rosa, páo amarello, páo pintado, tatajuba, uacapúrana.

Rega este rio e seus confluentes um extenso territorio ainda pouco conhecido, no qual se presume terem-se refugiado muitas nações indigenas, para se subtrahirem á perseguição dos exploradores. Dellas apenas posso mencionar a tribu dos *Bonaris*, que viviam nas altas florestas do rio *Atumã*.

Eram os *Bonaris* indios de phisionomia alegre e expansiva, de muito boa indole, doceis, asseiados e amigos do trabalho. Levados para Sant'Anna do Atumã, por diligencias do padre Nuno Alves do Couto, foram infelizmente ceifados em pouco tempo pela enfermidade, de modo que delles apenas existe uma mulher, que reside em Silves.

Ao illustrado vigario de Silves devo o prazer de transcrever aqui as seguintes palavras do dialecto *Bonaris*:

Deus *Tupan*.
Céo *Maica-paá*.
Terra *Nonó*.
Ar *Cabù*.
Fogo *Uatù*.
Agua *Tuná*.
Luz *Ataquicê*
Sol *Ueiù*.
Lua *Quecê*.
Trovão *Darará*.
Chuva *Cunobá*.
Vento *Iriané*.
Frio *Tecominhoá*.
Calor *Atupeuá*.
Rio *Tuná*.
Homem *Uqueré*.
Mulher *Uauri*.
Cabeça *Iriopó*.
Vista *Nurubá*.
Ouvido *Pianaré*.
Filho *Mecó*.
Irmão *Mimien*.
Marido *Unhô*.
Esposa *Upuiten*.
Peixe *Uutu*.
Um *Abané*.
Dous *Pademacá*.
Tres *Uruá*.

Cinco *Abacai*.
Olhos *Nurubá*.
Velho *Tapoucù*.
Velha *Nafoucu*.
Branco *Tiadá*.
Preto *Tapaiuna*.
Casa *Abenó*.
Arco *Urapá*.
Frecha *Purênà*.
Corda *Ubudiana*.
Criança *Pitianhen*.
Dente *Jorê*.
Moça *Meacabá*.
Avô *Tamunhã*.
Avó *Uemi*.
Almoço ou jantar *Ahivana-cocen*.
Dança *Timiará*.
Segunda feira *Mocoin*.
Terça feira *Uruá*.
Quarta feira *Catatié*.
Quinta feira *Ipina nhuman*.
Sexta feira *Ianano*.
Sabbado *Abacaêna*.
Eu *Nuané*.
Tu *Jarunuané*.
Elle ou ella *Amurú*.
Nós *Aman*.
Elles ou ellas *Itiabá*.

Existem no rio *Atumã* duas povoações: a de *Uatumã*, fundada em 1814 por Chrispim Lobo de Macedo e formada de indios *Aruaquis*, e a povoação de *Jatapú*, fundada em 1819 pelo *tuchaua* dos *Pariquis* Manoel Antonio da Silva; sendo esta logo acima da foz do rio, que lhe deu o nome e aquella cinco leguas mais distante.

Immediatamente abaixo da sua entrada no Amazonas, onde toma o nome de *Paraná-miri da Capella*, principia a corrente do *Cararaucú*. E' tão violenta ahi a correnteza do rio, que obriga o viajante a procurar a margem opposta. Na extrema norte ha um *caldeirão*, cujo estampido se faz ouvir a algumas milhas de distancia.

No rio Jatapú ha as seguintes cachoeiras conhecidas:

— *Cururú* ou *Cachoeira-grande*: é a maior de todas.
— *Uanamã*: é pequena.
— *Picapau*: é grande.
— *Passarinho*: é pequena.
— *Paraná*: é pequena.
— *Caxiri*: é grande.
— *Carajurú*: é pequena.
— *Sapucaia-roca*: é grande.

Desta ultima cachoeira para cima é desconhecido o curso do rio.

Pela margem direita entra no Amazonas o rio *Urariá* (1) ou *Tupinambarana* ou ainda *Ramos*, nome por que é geralmente conhecido.

Este rio augmenta o volume de suas aguas, recebendo as dos rios *Canumã*— *Abacaxis*— *Apiuquiribó*— *Apoquitiba* ou *Apucutava*—*Maué-assú*—*Maué-miri*—*Maçauary*—*Andirá* (2) —*Mamurú* e *Uaicurapá* (3) e tambem dos lagos *Maximo*, *José-miri* e *José-assu'*.

---

(1) Disseram-me pessoas da localidade, que tinha este rio o nome de *Uraria'* porque em suas margens abundava o cipó *uirary*, com que preparam os indios o celebre veneno do mesmo nome.

Fallando deste cipó que em grande quantidade cresce nas margens do Rio Branco, diz o Sr. Gustavo Wallis:

« Com esta planta a natureza novamente deu a prova de que o aspecto exterior das plantas venenosas, mesmo para os olhos do leigo, não deixa desmentir o seu caracter duvidoso e maligno.

« Contemplando-se as folhas veem-se cobertas, não só em cima como em baixo, de cabellos vermelhos. A nervura do mesmo modo tem o seu que de extraordinario, partindo do fundo da folha em fórma triplice, e mais adiante vai partindo do nervo principal um par de nervos filiaes, correndo assim cinco nervos longitudinalmente pela lamina da folha á ponta. Não só a folha, mas tambem os pedunculos e até os ramos, são cobertos de cabellos. Só os ramos mais desenvolvidos apresentam-se descobertos, tendo porém uma casca grossa e rugosa, sendo esta a parte daplanta, que serve para o fabrico do veneno. »

(2) Nas barreiras da foz do rio *Andirá* encontra-se em grande quantidade excellente tabatinga vermelha e tabatinga branca ou giz.

Disse-me o Rvd. Sr. vigario Manoel Justiniano de Seixas, sobrinho do fallecido senhor arcebispo marquez de Santa Cruz, que foi com esse giz, diluido em agua e leite de sorva, que caiou as paredes da velha matriz do Andirá, que não só ficaram alvissimas, como não deixam vestigios nas roupas dos que nellas se encostam. Disse-me tambem que havia com abundancia tabatinga amarella da melhor qualidade no rio *Araticú*, cabeceira do *Andirá* e que nas matas que margêam este rio ha arvores de páo-brasil.

(3) Ha no rio *Uaicurapá* á uma legua de distancia da fóz, uma ilha denominada do *Cavallo Marinho*.

Forma ella uma bella collina; que domina aquellas circumvisinhanças

E' crença geral entre os indios e que se foi tambem transmittindo á gente civilisada, que por alli habita, que no cimo da collina existe um lago, que é habitado por um grande peixe, que tem as fórmas de um cavallo. D'ahi pois o nome de ilha do *Cavallo Marinho*.

Sendo ella toda de terra firme, isto é, não sujeita ás inundações, de bello aspecto e de terreno proprio para a lavoura, é entretanto tal o terror que incute o phantastico monstro, que ninguem ainda ousou explorar a ilha, achando-se ella completamente deserta. No verão e quando as praias mostram-se descobertas, encontram-se em differentes pontos uns como residuos, nos quaes notam-se ossos, escamas, pennas, etc. Dizem os indios que são as fezes lançadas pelo peixe mysterioso.

O *Urariá* ou *Tupinambarana* ou *Ramos* não é mais do que um braço que o *Madeira* deita para E., 12 leguas acima de sua fóz, entrando no Amazonas 50 leguas abaixo della (1).

E' ainda conhecido pelo nome de *Furo de Canumã*.

Forma este *furo* a ilha de *Tupinambarana*, mais conhecida pelo nome de ilha de *Maracá*, e que é talvez a maior das ilhas do Amazonas, depois da de *Marajó*.

Demora a ilha de *Maracá* á margem direita do Amazonas, formando na parte superior a foz do *Ramos* e na inferior a do Paraná-miri do *Limão*, que a separa de *Villa Bella*.

Na sua longa extensão, que é calculada em 50 leguas, abrange ella a margem esquerda do mesmo Ramos até a divisão da ilha em que está situada *Villa Bella* e contém em si differentes lagos, de que são mais notaveis os seguintes: *Urucurituba*, *Sumauma*, *Paulo*, *Bôto*, *Saracura* e *Muratinga*, nos quaes preparam-se milhares de arrobas de *pirarucú*; e finalmente o *Bahiano*, onde se trabalha em borracha.

Quasi todos esses lagos são habitados e em um delles, o *Sumauma*, a criação de gado tem apresentado resultados satisfactorios, bem como na margem do *Limão*.

No lado da ilha banhado pelo *Ramos*, tambem lisongeiro é o estado da agricultura.

Segundo a opinião mais geral, diriva-se o nome da ilha da tribu *Maracá*, que habitando á beira mar, e envolvida no exterminio que soffreram os *Tupinambás* dos quaes era alliada, teve de fugir, achando nesta ilha seguro asylo.

Diz-nos a historia que exterminados os *Tupinambás*, no tempo do governo do Dr. Antonio Salema, para o norte retirou-se o resto da grande nação, e que detida pelo Amazonas, estabeleceu-se á margem meridional do grande rio.

Tambem diz-nos que com os Tupinambás foram levas de outras nações, como os *Maracás*, *Tupiaes*, etc. Dessa reunião de gente de diversas nações, sem duvida de costumes e usos differentes, parece que nasceu a incerteza em que se acharam os indigenas do Amazonas de reconhecerem nesses restos, que se subtrahiram á perseguição dos conquistadores, os verdadeiros Tupinambás e d'ahi certamente procede a denominação de *Tupinambarana* (Tupinambá não verdadeiro) (2), que não só deram á ilha, como tambem a seus

---

(1) A' margem direita do *Ramos*, no espaço que fica entre a fóz do Paraná de *Maués* e a do lago das *Garças*, observa-se no verão uma especie de *pororoca*, da qual até hoje se ignora a origem. Denuncia-se o phenomeno por um entumescimento rapido na superficie das aguas e sómente naquelle espaço e margem, o qual occasiona uma ondulação mais ou menos forte, segundo a sua maior ou menor intensidade e desapparece com a mesma rapidez, deixando nas areias molhadas da praia o vestigio da sua passagem.

(2) *Rana*, diz o Sr. G. Dias, exprime degeneração, illegitimidade, falsidade de objecto a que se applica. *Itajubá-rana*—ouro falso—*Canarana*—cana bravia—*Juniparana*—jenipapo do mato—*Tupinambá-rana*, filho illegitimo, que não é verdadeiro.

habitantes e a outros da mesma origem e procedencia, que fizeram assento em terras do rio *Uaycurapá* e que annos depois retirararam-se para o rio *Tapajóz*, onde fundaram a aldêa de *S. Ignacio*, missionada pelos jesuitas e actualmente conhecida pelo nome de *Boim*.

Quando o padre Christovão da Cunha, em sua viagem de Quito em companhia de Pedro Teixeira, desceu o Amazonas, foi na ilha *Maracá*, que ouviu a narração das façanhas bellicosas das amazonas que Orellana disse ter encontrado na foz do Nhamundá.

E' admiravel a uberdade do solo da ilha de *Maracá*, e aquelles que a procuram para alli se estabelecerem, vêm sempre compensado o trabalho que empregam.

Infelizmente, porém, muito pequena tem sido até agora a corrente da população, e á excepção da margem do *Ramos*, onde ha alguns sitios bem plantados, ainda a ilha se acha muito deserta.

E por fallar na ilha de *Maracá*, não será fóra de proposito dizer aqui algumas palavras ácerca desse celebre instrumento a que dão os indios o nome de *maracá*.

E' o *maracá* dos indios um instrumento de côco grande ou sapucaia, preso a uma pequena vara, e dentro do qual mettem seixos ou caroços de varias frutas, duros e accommodados a fazer muito ruido servindo-se dos menores nas suas festas e dos maiores nas guerras.

O *maracá*, diz o capitão-tenente Amazonas, instrumento sagrado dos *payés*, é uma fruta silvestre, de casca durissima, configuração oblonga, e oito pollegadas de extensão, a qual secca torna-se ôcca e seus caroços soltos, e como que petrificados, prestam-se ao effeito do som, que se lhe tira por meio de oscillações.

Martius negou o uso mistico deste instrumento; entretanto que *Odoland-Desnos*, em sua mythologia, eleva o *maracá* a uma divindade do paganismo brazileiro, a qual era invocada nas grandes occurrencias da nação.

« Estes *maracás*, escreve o padre Vieira, eram propriamente os seus cymbalos ou sinos, tanto assim que depois que viram os sinos de que nós usamos, lhes chamam *itamaracás*, que quer dizer *maracás* ou sinos de metal. »

Davam o nome de *maracatim* ou *maracatisás* canôas que preparavam para o serviço da guerra e differençavam-se das outras por levarem hasteado á prôa um *maracá*, com o fim, suppõe alguns de entibiarem, pelo som deste instrumento, o ardor dos contrarios.

Ainda hoje dão o nome de *maracatis* aos nossos navios de guerra e o de *maracatiára* aos commandantes.

O Sr. G. Dias dá o nome de *igaratins* ás canôas em que iam os chefes e que se differençavam das outras em terem um maracá na prôa.

« As maiores embarcações dos indios, diz ainda o padre Antonio Vieira, chamam-se *maracatim*, derivado o nome da palavra *maracá*, que, como dissemos, significa entre elles *sino*, e a razão de darem este nome ás suas maiores embar-

cações, era porque quando iam ás batalhas navaes, quaes eram ordinariamente as suas, punham na prôa um destes *maracás* muito grandes, atados aos gurupézes, ou páos compridos, e bolindo de industria com elles, além do movimento natural das canôas e dos remeiros, faziam um estrondo barbaramente bellico e horrivel.

« E porque a prôa da canôa se chama *tim* (tirada a metaphora do nariz dos homens ou do bico das aves, que tem o mesmo nome), e juntando a palavra *tim* com a palavra *maracá*, chamavam aquellas canôas ou embarcações maiores *maracatim*; e este nome usam ainda hoje e com elle nomeam os nossos navios. »

No Paraná-miri do *Limão*, que divide a ilha de Maracá da ilha em que está assentada Villa Bella, está o lago *Meruxinga*, que é o nome que dão a uma pequena mosca, que alli abunda. Dizem que tal é a quantidade, que ha occasiões em que nem se póde fallar. Observam os que por alli passam, que ellas surgem do fundo do lago e voam logo que chegam á superficie.

A ilha em que se acha situada *Villa Bella*, cabeça da comarca de Parintins, é contorneada ao norte pelo Amazonas, ao sul pelo *Ramos*, a oeste pelo Paraná-miri do *Limão* e a sudoeste pelo Paraná-miri do *Limãozinho*. Está situada a villa sobre a barranca do Amazonas, em uma planicie magnifica, que vai terminar nas margens dos lagos da *Francesa*, *Macurani*, *Aninga*, e *Redondo*, e do rio *Paraná-nema*. No centro dessa planicie ha uma campina espaçosa, a que denominam, *Campo grande*.

O lugar que hoje a villa occupa, era occupado por uma fazenda, de propriedade do capitão José Pedro Cordovil, que alli foi estabelecer-se com o fim de applicar seus escravos e aggregados á pesca do pirarucú nos lagos existentes na ilha. Obtendo, no reinado de D. Maria I, por sesmaria, todo o terreno comprehendido da foz do lago *Mirity* á do lago *José-assú*, onde ainda hoje se vêm alguns cacoaes por elle plantados, mudou a sua residencia para o lugar que lhe fora concedido e offereceu á rainha o sitio que tinha na ilha e que foi aproveitado, mandando a soberana fundar alli uma missão com o nome de *Villa Nova da Rainha*.

Seu primeiro missionario foi o carmellita Fr. José das Chagas, que lhe prestou immensos e importantissimos serviços. Um delles foi a viagem que fez ao rio *Guarajatuba*, de onde conduzia varias familias da tribu *Maués*. Estabelecidas estas na nascente povoação, applicaram-se ao trabalho de roças e cafezaes nas margens pittorescas do rio *Paraná-nema* e do lago *Macurani*, proximos ao povoado.

Por alguns annos estiveram alli aquelles indios, mas desgostosos com a retirada do missionario, abandonaram muitos as casas que tinham na povoação e espalharam-se pelos rios *Mamurú*, *Uaicurapá* e *Andirá*. Foram tambem a isso obrigados, por haverem sido, quasi ao mesmo tempo, remettidos para a missão, por ordem do governador, como exillados, alguns indios de uma tribu do Rio Negro, os quaes viviam

em constantes depredações, causando graves prejuizos á colonia portugueza daquelle rio. Não querendo os *Maués* unir-se a estes, preferiram retirar-se.

A mudança de Fr. José de Chagas foi devida a desintelligencias com o capitão José Pedro Cordovil. Retirando-se da missão de *Villa Nova da Rainha*, foi fundar uma outra com *Mundurucús*, que é a actual freguezia de *Canumã*.

Fr. José das Chagas era o verdadeiro typo do missionario, o amigo dedicado dos indios, que tambem lhe votavam essa affeição sincera e profunda dos filhos dos selvas.

Tratava os seus cathecumenos com a maior doçura ; verdadeiro apostolo da caridade, repartia com elles do que possuia, consolava-os em suas contrariedades, tratava-os com desvelo em suas enfermidades, fornecendo-lhes não só os medicamentos necessarios, como a dieta.

E não era sómente aos indios que estendia a sua generosidade. Possuindo alguma fortuna, della dispunha em beneficio publico e principalmente na sustentação e brilhantismo do culto. Em testemunho desta asserção, ainda estão em Villa-Bella os ricos paramentos, que servem nas grandes solemnidades, o frontal, o missal e outros objectos, que por elle foram comprados e doados á matriz.

Tambem foi por elle doado ao seu convento em Belém, no tempo em que alli serviu de prior, o orgão, que ainda hoje lá funcciona.

Depois de uma vida affanosa, toda dedicada as serviço do proximo e á catechese dos indios, já adiantado em annos e em estado de caducidade, falleceu na Villa de Borba, deixando nessa parte do Amazonas um nome que por largos annos alli será repetido com a mais profunda veneração e respeito.

Fallava Fr. José das Chagas com muita graça e propriedade a lingua geral ou tupica e no pulpito sómente della fazia uso quando se dirigia aos indios.

Foi o verdadeiro Las-Casas e Anchietta da Mundurucania. *Villa Bella da Imperatriz* talvez só a elle deva a sua existencia e a sua tal ou qual prosperidade ; *Canuman* mereceu-lhe particular solicitude ; a aldêa de *S. José de Matary* foi, por assim dizer, creada por elle ; *Borba* sentiu os effeitos de sua mão beneficente ; em uma palavra, toda a região da Mundurucania conserva ainda bem viva a lembrança do seu nome, das suas virtudes e dos seus beneficios.

Elevada a missão de *Villa Nova da Rainha* á freguezia, foi per deliberação do conselho geral da provincia do Amazonas, denominada *Tupinambarana* ; e elevada á villa, por lei provincial de 15 de Outubro de 1853, passou a denominar-se *Villa Bella da Imperatriz*.

Seria hoje o municipio de *Villa Bella da Imperatriz* o mais importante da provincia do Amazonas, se a emigração para os seringaes não houvesse tolhido o seu engrandecimento. A plantação de cacáo desenvolveu-se por algum tempo em larga escala, mas o desejo de *amontoar riquezas em poucos annos*, como costumam apregoar os interessados na extracção

da borracha, veiu paralysar de alguma sorte essa verdadeira fonte de riqueza. Entretanto ainda o municipio de Villa Bella é o que, na provincia do Amazonas, exporta maior quantidade desse genero.

Tambem é feita, em não pequena escala a salga do pirarucú, que é exportado para os mercados do Pará (1).

---

(1) A *salga do pirarucú* é uma das cousas mais curiosas do Amazonas.

E' feita annualmente nos lagos e dura pouco mais ou menos tres mezes.

Começa quasi sempre em Setembro, quando já tem baixado os lagos deixando a descoberto as praias.

Principia então a emigração. Os filhos do Amazonas, que habitam o povoado, retiram-se para os sitios em que é costume fazer-se a salga e levam comsigo não só os petrechos da pesca, como tudo quanto em casa possuem.

As montarias cortam as aguas dos rios; é uma verdadeira emigração de familias inteiras, que deixam a casa completamente abandonada. Depois de haverem escolhido um sitio asado, levantam uma pequena barraca de palha e alli passam os tres mezes de salga, que chamam de fartura, pescando piracurú, salgando-o e seccando-o ao sol em giráos, para venderem-no aos negociantes, que la mesmo o vão buscar.

E' assim pois que despovoam-se por esse tempo as villas e sitios á margem do Amazonas, ficando semeados de barracas, a que dão o nome de feitorias, os lagos de salga, como o *Parú* e o *Lago Grande* no districto de Obidos e o *Muriacú* e *Mucuricanan* no districto de Faro.

Alli, fumando o seu cigarro de *Tauary*, que dura o dia inteiro e ás vezes mais de um dia, vê-se o pescador correndo o lago, sentado á prôa de uma canôa, que leva na pôpa um remo amarrado para aguental-a, e remando de quando em vez, mas muito de manso, á espera que o peixe boie. Fal-o este ás vezes com tal rapidez, que só a vista fina do pescador adestrado é capaz de conhecer a direcção que tomou, pela impressão da cauda do peixe, que fica á superficie das aguas. Então rapido atira a hastea, feito o necessario desconto e vai pegal-o no fundo, onde mais seguro parecia estar.

Outras vezes reunem-se muitos pescadoros, postos em linha, percorrem o lago em uma mesma direcção e todos n'uma mesma posição obrigada á prôa das canôas, com as hasteas mettidas n'agua, mas de modo que a fisga não toque no fundo, o que evitam, tomando primeiro a altura das aguas.

Assim fazem seguir as canôas, á espera que a fisga esbarre no peixe, e logo que o sentem, recuam a hastea e impellem-na com força na direcção que suspeitam ter seguido o peixe. Chamam a isto pescar de fisga, o que não só é mais difficil, por não se poder conhecer facilmente o movimento do peixe pelo simples esbarrar na fisga, como tambem muito mais perigoso, por isso que, sendo o peixe encontrado muito proximo e sendo para diante o impulso dado a hastea, acontece muitas vezes que na occasião em que a fisga entra no peixe, recúa de salto a hastea e póde nesse movimento encontrar o pescador e atravessal-o.

Com os nomes de *pindá-siririca* e *pindá-uáuáca* designam os indios duas maneiras de pescar o *tucunaré* que é um dos peixes aqui mais estimados.

Os dados estatisticos da exportação dos generos de Villa Bella, fornecidos pela repartição fiscal não apresentam a realidade della em vista do grande contrabando que alli se faz, podendo-se sem receio de errar, acrescentar áquelles dados mais uma terça parte. O contrabando é feito em pequenas canôas para o porto de Obidos e dellas baldeado para os vapores que navegam das duas provincias. A diminuição na exportação de Villa Bella faz augmentar a de Obidos, de modo que o municipio desta ultima cidade exporta até generos que não possue. Não ha alli, por exemplo, um só

Consiste a primeira em ligar pequeninas pennas encarnadas ou outra qualquer materia de igual côr, como pedaços de baêta chita, etc., ao estorvo de um anzol (*pindá*) em linguagem indigena, de modo que este fique occulto. Isto feito o pescador segurando a vara do anzol, vai com elle frisando de leve e ligeiramente a face d'agua; então o *tucunaré*, que se alimenta de peixinhos, muitos dos quaes tem as barbatanas encarnadas, vendo esta côr passar a flor d'agua e suppondo ser algum dos que ordinariamente faz o seu pasto, arremessa-se contra o anzol com a voracidade de que é dotado, ficando assim fisgado.

A segunda differe da primeira em que, em vez de ser atada a uma vara a linha do anzol, atam-na á pôpa de uma montaria, que o pescador fazendo correr velozmente á força de remos, faz que o anzol vá tambem correndo á flôr d'agua, e dê em resultado o mesmo effeito que a primeira. Nesta segunda maneira, é necessario que a linha seja muito comprida, para evitar que o ruido dos remos affugente o peixe.

A maneira mais curiosa e quiçá a mais difficil de pescar, é com a frecha. E' sobremodo admiravel a destreza e habilidade com que os indios frecham as tartarugas. Lançam para o ar a frecha, que, subindo, descreve uma parabola, e vai certeira cravar-se no animal, que subiu á tona d'gua para por momentos respirar.

Com o harpão, além do pirarucú, prêam peixes de maior corpulencia, como peixe-boi e outros.

Com as rêdes, nas praias e enseadas, a pescaria é assaz productiva, mórmente na passagem das *piracemas* (cardumes) de jaraquis, uaracús, sardinhas, etc. Tambem servem-se da rêde para apanhar o peixe-boi. Com ella tapam a boca dos lagos em que elle abunda e harpoam-no na occasião em que, querendo sahir, esbarra com o embaraço que lhe puzeram.

Tambem do mesmo modo apanham o irarucú com o *cacury* ou tapagem feita de páos fortes.

A peior maneira de pescar é com o *timbó*, que envenena a agua para envenenar o peixe.

A' noite, com fachos, fazem tambem uma pescaria a que dão o nome de *pira-kera*. Vão duas montarias quasi unidas, levando na prôa archotes feitos com talas da palmeira *uaramã*. Remam com toda a força e o peixe sobresaltado pelo ruido e deslumbrado pelo clarão, começa a pular nas canôas.

Com a *gaponga* tambem pescam. Amarram um osso de uma pollegada de comprimento e de igual grossura a uma linha de uma braça de comprimento presa a um caniço e fazem-no cahir n'agua. O peixe, acudindo ao ruido, engole o traiçoeiro anzol, que o mata.

guaranaceiro, e entretanto exporta centenas de arrobas de guaraná!

Tem a ilha em que se acha Villa Bella, em seu ambito, 22 lagos, que se dominam Macurani, Franceza, Laguinho, Cataca, Boia-assú, Muratuba, Comprido, Uariboia, S. Braz, Acará-miri, Acará-assú, Lago grande, Rodrigo, Piranhas, Colhereira, Paciencia, Isidro, Tracajá, Taiassú, Meruxinga, Redondo e Aninga.

Os dezenove primeiros dão agua para o rio Paranánema.

Ultimamente se tem alli desenvolvido o gosto pela criação de gado e dentro da ilha se acham principiadas 25 fazendas que já contam 850 cabeças.

Quasi no mesmo tempo em que se fundava a missão de Villa Nova da Rainha, hoje Villa Bella da Imperatriz, começava tambem a povoação de *Luséa*, depois *Maués* e actualmente *Villa da Conceição*.

Está situada á margem direita do rio *Maués* (Guaraua-tuba), que á pequena distancia lança suas aguas no *Ramos*.

Foi fundada em 1798 por Luiz Pereira da Cruz e José Rodrigues Preto (e não *Porto*, como se acha no diccionario do capitão tenente Amazonas e na corographia do coronel Ignacio Accioli).

Dos nomes de seus fundadores, isto é, da primeira syllaba do primeiro e da ultima do segundo, formaram a palavra *Luséa*, nome que teve emquanto foi missão.

Elevada á villa, por deliberação do conselho geral, foi-lhe mudada a denominação de *Luséa* pela de *Maués*, que em 1865 foi ainda substituida, por acto da assembléa provincial do Amazonas, pela de *Villa da Conceição*, que ora tem.

Em 1832 foi esta villa theatro de barbaridades praticadas pelos indios *Maués*, que em seu furor assassinaram diversos individuos. Era chefe dessa horda o *tuchaua* Manoel Marques, que depois de terminada a carnificina, foi levar o facto ao conhecimento do ouvidor, na antiga villa da Barra, hoje cidade de Manáos. O missionario carmelita Frei Joaquim de Santa Luzia, é ainda hoje accusado, provavelmente sem fundamento, de ter insinuado aos indios essa matança.

E'de grande importancia o commercio que faz essa villa. com os individuos que de Cuyabá lhe vão comprar guaraná. A despeza, o trabalho e os riscos são grandes para esses homens que entretanto julgam-se compensados pelo alto preço, por que vendem aquelle genero em Cuyabá. Depois de uma penosissima viagem, desembarca o negociante cuyabano em *Itaituba*, porto do Tapajóz, seguindo dalli por terra até o rio *Maués*.

Segue d'alli embarcado até o porto da *Conceição*, onde, depois de effectuada a compra do guaraná, embarca-o em canôa e segue pelo Amazonas, até o porto de Santarem. Deste porto segue o genero embarcado no vapor da companhia de navegação (limitada) do Amazonas, que mensalmente faz o serviço da linha entre Belém e os portos de Tapajóz até Itaituba, onde é recebido nas canôas, que o tem de conduzir a Cuyabá.

Para a compra do guaraná no Andirá, fazem o mesmo trajecto, com a differença de seguirem de Itaituba até aquella freguezia, sempre por terra.

O melhor guaraná conhecido é o que se fabrica no rio *Mamurá*, districto de Villa Bella.

A freguezia de Nossa Senhora do Bom Soccorro do Andirá (1) está situada em uma pequena eminencia, á margem direita do rio Andirá, e de onde se descortina um magnifico panorama.

Foi Manoel da Silva Lisbôa, o primeiro que alli estabeleceu-se com uma pequena fazenda de gado e depois delle alguns indios da tribu *Maués*.

Dividido em quarteirões o districto da Villa Nova da Rainha, a que pertencia o Andirá, foi designado este rio como quarteirão e nomeado inspector um indio chamado Chrispim de Leão. No exercicio do cargo praticou este homem, de indole perversa, actos de tanta barbaridade, que foi necessario destituil-o. Não desanimou porém Chrispim, com esta resolução e seguindo furtivamente para a capital, por tal fórma illudiu o governo, que obteve deste, não só brindes para uma povoação de indios, que elle phantasiou, como recommendação ás autoridades de Villa Nova da Rainha para o protegerem e lhe darem consideração.

Contando com elementos tão favoraveis, não parou Chrispim de Leão no caminho dos desatinos; até que envolvendo-se na revolução de 1835, conhecida pelo nome de *Cabanagem*, pagou com a vida os males que havia causado. A ultima façanha desse máo homem, foi o incendio lançado por sua propria mão á nascente povoação do Andirá. Antes porém que a immensa fogueira ateada por elle houvesse desapparecido, morria Chrispim de Leão, atravessado por uma bala, lançando um ultimo e satanico olhar para a sua obra de destruição.

Ainda hoje no Andirá fallam desse homem com horror e repugnancia.

Ao mando de Chrispim de Leão, sahiram do rio Andirá os mais sanhudos *cabanos*, que atacaram Villa Nova da Rainha, obrigando os habitantes a procurarem refugio em Obidos. Foi ainda esse bando que forneceu muitos auxiliares para o famoso ponto do *Curumucury*, no districto de Obidos.

Terminada a revolução, foi nomeado inspector um outro indio, tambem Chrispim de nome, com quanto de melhor indole; o qual entretanto não deixou de praticar excessos, sendo o ultimo o facto de haver palmatoriado uma india, pelo que foi condemnado pelo jury de Manáos, não chegando porém a cumprir a sentença.

---

(1) A palavra *Andirá* ou *Andéra*, em lingua geral, quér dizer morcego. Proveiu-lhe esta denominação em consequencia da grande quantidade de morcegos. que alli havia. Hoje tem diminuido consideralvelmente essa verdadeira praga.

Por lei provincial de 13 de Maio de 1873, foi transferida a séde da freguezia do Andirá para a margem direita do rio *Ramos*. Parece de summa vantagem essa medida, porque assim evitará em grande parte os prejuizos que soffre a provincia do Amazonas com o contrabando, que se fazia pelas aguas do *Ramos*, sem poder ser impedido, quér pela collectoria de Villa Bella e quér pelas autoridades do *Andirá*.

Na margem direita do rio *Abacaxis* está situada a aldêa deste nome.

Foi seu fundador o *tuchaua* Abacaxis, de quem lhe veiu, e ao rio que a banha a denominação que hoje tem.

Em vida desse *tuchaua*, alli chegou o Dr. José Eugenio, que fugia ás perseguições que em nome do governador e capitão general D. Francisco de Souza Coutinho lhe faziam em Belém, e vivendo cerca de quatro annos entre os Mundurucús, promoveu-lhes o augmento da aldêa, então ainda muito resumida. Livre depois o Dr. José Eugenio das perseguições que o fizeram viver no Abacaxis, retirou-se para Belém. Desgostoso o *tuchaua* Abacaxis com este acontecimento, abandonou a aldêa, então já muito populosa, permanecendo alli apenas dous indios de nomes Manoel Vicente e Alberto Magno. Este apossou-se da casa em que habitára o Dr. José Eugenio.

Depois de alguns annos, um José Machado foi unir-se aos dous moradores da aldêa abandonada, e ahi viveram os tres até o anno de 1835, em que, em consequencia da rebellião que assolou a provincia do Pará, retiraram-se Vicente e Machado para *Maués*, hoje villa da Conceição, onde se envolveram entre os rebeldes Alberto Magno, porém, continuou a viver em Abacaxis.

Ambrosio Ayres Bararoá (1), que, nestes tempos de lutuosas recordações, dictava a lei no Amazonas, mandou fundar um posto militar em Abacaxis. No anno de 1840 o conego Antonio Manoel Sanches de Brito convocou o *tuchaua* Joaquim José Pereira, e o animou a levantar uma capella, visto como nenhuma alli havia. Auxiliado o dito *tuchaua* pelo negociante Antonio Gonçalves Marques, deu começo á construcção da primeira capella, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição da Rocha, cuja imagem, que ainda existe

---

(1) Ambrosio Ayres Bararoá é o nome do famoso caudilho que prestou relevantes serviços á causa da legalidade por occasião da revolução de 1835. Habitando a freguezia de *Thomar*, então conhecida pelo nome de *Bararoá*, tomou elle este appellido.

Conseguindo reunir grande numero de companheiros, com elles praticou actos de subido valor, infelizmente porém alguns mesclados de notavel selvageria.

Commandando uma força no lago *Autaz*, em 1835, cahiu prisioneiro, soffrendo morte barbara da parte dos *Cabanos*, que, antes de lhe fazerem exhalar o ultimo suspiro, suppliciaram-no do modo mais inhumano e cruel

e é muito perfeita, mandou-a o dito Marques vir á sua custa de Lisboa.

O *tuchaua* Joaquim José Pereira e seus parentes prestaram valiosissimos serviços á causa da legalidade contra a revolução da *cabanagem*.

O districto da aldêa de Abacaxis é vastissimo, comprehendendo os rios Abacaxis e Pracony e os lagos Curupira, Jurupary e outros de menor importancia.

A' margem direita do *Ramos*, a seis milhas da foz do Paraná-miri de *Maués*, está situada a pequena povoação denominada *Maçauary*, pertencente ao districto da villa da Conceição.

Tem uma capella, cujo orago é Sant'Anna, edificada pelo vigario geral padre João Pedro Pacheco (1) e reedificada pelo conego Antonio Manoel Sanches de Brito.

A denominação de *Maçauary* provém de ser conhecido por este nome um velho *tuchaua* (2) da tribu *Maués*, que foi o primeiro a habitar aquellas paragens.

Os limites actuaes deste povoado são formados, na parte superior, pela foz do lago das *Garças*, e na inferior, pelo lugar denominado *Tabacal*, tendo communicação com a freguezia do Andirá, pelo *furo* a que dão o nome de estreito de *Maçauary*

Na extensão que estes limites abrangem, estão comprehendidos 58 sitios e cerca de 300 vizinhos.

As terras uberrimas, que se estendem do *Tabacal* ao lago das *Garças* e as de igual natureza no lago *Maçauary*, tem concorrido para a ellas affluir alguma população, com cujo trabalho tem se desenvolvido a agricultura, avultando já a exportação, que alli se faz, de tabaco, café, farinha, guaraná, etc., sendo a margem opposta occupada por cacoaes.

Esforçam-se os habitantes de *Maçauary* para que seja alli creada uma freguezia, medida geralmente reconhecida como necessaria, não só aos interesses publicos como aos particulares, sendo a distancia em que se acham da villa da Conceição, para cujo porto são precisos quasi dous dias de pe-

---

(1) O vigario geral padre João Pedro Pacheco falleceu em Villa Nova da Rainha, hoje Villa Bella da Imperatriz, a 28 de Setembro de 1837.

Mysterio é ainda hoje a causa de sua morte. Havendo soffrido em dous dias consecutivos violentas dôres de cabeça, sem ter tomado alimentação alguma, á excepção de algumas chicaras de café, chamou no dia 27 daquelle mez a Roque Newton Pacheco Arupady, que havia sido seu escravo, e pediu-lhe que o sangrasse nos pés e nos braços. Abertas as veias e perdido todo o sangue, expirava elle oito horas depois.

(2) O nome por que as diversas tribus designam o seu chefe ou maioral, varia conforme as nações. Dão-lhes umas a denominação de *tuchaua*, outras a de *muruchaua*, e no Rio Negro e proximidades do Orenoco a de *cacique*.

nosa viagem, o motivo que mais atúa para procurarem ver realizado aquelle desejo.

Sem receio de errar, posso assegurar que o paraná-miri do *Ramos* em toda sua longa extensão, é a parte da provincia do Amazonas onde mais floresce a agricultura e as plantações de cacáo, mandioca, tabaco, café, milho, etc., que em ambas as margens se prova que o lavrador alli cura com interesse do serviço do campo, tornando-se assim mais solicito pelo seu bem estar.

Achando-se, porém, todo esse territorio dividido por diversas freguezias, faz esta circumstancia, como é reconhecido, tolher de alguma sorte o seu progresso, convindo, portanto, a creação de uma só freguezia, na parte média do rio, visto que para a inferior acaba, com muito acerto, de ser transferida pela lei de 13 de Maio de 1873, a séde da freguezia do Andirá; e tendo o povoado de Maçauary em seu favor razões de preferencia para séde da nova freguezia, concorreria indubitavelmente este resultado para exito favoravel ao commercio e á agricultura.

O rio *Uaycurapá*, que se lança no *Ramos*, é muito abundante em madeiras reaes.

Na sua foz e em uma bella praia está o lugar denominado *Tauaquéra*, onde os jesuitas começaram a edificação de um convento, cujas paredes ainda alli existem, admiraveis sobretudo pela solidez da construcção.

Constando que no circuito, que abrange aquellas paredes havia muitas riquezas enterradas, mais de um individuo tem alli ido fazer excavações, que nenhum resultado tem dado.

No rio *Maué-assú* lançam-se diversos pequenos rios, que lhe engrossam as aguas, sendo os mais notaveis o rio *Limão*, na margem esquerda, o *Perquinha*, na direita, e o *Guaranatuba* a poucas milhas da villa da Conceição. Este ultimo, tão espaçoso como o *Maué-asssú*, é formado á pouca distancia pela reunião dos dous rios *Mirety* e *Curanabi*, ambos insignificantes.

Quasi a vinte leguas de distancia ao sul da villa da Conceição, o rio *Paranary*, recebendo o *Amanã*, toma o nome de *Maué-assú*.

Ha no rio *Paranary*, algumas milhas abaixo das cachoeiras que nelle existem, uma grande pedra, a que denominam *Pedra do barco*, a qual fórma uma gruta de duas braças de fundo horisontal e oito ou dez de comprimento sobre a agua. Vista de longe, semelha um barco atracado na pedra e dahi o nome que tem. A pedra é calcarea, e requissima de conchas fosseis, que muitas vezes, batidas constantemente pelas aguas do rio, desprendem-se pouco a pouco da pedra e ficam, como flores, pendentes do tecto da gruta.

Das cabeceiras do *Limão* passa-se, em tres ou quatro horas, para as do igarapé da *Terra Preta*, affluente do rio *Apoquitiba*, igualmente das cabeceiras do *Perquenha* chega-se á do *Penã-paraná*, braço do *Maué-miri*, que demora áquem do *Maué-assú*, do lado oriental.

O terreno margeado por esses rios é geralmente fertil e presta-se á cultura do café, fumo, algodão, mandioca, guaraná e outras plantas.

A unica tribu oriunda da, hoje, comarca de Parintins, que tem villa Bella por cabeça, é a tribu *Maués*, que vive em malocas situadas nas terras firmes dos rios *Mamurú*, *Andirá* e *Maué-assú*, e algumas nas proximidades do rio *Tapajós*.

Ha tambem no rio *Ramos*, á margem direita, uma pequena aldêa de indios *Muras*, que alli se reuniram a convite de alguns moradores, a fim de se applicarem ao serviço da pesca, no que são muito habeis; mas insconstantes, como geralmente são aquelles indios, e dados além disto ao latrocinio, nada se tem conseguido delles.

Foi na freguezia do Andirá, que tive occasião de assistir á celebre festa dos indios denominada do *Sahiré*.

O *Sahiré*, diz o capitão-tenente Amazonas, é um semicirculo com seu diametro, raios, cordas, etc., tudo forrado de algodão ou arminho enfeitado com fitas e coroado de uma cruz da mesma fórma forrada e enfeitada. Tres mulheres indigenas o carregam, e é muito raro que uma dellas não seja côxa.

Nenhuma das que vi no Andirá era côxa.

Levam o *Sahiré*, dansando e cantando um hymno, ordinariamente em honra da Santa Cruz, da Virgem Santissima e de S. João Baptista, o santo mais popular dos indios os Amazonas.

Eis a letra do hymno, que cantam em lingua geral:

— *Itá Camuti pupé neiássúcaua pitanguê puranga ité.*

E o estribilho em portuguez:

— E Jesus e Santa Maria!

Santa Maria cuian puranga; imemboira iauerá iuaté pupé, oicou curussá uassú pupé; ianga turama rerassú.

E o estribilho.

— E Jesus e Santa Maria.

A tradução do primeiro hymno é esta:

« Em uma pia de pedra foi baptisado o Menino Deus.»

E a do segundo:

« Santa Maria é uma mulher bonita: seu filho é como ella: no alto céo está n'uma cruz grande para guardar a nossa alma.»

Levam o *Sahiré*, diz ainda o capitão-tenente Amazonas, ás mais das vezes quando acompanham alguma imagem á igreja para ser festejada ou quando desembarcam a corôa do Espirito Santo, na vespera da Assenção. Nas festas de S. João e de S. Thomé, que são feitas pelos indigenas, ao dito *Sahiré* acompanha de perto um tambor, tocado por um sujeito, que ao mesmo tempo toca uma gaita. O serio e satisfação com que elle desempenha esta original duplicata, importa uma bem agradavel curiosidade.

A festa do *Sahiré*, cuja instituição é attribuida aos jesuitas, vai hoje cahindo em desuso.

Na comarca do Parintins e sobretudo no municipio de Villa Bella e na freguezia do Andirá, é onde tenho ouvido

fallar mais vezes e quiçá com mais graça a harmoniosa lingua geral ou tupica. Conheço muitas senhoras e de familias bem distinctas, que a fallam com muita graça e desembaraço. Sei que no Alto Amazonas, Solimões, Rio Negro, etc., é por assim dizer, a lingua mais conhecida e mais vulgar. O Sr, padre Manoel Justiniano de Seixas, vigario do Andirá, não só falla-a correntemente com os indios da sua freguezia, como, além de um pequeno diccionario que escreveu e corre impresso, está actualmente escrevendo, nessa mesma lingua, um compendio de doutrina christã.

Não me levará a mal o publico o transcrever aqui o capitulo preliminar do mesmo livrinho.

« *Auá taa yanê munham.* »

— Quem nos creou?

« *Tupana.*

— Deus.

« *Maarama cuité yane munham Tupana?*

— Para que nos creou Deus?

« *Yacuáo arama aê, saicu arama, puranquê arama ichupe, qua-a rupi yaique arama euaca opé.*

— Para o conhecer, amar e servir e por este meio alcançaremos a vida eterna.

« *Tupana yane munhan será catuçaua rãma?*

— Deus nos creou para nos fazer eternamente felizes?

« *Em em; Tupana yanê munhan catuçaua rama.*

— Sim; Deus nos creou para nos fazer felizes.

« *Ma á cuite ya munhan catuçaua rama ya icó?*

— E o que devemos fazer para sermos eternamente felizes?

« *Ya yumué rame yumué çaua Christan.*

— Seguir a doutrina christã.

« *Ma-á cuite yumué çaua christan?*

— Qual é a doutrina christã?

« *Yumué çaua christan aê yane muê ua-á yanê yara Tupana Yezu Christo apostol, itá muçá pucai ua-á; Tupaoca cuêre yane mué.*

— A doutrina christã é a doutrina de Jesus Christo, que os apostolos pregaram e a igreja nos ensina.

« *Ma-á cuite oica yanê yara Yezu Christo moeçauo opé?*

— O que contém a doutrina de Jesus Christo?

Yanê yara Yesu Christo moé çaua ricó—1.° *Supiçara ita ya yuiare arama cê cê*;—2.° *Satamè caçara yanunyatu arama*;—3.° *Quaá rupi Tupana putare yanê reco catu rama.*

— A doutrina de Jesus Christo contém: 1.° as verdades que devemos crer;—2.° a lei que devemos guardar; 3.° os meios que Deus estabeleceu para nos santificar.

« *Ma me cuite yauacema supiçaua itá ya ruiarearama cê-cê?*

— Onde se acham as verdades que devemos crer?

« *Supiçaua itá ya uacema opain catu ruiar arama cê-ca symbolo apostolo itá pupé.*

— As verdades que devemos crer se acham em resumo no symbolo dos apostolos.

Mame cuite yuptaçuca yumueçaua yununyatu arama ?
— Onde está contida a lei que devemos guardar ?
« *Satamecaçaua yunun gaturama yupetaçuca Tupana e Tupaoca Mondoçara itá pupe.*
— A lei que devemos guardar está contida nos mandamentos de Deus e da igreja.
« *Ma-á cuite pêêra itá Tupana inum yane catuçaua rama?*
— Quaes são os meios que Deus estabeleceu para nos santificar ?
« *Pêêra itá Tupana inum yane catuçaua rama aê rapa-á yumueçaua, Sacramento itá iumo.*
— Os meios que Deus estabeleceu para nos santificar são: a oração e os Sacramentos.

O Sr. Dr. Antonio José Pinheiro Tupinambá, residente na capital da provincia do Pará, escreveu e pretende publicar um volumoso e importante trabalho, denominado: «ANALYSE PHILOLOGICA DAS VOSES RADICAES DA LINGUA ARIO-TUPI OU IDIOMA TUPINAMBÁ».

A obra tem a fórma de dicionario.

Transcrevo aqui, para de alguma sorte dar idéa do livro, o seguinte trecho do prologo:

« Para patentear aos philologos as excellencias da lingua aborigene da minha patria, lingua inconvenientemente classifica la pelos sabios entre as barbaras, porém que eu provarei pertencer á familia aryana e ser affim do sanskrito, zend e grego, e como um protesto vivo contra a opinião dos que lamentam que o portuguez se vá degenerando e transformando entre nós, publico o presente trabalho, excerpto de meus ineditos sobre a ethnographia brasilica, estudos em que de ha muito me occupo, e que publicarei successivamente, quando as circumstancias me o permittirem.»

« A lingua *tupy*, chamada vulgarmente geral, diz o Sr. Gonçalves Dias, tinha uma grammatica que, pelo bem ordenado de cada uma de suas partes mereceu de ser comparada á grega e á latina: demonstra mais habito de reflexão do que o que encontramos no povo que a fallava ; abunda, como bem nota Martius, em expressões, que indicam certa familiaridade com as considerações metaphisicas, concepções abstractas, a ponto de bastar para exprimir e explicar as verdades e os mysterios da mais espiritual de todas as religiões, do christianismo ; e, reina em toda ella tal ordem, tal methodo, que alguem disse já que os *Tupys* não estavam em estado de a ter formado. Se não o estavam, e já o tinham feito, a consequencia é, que depois disso haviam decahido. »

Sobre a mesa em que traço estas linhas tenho a cópia de uma interessante carta, escripta em lingua geral pelo *tuchaua* Vicente, e dirigida a um individuo a quem lhe morrera a filha. Com que delicadeza lhe dá elle os pezames e procura consolal-o !

Eis a cópia da carta :

« *Aiana re iassiú, cariuá, ne ra era umanú, iché chaquá, chasse ne peá, tenupã moiramé. Tupana u senú iné aé perê, ne raiera miri, ussuanti iné : ariana re iãssiu !* »

A traducção é :

« Basta de chorar, branco ; tua filha, morreu ; eu sei que muito deve doer-te o coração. Deixa, porém, quando tambem Deos chamar-te a si, tua filhinha correrá a encontrar-se comtigo. Basta de chorar ! »

Não sei que autor, fallando dos indios, dizia : «Em religião e costumes são os indios por extremo barbaros, porque não tem *fé*, nem *lei*, nem *rei*, motivo por que é sabido lhes faltam em sua lingua estas tres letras—F. L. R. »

E' bem singular e extravagante querer que os vocabulos dos dous idiomas — tupy e portuguez — correspondentes áquellas idéas, devessem de necessidade começar pelas mesmas iniciaes !

Logo após os desaguadeiros ; que com mais ou menos minuciosidade mencionei, entra na margem esquerda do Amazonas e a 175 leguas da sua foz o celebre rio *Nhamundá* ou *Jamundá*.

Suppõe-se geralmente que nasce nas montanhasGuy da anna, correndo na direcção de N. a S., banhando as abas da serra Itacamiaba, e atravessando os lagos de Faro, onde banha a outr'ora aldêa de Jamundá, hoje a decadente villa de Faro, indo lançar-se no Amazonas por differentes braços ou bocas, das quaes a mais occidental é o limite da provincia do Pará com a do Amazonas.

O Sr. Ferreira Penna, porém, suppõe que este rio deve vir da região central, comprehendida no espaço que fica entre o alto *Trombetas* ao norte e o *Uatumã* ao sul.

Descendo d'ahi o Jamundá, diz elle, ao principio corre provavelmente a E S E, por entre montes ; recebe pequenos affluentes, dirige-se depois a S E, atravessando pequenas cachoeiras e entra n'uma planicie ou valle espaçoso, densamente arvorejado, mas ás vezes alagadiço.

Acompanhando essa planicie, emitte de sua margem esquerda um braço, que, com seu nome, a atravessa para lançar-se no Trombetas, exactamente no ponto em que este rio, saltando a ultima cachoeira, entra tambem na planicie.

Emquanto atravessa esta região plana, contiuúa o Sr. Ferreira Penna, o Jamundá é quasi obstruido por uma infinidade de ilhas, que o acompanham em suas sinuosidades até perto da confluencia do *Pratucú*, não excedendo a sua largura de 250 metros, que, no verão, reduzem-se ainda a 150, e mesmo a 100, conforme a maior ou menor duração da estação secca.

Antes de encontrar o *Pratucú*, deixa a planicie e então as suas margens tornam-se altas e ás vezes montuosas.

O *Pratucú*, que é um ramo menor, corre mais ou menos paralello, por algum tempo, ao *Jatapú* (tributario do *Uatumã*) segue a E., e reune-se ao Jamundá, cerca de 36 milhas acima de Faro. Seu curso é bastante sinuoso e por entre montes ou serras pouco altas, como quasi todas as desta região, e em sua barra no Jamundá divide-se em tres braços desiguaes, por ter ahi de permeio duas ilhas.

No ponto de juncção dos dous rios, as aguas se dilatam

consideravelmente, formando uma vasta bahia, quasi toda rodeada de terras altas e montes: um pouco abaixo está a extensa ilha *Capixauramonha*, toda composta de terrenos pedregosos, mas cobertos de arvores.

Dous serros se erguem na margem direita defronte das duas pontas dessa ilha: o do *Dedal*, fronteiro á ponta superior e o do *Copo*, em frente da ponta inferior: este ultimo é um alto rochedo, que fica quasi a pique sobre o rio..... ..... Desde a confluencia do *Pratucú*, o Jamundá é um rio vasto e magnifico, de um azul profundo, correndo quasi sempre por entre montes revestidos de uma vegetação vigorosa, recortado de pontas e enseadas e bordado de praias de areia alvissima, accidentes constantes que o acompanham até o lago de Faro.

Aqui terminam as serras ou collinas que o acompanham; aqui desapparecem as praias de areia e a vegetação brilhante; aqui acabam os terrenos accidentados e começa a planicie quasi nivellada do Amazonas; aqui está em fim a *verdadeira foz* do Jamundá.

Com effeito, apenas se fecha o lago ao lado oriental e o Jamundá recolhe-se a um leito pouco largo, entra ahi logo na margem direita o *Cabury*, o primeiro braço ou Paraná-miri que o Amazonas lhe envia.

O rio perdeu então o seu aspecto soberbo; seu leito é acanhado, sua marcha torna-se vacillante, sua côr mesmo desbotou-se um pouco com o pequeno contingente d'aguas esbranquiçadas do *Cabury*; a vegetação perdeu todo o esplendor e apenas as margens são orladas por uma estreita zona de arvores mediocres alternando com as gramineas e cyperaceas e outras plantas herbaceas, que cobrem a vasta superficie do littoral. O rio toma, não o rumo de N. a S., como se tem pretendido, mas o rumo geral de E. N. E. até o Paraná-miri do *Caldeirão*. Nesta secção é acompanhado, proximamente á margem, de uma serie de lagos, ou consideraveis, como o *Carauary*, *Algodoal* e *Arãkiçaua*, ou mediocres, como o *Maracana*, *Ubim*, *Abaucú*, etc., em cujas praias apparecem numerosos sitios com pequenas plantações, como nas varzeas muitas choupanas de vaqueiros e capatazes das fazendas de gado.

A partir do lago *Arakiçana*, que é o ultimo desta secção, o rio alarga-se até 300 metros, volta-se para o N., passando pelo lugar denominado *Repartimento*, onde recebe na margem direita, que agora é oriental, o Paraná-miri do *Caldeirão*, que vem do Amazonas.

Placido, largo e ainda crystallino, o *Jamundá*, recebendo este contingente do Amazonas, muda completamente de physionomia; seu leito estreita-se e profunda-se muito; a marcha é arrebatada, suas aguas tomam uma côr amarello-olivatica, perdendo logo toda a sua transparencia.

D'aqui em diante o seu rumo geral, até perder-se no Trombetas, é N. E., fazendo porém numerosos flexões, ora para N., ora para E., e raras vezes para N. N. O.

As margens continuam bordadas de uma estreita franja de

arvores, atrás da qual se vêm sómente plantas herbaceas e varios lagos. Nesse trajecto deixa á esquerda o *furo* da *Paciencia*, que dá entrada para o lago *Piraruacá*, o de *Caraná*, *Maryapixy* e *Sapucuá*, que vem dos lagos de iguaes nomes. Na margem direita ou oriental vêm-se tambem alguns *furos* insignificantes, que vem dos pequenos pantanos, que a acompanham.

Segundo o Sr. Ferreira Penna, entra o Jamundá no Trombetas, defronte da ponta *uruá tapera*, com 100 metros de largura, ficando ao norte de sua foz a ilha *Jacitara*.

E pois, acredita elle, que, ao contrario do que se tem pretendido, é o Jamundá tributario do Trombetas e não do Amazonas.

« Este facto, acrescenta o Sr. Ferreira Penna, não é um simples assumpto de interesse geographico; elle affecta tambem aos interesses das duas provincias, Pará e Amazonas, de que esse rio é limite official »

E' o Jamundá ou Nhamundá o celebre rio em cuja foz pretendeu Orellana haver combatido com mulheres guerreiras a que denominou *Amazonas*.

Os indigenas davam-lhes o nome de *icamiabas*.

« Tambem se diz, escreveu em suas *Memorias do Maranhão*, o padre José de Moraes, que nas cabeceiras deste rio ha um lago (1) de onde se tiram umas pedras verdes com muitos e varios feitios, de que se infere, com grande evidencia, ser algum barro, que dentro n'agua (como coral) se conserva molle, e em quanto assim está se formam delle as figuras que querem, mas depois de tirado d'agua se faz tão duro como um diamante e não cede ao ferro e aço mais duro e de tempera mais forte, que póde haver.

---

(1) Eis uma das lendas mais conhecidas ácerca da celebre pedra.

Referem os indios que perto das cabeceiras do famoso Nhamundá existe um formozissimo lago a que dão o nome de *Yaci-uaruá*, que quer dizer—espelho da lua—e a quem era consagrado.

Dizem que em certa quadra do anno e em determinada lunação, faziam as *icamiabas* (mulheres sem marido) á margem desse lago, uma grande festa dedicada á lua e á mãi da mueraquitan que alli morava.

Depois de assim se purificarem por alguns dias, porque a festa era expiatoria, mergulhavam no lago, em horas adiantadas e quando nas aguas limpidas e tranquillas do *yaci-uarúa* reflectia-se a luz pallida do astro da noite.

Da mãi da mueraquitan recebiam então a pedra com as configurações que desejavam, porque era certo que trazida á luz do sol, tomava a consistencia, que se lhe observa, sendo impossivel dar-lhe qualquer outra fórma.

Aos homens da tribu favorecida distribuiam as *icamiabas* as ditas pedras quando por elles eram vizitadas em certas épocas do anno.

« Mostrando-se uma destas pedras a um lapidario de Lisboa, disse que pelo toque mostravam ser pedras finas. Dizem que estas pedras são as verdadeiras pedras neofriticas, e que tem a mesma virtude. E' certo que Mr. de la Condamine faz um grande apreço dellas e póde ser que os lapidarios de França lhes descubram algumas virtudes.

« Chamam-se estas pedras, pela lingua dos indios, *puú-raquitan*, e dizem alguns (*relata refero*) não acredito, que as mulheres amazonas as dão aos homens, que uma vez no anno vão communicar com ellas. O certo é que ha estas pedras entre os indios, e eu tive uma grande, e ainda não se sabe o lugar onde se acham e de onde se tiram. Destas tive algumas, e uma de maior grandeza, que representava o pescoço e a cabeça de um cavallo, e que foi para Bolonha, para o celebre museu do Summo Pontifice Benedicto XIV. »

A parte superior do rio Jamundá é habitada por indios de diversas tribus, e a inferior por população civilisada.

O terreno regado por este rio produz em abundancia cacáo, breu, castanhas, cravo, cumarú, estopa, jutahy-cica, oleo de copahyba, fumo e borracha.

A villa de S. João Baptista de Faro, que teve sua origem em uma aldêa dos indios *uaboys*, estabelecida abaixo da confluencia do historico Nhamundá ou Jamundá com o Pracutú, acha-se situada na extremidade occidental de um bello lago, de tres milhas de comprimento e duas de largura, e na margem esquerda do mesmo Jamundá, para onde foi transferida pelos padres capuchos da Piedade, que a missionaram.

Ainda hoje mostram os praticos do lugar o sitio em que existiu a antiga aldêa dos *uaboys* ou jamundás, nome com que geralmente costumam designar os indios que habitavam naquella região.

As duas linhas de montes que acompanham o rio, diz o infatigavel Sr. F. Penna, e que defronte e ao sul do lago se abaixam até confundirem-se com a planicie, o extenso lago com suas aguas aniladas; o contraste da planicie que alli perto começa, com a serra fronteira á villa e a entrada larga e magestosa do Jamundá, dão á localidade um aspecto naturalmente aprazivel e de algum modo grandioso.

Em 1768 o governador e capitão general Francisco Xavier de Mendonça Furtado, elevou a aldêa dos indios *uaboys* á categoria de villa, dando-lhe o nome de Faro.

Esta solemnidade fez-se no dia 21 de Dezembro de 1768. Estando presentes o ouvidor Feijó, o parocho e diversas outras pessoas qualificadas, procedeu-se a pilouros para a eleição dos juizes e procuradores da camara, que deviam servir no primeiro triennio de 1769 a 1771. No dia 27, depois de levantado na praça o pelourinho, abriram-se os pilouros, e os que sahiram eleitos, tomaram logo posse dos seus respectivos lugares.

Nas posturas que foram promulgadas nesse mesmo dia acham-se as seguintes disposições, que revelam o empenho com que se promoviam os interesses da localidade:

« Ninguem, diziam as posturas, fará casas senão segundo

o risco deixado pelo intendente geral Luiz Gomes de Faria e Souza, tendo cada casa fundos para quintaes, em que são obrigados a plantar pacoveiras, mamoeiros, larangeiras, limoeiros e mais frutas para abundancia dos moradores.

«As casas serão cobertas de telhas feitas na olaria da villa.»

Depois, reflecte o Sr. F. Penna, a relaxação metteu-se de permeio e com ella veiu a perda da villa, que hoje é quasi uma tapera.

Já alli, por conta do Estado, houve uma olaria, cujos restos ainda são visiveis, assim como uma fabrica de fiação e tecidos de algodão.

Possue actualmente o seu districto algumas fazendas de criação de gado e suas matas tambem abundam em salsa, oleo, cravo, castanha, etc. Tambem exporta em grande quantidade falcas de *itaúba* para o porto de Belém.

Entretanto, e a despeito de tanta riqueza, contrista ver o estado de decadencia a que tem chegado esta villa, digna sem duvida de melhor sorte.

O contracto celebrado pelo governo da provincia do Pará com a companhia de navegação e commercio do Amazonas, estabelecendo uma linha regular de vapores para Faro, alimentou a esperança de ver aquella localidade sahir do torpor em que se acha.

Infelizmente porém foi esse contracto pouco depois substituido por outro, que tirando ao municipio de Faro aquelle elemento de prosperidade e de progresso, fez desapparecer a promessa de *tornar uteis suas vastas campinas e de levar a esse isolado extremo occidental da provincia o commercio e com elle o desenvolvimento da industria e da civilisação.*

Em consequencia da progressiva decadencia da villa, solicitaram alguns dos principaes fazendeiros de Faro e obtiveram em 1859 da assembléa provincial a transferencia da séde da mesma villa para a margem septentrional do lago *Algodoal.*

« Esta localidade, diz ainda o Sr. Ferreira Penna, tem a vantagem de achar-se quasi no centro do municipio e nas proximidades das principaes fazendas de criação e sitios de cultura ; se todavia attender-se a que o lago, talvez por causa da sua consideravel expansão, não é accessivel durante o inverno, mesmo a embarcações, que navegam no Jamundá, e, durante o verão, ás pequenas canôas, porque nesta ultima estação fica reduzido quasi a pequenos poços ; reconhecer-se-ha que a localidade para onde a lei mandou transferir a villa, não melhora as condições desta, nem o commercio do municipto. »

O que é certo, é que, com grande satisfação dos habitantes da villa, nunca mais se tratou de realisar a mudança.

A população do municipio de Faro é calculada em pouco mais de 4.000 almas.

Na margem austral do Amazonas, defronte da boca mais occidental do Jamundá, denominada *Boca dos Caldeirões*, e que serve de limite, da banda septentrional, ás duas provincias do Pará e Amazonas, está a entrada superior do Paraná-

miri do *Juruty*, que depois de um curso de quasi tres milhas, lança-se de novo no grande rio, fronteiro á costa do *Corocoró*.

No meio desse Paraná-miri, onde elle faz uma grande curva, está a boca do lago *Juruty*. Nada apresenta ahi de notavel, por sua muita estreitesa, em consequencia da divisão que soffrem as aguas com a outra embocadura do lago, que tem a denominação de *Balaio* e que vem sahir na altura da ilha de *Maracá-assú*, depois de ter corrido de oeste para leste cerca de dez milhas.

Do repartimento desses dous canaes segue-se pelo *igarapé grande* do lago—de norte para sul, isto é, do Amazonas para o centro das terras. A' proporção que se adianta a viagem, vai-se alargando o canal até tomar a extensão de 150 metros, que conserva até a sua sahida no lago, depois de um curso talvez de 15 milhas.

A margem esquerda desse canal é baixa e alaga todos os annos, ao passo que a margem direita, em quasi todo o seu prolongamento, é a encosta de uma formosa serra, de cujas vertentes despenham magnificos regatos de aguas crystallinas.

O declive dessa montanha não é ingreme e os habitantes aproveitam, com suas pequenas plantações, as terras vizinhas, que são de uma uberdade incomparavel. Na planura do cume, escrevia-me o illustrado Sr. Dr. Paes de Andrade, acha-se a mais abundante camada de *humus*, que tenho visto.

Alli cresce de tal modo a canna de assucar, que é preciso muitas vezes dividil-a em tres ou quatro pedaços para poder ser conduzida; o cacáo vem tão soberbo como na mais fresca varzea; a mandioca, o algodão, o tabaco, o guaraná, todas as plantas intertropicaes emfim satisfazem a ambição do lavrador mais exigente.

Sobre a serra encontram-se todas as madeiras de construcção civil e naval e de marceneria, peculiares das terras do Amazonas.

Por esse canal sahe-se no extremo occidental do grande lago. Apresenta este uma bacia de algumas milhas de largura, que se estende de oeste para leste por entre margens de terra firme, terminadas em praias de arêa até a ponta denominada do *Jacaré-pompom*, onde toma o rumo de sudeste e continúa na mesma direcção até terminar, sempre por entre margens muito amenas.

E' grande o comprimento deste formoso lago e acredita o Sr. Dr. Paes de Andrade que as suas cabeceiras estão na altura da ponta do *maracá-assú*. As terras das margens tem muitas ondulações e são todas cobertas de florestas, apenas tocadas pela mão do homem.

Não longe da margem meridional, já quasi nas cabeceiras existe uma alta montanha, na qual cresce espontaneamente o guaraná, que é aproveitado pelos indios.

E' abundante de madeiras de differentes qualidades, de oleo de copahyba e de outros productos. As terras ahi são fertilissimas. As aguas procedem de uma infinidade de peque-

nos regatos, que correm em leitos de arêa, e por isso são purissimas e de uma transparencia tal, que, na profundidade de 4 metros, podem-se contar os peixinhos, que saltam na arêa.

O principal manancial, porém, deriva-se da vertente da serra e fórma pequenas cachoeiras ou cascatas, antes de ir sumir-se no lago.

O lago de *Juruty* foi povoado outr'ora pelos indios das tribus *Maués* e *Mundurucús*, e chegou a possuir uma população superior a 1.200 almas. Para missionar os indios alli estabelecidos, foi mandado o padre Antonio Manoel Sanches de Brito, o qual fez de tal sorte prosperar a missão, que em 1820 foi elevada a freguezia.

Houve alli um bom estabelecimento de moer canna, pertencente a João Pedro da Silva, uma importante fazenda, de propriedade do capitão Romualdo de Souza Paes, e mais uma engenhoca e olaria pertencentes ao padre Sanches de Brito. A mão da revolução, porém, passou por alli, tudo isto desappareceu com a *cabanagem*, e hoje mal se podem distinguir os vestigios de taes estabelecimentos, que foram completamente abandonados.

Existe ainda a antiga freguezia, que demora na banda meridional do lago, sobre uma ponta, a quatro milhas de sua entrada. Tem uma soffrivel igreja, coberta de telha e ultimamente reparada pelo concurso do povo, que não quer abandonal-a, apezar de alli já não residir o parocho.

Por uma lei provincial de 3 de Dezembro de 1859, foi transferida a séde desta freguezia para a margem direita do Amazonas, onde começou a estabelecer-se em 1863, na terra firme, que decorre da bocca do igarapé *Balaio* até a ponta do *Maracá-assú*, que limita com Obidos, da qual está distante 15 leguas.

Esta medida, na opinião de gente mais sensata, foi bem aconselhada, pois que consultou devidamente ao mesmo tempo os interesses da população e os do commercio. O lugar escolhido reune as vantagens e condições seguintes: E' bastante elevada e fica ao abrigo das maiores enchentes do Amazonas, fica mais proximo possivel da borda do rio ; é de uma salubridade incontestavel, e tem excellente agua potavel no lago *Jará*, que lhe fica proximo. O orago da freguezia é Nossa Senhora da Saude. Ha alli um bom templo.

Limita a freguezia do Juruty pelo oeste com o municipio de Villa Bella da Imperatriz pela serra de Parintins, e a leste com Obidos pela ponta do Maracá-assú, tendo umas 35 milhas de costa no Amazonas.

Na margem direita do Amazonas e em frente á foz do Nhamundá, corre a serra de *Parintins*, que é a divisa official das duas provincias do Pará e Amazonas, na ponta mais saliente da serra e que caminha para o rio. (1)

---

(1) Os limites das duas provincias são os seguintes : a provincia do Pará confina ao norte com a Guyana Franceza pelo rio Oyapok ; ao sul com a republica do Perú e as provincias de Goyaz

Em uma curva que esta serra descreve, já dentro da provincia do Amazonas e proxima á parte inferior do Paraná-miri de Parintins, vê-se ainda o aterro e palissada mandada fazer pelo antigo governo da barra do Rio Negro, com o fim de servir de registro ás embarcações, que entrassem na antiga capitania.

Pretendeu o presidente J. B. de Figueiredo Tenreiro Aranha servir-se dessa mesma obra e para o mesmo fim e alli collocou um destacamento sob as ordens de um sargento de nome Vasconcellos. A experiencia porém incumbiu-se de demonstrar que nenhuma utilidade havia em semelhante medida e pouco tempo depois foi dissolvido o destacamento, deixando-se alli abandonadas diversas madeiras, que haviam sido compradas para edificação de uma casa ou quartel.

Desde muito tempo que se olha para a serra de Parintins como um ponto magnifico a fim de alli estabeler-se uma repartição fiscal, incumbida de impedir a entrada e sahida de embarcações que se queiram furtar ao pagamento dos respectivos impostos. A experiencia porém tem mostrado que nenhuma vantagem offerece aquella localidade para uma repartição de semelhante ordem. Forte como é a corrente do rio junto a aba da serra, desde a ponta mais saliente até a foz inferior do Paraná-miiri, e havendo em toda essa extensão grande quantidade de pedras, é claro que nenhuma embarcação por alli navega, procurando todas ellas a margem opposta e por alli seguindo desembaraçadamente.

Em grande, em muito grande escala faz-se o contrabando na provincia do Amazonas. E' um verdadeiro escandalo, que tende a tomar as mais gigantescas proporções, e são os districtos de Villa Bella, Conceição e Silves os que mais generos exportam livres de impostos. Remettem-nos em pe-

---

e Mato Grosso; a leste com a provincia do Maranhão pelo rio Gurupy; e a oeste com a provincia do Amazonas pelo rio Jamundá e serra de Parintins e com a republica de Nova Granada.

Occupa uma superficie de 40.000 leguas quadradas.

A provincia do Amazonas confina ao norte com as Guyanas Hollandeza e Ingleza e com a republica de Venezuella, ao sul com a republica do Perú e com a provincia de Mato Grosso, a leste com a provincia do Pará e a oeste com as republicas de Venezuella, Nova-Granada e Equador.

Occupa uma superficie de 60.000 leguas quadradas.

Comprehende a provincia do Amazonas as tres seguintes regiões: *Guyana, Mundurucania* e *Solimões*.

Facilmente percebem-se, á vista de um mappa, estas tres grandes e distinctas divisões naturaes, effeito da disposição particular do territorio, a saber: Amazonas, Solimões e Rio Negro. Comprehende a primeira — a parte da Guyana e Munduracania, banhada pelo Amazonas, desde a foz do rio Jamundá até a confluencia do Rio Negro, a segunda todo o paiz banhado pelo Solimões, e a terceira todo o Rio Negro.

quenas embarcações para o porto da cidade de Obidos, no Pará, e ahi fazem-nos embarcar nos vapores que escalam por aquelle porto.

Se porém collocassem uma repartição fiscal no lugar denominado *Irajá*, á margem direita do Amazonas, e um pouco abaixo da foz inferior do Ramos, tendo á sua disposição uma lancha a vapor para cruzar da foz do Paraná-miri do *Espirito Santo* até perto do de Parintins, sem duvida que o contrabando não poderia mais ser feito como até agora.

Supponho que esta medida foi lembrada por uma commissão que o actual presidente do Amazonas mandou a Villa Bella com o fim de estudar a questão e escolher uma localidade apropriada para estabelecer uma repartição auxiliar da collectoria de Villa Bella.

Não é porém só pelo Amazonas que o contrabando póde ser feito. Pouco acima de Villa Bella, á margem esquerda do Amazonas, proximo á foz inferior do Paraná-miri do Pacoval ou do Cararaucú, está a foz do lago *Cabury*, que muitos acreditam ser a foz superior do Nhamundá, pela qual póde o contrabando ser feito sem nenhum risco, sendo conduzido para a villa de Faro e seus districtos nos mezes de Fevereiro a Julho. Para o contrabandista é este caminho muito mais seguro que o do Amazonas.

Só no mez de Julho de 1873 embarcaram no vapor *Belém*, da companhia de navegação a vapor (limitada) do Amazonas, os seguintes generos do districto da Conceição (Maués), subtrahidos aos direitos:

Oleo de copahyba.....	268	canadas
Peixe.....	418	@
Estôpa.....	46	@
Cacáu	90	@
Cumarú	42	lb.
Couros de veado.....	30	

E a embarcação que trouxe estes generos voltou carregada com vinte e tantos contos de réis de mercadorias.

O Sr. conselheiro João Pedro Dias Vieira, quando administrou a provincia do Amazonas, lembrou-se de mandar limpar o *furo* do Cabury, com o que despenderam os cofres provinciaes a quantia de 500$000, que se tornou infructifera, e continuará a sel-o, emquanto se não puder evitar a invasão dos madeiros. A corrente, que alli é impetuosa, faz com que todos os cedros e outras arvores, que por alli descem, tenham obstruido a sua entrada em espaço mui consideravel. Não sei que razões teve o Sr. conselheiro Dias Vieira, para mandar limpar o dito *furo*, mas parece que de muito mais vantagem aos interesses fiscaes da provincia, teria sido a lembrança de mandar fechal-o.

Se com a desobstrucção daquelle *furo* tem a provincia do Amazonas a vantagem da facil communicação com as fazendas de criação de gado do municipio de Faro, ficando-lhe a conducção menos dispendiosa, tem entretanto a desvanta-

gem de offerecer aos contrabandistas um caminho seguro, para se furtarem ao pagamento dos impostos.

Mas deixemos este assumpto.

Olham os indigenas para a serra de Parintins, com certo temor supersticioso, e não é sem acatamento, que por ella passam. Dizem que alli ouvem tocar sinos á noite, o que, diz o capitão tenente Amazonas, se attribue á tradição de algum estabelecimento jesuitico, que abandonado, tinha sido invadido pelo mato, e em sua espessura perdido os sinos. (1)

Em 1837 rolou do cimo da serra uma pedra de um metro de comprimento, pouco mais ou menos, na qual mui distinctamente se vêm esculpidas as letras A F P. Quem teria ido alli abril-as? Ainda nas fraldas da serra se acha a pedra, como a esperar que lhe vão decifrar a significação daquelles mysteriosos caracteres.

« A montanha dos Parintins, diz Baena, assumiu este nome dos sylvicolas assim denominados, que a habitaram.

« Altos arvoredos a enramam até a sua lomba, que é uma planura onde dizem ter existido uma aldêa dos ditos Parintins, fundada pelos jesuitas: e que os mesmos aldeanos se revoltaram contra os que lhes ministravam a doutrina, queimaram as casas, esboroaram a igreja, enterraram os sinos e transfugiram para as brenhas. Ainda dura na circumvizinhança a tradicção oral de que em todas as noites de natal se ouvem os sinos soterrados. »

E' mui rica a serra de Pirintins em madeiras da melhor qualidade, sobresahindo entre todas a bella *muirapinima*. (2)

---

(1) Os sinos da serra de Parintins me fazem recordar o phenomeno, ou como melhor nome tenha, da collina que se encontra á margem direita do rio *Portel*, abaixo da primeira cachoeira.

Eis o que ácerca della contou a um viajante francez, o Sr. Chaton, um *tuchaua* daquellas paragens.

« Ha nesta collina, disse com ar mysterioso, uma cousa extraordinaria. que eu e todos quantos passam durante a noite, temos visto algumas vezes. Sahe da collina um grande clarão, que illumina até o rio. e entretanto não se vê chamma alguma.

« O Sr. Chaton acredita, que aquella luz phosphorescente, denuncía que alli existe uma mina de carvão de pedra.

« O Sr. Manoel Luiz, seu companheiro de viagem, confirmou-lhe o que referia o *tuchaua*, acrescentando — que é tal o terror, que aquelle facto incute, que não ha quem até agora tenha tentado subir a montanha, para prescrutar a causa do phenomeno. Continuando o Sr. Chaton a opinar pela existencia de uma mina de carvão, insistia o *tuchaua* em negal-a, dándo-lhe a seguinte poetica versão, que era a que corria no lugar, e que elle piamente acreditava.

« Aquella montanha, disse, é o palacio da *mãi d'agua*, que aqui habita, e o clarão que se vê durante a noite, é produzido pela illuminação daquella habitação! »

(2) « A muirapinima, diz Baena, é uma arvore cuja madeira é betada de feição, que se equivoca com o variegado casco da tartaruga, emquanto se lhe não confundem as ondas com que realça muito a sua qualidade. »

E' talvez a mais linda madeira do valle do Amazonas.

Dizem que ha alli tambem o *pao-brazil*, postoque nenhum dado seguro haja para asseverar a sua existencia.

Disseram-me que é prodigiosa a quantidade de ninhos do japim, que enchem as matas da serra de Parintins.

O japim encontra-se em grande quantidade em todo o valle do Amazonas. E' talvez o passaro que mais ahi abunda e não é o menos notavel de todos.

Ainda uma vez aproveito-me do trabalho do intelligente e infatigavel Sr. Dr. Francisco da Silva Castro, a quem peço licença, para aqui transcrever uma memoria sua ácerca desse curioso passaro, dirigida á academia real das sciencias de Stockolm.

« O *Japiim* ou *japim*, como se diz em algumas provincias do norte do Brazil, *cheochéo* em outras do sul do mesmo Imperio, e tambem *Japuri* e *Guacho* em algumas das centraes, é o passaro da America Meridional, que em francez se chama *cul jaune*, em inglez *black and yellow dow of Brasil*, em italiano *gazza* ou *zalla di Terra-Nuova*. Em Cayenna dá-se-lhe o nome de *Casique*.

Este passaro pertence na sciencia ornithologica á familia ou especie *cassicus* ou á *oriolus* (Gmel)

Ha-os de duas variedades, uns que ostentam as côres preta e amarella (*cassicus icteronotus*), e são os legitimos *japiins* e mais geralmente conhecidos; outros que trajam as côres preta e encarnada (*cassicus hœmorrhous*), menos vulgares e pouco conhecidos: são os *japiins da mata*.

Na familia *cassicus* ha, além deste genero, um outro mais elegante e formoso, o qual não póde por fórma alguma confundir-se com qualquer dos individuos daquellas duas variedades acima mencionadas, com quanto pertença á mesma familia: é o *cassicus cristatus* ou *cacique huppé*, vulgarmente chamado Japú ou em lingua tupy *Iapú*.

E' a este genero que Jorge Maregravius denominou *Jupúba* e não aquelle outro, como erradamente acreditou Buffon.

Segundo a opinião deste mesmo autor, possue a sciencia mais dous outros generos, o *cacique verde de Cayena* e o *cacique da Luisiania*; delles porém não tenho conhecimento, nem me consta que alguem os tenha visto no Brazil.

O *Japiim* ou *Cassicus icteronotus* offerece á vista uma fórma elegante e esbelta. A côr dominante da sua plumagem é a preta, isto é, o preto assetinado (*noir-noir satim* dos francezes); o *amarello jalde* apenas é visivel na parte média e central das azas em disposição oblonga e tambem no dorso, desde o meio da espinha vertebral até junto da cauda e na parte opposta e correspondente do baixo ventre, porém aqui em espaço muito menor.

Exala de si, tanto das carnes, como da plumagem, um cheiro fetido e nauseabundo, semelhante ao mixto de baratas e castoréo a que o vulgo chama *catinga de japiim*, o qual não póde confundir-se com outro qualquer.

Este cheiro não só domina durante a vida, como ainda persiste depois da morte por muitos annos. A carne deste

animal não presta para os usos culinarios, por se achar impregnada do dito cheiro por demais activo, devido seguramente á alimentação quasi privativa de formigas, insectos e pequenas cobras, de que faz predilecta procura.

O tamanho ordinario do seu corpo é quasi igual ao da pêga, porém sempre para menos, e por isso alguns autores lhe tem chamado *picus minor*. Tem o bico comprido, ponteagudo e de côr alaranjada; os olhos são de um bello azul celeste e a iris preta; as unhas fracas e delgadas; o seu maior comprimento regula entre 12 e 14 pollegadas.

O *Japiim* habita por todo o Brazil e Guyanas. Vive em sociedade e aos bandos, occupando a mesma arvore com os seus numerosos e singulares ninhos. Raro é o sitio ou fazenda rural, aonde haja alguma arvore, quér no porto do desembarque, quér na campina do terreiro, que deixe de apresentar á contemplação dos admiradores da natureza o aprasivel espetaculo dessa graciosa familia alada, cantando seus acórdes e balouçando-se em maravilhosos ninhos.

Já tive occasião de contar em uma só arvore 53 desses ninhos e segundo me informam, vê-se ainda maior numero delles em algumas arvores do interior do sertão. Os ninhos pendentes dos galhos nem sempre são todos habitados ou occupados, porque como estes passaros emigram no começo do inverno para o centro das matas, nessa occasião os abandonam e na sua volta ou regresso, que costuma succeder no principio do verão, fabricam outros novos e não se servem mais dos antigos, os quaes muitas vezes ainda existem pendurados no mesmo lugar e só com maior demora apodrecem e cahem no chão.

Póde-se assegurar que estes animaes residem seis mezes (o verão) proximo dos lugares povoados e outros seis mezes (o inverno) no centro das florestas ou das capoeiras, onde vivem vida errante de arvore em arvore, mas sempre em bandos ou associados, cuidando da creação dos filhos.

Os ninhos representam uma especie de sacola comprida, arredondada, sob a fórma de uma abobra (cucurbitacea) de dous e meio a tres palmos de comprimento, sendo a cavidade interior de meio pé ou pouco mais de diametro e mais folgada no seu fundo do que na entrada, o que lhes dá uma figura ventriculosa na parte inferior.

A entrada é praticada na parte superior e lateral, um pouco obliquamente para baixo, em uma especie de cupula como de alambique, a qual cobre o alto daquelle artefacto. Os ninhos são de côr escura pela banda de fóra e feitos de filamentos e cipós finos, tirados com arte, por meio do bico, das folhas das palmeiras *merityseiro* (mauritia vinifera), *assahyseiro* (euterpe oleracea), *bacabeira* (œnocarpus bacaba), *tucumaseiro* (astrocarium tucumá), e outras e de varias *tillandsias*, mormente da especie conhecida pelo nome de barba de velho (*tillandsia usneoides*), etc. Os cipós finos e filamentos são compridos e imitam á primeira vista *piaçaba*.

Tecem os ditos ninhos com os bicos e as unhas, com grande habilidade e ligeireza, e acabam a sua obra dentro de tres a

cinco dias, conforme as distancias onde vão procurar as materias. No fabrico desta obra os operarios não observam o grande preceito architechtonico geral, de lançarem primeiramente os alicerces, para depois seguirem por diante com o resto do edificio. Como excepção de regra, começam a trabalhar de cima para baixo, fazendo primeiramente o telhado e perto delle abrindo a porta de entrada, para continuarem depois até a base ou fundamentos. Desde que o buraco da entrada fica tecido e patente, por lá entram e sahem os operarios, embora o fundo não esteja arrematado e portanto susceptivel de ser franqueado.

Vai nisto o instincto !

Em cada ninho encontram-se dous e ás vezes tres ovos. Ha uma unica postura de ovos por anno e essa só tem lugar no principio do verão, em fins de Maio a Junho. A incubação dura um mez. Durante o periodo da desovação e incubação, os machos não só não entram dentro dos ninhos, como nem mesmo dormem nos galhos da arvore, onde estão pendentes aquelles. Ao approximar da noite retiram-se os machos para alguma capoeira cerrada mais proxima e ahi dormem, até que ao amanhecer regressam para a arvore onde deixaram as femeas.

Na convivencia e intimidade destes passaros, vê-se constantemente um outro passaro, de côr preto-azul lustroso chamalotado, de vulto pouco maior do que o *japiim*, chamado *uiráuna*, que em lingua geral dos indios ou tupy, quer dizer *passaro preto*, o qual, quanto a mim, não é senão a *pêga do Brazil*.

Este genero de volatil, não cuidando nunca de fazer ninho para si, onde possa pôr os seus ovos, aproveita-se dos momentos de ausencia de alguns *japiins*, introduz-se nos ninhos destes e lá os deposita de mistura com os delles, que em tudo são semelhantes. O *Japiim* não descobrindo ao principio o logro, que lhe foi pregado, choca os seus e os alheios ovos e começa depois a crear os passarinhos ; logo porém que chega a conhecer o erro e que póde distinguir os estranhos dos legitimos filhos, expulsa os enjeitados e lança-os fóra do ninho. Muitos destes morrem ao abandono por entre o capim ou mato rasteiro, por estarem ainda mal emplumados.

Como já disse procuram as arvores altas e de difficil accesso para assentarem os seus ninhos ; e mais ainda tenho observado que sempre os collocam nas extremidades dos galhos e por via de regra a arvore tem no meio do seu tronco uma ou mais casas de formigas de fogo ou de cupim ou de cabas (insectos e animaes coleopteres, que dão ferroadas), os quaes os ajudam a defenderem-se da invasão dos inimigos. Nestas aggressões reunem-se todos, mostram valor e actividade e quasi sempre sahem victoriosos da luta, devido certamente este bom successo á sua muita actividade e discrição.

O *japiim* é omnivoro e pouco delicado na escolha da sua alimentação ; tudo lhe agrada e o contenta ; sustenta-se de insectos, de pequenas cobras, de grãos, bagas e fructos.

As *laurineas*, as *myrthaceas*, as *passifloras*, as *musaceas*, as *phytolaccas*, as *aurantiaceas* e outros individuos do reino vegetal, contribuem largamente para o regalo do seu paladar.

Tem o grito sonoro e forte, mas breve; ouve-se a sua voz ou canto em distancia, sem que se tenha descoberto ainda o lugar onde esteja pousado. Como vive em bandos, está constantemente a chilrar, desde que amanhece até que anoitece e a repetir o mesmo canto ou estribilho, que é *chéo chéo, chéo chéo, chéo chéo*

No entanto parece que em suas variações de gorgeios arremeda os outros passaros, excepto ao *tamurú-pará*, cujo canto é forte, prolongado e semelhante ao rufo de um tambor.

A respeito deste passaro contam os indios um apologo engraçado e moral.

Dizem que no tempo em que os passaros fallavam, os *tamurú-parás* irritados por serem arremedados em seus gorgeios pelos *japiins*, os desafiaram para um combate em que estes ficaram derrotados; e tão sanguinolenta foi a carnificina, que os *tamurú-parás* ficaram com os bicos vermelhos do muito sangue derramado e assim os conservam até hoje. Mudaram logo depois da batalha o seu gorgeio para outro mais difficil, que é o de que agora tem usado, cuja decifração ou traducção em vulgar significa á maneira de ameaça aos *japiins* o seguinte:

« Olhem lá se nos arremedam, lembrem-se de que o sangue de vossos avós andam nos nossos bicos! »

Cumpre observar que o *tamurú-para* é um passaro preto, de bico encarnado, pouco maior do que o *japiim*; do tamanho da *uirauna*; acompanha-o para toda a parte: faz o seu ninho no chão em buracos por entre as raizes das arvores e canta quasi a todas as horas á maneira de rufo de tambor, forte e prolongado.

Finalmente o *japiim* quando canta, toma uma posição notavel e forçando em cima do galho onde pousa, inclina-se bastante para diante, abre as pennas da cauda, saccode a cabeça varias vezes e solta o seu gorgeio, que é muito variado e por isso diz-se que elle arremeda os outros passaros.

Este animal domestica-se com facilidade no nosso lar, canta quando lhe parece; come de tudo; porém dura pouco tempo vivo. Parece que se fina de tristeza, por sentir-se privado da liberdade e dos companheiros do campo.

A' vista desta descripção feita *d'après nature*, com minucioso estudo e diligente observação, póde-se comprehender bem em quantos erros cahiram *Maregravius*, *Adrovandus*, *Edwards*, *Belon*, *Brisson*, *Descourtile* e outros naturalistas, sem duvida arrastados pelas informações inexatas e por observações incompletas e mal apreciadas.

Tudo quanto fica narrado ácerca do *cassicus icteronotus* tem inteira applicação ao *cassicus hæmorrhous*, cujos habitos, costumes, indole e intelligencia são completamente semelhantes. Sómente ha differença em ter este vulto mais pe-

queno do que o outro, e em vez de amarella, ser encarnada a plumagem do dorso, desde o meio da columna vertebral até junto da cauda.

Nos encontros das azas e no baixo-ventre não tem pennas encarnadas; tudo é preto. Além disto o *japum da mata* distingue-se ainda, porque evita quanto póde, o contacto com a sociedade humana e por isso procura as florestas, em quanto que o outro lhe dá a preferencia, a ponto de vir immediatamente assentar moradia ao pé de qualquer sitio ou roçado, que de novo se abre no meio dos nossos sertões, e ahi fixa a sua habitação amena e encantadora. »

Além da serra de Parintins, as mais notaveis da provincia do Amazonas são as que constituem a cordilheira da Guyana e limitam o Brazil com as possessões hollandeza e ingleza e com a republica de Venezuela.

Eis, entre outras, as seguintes:

Itacamiaba: nas vertentes do rio Jamundá ou Nhamundá. Em consequencia da sua elevação e das rijas ventanias, que alli reinam, não tem vegetação alguma, pelo que dão-lhe tambem o nome de *Serra Pellada*.

Pararaina: tem uma extensão de mais de oitenta leguas.

Cristaes: de grande vegetação e em cujo cimo ha um grande e profundo lago, sombreado por espesso bosque. Tem legua e meia de circumferencia.

Rabino: tambem de grande vegetação; é entretanto muito ingreme e de subida extremamente difficil.

Cunauarú e *Carauati:* estas ficam junto ás vertentes do rio Madeira.

Andauari e *Chauida:* proximas á cachoeira de S. Filippe. (1)

---

(1) Dos apontamentos sobre o rio branco, publicados pelo Sr. José Paulino von Hoonhotz, extrahio as seguintes informações sobre esta importante cachoeira:

« A primeira cachoeira que se encontra no alveo do rio, é a de S. Felippe, que se devide em tres secções distinctas:

A primeira, conhecida, pelo nome de *Rabo da cachoeira*, é uma immensa bacia. chamada vulgarmente *perão*, formada pela queda e rapido movimento de aguas, que transportam grande quantidade de arêas, as quaes accumulando-se, formam um banco perigosissimo.

A segunda secção, chamada *Pancada grande*, é produzida por um arrecife, que corta transversalmente o leito do rio, com interrupções em diversos lugares, onde existem canaes, mais ou menos profundos.

Na occasião da cheia é difficil vencer-se a impetuosidade das correntes, que ahi se geram; e só com o decrescimento das aguas é que se consegue varar a cachoeira, e ainda assim com riscos imminentes.

A ultima secção, conhecida por *Pancada pequena*, é obstaculo de pequeno peso.

Entre a *Pancada grande* e a *pequena*, deriva-se pela margem esquerda um canal sinuoso, por onde parte das aguas do rio Branco vão lançar-se abaixo do *Rabo da cachoeira*.

Carauamá, *Vacari*, *Saparà* e *Pecané*: mais ou menos distantes das margens do rio Branco.

São tambem notaveis as serras:

Cucuhi: é a nossa fronteira com Venezuela; na margem esquerda do rio Branco, acima de Marabitanas. (1) Sobre ella passsa a linha divisoria, a qual partindo do extremo occidental da serra *Pacaraina* e passando por esta, se dirige para as cachoeiras do *Cunhari*.

Tunui: na margem direita do rio Negro, entre os rios *Içana* e *Hié*. (2)

Jacamim: na margem direita do rio Negro, abaixo da cachoeira *Maraçabi*.

E' esta cachoeira a divisa ou raia entre o alto e o baixo rio Negro e dividia antigamente os respectivos governos.

Principia dahi a difficultar-se a navegação.

E' o furo denominado *Cujubim*, por onde se pratica a navegação em batelões e pequenas embarcações no tempo da enchente.

As aguas por ahi se despejam com grande velocidade e formam uma forte *corredeira*, que actualmente se vence á força de espia; porém, mesmo assim, o canal só se presta á navegação em muito pequena parte do anno, por falta de agua e pela grande quantidade de pedras que o obstruem.

Depois da cachoeira de S. Filippe, só na vasante extrema ha serios riscos para a navegação. O que chamam *Cachoeirinha* é um baixio de pedra, que os praticos sabem evitar. »

(1) Existiu ahi em Marabitanas, a antiga fortaleza do seu nome, mandada levantar pelo governador Manoel Bernardo de Mello e Castro, em 1763, para defeza da fronteira. Era um quadrado, cujo lado para o rio tinha dous baluartes. Parte desta fortaleza immergia pela enchente. A pesar de haver sido reparada em 1843, hoje della apenas existem as ruinas.

(2) O *Içana* ou *Iquiari* lança-se na margem direita do rio Negro, cerca de 400 braças abaixo da povoação de Nossa Senhora da Guia. Suas vertentes são na nossa linha de limites com Venezuela.

O curso do Içana é obstruido por cachoeiras entre as quaes se distinguem as de nome *Arary*, *Cururú* e *Tenui* ou *Tunui*, junto á serra do mesmo nome.

Nas suas margens acham-se aldeados indios das tribus *Arequinas*, *Siuct-tapuia*, *Jauarité-tapuia*, *Quati-tapuia* e *Barés*, que fabricam farinha, ralos e balaios, objectos de permuta entre elles e os commerciantes.

O rio *Hié* ou *Guassiye* lança-se na margem direita do rio Negro, a 45 milhas do Cucuhy. Na sua fóz e margem direita assenta a povoação de S. Marcellino.

Tambem pelas suas vertentes passa a vossa linha de limites com Venezuela.

E' difficil a sua navegação, por ter o curso obstruido por sete cachoeiras e uma *corredeira*.

Dessas quédas d'agua as que apresentam maior obstaculo são as de nome *Cumati* e *Quati*, e todas ellas, na época da enchente, ficam mais ou menos submergidas, com excepção da primeira, que sempre conserva grande differença de nivel.

Por este rio, communicam-se os habitantes dessas paragens com povoações de Venezuela, mediante um pequeno tranzito de terra.

Ha ainda as serras dos rios *Maraviá* e *Cananari*, as quaes fórmam as cachoeiras do *Apaporis*, *Japurá* e *Madeira* (1).

Tambem ainda se encontram na região do Solimões, a serra *Canariá*, que margêa o rio do mesmo nome, e o monte *Tabatinga*, entre as fronteiras de Loreto e a povoação de Tabatinga (2).

E' nesta zona que habita a tribu dos *Ticunas*, de que passarei a dar uma breve noticia.

Eis o que relativamente a essa tribu escreveu no seu *Diario da viagem ao Rio Negro* o ouvidor Ribeiro Sampaio:

« São os *ticunas* de um natural preguiçosissimo. Na sua philosophia professam o miseravel dogma da metempsycose ou doutrina pithagorica da transmigração das almas para outros corpos, ainda dos irracionaes. Adoptam o rito judaico da circumcisão em um e outro sexo, sendo pela maior parte as mãis as ministras da operação que celebram com grandes festejos, impondo os nomes aos circumcidados.

São tão apegados á idolatria, que aos mesmos já doutrinados nas nossas povoações não é possivel poder persuadir que deixem o seu idolo, pois constantemente se lhe está achando em suas casas.

---

(1) As cachoeiras do *Apaporis*, são as seguintes: *Hiá*, *Miri*, *Cupati* e *Furna*. Esta é a mais notavel.

Com 20 dias de viagem em igarité ou canôa, da foz do *Japurá*, chega-se á barreira do *Inambú*, onde se acha collocado o marco que symbolisa os limites entre o Brazil e o territorio granadino. Aqui demora a primeira cachoeira do Japurá, a qual os indios denominam *Inambú-cachoeira*. A' um dia de viagem chega-se á segunda, chamada *Cachoeira-assú* ou dos *Coretús*; a terceira é chamada *Uaimi-cachoeira* e fica proxima ao igarapé *Pinima*: a quarta tem o nome de *Arara-cuara*, e a quinta o de *Maracanã*.

Daqui por diante nada mais se sabe.

Da cachoeira dos *Coretús*, com 6 dias de viagem, encontra-se o *Cauinari*, affluente do Japurá, onde demora a cachoeira *Tapiira-caiuera* (Ossos de velhas). Seguindo o *Cauinari*, ao setimo dia de viagem, encontra-se o *Pamá*, affluente do *Cauinari*. Porto da confluencia do *auinari*, fica a cachoeira denominada *Uviá*. Esta cachoeira é antes um canal de duas leguas de extensão e 20 braças de largura. As margens são penedias alcantiladas de 40 braças de altura; por esse canal passa o rio, como que resentido não só de semelhante angustura, como da inclinação do leito, do que resultam um movimento e fragor assombrosos.

(2) A povoação de Tabatinga acha-se situada na margem septentrional do Solimões, perto da confluencia do rio Javary. E' defendida pela fortaleza do mesmo nome, levantada em 1776, de ordem do governador Athayde Teive, pelo major Domingos Franco.

Pela facilidade de navegação a que alli os rios se prestam; pela frequencia com que vém a esse ládo da fronteira os nossos vizinhos a trazerem generos de commercio, é esse ponto militar de muita importancia e a chave de nossa fronteira pelo lado do Perú.

Pelo recenseamento de 1872 verificou-se que Tabatinga possuia 201 fogos e 786 habitantes, sendo 784 livres e 2 escravos. Do sexo masculino eram 501 e 285 do sexo feminino, sendo 741 nacionaes e 45 estrangeiros.

E' este idolo uma medonha figura feita de diversos cabaços e coberta por cima da casca de uma arvore, chamada *aichama* que parece estôpa, da qual fazem tambem alguns toscos tecidos para as suas cobertas. Ao idolo chamam *ho ho*, nome que dão ao diabo.

O distinctivo desta nação consiste em um risco negro e estreito das orelhas até o nariz. As mulheres não usam de cobertura nenhuma; os homens porém se cobrem pela cintura com a casca acima referida.

Tem porém os Tecunas a singular arte de prepararem as aves e passarinhos, que matam com esgaravatana, de tal sorte que ficam inteiros com todas as suas partes, enchendo-lhes a pelle com algodão ou sumauma, com o que contribuem para se mandarem para a Europa em beneficio da historia natural.

O Sr. Wilkens de Mattos, no seu importante *diccionario topographico do departamento de Loreto*, dá minunciosas noticias a respeito dos Ticunas.

Andam nús, trazem os cabellos compridos e soltos sobre as espaduas e aparados á meia testa.

Usam collar de dentes de tigres e macacos e ornam os braços com uma banda de algodão, por elles tecida e enfeitada com pennas encarnadas e amarellas de tucano.

Crêm no espirito bom e máo, temem a este e acreditam que aquelle, depois de morrerem, apparece-lhes para comer fructas com os mortos, levando a estes para a sua habitação.

Sepultam os cadaveres em vasos de barro, collocando-os assentados e com as mãos e pés atados juntos, e a face voltada para o nascente. Acompanham o cadaver as armas do finado as quaes são previamente quebradas e provem-o das melhores frutas, que podem obter na occasião. Terminada a cerimonia do enterramento, ha uma grande festa, que consiste de bebidas fermentadas feita de aipim e outras raizes. (1)

---

(1) Para estas festas ou antes, para todas as suas festas, usam sobretudo os indios das bebidas fermentadas, a que dão o nome de *Caissuma*, e *Pajauarú* ou *Caixiri*.

A *Caissuma* é preparada com popunha socada e humedecida com agua. Tambem preparam-na com pacova e macachera ou aipim. Dizem ser bebida muito agradavel.

Quanto ao *pajauarú* ou *Caixiri*, preparam-no do modo seguinte: ralam a mandioca, espremem-na no *tipiti*, desprezam o caldo e da massa fazem grandes beijús, que torram no forno de fazer farinha de mandioca.

Quando cosido, preparam sobre taboas ou tabocas uma cama de folhas de bananeiras, da èspessura de uma pollegada, sobre a qual collocam em ordem os beijús. Borrifam-nos com agua e espalham sobre elles folhas picadas de mandioca, a que chamam *manisoba* e cobrem-nos com outra camada de folhas de bananeiras, da mesma grossura que a inferior. Collocam por cima e dos lados taboas de peso sufficiente, de modo a não desmoronar-se a pilha.

As mulheres logo que chegam á puberdade, são encerradas em um lugar vedado á vista dos estranhos á familia ; ahi permanecem todo o tempo preciso á promptificação dos manjares e bebidas para a festividade em honra á virgem. No dia aprasado, a joven recebe um banho geral de tintura forte de genipapo, e depois de ornada de seus enfeites de pennas, é apresentada aos convidados, entre os quaes é de rigor achar-se um *Pagé* (1) e o futuro esposo que os paes da joven lhe destinam.

Passados tres ou quatro dias, descobrem-nos e depositam os beijús, que já cobertos de môfo, em grandes panellões, que tapam hermeticamente com folhas sobrepostas umas as outras e amarradas com sipó.

Dous dias depois descobrem-os e encontram os beijús humidos tendo deixado correr um liquido de côr amarellada e crystallino e com o sabor de vinho branco. Cada panellão dá do tal liquido um copo de meio quartilho.

Estes beijús, dissolvidos n'agua, tornam-se, segundo a qualidade da mandioca, da côr de gemma de ovo ou pardacenta e formam um caldo da espessura do creme de leite, desabor agradavel muito refrigerante e diurectico.

A esta bebida dão tambem os indios o nome de *Caixiri*.

Dous ou tres dias depois, quando já a fermentação se tem effectuado, torna-se então a bebida inebriante, de gosto desagradavel e só accommodada ao paladar, já muito habituado, dos indios.

Destillada, dá excellente aguardente chamada de *beijú*.

(1) *Pagés* são os sacerdotes e ao mesmo tempo os medicos dos indigenas.

« *Piagé*, *piache*, *piaye* ou *piaga*, diz o Sr. Gonçalves Dias, era ao mesmo tempo o sacerdote e o medico, o augure e o cantor dos indigenas do Brazil e de outras partes da America.»

Hans Staden escreve *paygi*; o padre Vasconcellos *payé*; e Damião de Góes *pagé*.

Fugindo dessa tal qual sociedade que tinham, diz ainda o Sr. Gonçalves Dias, retiravam-se as cabanas afastadas e obscuras ao ôco das arvores, á lapa dos rochedos ou ás cavernas tenebrosas, onde nenhum guerreiro entrava e de cuja visita se abstinham: alli impondo-se privações; padecendo tormentos da necessidade, em um viver austero e mysterioso, e durante longas noites passadas no silencio apenas interrompido pelo borborinho confuso das matas, dados á maceração, ao jejum, tornavam-se os *pagés* excessivamente nervosos e de uma sensibilidade exquisita.

O respeito que inspiravam aos demais fazia com que ainda mais se respeitassem e a consideração em que eram tidos, redobrava aquella em que si tinham a si proprios.

Os segredos que possuiam obtidos pela observação e experiencia ou herdados de seus antecessores, eram como o sello da sua autoridade e o caracteristico do seu valimento para com Deus. Estranhava-se a sua vida, o seu isolamento, a austeridade de seus costumes, e quanto empregavam para grangear prestigio. Suppunha-se delles como na idade média dos que se clausuravam, que um guerreiro não deixava as suas tabas o seu modo de vida, as suas festas, os seus jogos, as suas guerras, senão por uma vocação forte, por um chamado providencial.

Collocado no centro do salão, o *Pagé* tomando a mão direita da joven, prediz a sorte que lhe aguarda, depois do que, cantarolando em torno della, vai arrancando-lhe os cabellos que estão soltos sobre as espaduas. A esta ceremonia acodem todos os convivas, que a essa hora já se acham bastante embriagados e cada um por sua vez dansando e cantando em roda da joven, lhe vai tambem arrancando os cabellos. Ao cabo de meia hora está a moça pellada e soffrendo horrivelmente.

Eram portanto reputados entes superiores, e em falta de amor, inspiravam um respeito cégo e um temor incrivel. Conhecendo particularmente a toxicologia americana, a menos incompleto dos seus conhecimentos e a virtude de certas folhas, plantas e raizes, facil lhes era produzir a morte, a loucura ou provocar uma enfermidade artificial.

Com a reputação que tinham não lhes era tambem muito difficil attribuirem-se todos os acontecimentos favoraveis ou desfavoraveis, sobrevindo a um guerreiro ou a uma tribu, conforme lhes fosse amiga ou inimiga. Tal era o seu prestigio, que julgava-se serem elles os que inspiravam aos guerreiros o espirito de força e que delles dependia o bom exito das emprezas; pelo que eram seguidos os seus conselhos, respeitadas as suas ordens e infalliveis os seus anathemas. Se vaticinavam a morte a alguem, nenhuma salvação havia para este, que, levado pela imaginação e prejuizos, se deixava vencer do desanimo, de modo que o terror e a convicção da fatalidade imminente, paralysava-lhe o gyro do sangue e o curso da vida. Pelo contrario tambem, conhecendo elles quão grande era a influencia do moral sobre o physico, bastava que com algumas ceremonias grotescas assegurassem a vida a qualquer enfermo, para que estes em certos casos se restabelecessem.

Tambem em diflerentes lugares do interior das duas provincias do valle do Amazonas, encontram os viajantes certos sitios a que dão o nome de *Pagés*, por haverem sido a residencia desses medicos, sacerdotes e prophetas dos indios.

Nunca por ahi passam esses filhos das selvas sem depositarem, com religioso respeito, alguma offerenda para o espirito do mysterioso personagem que alli vivera, e acreditam que sem essa oblação não chegariam sem perigo ao fim da jornada, porque levariam comsigo a maldição do espirito invisivel, que paira naquelles sitios.

Eis o que a respeito destes costumes refere um viajante:

« Tinhamos já perdido de vista as ilhas de *Souzel* e navegamos aguas acima com toda a força. Pela volta das 11 horas passamos a ultima habitação christã. Com effeito, duas horas depois ouviamos á prôa o grito de *Pagé! o pagé!* e decorridos alguns minutos passavamos junto a um rochedo, na margem esquerda, no qual jasiam depositadas no chão algumas flechas

« Este rochedo, chamado pelos gentios *Pagé*, é por elles venerado e as flechas que alli tinhamos visto, significavam uma ameaça a todos os que ousassem invadir seu territorio; entretanto, a despeito da ameaça, augmentamos de força para vencer a correnteza, que naquelle lugar era por demais violenta.

« Ao passarmos pelo *Pagé* tivemos o cuidado de parar por um momento, para apanharmos as flexas com que o tinham presenteado os gentios.»

Então as aias, que são tres das mais idosas dentre as convidadas, arremessam a joven para o lado do noivo, que a attrahe a si, terminando assim a solemnidade nupcial.

São os *Ticunas* pacificos, doceis, francos e honestos; imberbes, rosto redondo e o nariz delgado. Praticam a poligamia.

A um respeitavel sacerdote da provincia do Amazonas e que por muitos annos viveu no Solimões, devo a descripção de um baptismo conferido a um menino *ticuna*. O digno sacerdote, que m'a referiu, foi testemunha occular dessa scena grotesca, ou, servindo-me de suas palavras, desse espectaculo doloroso entremeiado de damas ao som de gaitas toscamente fabricadas de não sei que madeira e taboco.

Mascarados uns com tinta vermelha e preta, referiu-me elle e outros com rodilhas de panno e folhas na cabeça, invadiram diversos indios o lugar em que se achavam runidos os paes da criança e os maiores da tribu, e logo após os primeiros mascarados entrou um outro grupo formado por individuos cobertos com pelles de differentes animaes, arremedando cada individuo o animal de que trazia a pelle ou ave com cujas pennas se enfeitava.

Depois a criança, pintada de *carajurù*, foi collocada no hombro de uma mulher e mettida no centro de um grande circulo, formado por homens e mulheres, o qual de quando em vez se abria, separando os sexos.

Era uma especie de dansa frenetica, furiosa, em que os sons dos instrumentos desafinados se misturavam e confundiam com o som rouco das vozes, que repetiam constantemente a palavra *kea!*

Então, á um signal do chefe, abriu-se o circulo e cada qual começou a dansar, por sua vez, com a mulher que lhe ficava em frente, uma especie de dansa ligeira, cheia de movimentos lascivos e trejeitos, voltando em seguida para o seu lugar. Depois, agitando o maioral uma especie de tridente que empunhava, abriu-se o circulo e a apresentadeira da criança, que se havia retirado a um banco, em meio do silencio geral approximou-se, cantando, do maioral, que, entre gestos e palavras mal distinctas, beliscou com o dêdo pollegar e o index tão fortemente a cabeça da criança, que lhe veio immediatamente o sangue.

Esta terrivel ceremonia foi repetida por mais duas vezes em fórma de cruz.

Terminada ella, começaram de novo a tocar os roucos instrumentos, até que a um signal do chefe dirigiram-se todos ao panellão em que se achava o *rajaparú* em fermentação. Após copiosa libação, encaminharam-se para a mesa, formada de folhas de pacoveira, estendidas no chão, e onde assados e cosidos achavam-se pedaços de macacos, catitús, araras, etc.

Terminou o festim entre momices e gritos que soltavam, quando em cuias bebiam o *pajauarú*.

O nome que puseram á criança foi de Urutac.

Visinha dos *Ticunas* é a tribu dos Cambebas ou Omaguas,

que se diz oriunda da Columbia, de onde emigrada, entrou no Solimões, acima do rio Japurá.

Os primitivos *Cambebas* davam ás suas cabeças a fórma das cabeças de tartaruga, para se não confundirem com as nações antropophagas; o que conseguiam, comprimindo a cabeça dos recem-nascidos até obterem aquella fórma.

São guerreiros e costumam cortar a cabeça ao inimigo para levantarem-na como trophéo em suas malocas, fazendo dos dentes collares com que se adornam.

Sua arma é a frecha, diz o capitão-tenente Amazonas, que arremessam com a estolica, em vez do arco. E' ella uma palheta de cerca de dous pés de comprimento, em uma de cujas extremidades tem cravado um dente de fera, curvo voltado para a outra extremidade. Encurvada a palheta com a frecha applicada á convexidade do dente, seu elasteterio ou extensão decide do alcance, como a mira do emprego.

Termino esta pequena noticia sobre os ticunas e cambebas, escrevendo algumas linhas mais ácerca das armas de que se serviam e ainda se servem as diversas tribus indigenas.

Além do arco e frechas communs, de que todas ellas mais ou menos se servem, são mais notaveis a *zagaia*, o *curabi*, o *tacape*, o *tangapema*, o *tamarana*, o *cuidatú*, o *murucu*, e a *zarabatana* ou *esgaravatana*.

Os arcos são armas curvas, ordinariamente feitas da madeira *páo d'arco*, ou tambem da palmeira *paxiuba* ou ainda de qualquer outra madeira susceptivel de curvar-se em arco de circulo, por effeito de uma corda preparada com fios de carauá e encerada com uma preparação chamada breu de frecha, presa a cada extremidade do lado convexo.

Umas vezes os arcos são completamente envolvidos por fios extrahidos das palmeiras tucúm ou tucuman; outras vezes, não. São instrumentos de que se servem os indios para arremessarem ao longe as frechas.

As frechas são instrumentos offensivos de que mais geralmente se servem os indios, ou para a caça e a pesca ou para a guerra. São especies de settas, compostas de duas partes distinctas, a haste e a ponta. A haste é ordinariamente feita da propria taboca, sendo delgada e direita, e a ponta ou *suumbá* é feita ou de madeira rija aguçada como paracaúba, maçaranduba, ou de palmeira paxiuba ou de outra qualquer madeira menos rija, porém armada a sua extremidade inferior de pedaços aguçados de ossos longos de animaes ou ainda dos proprios ferrões da arraia e das espinhas de peixes.

Estas frechas são aladas umas e outras não. As aladas são os que tem pennas de varios passaros collocadas uma pollegada abaixo da extremidade superior e no sentido longitudinal. Estas são as de que se servem para maiores distancias, ou arremessadas directamente ou descrevendo uma parabola. As outras são exclusivamente empregadas para pequenas distancias.

Ha tres especies de frechas usadas na guerra, diz o Sr.

Gonçalves Dias, *uagike comm*, a harpoada ; *uagike méran ;* e a outra para caça de animaes menores, *uagike-bacamnumok*. A primeira tem a ponta alongada ou eliptica, feita de taquara ; tostam-na para ficar mais dura e a raspam e aparam para que fique cortante como faca, e a ponta fina como agulha. O animal, ferido della, sangra muito, porque um dos lados é concavo. A ponta da frecha harpada, que tem pollegada ou pollegada e meia de comprimento, é feita de páo d'arco ou de *airi*. E' fina e muito aguda. Tem oito ou dez harpéos, e se emprega na caça de animaes grandes e pequenos e tambem na guerra. A sua ferida é perigosa, por ser de difficil extracção.

As frechas da terceira especie são obtusas e matam por contusão : tomam para isso uma vara que tenha tres ou mais nós, formando como um botão de que fazem a extremidade da frecha.

Para dar mais força ás primeiras, untam-nas com cera, passam-nas ao fogo, para que penetre melhor e assim fazem tambem com os arcos.

A *zagaia* é uma frecha alada, contendo na ponta tres farpas hervadas, duas das quaes são postas obliquamente.

O *curabi* é uma frecha pequena e curta, quasi sempre hervada. O indio bravio tral-a ordinariamente em punho.

O *tacape* é um instrumento feito de madeira preta ou vermelha, de cinco ou seis pés de comprimento, com uma rondella ou moca na extremidade, da grossura de uma pollegada no meio, aguçada na ponta e cortante como um machado.

A *tangapema* é uma especie de espada ou alfange de que se serviam nos sacrificios.

A *tamarana* é um páo faceado, de quatro lados oppostos e iguaes, porém mais grossos em uma das extremidades a que punham franjas de algodão e outros ornatos.

Baena descreveu-a do modo seguinte: « A *tamarana*, assim como o *cuidarú*, é uma especie de clava de cinco palmos de comprimento, chata, esquinada, de duas pollegadas de largura e mais grossa para uma das extremidades.

O *cuidarú*, é uma arma curta, a modo de clava, chata, esquinada, de quatro palmos de comprimento e tres a quatro pollegadas de largura: E' mais grossa para uma das extremidades, e feita de madeira rija, quasi sempre de páo vermelho.

O *murucú* é a mesma arma, feita de igual madeira, porém, em ponto maior, para ser brandida com ambas as mãos. Costumam golpeal-a, de modo que ao entranhar-se se quebra na ferida.

A *zarabatana* ou *esgaravatana* é uma dos armas mais terriveis e certeiras de que se servem os indios. Dentro do tubo interior introduzem uma pequena setta hervada de paxiuba (*huamiri*) e na extremidade superior da setta enrolam um pouco de sumaúma ou algodão, de modo que feche hermeticamente o orificio do cylindro e offereça tal ou qual resistencia ao ar, para ser expellida com mais violencia.

Voltemos agora ao rio Madeira, talvez o maior dos affluentes do rio-mar e sem duvida nenhuma um dos mais importantes pelos valiosissimos productos, que encerram suas margens, admiravelmente uberrimas, e tambem por ser a poderosa arteria, o caminho mais facil não só para as provincias de Mato Grosso e Goyaz, como para a fronteira da Bolivia.

Segundo a opinião mais geral é formado o caudaloso rio Madeira, da juncção, em defferentes pontos, de tres grandes rios: o *Guaporé* ou *Itenez*, o *Mamoré* e o *Beni*; estes dous vindos da Bolivia e aquelle da provincia de Mato Grosso.

O ponto da juncção destes tres grandes rios, segundo o sargento-mór de engenheiros, R. Francisco de Almeida Serra, é a 11° 55' e 46" de latitude sul, e a 22° 34' e 14" de longitude a oeste do meridiano do Rio de Janeiro.

O Madeira corre no rumo de N N O da sua nascente á foz do rio *Beni*, e dahi no rumo de N até a do *Abuná*, e finalmente no de N E deste ponto a ré a sua embocadura, no Amazonas.

Lança-se na margem direita do grande rio, na latitude 3° 23' e 43" S e longittude 358° e 52' E da ilha de Ferro, segundo ainda as observações do sargento-mór de engenheiros, Almeida Serra.

Pelas voltas do Amazonas acha-se a foz do Madeira distante de Belém 275 leguas, cinco acima da villa de Serpa (1) e 25 abaixo do Solimões e da confluencia do Rio Negro.

Em *Baetas*, 95 leguas acima da sua foz, é a sua largura de 400 metros, pouco mais ou menos, e em Santo Antonio, a 90 leguas acima de Baetas, esta largura não excede de 200 metros.

A sua profundidade até Santo Antonio regula de 10 a 12 metros.

A velocidade de suas aguas, na foz, é de 0^m36 por segundo; em Borba, a 25 leguas acima de 0^m61, e finalmente em Baetas, a 70 leguas acima de Borba, de 1^m8.

O seu declive é avaliado em 0,44 por legua.

O volume d'agua que fornece por hora ao Amazonas é representado pelo enorme algarismo de 6.870 metros cubicos(2)

---

(1) Depois de escriptas as linhas acima, chegou-me a noticia de que a assembléa provincial do Amazonas acaba de elevar a villa de Serpa á categoria de cidade, com o nome de *Itacoatiara*.

(2) Em Baetas a corrente é de 3 1/2 milhas; de 1 em Borba e de 600 braças na foz. Em uma hora o Amazonas recebe do Madeira 2.250.000.000 de palmos cubicos de agua. A profundidade não varia da foz á villa de Borba 25 leguas acima: achei quasi sempre 6 braças no canal, e dahi á aldêa dos Muras 5. Informaram-me os praticos que até a cachoeira de Santo Antonio o rio é tão fundo ou talvez mais do que nos lugares por onde passámos. O facto da subida do vapor *Guajará* em 1854 até a povoação de *Crato*, no mez de Setembro, quando o rio está mais secco, prova que ha fundo sufficiente para navios que demandem de 6 a 8 palmos d'agua em todo tempo. Durante os seis mezes de inverno, de Dezembro a Maio, grandes barcos podem chegar ás cachoeiras. (*Relatorio do Dr. J. M. da Silva Coutinho, de* 1861.)

A área comprehendida pelo seu vale é calculada em 16.000 leguas quadradas.

Os indigenas davam-lhe o nome de *Caiari*, que Francisco de Mello Palheta substituiu pelo de Madeira (1), em consequencia da grande quantidade de troncos ou madeiros que incessantemente são arrastados pela correnteza.

O rio *Guaporé* ou *Ytenez* nasce na provincia de Mato Grosso, corre na direcção de E S E e une-se ao *Mamoré*, depois de ter banhado o forte do Principe da Beira. Em seu trajecto recebe os seguintes affluentes, que lhe engrossam as aguas: S. Nicoláo, S. Simão, S. Martinho, Rio Negro, Rio Branco, Magdalena, Ypurupuro ou Machupo.

O rio *Mamoré* é formado da reunião do rio *Sara* com o rio *Chapare*, e tem por affluentes os rios Secure, Tijamuchi, Apere, Rapulo, Yacuhuma, Yvare, Matucare e outros de menor importancia.

O *Beni* corre das montanhas do departamento de *La Paz*, na Bolivia, e banha em seu trajecto campinas de luxuriante vegetação.

---

(1) Tambem constantemente pelo Amazonas encontram-se grandes tóros de cedro e de outras madeiras arrastadas pela correnteza; porém o que mais recrêa os olhos do viajante, fatigado da monotonia do rio, é a quantidade de ilhas, verdadeiras ilhas, de canarana, que o enchem. Deixo á penna habil do Sr. G. de Amorim a descripção desse singular espectaculo:

« Pelo rio Amazonas e por alguns dos seus tributarios descem grandes massas de capim agigantado, a que no paiz dão o nome de *canarana*, as quaes formam verdadeiras e vistosas ilhas, que vão fluctuando até encontrar um baixo, uma ponta de terra ou alguma grande arvore que as faça parar. Acontece muitas vezes trazerem no meio cedros seccos e outros madeiros enormes, cahidos das margens do rio e que formam, com seus grossos troncos, o nucleo da ilha. Outras vezes vêm-se nellas arbustos com dous, tres e mais metros de altura, arrancados pelas massas de canarana com os pedaços do terreno, e que vão navegando mui direitos e em toda a pompa e esplendor de sua rica vegetação tropical, levando pendentes dos ramos ninhos de formosos passarinhos, que lhes esvoaçam em torno, alegres e indifferentes á mudança ou talvez mesmo contentes com a viagem!

« Confesso que nunca vi espectaculo tão original e tão gracioso como esses comboios pittorescos das ilhas de canarana. A massa de seus ramos encruzados em todas as direcções é tão compacta que, ainda mesmo quando não leva arvores seccas enlaçadas, póde-se andar de pé sobre ellas; e muitas vezes as grandes canôas varam-lhe em cima, para dar descanço aos remeiros sem interromper a viagem e sem necessidade de governo.

Não são só as avesinhas, que alli têm seus ninhos, os unicos habitantes: tambem lá se encontram jacarés, cobras de varias qualidades e grandezas, garças e outras grandes aves aquaticas, que parecem achar prazer naquellas aventurosas peregrinações. Algumas destas ilhas fluctuantes percorrem centenares de leguas e é vulgar, logo que se chega proximo ás costas do Pará, encontral-as ainda antes de se avistar a terra; porém ahi já em muito diminutas proporções, porque as ondas do oceano as tem desfeito ou dividido. »

Era já mais ou menos conhecido o Madeira no tempo da viagem do capitão Pedro Teixeira a Quito.

Em 1716 o capitão-mór do Pará João de Barros Guerra, de ordem do governador Christovão da Costa Freire, á frente de uma expedição subiu o Madeira até o rio *Maissy*, a fim de castigar os indios *Torâs*, por descerem o Amazonas para atacarem as canôas dos regatões, como por varias irrupções que fizeram ás aldêas de Canumã e Abacaxis

Segundo Baena, não passou o capitão-mór Barros Guerra das barreiras do Manicoré, 75 leguas acima da foz do Madeira.

Sendo obrigado a abandonar a expedição por grave incommodo de saude, teve a infelicidade de naufragar e morrer, por lhe haver cahido sobre a canôa, que o conduzia, uma grande arvore que se desprendera da ribanceira, alluida pelas aguas do rio. Na sua ausencia continuaram as hostilidades contra os indios, dirigidas pelo capitão de infantaria Diogo Pinto da Gaia e pelo sargento-mór das ordenanças Francisco Fernandes.

Reduzidos os indios aos ultimos apuros, foram obrigados a depôr as armas e a sollicitar a paz, que lhes foi concedida, mediante a condição de se aggregarem á aldêa de Abacaxis, hoje Serpa.

Em 1723, segundo Baena, ou em 1725 segundo o capitão tenente Amazonas, foi o rio Madeira conhecido, pela primeira vez, até a parte superior das cachoeiras. Era então governador do Pará o general João da Maia da Gama. A noticia que por alguns individuos incumbidos do *descimento de indios* (1) do Madeira lhe foi dada, de que acima das cachoeiras havia habitações de gente branca, que não sabiam se eram portuguezes ou hespanhóes, motivou a expedição que mandou o dito general ás ordens de Francisco de Mello Palheta.

Subia Palheta as cachoeiras e encontou perto da foz do *Mamoré* uma canôa de indios castelhanos, dirigida por um mestiço, que o levou ás missões hespanholas, na aldêa da *Exaltação de Santa Cruz dos Cujubas* situada na margem occidental do Mamoré, entre os rios *Iruiname* e *Maniqui*.

---

(1) *Descer indios* ou *descimento de indios* era a expressão que julgaram mais propria para amenisar a crueldade e a violencia dessas celebres expedições, que tinham por fim escravisal-os.

Entravam as *bandeiras*, (expedições) em seus rios, assaltavam suas malocas, intimavam-lhes a rendição, percorriam as matas, como se fizessem uma caçada de homens, atiravam sobre os que recusavam submetter-se e captivavam os outros, a pretexto de civilisal-os.

Curral—*caiçára*, em lingua indigena—era o nome affrontoso que davam ao lugar em que eram depositados como mercadoria, como animaes, os infelizes filhos das selvas para serem depois vendidos como escravos. Ainda hoje conserva, como vivo testemunho desse trafico vergonhoso, o nome de *Caiçára* uma povoação do Solimões, porque para alli eram levados os indios escravisados no rio Juruá.

De volta da sua expedição nada disse Palheta ácerca do *Beny*, que havia de encontrar entre as cachoeiras, nem do *Guaporé*, que tanto na entrada como na sahida do *Mamoré* não podia deixar de ver.

Posto que esta viagem não fosse propriamente de exploração, ficou entretanto dahi em diante conhecida uma parte muito importante do paiz e de seus limites provaveis.

Em 1737, estabeleceram os padres jesuitas uma missão nas immediações da primeira cachoeira, a que, do nome da missão chamou-se de Santo Antonio, e subindo o rio até a confluencia do *Mamoré*, e nelle entrando, passaram a praticar com outros missionarios no territorio do Perú.

Em 1742, um individuo de nome Manoel de Lima, desceu de Mato Grosso pelo Guaporé e Madeira até o Amazonas, entregue sómente á discrição da corrente e sem saber até onde iria parar.

Em 1760 o capitão general (governador de Mato Grosso) que já em 1752 visitara o Baixo-Guaporé, foi fundar no lugar onde pouco antes existia a missão hespanhola de Santa Rosa, uma fortaleza denominada de Nossa Senhora da Conceição, que em 1776 foi substituida, por achar-se inteiramente arruinada, pelo forte do Principe da Beira (1).

Tal foi o meio de que se serviram esses primeiros exploradores das matas do Amazonas, para attrahirem os indios aos *beneficios da civilisação*!

Felizmente a carta de lei, datada de 6 de Junho de 1755 aboliu semelhante commercio, até então considerado muito legal e declarou os indios do Pará e do Maranhão isentos de toda a escravidão.

Esse reconhecimento dos direitos sagrados de tantos milhares de homens, essa lei santa e humanitaria, que vinha pôr côbro a tantas scenas de atrocidade e violencia, é representada pelo grande ministro de D. José, por esse homem extraordinario, que se chamou Sebastião José de Carvalho e Mello, depois marquez de Pombal.

(1) Uma legua e um terço depois da barra do *Itonamas*, na margem direita do Guaporé, 190 leguas além da cidade de Mato Grosso.... existe o forte do Principe da Beira, começado em 1776, a fim de proteger a navegação de Mato Grosso para o Pará pelo Madeira, e substituir o Presidio da Conceição, que houve em outro tempo, um pouco abaixo, sobre a mencionada margem; está fundado em terreno espaçoso, que declina suavemente para todos os lados, e livre da inundação, que neste lugar chega a 45 palmos de altura: ha uma lagôa proxima ao rio, que principia 27 braças distante do fim da esplanada, na direcção da capital do baluarte, que olha para o S S O.

O forte do Principe é fortificação regular, a melhor que temos em toda a fronteira: consta de um quadrado de 60 braças do lado exterior, fortificado segundo o systema de Vauban; tem fosso, estrada coberta, quatro praças d'armas e esplanada; entra-se no forte por dous portões, um que está em frente ao rio e outro a meio da cortina, que olha para o N N O.....

..... O Guaporé forma em frente ao forte uma enseada não pequena. (*Luiz d'Arlincourt.*)

Emquanto alli estava chegou uma expedição vinda do Pará com petrechos de guerra.

Desde então foi tomando incremento a navegação do Madeira e Guaporé.

Foi por ella que o districto de Mato Grosso se aprovisionou não só da artilharia, petrechos e munições de guerra, mas tambem de outros artigos do seu mercado, como sal, ferro, aço, cobre, louça, liquidos e ainda fazendas seccas.

Foi por ella que se retirou o governador D. Antonio Rolim, e que transitaram na ida e volta seus successores immediatos, bem como diversos magistrados e officiaes militares e finalmente foi por ella que por muito tempo se transmittiu a correspondencia com a côrte de Lisboa, fundando-se entretanto nas margens dos rios alguns povoados de ephemera duração. (1)

De 1780 a 1790 foi o Madeira explorado scientificamente pela commissão de engenheiros, que levantou a carta da provincia, para servir de base ao tratado definitivo de limites entre o Brasil e as possessões hespanholas.

A ultima viagem da commissão ao Madeira foi dirigida pelo sargento-mór de engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra, que verificou as observações feitas anteriormente, acrescentando algumas noticias importantes sobre lugares e rios não mencionados no primeiro diario. O seu trabalho por isso é o mais perfeito sobre este rio.

Na secretaria da provincia do Amazonas existe a carta da provincia, que levantou essa commissão, desenhada pelo Dr. em mathematicas José Joaquim Victorio da Costa. (2)

A' margem direita do Madeira e 25 leguas acima da sua foz, acha-se assentada a villa de Borba, hoje muito decadente.

Esta villa, antiga aldea de *Trocano* (3) e depois freguezia de *Araretama*, foi fundada em 1728 pelo padre João de Sampaio, religioso jesuita, junto ás primeiras cachoeiras do rio Madeira.

Desse sitio, que foi o seu primitivo assento, trasladou-se para a foz do rio *Jamary*, affluente do Madeira e por isso teve a donominação de aldêa das cachoeiras ou mais geralmente de *Jamary*.

---

(1) Tratado de geographia pelo Sr. *senador Pompêo*.

(2) Relatorio do Dr. *J. M. da Silva Coutinho* 1861.

(3) *Trocano* era o instrumento de guerra de quasi todos os gentios do Pará, diz o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira,— como o havia na aldêa antigamente chamada do Trocano, hoje villa de Borba. Serve ao gentio de caixa de guerra para as suas chamadas, e tambem para os avisos, que de parte a parte fazem umas a outras aldêas, quando ha novidade que participar aos alliados, que estão mais distantes. De sorte que a primeira aldêa que houve o signal do Trocano, o participa á outra sua immediata, fazendo o mesmo signal, e assim em breve tempo se avisam ainda as que estão mais remotas. Tambem serve para chamada de baile e se distingue pelo differente toque.

Hostilisada constantemente a nova povoação pelos indios *Muras*, mudou-se para *Camuan*, na foz do rio *Gi-paraná*, hoje rio *Machado*, e em seguida para a foz do rio *Baêta*, outro affluente do Madeira onde tomou a denominação de *Araretama*. D'ahi finalmente trasladou-se para o lugar em que actualmente se acha.

Em 1756, quando elevada á categoria de villa, substituiu o nome de Trocano pelo de Borba.

A villa de *Borba* já floresceu, já teve seus tempos de gloria e o que é para admirar, quando as circumstancias não eram tão favoraveis como hoje; quando no Amazonas não havia navegação a vapor.

Não sei que máo fado persegue este immenso valle do Amazonas aqui parece que o mundo não caminha, retrograda; aqui as povoações em vez de augmentarem e crescerem, diminuem e desapparecem. Revendo-se os mappas e as corographias da provincia, reconhece-se que a tendencia á ruina e a destruição é endemica neste valle, como as febres que nas cabeceiras dos rios dizimam a população.

O Rio Negro, por exemplo, outr'ora tão povoado e florescente, é hoje quasi um deserto e povoações que ainda em 1833 existiam, como Lamalonga, S. Bernardo, Camanáos, S. Miguel de Iparama, Nossa Senhora de Nazareth de Curiana, Loreto, S. João de Mabé, Carvoeiro-novo e Carmo, nem dellas hoje existem as ruinas.

Esse desmoronamento, essa destruição vai atacande tambem as povoações que ainda restam.

« Barcellos, outr'ora capital do Rio Negro, ainda mostra os alicerces do palacio dos governadores de que era residencia, e só a tradição revela que ahi tivessem existido um quartel, um armazem real e um hospicio carmelitano.

« La jasem os marmores que os portuguezes conduziram com destino á fronteira do *Cucuhy* para assignalar os nossos limites com Venezuela e que só tem servido de marcos da nossa incuria e imprevidencia. (1) »

« Fazem-o de algum tronco de arvore, cuja madeira seja dura e compacta, que não suffoque o som que procede das pancadas das vaquetas. A *cupi-ihua* é uma das mais empregadas. Escavam o tronco ao fogo e dão polimento á obra com os dentes de cutia, caititú e concha uruá, com que lhe abrem seus lavores.

« Nem todos tem o mesmo numero de aberturas, mas duas, tres e mais. A forma tambem varia, pois o que descreve Gumilla, no seu *Orinoco illustrado*, tem a figura de um rebecão.

« As vaquetas são duas maças, á maneira de embolos de seringa, com estopadas feitas de nervo de borracha, ou com os engaços do cacho da palmeira *patauá*. Para o tocar, suspendem-no do chão com o cipó *timbó-titica*, sobre duas forquilhas.»

(1) *Melhoramentos do Amazonas* pelo Dr. João Ribeiro da Silva Junior.

A morte prematura do autor impediu que elle terminasse esse importante trabalho.

Os jesuitas tiveram em Borba uma bem montada olaria. No lugar em que esteve esse estabelecimento, diz o Dr. Silva Coutinho, ainda vi escavações, de onde se tirava o barro e achei alguns pedaços de tijollos fabricados, ha mais de um seculo, em bom estado. Vi tambem os grossos alicerces de uma igreja que elles começaram, mas que não foi concluida. Existem ainda os restos de dous canos de esgoto subterraneos, que, partindo do lugar do antigo hospicio, vão ter ao rio.

O tabaco preparado em Borba passava, até muito pouco tempo, por ser o melhor de todo o Brazil.

Eis o processo empregado na sua manipulação:

Depois de ter chegado a planta ao seu completo desenvolvimento, isto é, quando as extremidades das folhas começam a murchar, são estas colhidas e postas a seccar á sombra. No fim de quinze a vinte dias tira-se o tallo das folhas, a nervura principal, e formam-se molhos fortemente apertados com embira, que é substituida no fim do processo pela *jacitara*.

Os molhos de duas libras tem um e meia pollegada de diametro e seis e meio palmos de comprimento.

O fumo, que era genero que em grande abundancia, em época não mui remota exportava a provincia do Amazonas, é hoje objecto de importação!

Tal é a cegueira pelos lucros phantasticos que a borracha offerece, que essa importante lavoura foi quasi que de todo abandonada, com excepção do municipio de Maués, onde ainda se cultiva.

E não ha reflexões por mais sensatas e não ha conselhos ou ameaça de um futuro assustador, que façam retirar o povo da seducção que, mais tarde ou mais cedo, ha de leval-o ao abysmo.

O Madeira, o Purús, o Rio Branco ahi estão offerecendo suas terras prodigiosamente uberrimas ao lavrador; elle as vê, mas cega-o, fascina-o a seringuira, e eil-a após essa miragem, que, illudindo-o, acarreta-lhe a miseria, as enfermidades e a morte.

O clima de Borba é aprazivel e saudavel, em razão da posição em que se acha collocada, e seu terreno fertillissimo presta-se admiravelmente á cultura da mandioca, do milho, do arroz e do cacáo.

E' Borba, apezar de muito decahida, a povoação mais importante do rio Madeira.

A' margem esquerda do mesmo rio e acima de Borba, foi fundada em 1802 uma povoação com o nome de S. João do Crato. O fim que para isto teve em vista o governador D. Francisco de Souza Coutinho, foi o de facilitar as communicações commerciaes entre o Pará e as capitanias de Goyaz e Mato Grosso.

Nada entretanto foi possivel conseguir, em consequencia da insalubridade do clima.

Por algum tempo serviu esse lugar de presidio, até que, commandando o sargento Manoel Baptista de Carvalho o des-

tacamento collocado naquelle ponto e procurando a maneira de evitar a morte, que alli o esperava e da qual já começava a sentir os primeiros assaltos, mandou incendiar as poucas casas que então havia, e attribuindo este acontecimento ao acaso, abandonou o lugar, retirando-se com o destacamento.

A povoação de S. João do Crato passou para o lugar de Baetas e por lei provincial de 1868 foi transferida a séde da freguezia para a povoação de *Manicoré*.

Muito pouco importantes são as demais povoações, como *Sapucaia-oroca* (1) e sitios de *Mandihy* e *Boa-Vista*.

Do *Diario Astronomico*, que escreveram os officiaes engenheiros, mandados em 1781, na commissão de demarcação de limites, extraio, pela sua importancia e raridade, o seguinte roteiro da viagem pelo rio Madeira até a foz do Guaporé:

---

(1) A respeito desta pequena povoação, contam os indios do Madeira a seguinte lenda:

Pouco abaixo do lugar em que se acha assentada *Sapucaia-oroca*, referem os indios que existiu outr'ora uma outra povoação muito maior do que esta e que um dia desappareceu da superficie da terra, sepultando-se nas profundidades do rio.

E' que os *Muras*, que então a habitavam, levavam vida desordenada e má, e nas festas, que em honra de *Tupana* celebravam, entregavam-se a dansas tão lascivas e cantavam cantigas tão impuras, que faziam chorar de dor aos *anga-turámas*, que eram os espiritos protectores, que por elles velavam.

Por vezes os velhos e inspirados *pagés*, sabedores dos segredos de *Tupana*, haviam-nos advertido de que tremendo castigo os ameaçava, se não rompessem de uma vez para sempre com a pratica de tão criminosas abominações.

Mas cegos e surdos, os *Muras* não os viam e nem os ouviam.

E pois um dia, em meio das festas e das dansas e quando mais quente fervia a orgia, tremeu de subito a terra e na voragem das aguas que se erguiam, desappareceu a povoação.

As altas barrancas, que ainda hoje alli se vêm, attestam a profundidade do abysmo em que foram arrojados a povoação e os reprobos....

Depois, muitos annos depois, foi que começou a surgir a actual povoação, que ainda não póde attingir ao gráo de importancia da que fôra submergida.

Foram de novo habital-a os *Muras*; mas em breve, por entre a escuridão da noite, começaram a ouvir, tranzidos de medo, como o cantar sonoro de gallos, que incessante se erguia do fundo das aguas.

Consultados os *pagés* venerandos, que perscrutavam os segredos do destino, declararam estes que aquelle cantar de gallos, ouvido em horas mortas da noite, provinha daquelles mesmos *anga-turámas*, que deploraram outr'ora a miserrima sorte da povoação submergida e que sempre protectores dos filhos da tribu dos *Muras*, serviam-se do canto despertador dos gallos da *Sapucaia-oroca* (gallinheiro, em lingua indigena) submergida, para recordarem o tremendo castigo por que passaram seus maiores e desviarem a nova geração do perigo de sorte igual.

E' esta a lenda que deu origem ao nome da pequena povoação—*Sapucaia-oroca*.

« Entrando pelo rio Madeira se deixará por estibordo o Amazonas, e com prôa ao S O se navegará pela margem oriental acima, encontrando nella, em distancia de 11 leguas e meia a boca do rio Tupinambarana.....

« Navegando mais 11 leguas se chegará á villa de Borba, e largando deste porto acima, que pela distancia de quasi 2 leguas vai na direcção de E, tornando depois ao seu rumo geral de S O, se deixará por estibordo a boca do furo Uáutás, que dista quatro leguas e meia da villa de Borba. Deste furo para cima corre o rio no rumo do S, na distancia de quasi sete leguas, em que se encontram notaveis praias e ilhas, sendo a primeira a da *Mandiúba*, logo adiante duas parallelas, chamadas de Carapanatuba; e quasi onde o rio torna ao seu rumo geral está a ilha do Jacaré, e duas leguas superior se acham as ilhas de José João; deixando mais por estibordo a boca do rio Aripuaná, que fica 17 leguas acima do Uautás.

«Da referida boca do Aripuaná, se segue a viagem no rumo geral, encontrando logo as ilhas das Araras, que tem quatro leguas de comprido, e a costa da margem oriental, por onde se navega, de altas barreiras de ocres de differentes côres, desembocando nella, defronte da ultima ponta das sobreditas ilhas, o rio do mesmo nome.

« Proseguindo a viagem se encontrará duas leguas adiante a ilha Uruá, que tem outras duas leguas de comprido, e mais duas superior em a mesma margem oriental a boca do rio Mataurá, que fica distante do rio Aripuaná dez leguas e meia. O rio Mataurá, communica-se com o Tupinambarana pelo rio Camuam

« Da boca do Mataurá para cima leva o Madeira a direcção de O por quasi tres leguas, e dellas para diante busca outra vez o seu rumo geral até a boca do rio Anhangatiny, que dista do Mataurá cinco leguas e meia. No meio deste intervallo se acha a ilha do Genipapo, que tem duas leguas de extensão, com grandes praias, e trabalhosas correntezas.

« Da foz do Anhangatiny, segue o rio a direcção de O por quasi duas leguas, voltando depois ao seu rumo geral até a boca do rio Manicoré, que desagua no Madeira em a margem oriental, sete leguas distante do Anhangatiny. Entre a distancia em que ficam estes dous rios, se encontram as duas grandes ilhas e praias chamadas do Matupiri e Mouraçatuba.

« Continuando a viagem pelo Madeira acima, rumo de O até o rio Capaná, que fica tambem sete leguas e meia distante do Manicoré, se encontram varias praias, e se fazem diversas voltas, sendo uma tão opposta, que logo de S se vira ao N, onde se acham as ilhas conhecidas pelo nome de Jatuaranas, que são tres, e comprehendem tres leguas na curva, que alli descreve o rio.

« Proseguindo da boca do rio Capaná para cima, se navegará no rumo de E a distancia de duas leguas, fazendo depois dellas prôa de S por ser esta a direcção, que o rio Madeira aqui leva com algumas pequenas voltas. Tres leguas superior á dita boca, se encontrarão as ilhas de Urupé, que

em duas leguas de comprido, e cinco acima está a ponta da ilha do Marmello, que tem tres leguas de extensão, ficando pouco antes do seu extremo superior, na margem oriental, a boca do rio do Marmello; e duas leguas acima, as duas ilhas de Aruapiara, que tem duas leguas de comprido, e formam tambem a boca do rio do mesmo nome, que se deixará por bombordo no meio das referidas ilhas, distante do Capaná onze leguas e meia.

« Do extremo superior da ultima ilha Aruapiara se navega com prôa de O na distancia de seis leguas, e continuando duas mais com rumo geral de S O se encontrará na margem occidental á boca do pequeno rio Baêtas, ficando meia legua antes a boca do igarapé Jarauary. Pouco acima da boca do dito rio Baêtas se encontra uma ilha do mesmo nome, e proseguindo avante com prôa de S a ilha dos Muras, que fica seis leguas do rio Baêtas e quatorze distante do Aruapiara.

« Seguindo viagem se costeará a ilha dos Muras pela parte oriental, aonde se encontram muitas praias e grandes correntezas, ainda que menores que as do outro lado. Esta ilha notavel tem a sua direcção de N a S, com quasi tres leguas de comprido e uma de largo. Do extremo della se navegará com prôa de O, por ser o rumo, que alli leva o rio; uma legua acima quasi á terra de bombordo, se encontrarão as tres ilhas chamadas de Santo Antonio; e tendo navegado naquelle rumo a distancia de quatro leguas, corre o rio ao S, com cuja prôa se avistará logo a ilha dos Pagãos ou Saraima, e uma legua superior a ilha dos Piriquitos, que tem uma legua de comprido. Duas acima está o igarapé Pirayuara com uma ilha immediata, que tem o mesmo nome e uma legua de extensão.

« Da bocca deste igarapé se dirige o rio outra vez para O, em que se demora a distancia de duas leguas para tornar ao S. Tres leguas acima daquella ultima ilha se encontram a das Piraybas, que tem duas leguas de comprimento, formando todas ellas grandes e vistosas praias. Outras tres leguas acima das Piraybas principiam as tres ilhas das Arraias, que se acham ao longo do rio com duas leguas de extensão. Superior a ellas, na distancia de uma legua, se chegará á boca do pequeno rio das Arraias, que fica na margem occidental e distante da ilha dos Muras vinte duas leguas.

« Proseguindo viagem mais duas leguas com prôa do S, volta o rio pela extensão de uma legua com a direcção de S E, aonde se acha a ilha chamada do Batuque, em que o rio torna ao S. Acabada a dita ilha, que tem uma legua de comprido, se segue logo a das Flechas com duas leguas. Ambas estas ilhas se acham encostadas á margem oriental do rio. A quatro leguas e meia acima das Flechas está a bocca do rio ou igarapé Maissy; e legua e meia superior se acha a do rio Machado, ambos na margem oriental e este distante do rio das Arraias onze leguas e meia.

« Desta situação para cima leva o rio Madeira o rumo de S S O, e a uma legua de distancia se acha a bocca do igarapé

do Jacaré. Tem defronte uma ilha do mesmo nome, bem como o Machado outro tambem do seu nome. Segue a ilha dos Papagaios, e depois desta a das Abelhas. As referidas ilhas ficam diminuidas na passagem do verão porque seccam os igarapés ou canaes, que as separam da terra firme. Acima da bocca do Jacaré duas leguas se encontra uma grande praia, cuja latitude austral é de 8°9'. Do fim da referida praia se navega com prôa de S O até o igarapé Maiacypé, que fica por bombordo na distancia de tres leguas, e voltando aqui o rio a O se encontra legua e meia superior na margem austral a bocca do pequeno rio Pauanéma e á uma legua mais em a mesma margem o igarapé Puncam, da bocca do qual volta o rio ao S, ficando pouco mais acima duas ilhas do mesmo nome. Vogando mais quatro leguas e meia se deixará por bombordo a bocca do lago ou igarapé Puinaré, defronte de uma ilha do mesmo nome, desaguando duas leguas superior em a margem oriental do Madeira o rio Jamary, que dista do Machado quatorze leguas e meia.

«Partindo deste lugar, rio acima, com prôa de S, se encontrará a uma legua de distancia a ilha de Mariuhy, que tem meia legua de comprido, e a pouco mais de uma fica a ilha das Guaribas, sendo a costa de E destas ilhas de grandes e altas barreiras, com suas pontas de pedras, que formam trabalhosas correntezas.

«Da ilha das Guaribas corre o rio para O e nesta volta se deixa por bombordo a tapera do Trocano, lugar em que residiram ultimamente os moradores da villa de Borba.

« Navegando mais uma legua se encontram as ilhas do Mandihy, que comprehendem quasi duas leguas na sua extensão. Dellas volta o rio para o seu rumo geral de S O, e subindo por este rumo pouco mais de duas leguas se encontrará a famosa praia do Tamanduá, aonde se fazem as mais vantajosas pescarias de tartarugas, por irem a ellas muitas desovar desta praia até pouco mais de uma legua se dirige o rio para o O, e vencida ella prosegue por mais de tres leguas a direcção de S, ficando em ambas as margens as boccas de muitos lagos até a primeira cachoeira, chamada de Santo Antonio que dista do Jamary 12 leguas e meia.

« Acabada de conseguir a passagem da dita cachoeira, se proseguirá avante quasi uma legua pelo rumo do S. e voltando a distancia de outra com o rumo de S O, se encontrarão muitos e altos penedos, que atravessam o rio, e formam nelle uma grande correnteza e sirga, a que chamam do Macaco, a qual se passa com bastante trabalho, ficando pouco mais acima uma praia, aonde se costuma descançar, já distante da dita cachoeira de Santo Antonio duas leguas e meia.

« Proseguindo o rio e correntezas acima, se chegará á segunda cachoeira, chamada do Salto, aonde é indispensavel descarregar as canôas e estivar o varadouro, que tem mais de 250 braças de extensão pela falda de um monte ou morro de lagedo e terra, que ha de ter mais de 60 palmos de alto, com aspero declive.

«Desta cachoeira se navega com prôa de S, encontrando-se uma legua acima infinitos penedos dispersos por toda a largura do rio, o que produz trabalhosas correntezas e enfadonhas voltas, até se navegarem tres leguas e meia de caminho, aonde se encontra a terceira cachoeira, chamada dos Morrinhos, que se costuma vadear pelo canal do meio e quasi sempre em meia carga.

«Vencida pois a passagem desta cachoeira se prosegue uma legua de viagem com prôa de O, e mais tres e meia a de S O, encontrando-se nesta distancia uma grande ilha, em que ha fortes correntezas, e na margem oriental do Madeira a boca do rio Jacipará; della para diante torna aquelle rio á direcção de O; navegando pouco mais se encontram tres ilhas conhecidas pelo dito nome e bastantes correntezas. Tres leguas acima se acha uma ilha chamada de Sant'Anna, aonde volta o rio ao S O; encontrando-se duas leguas superior, na margem occidental, a boca do rio Maparaná, e uma acima a quarta cachoeira, conhecida pelo nome de Caldeirão do Inferno, que dista da cachoeira dos Morrinhos dez leguas.

«Da sahida do dito Caldeirão corre o rio no rumo de S O, e havendo por elle navegado uma legua se encontra a quinta cachoeira chamada do Giráu.....

.....

«Da dita cachoeira se proseguirá com o mesmo rumo a distancia de duas leguas, vencendo-se nellas trabalhosas correntezas; e mudando depois o rio para o S até a distancia de cinco leguas e meia, se encontrará a sexta cachoeira, chamada dos Tres Irmãos, que dista do Girau sete leguas e meia.

«Vencida esta cachoeira, se navegará com prôa de O a distancia de quatro leguas pelo Madeira, que nesta paragem é muito estreito e guarnecido pela costa austral de collinas, que terminam na margem do rio e pela septentrional de terras elevadas, havendo no alveo do rio differentes penedos fóra d'agua, que produzem incommodas correntezas até a setima cachoeira, chamada do Paredão, a qual dista da sexta cinco leguas e meia.

«Com a prôa a O se continua a viagem, vencendo repetidas correntesas até a oitava cachoeira, conhecida pelo nome da Pederneira, distante da do Paredão tres leguas.

«Acabada esta trabalhosa passagem se prosegue avante com o rumo de S S O, deixando em a margem occidental, distante quatro leguas, a boca do rio Abuná.

«Deste lugar volta o Madeira no rumo de S E, e vencidas com esta prôa quatro leguas e meia, se muda para a do S por mais duas leguas e meia, com que se chega á nona cachoeira, chamada das Araras, que fica 11 leguas da Pederneira.

«Proseguindo viagem e rumo do S com a opposição de continuadas correntezas, se chega á decima cachoeira, intitulada do Ribeirão, que está situada tres leguas acima da das Araras.

«Vencidas pois as grandes difficuldades daquella horrorosa

cachoeira, que tem duas leguas de comprido, se continuará a viagem por entre penedos e correntezas até a distancia de meia legua, aonde se encontra a undecima cachoeira, chamada da Misericordia.

«Da dita cachoeira se dirige o rio pelo rumo do S até a decima segunda cachoeira, conhecida pelo nome do Madeira, que dista da Misericordia duas leguas.

«Vadeada que seja aquella cachoeira, se navega com prôa de S até a boca do rio Mamoré, que fica duas leguas distante da cachoeira do Madeira, e deixando por estibordo na direcção de S O o rio Madeira, se prosegue avante a distancia de uma legua, com o mesmo rumo do S, ficando por bombordo um pequeno rio d'agua negra e meia legua superior a decima terceira cachoeira chamada das Lages.

«Proseguindo viagem, se chegará com legua e meia de caminho á decima quarta cachoeira, denominada do Pau-Grande.

«Largando a dita cachoeira agua acima e rumo do S se encontrará na distancia de duas leguas a decima quinta cachoeira, conhecida pelo nome das Bananeiras. Nesta cachoeira se varam quasi sempre as canôas por terra, tendo o rio mais ou menos agua, o qual neste lugar é larguissimo e cheio de innumeraveis ilhas, pedras, correntezas e saltos, sendo esta cachoeira e a do Ribeirão as duas mais escabrosas e extensas, pois em qualquer das grandes sirgas ou saltos, de que se compõe, arrebentando o cabo por que se puxa cada uma das canôas, não só se farão em pedaços, mas difficultosamente se salvará a gente que nellas fôr.

« Vencida a dita cachoeira e algumas correntezas que se lhes seguem, se navegará com prôa de E a distancia de uma legua; e com prôa de S legua e meia para chegar á decima sexta cachoeira, chamada do Guajará-assú.

« Conseguida esta cachoeira e as seguintes correntezas, que enchem quasi todo o quarto de legua de distancia, se acha a decima setima cachoeira, intitulada Guajará-mirim, que sem notavel trabalho se vence, proseguindo avante até uma ilha, que o rio alli fórma, e em que termina uma legua de distancia.

« A respeito de cachoeiras não se póde dizer positivamente nem o seu estado, nem o tempo, que se gastará em passar cada uma dellas. Dous palmos d'agua mais ou menos lhes fazem uma consideravel differença, pois esta pequena quantidade basta para diminuir em umas as sirgas e saltos, facilitando-lhes breves canaes, e em outras fazer succeder tudo pelo contrario, augmentando a ruina das canôas e a demora dos seus concertos; não fallando ainda nas molestias, que provém aos indios, quando andam dias continuados trabalhando dentro d'agua, mórmente se o rio traz repiquete.

« Deixando pois a dita ultima cachoeira, se navega com o rumo de S E até deixar por bombordo a boca do rio Pacanova, e levando deste lugar a direcção do S, e interpolada de muitas e differentes voltas, se chegará a duas pequenas

ilhas, conhecidas pelo nome das Capiuaras, que ficam nove leguas e tres quartos distantes do Guajará-mirim.

« Das ditas ilhas para cima augmenta o rio tantas e tão successivas voltas, que seria confusa a sua narração, sendo entre ellas as de maior extensão as S e S E até chegar á foz do rio Mamoré, que fica 16 leguas e meia das Capiuaras. »

Muitos e importantes tributarios levam suas aguas a engrossar o volume das do Madeira.

Os mais notaveis d'entre elles são: o Aripuaná, Mariaipauá, Mataurá, Anhangatini ou Uatininga, Manicoré, Rio dos Marmellos ou Araxiá, Uruapiara, Machado ou Giparaná, Jamary e Capanan.

O rio *Aripuaná* lança-se na margem direita do Madeira. Segue no rumo de S terá de largura na foz oitenta braças pouco mais ou menos; estreita um pouco acima e vai com 50 a 60 braças até as suas cachoeiras, que são cinco e distam da fóz 40 leguas proximamente. Este rio cursa muito longe e póde ser navegado, durante o inverno, em barcos que demandem de 8 a 10 palmos d'agua.

Mais clara e de melhor gosto que a do Madeira (1) é a agua deste rio. Dizem os naturaes que ha extensas campinas nas cabeceiras. As copahybeiras abundam nas margens deste rio, de seis leguas da foz em diante.

Na parte superior tem os indios *Araras* algumas aldêas assim como tres tribus denominadas *Hiauareti-tapué, Aneratapui* e *Matanaús*, que alguns praticos suppõe serem ramificações da primeira.

Os *Araras* são intelligentes e dedicam-se á agricultura, plantando o necessario á sua alimentação. Durante algum tempo, diz o Sr. Dr. Silva Coutinho, estiveram aldeados cerca de 200 nas proximidades da villa de Borba e com suas lavouras abasteciam o povoado.

O rio *Mariaipaua* lança-se na margem direita do Madeira, tendo 30 braças de largura na foz. A sua extensão é calculada em mais de 30 leguas. Em suas margens abundam as copahibeiras e castanheiras.

O rio *Mataura*, que tambem se lança na margem direita do Madeira, segue no rumo de S S O. « Tem 40 braças de largura, diz o Dr. Silva Coutinho, e fundo durante o inverno para canôas de 6 a 8 palmos de calado. O major Serra, continúa o mesmo Sr. Dr. Coutinho, diz em seu diario que este rio communica-se com o Canuman. Os praticos do lugar, a quem consultei, nada sabiam a tal respeito. Esta communicação parece-me impossivel por causa do Aripuaná; rio que cursa muito longe. Era preciso que o Canuman passasse além das cabeceiras do Aripuaná para communicar-se com o Madeira por meio do Mataurá, circumstancia que não é muito provavel. »

---

(1) As aguas do Madeira, na parte superior, são barrentas, e na inferior, áquem das cachoeiras, são de um verde claro.

Na parte superior do Mataurá ha algumas malocas de Muras.

A tribu dos Muras é a que mais espalhada se acha nas margens do Madeira e de seus affluentes. Pretendem-se oriundos do Perú. São de estatura regular e em geral barbados. Gozam de má reputação.

« O Mura, diz o Sr. Dr. Coutinho, não tem dignidade; é ladrão, velhaco, bebado e vadio. »

O rio *Anhangatini* ou *Uatininga* é de pequeno curso. E' preta a côr de sua agua, assim como a do *Manicoré*.

O rio dos *Marmellos* ou *Araxiá* entra na margem direita do Madeira com 80 braças de largura. A 30 leguas da foz encontram-se 7 cachoeiras, uma das quaes tem 50 palmos de queda no tempo da maior vasante. Pelas outras passam canôas de mediana grandeza, sem muito incommodo. Acima das cachoeiras, não mui distante das margens, ha serras que não são altas. O rio entra depois em um grande campo, que se prolonga á direita e á esquerda, o qual é de arêa e tem uma rara vegetação de capim, que secca logo no começo do verão. Em compensação abundam algumas arvores fructiferas, como cajueiros, axiuás, muruxis, sorvas pequenas, etc.

Da margem esquerda do Tapajoz prolongam-se grandes campos da mesma natureza que estes e a noticia das campinas do Aripuaná, do Abacaxis, de Canuman e outros rios, levam a crer que os campos occupam todo o interior (1).

O rio dos *Marmellos* é tambem rico de copahybeiras na parte superior e de seringueiras nas proximidades da foz.

Nelle vivem os indios *Turás, Muras, Araras, Matanauis* e outras tribus desconhecidas.

As aguas das cabeceiras deste rio, diz o Dr. Silva Coutinho, são da côr de café.

O rio *Machado* ou *Gi-paraná* (machado do rio) é maior que o dos Marmellos. De seis leguas da foz em diante a largura torna-se tres a quatro vezes maior. Encontram-se algumas ilhas de grandeza mediana, ricas de seringueiras e castanheiras. Continúa o rio por uma campina, que dizem os naturaes ser o prolongamento da dos Marmellos.

Antes de ahi chegar e ainda na região das florestas, ha sete cachoeiras, das quaes só uma tem tres palmos de queda no verão; as outras passam-se bem.

Muitas aldêas de *Turás, Araras, Matanauis* e *Urupás* estão estabelecidas nas margens deste rio, que possue em abundancia as melhores drogas do paiz.

Fallando deste rio, diz, em sua *Navegação ao Rio Madeira*, o Sr. J. Gonçalves da Fonceca (2):

« Entrega este rio as suas aguas ao Madeira por entre uma ribanceira alta: divide-se em dous braços, por lhe dar esta

---

(1) *Relatorio do Dr. S. Coutinho sobre o Madeira*, 1861.

(2) Este livro foi mandado publicar pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 1826.

figura uma ilha de pouca largura, porém de dilatado comprimento, que correndo com o rumo do mesmo *Gi-paraná*, dizem ser necessario dous dias de viagem para a vencer. O canal da parte de leste tem de largura na boca, entre a terra e a ponta da ilha, 257 varas portuguezas, e o da parte de oeste tem 177, que todas fazem 434, boca total do mesmo rio, o qual navegando-se por espaço de duas horas mostrou ser o seu rumo sueste e á leste é a sua entrada. Observou-se a altura e se achou estar a sua desembocadura em nove gráos de latitude austral. »

O nome de *Gi-paraná* ou machado do rio, lhe puzeram os indigenas, por acharem nelle uns mariscos semelhantes ás ostras e bastante fortes, cujas conchas lhes serviam para cortar páos miudos.

O rio *Uruapiara* é de agua preta e cursa longe. Propriamente não é elle, e sim o lago do mesmo nome, que se lança no Madeira. Nos terrenos banhados por este rio abundam as seringueiras. Em suas margens vaga uma parte da tribu dos *parintintins*.

Em extremo, selvagens e indomaveis, os parintintins têm-se mostrado até hoje avessos e hostis a todo e qualquer contacto civilisador.

São antropophagos e vivem em guerras continuadas com as tribus vizinhas. Os mundurucús são os seus mais encarniçados inimigos e os vão de dia em dia dizimando. Diz o capitão-tenente Amazonas, que a nação dos parintintins, que passa por muito bem conformada e clara, tem a extravagancia de se deformar, estendendo artificial e excessivamente os beiços e as orelhas.

Pela ferocidade e antropophagia, diz o Dr. Silva Coutinho, a tribu dos parintintins distingue-se entre as outras. Estes indios parece que declararam guerra á humanidade. A sua flexa vôa ao indigena, assim como ao branco e ao preto; todos são inimigos. Elles não querem relações com os civilisados, fogem de encontral-os, talvez com razão. Pessoas antigas e praticas informaram-me que entre os parintintins ha desertores, aos quaes attribuem em parte o procedimento dos indios. Tambem dizem que esta tribu habitara outr'ora nas proximidades do mar, porque nas aldêas abandonadas tem visto algumas pinturas de peixe do mar e de quadrupedes, que não vivem nas matas.

No centro da aldêa ha uma casa reservada, no topo de algumas estacas fincadas no interior é que se acham pintadas as figuras dos animaes, que são necessariamente os idolos do culto. Se assim é, os parintintins immigraram do littoral, depois de muito maltratados, e agora no Madeira exercem a vingança contra qualquer pessoa, suppondo pertencer á raça dos seus perseguidores.

O parintintim é laborioso, intelligente e muito dado á agricultura; planta mandioca, milho, arroz, batatas, etc. Dizem todos que é a melhor gente para o trabalho. E' pena que se mostrem tão hostis ao contacto da civilisação.

O rio *Jamary*, que se lança no Madeira com 240 varas de largura, é maior que o rio dos Marmellos. Tem fundo de 35 a 40 palmos pelo inverno, e em suas margens abundam as drogas mais valiosas do paiz. Os parintintins têm muitas aldêas na parte superior e os Turás na parte inferior. (1) Com 12 dias de viagem da foz, encontram-se grandes campinas. Os praticos, diz o Dr. S. Coutinho, dão noticia de uma tribu que vaga nas cabeceiras do Jamary, que tem a cutis clara e os cabellos avermelhados. Estes indios são mui bravios; não procuram relações, nem ainda com os outros indios. Só por duas vezes têm sido vistos.

O rio *Capanan* é de agua preta, tem 50 braças de largura, proximamente, e fundo para canôas, que demandem de 8 a 10 palmos. Lança-se na margem esquerda do Madeira. O major Serra diz que este rio se communica com o Purús no fim de 12 dias de viagem. Está porém quasi averiguado que semelhante communicação não póde existir. « A pequena differença de nivel que apresenta o terreno entre os dous rios, diz o Dr. Silva Coutinho, a grande elevação das aguas pelo inverno, podem occasionar a abertura de canaes, que partem do que tem o leito mais alto. E' o que se vê entre o Japurá e o Solimões, na parte superior e inferior, entre o proprio Madeira e o Amazonas As mesmas razões concorrem para a reunião das aguas das chuvas no interior, formando lagos, que durante o inverno vão desaguar nos rios directamente ou em canaes, que os communicam. Para exemplos temos os lagos de Anamá e Piurara, no rio Solimões; o de Silves, no Amazonas e outros muitos entre o rio Branco e Padauary, entre o rio Negro e Japurá. A communicação que dizem haver entre o Purús e o Madeira, abaixo das cachoeiras daquelle e acima das deste, sem o menor embaraço, parece impossivel. O terreno eleva-se da margem do Amazonas para o interior; a differença de nivel póde não ser distribuida uniformemente, mas não deixa de existir; o braço que parte do alto Madeira a confluir no Purús, sendo franca a navegação deste até a foz, ha de correr necessariamente sobre um plano inclinado, tanto quanto é o do Madeira na extensão das cachoeiras, com pouca differença. A queda tornar-se-hia insensivel, se por ventura o caminho percorrido fosse muito grande e neste caso nada se ganhava

---

(1) Os *Turás* ou *Torás*, entre outros costumes singulares, têm o de enterrar a creança de peito, cuja mãi morre amamentando-a. Se morre tambem o pai, com elle enterram o filho, principalmente se está doente. Com marido e mulher fazem a mesma cousa. Ha annos um indio já meio civilisado, voltou para a tribu e alli casou-se; mas acontecendo enfermar gravemente a mulher e vendo-se em perigo de ser enterrado com ella, teve de fugir, levando-a comsigo, e foi procurar abrigo na freguezia de Borba.

com a navegação pelo Purús. A distancia, pelo contrario, entre elle e o Madeira é pequena, segundo alguns praticos, e pelo que se póde concluir da disposição hydrographica desta parte do valle do Amazonas; por consequencia para chegar-se ao ponto superior das cachoeiras do Madeira tem-se de vencer as mesmas difficuldades, quér por um, quér por outro lado. (1)

O rio Madeira tem mais de 50 ilhas até a cachoeira de Santo Antonio. Muitas são grandes, tendo 2, 3 e até 4 leguas de comprimento. A das *Araras* é a mais importante pela grandeza e abundancia de seringaes, como porque tem muitas terras altas, onde não chegam as enchentes ordinarias, razão por que é povoada.

Eis a relação das ilhas, segundo ainda o Dr. S. Coutinho:

1	denominada	—Capitary.....	com	.....	braças.
1	»	—Urucurituba.....	»	100	»
1	»	—Sebastião.....	»	1.500	»
1	»	—Rosario.....	»	600	»
2	»	—Valentim.....	»	100	»
1	»	—Maracá.....	»	1.200	»
1	»	—Aximin.....	»	1.000	»
1	»	—Mangiricão.....	»	50	»
1	»	—Guaiaba.....	»	100	»
1	»	—Trucaná.....	»	200	»
1	»	—Borba.....	»	450	»
1	»	—Guajará.....	»	70	»
2	»	—Mandihy.....	»	3.000	»
2	»	—Carapanãtuba.....	»	200	»
1	»	—Sapucaia ou Jacaré.	»	300	»
1	»	—José João.....	»	80	»
1	»	—Aripuaná.....	»	70	»
1	»	—Araras.....	»	12.000	»
1	»	—Uruá.....	»	4:500	»
1	»	—Miriti.....	»	1.500	»
1	»	—Genipapo.....	»	3.000	»
1	»	—Matopiri.....			
1	»	—Murassutuba.....	»	1.500	»
2	»	—Jacuarana.....	»	1.500	»
2	»	—Onças.....	»	200	»
1	»	—Jurará.....	»	100	»
1	»	—Marmellos.....	»	4.000	»
1	»	—Uruapiara.....	»	2.500	»
1	»	—Baetas.....	»	9.000	»
1	»	—Muras.....	»	1.500	»

(1) *Relatorio sobre o rio Madeira, pelo Dr. S. Coutinho,* 1861.

3	»	—Santo Antonio.....	Não estão calculadas as braças destas ultimas ilhas.
1	»	—Pagé.....	
1	»	—Piriquitos.....	
1	»	—Pirahyuara.....	
1	»	—Pirahybas.....	
3	»	—Arraias.....	
1	»	—Flechas.....	
1	»	—Sem denominação (1).....	
1	»	—Puncan.....	
3	»	—Mariay.....	
2	»	—Guaribas.....	
1	»	—Mandihy.....	

Ha no rio Madeira 15 cachoeiras e 3 correntezas. Contavam 21 cachoeiras os primeiros exploradores e 19 os modernos, por considerarem duas—o *Guajará-assú* e o *Guajará-mirim*, que constituem uma só cachoeira.

A rocha que constitue as cachoeiras até a dos *Tres Irmãos*, é de granito de differentes especies, apparecendo d'ahi por diante o micaschisto com veeiros de silex, alguns de grande força, como na cachoeira da *Pederneira*, onde perfeitamente se distingue o contacto e o metamorphismo. (2)

A primeira cachoeira é a de *Santo Antonio*. E' formada de pequenas ilhas ou antes de penedos, que se acham proximos á margem oriental do rio.

A segunda cachoeira, e que é a maior e a mais bella de todas, é a do *Salto do Theotonio*. Tem alli o rio 250 braças de largura e o salto é de 50 palmos aproximadamente. E' formada por uma corda de penedos, que atravessam o rio de uma a outra margem, por entre os quaes se despenha a agua em quatro volumosos canaes, com altura de 50 palmos, pouco mais ou menos; e, como do nascente corre uma comprida restinga de pedras, parallela á dita corda de penedos, que prende e encontra as aguas de tres canaes, formam outro de pouca largura, que os corta. E' tão forte ahi a quéda das aguas, diz o Dr. S. Coutinho, que na parte superior parece que o rio está em vibração.

A terceira cachoeira é denominada dos *Morrinhos*. E' formada por muitas e pequenas ilhas, acompanhadas de varias pedras, que estão dispersas por toda a largura do rio. Tem tres canaes, passando-se quasi sempre pelo canal do meio.

A cachoeira denominada *Caldeirão do Inferno*, é formada por muitas ilhas. Tem uma infinidade de rochedos, todos com rumos diversos e oppostos. Tem tres differentes sirgas e uma legua de extensão.

---

(1) Creio que estas 3 ilhas são: a do *Jacaré*, a dos *Papagaios* e a das *Abelhas*.

(2) *Relatorio do Sr. Dr. A. de Barros Cavalcante de Lacerda, em* 1865.

A cachoeira *Caldeirão do Inferno*, diz o Dr. S. Coutinho, não desmente o seu nome, pois é um verdadeiro inferno toda essa região, onde o viajante tem sempre a morte diante — ou entre as pedras e correntezas, ou na ponta da setta do malvado *Caripuna*.

Estes indios acham-se nas cachoeiras mais perigosas e costumam assaltar os viajantes para roubarem, principalmente se a tripolação é diminuta.

Na opinião dos que mais de perto os conhecem, os *Caripunas*, além de indolentes, são depravados e de máos instinctos. Muitos viajantes têm sido victimas de sua indole perversa. Apresentam-se humildes, se a comitiva é grande, e prestam-se a auxiliar a varar as canôas nos grandes saltos; porém, ostentam-se arrogantes e ferozes quando vêm pouca gente. Costumam pôr na frente as mulheres para mais a geito poderem furtar, e adestram as crianças desde os mais tenros annos nesse vergonhoso exercicio. Pedem importunamente quanto vêm, e até o que não lhes cahe debaixo dos olhos, e enfadam-se quando não satisfeitos.

Assim, pois, em vez de auxilio, constituem um obstaculo e um perigo á navegação daquellas ainda desertas e remotas paragens.

Andam os *caripunas* completamente nús, sendo pequeno o numero dos que vestem a *cascara*, que é uma especie de camisola feita da casca d'arvore de que usam os indios da Bolivia.

Por toda a compostura trazem as mulheres uma folha verde com que occultam o distinctivo do sexo. Os homens apanham o cabello sobre a nuca, atam-no com uma tira de panno ou de envira e prendem na extremidade algumas pennas de arara ou papagaio. Solta ao vento deixam as mulheres a madeixa, e uns e outros cortam na frente o cabello.

Descendo ao ultimo gráo de abjecção, os caripunas vendem temporariamente mulheres e filhas, violentando-as ao trafico nefando, quando por ventura a elle se recusam.

Essa degradação, que raro se encontra nos povos selvagens, tem suas raizes mais remotas nas relações dos antigos viajantes de Mato Grosso. Os *caripunas* constituem a este respeito uma excepção infeliz entre as tribus do Amazonas.

O *caripuna* é dado com excesso á embriaguez, de que faz um motivo de festa, para a qual se atavia com os seus melhores enfeites.

Extrahem do milho e da mandioca o licor predilecto, mas usam tambem de outros fructos. Não fabricam a farinha, mas folgam quando lh'a dão os viajantes. Extremamente immundos, comem os bichos e insectos mais repugnantes. São bons remadores e fazem de casca de páo as canôas de que usam.

Fortes e ageis, correm longas horas atrás da caça sem experimentar cansaço e só empregam a flecha, quando o animal, de fatigado, já quasi não foge. Tem para si que o

homem civilisado não supporta, como elles, o exercicio, em consequencia do uso do sal. (1)

« A nação *caripuna*, diz o author do *Roteiro do Madeira*, é inteiramente selvagem; tem o rosto mascarado de vermelho, as orelhas furadas e nellas trazem ossos; a cartilagem do nariz tambem furada, atravessando por este furo um tubo de gomma alambreada, muito dura, que terá tres pollegadas de comprido e quatro linhas de grosso. Alguns têm umas curtas barbas ou bigodes, e do meio delles lhes pendem uns semelhantes tubos, porém mais grossos e compridos; ornam a cabeça com um circulo guarnecido de curtas pennas, sendo as da parte posterior de araras, as quaes lhes cahem sobre as costas. São muito desconfiados, ladrões, robustos e ferozes. »

Uma legua acima do *Caldeirão do Inferno* encontra-se a cachoeira denominada do *Giráu*. Um quarto de legua antes de chegar a ella, encontra-se uma grande correnteza, estreitando-se mais adiante tanto o rio, que precipitadamente lança as suas aguas por um salto de bastante altura e por differentes canaes, havendo dahi para cima uma infinidade de penedos e de ilhas, que formam grandes correntezas muito trabalhosas. Tem um varadouro de 350 braças de extensão a fóra o declive da subida e descida.

Nesta cachoeira (*Girau*), diz o Dr. A. de Barros, a immensa massa de agua do Madeira escôa-se por um apertado canal de 20 braças de largura. Todo o perigo provém disso e não da differença do nivel, que nesse lugar não é grande.

Na distancia de sete leguas e meia da cachoeira do *Girau*, encontra-se a dos *Tres Irmãos*. E' formada de uma grande quantidade de pontas de pedras unidas, encostadas á margem austral do rio.

O lugar mais bello do Madeira diz o Dr. S. Coutinho, é a região dos *Tres Irmãos*. Ahi levanta-se uma bella cordilheira de 800 palmos de altura bordando o rio pela margem esquerda.

A cachoeira do *Paredão*, que dista cinco leguas e meia da dos *Tres Irmãos*, é formada por duas pontas de pedra, uma encostada ao lado direito e outra ao esquerdo, no extremo de duas ilhas, o que faz dous volumosos canaes. Termina esta cachoeira, pela parte esquerda, por onde se vadeia, com varios penedos em linha recta, que lhe são parallelos, e que terão 12 braças de comprimento e 3 varas de grossura, semelhando ás ruinas de uma muralha artificial, o que deu origem á denominação de *Paredão*. Junto a elle passa um canal de pouco mais de 3 varas de largura.

Continuando rio acima, encontra-se tres leguas distante a cachoeira denominada *Pederneira*, que é formada de uma infinidade de pedras, as mais dellas cobertas de agua, que formam precipitadas e espumosas correntezas.

---

(1) *Relatorio do Sr. Dr. A. de Barros, de* 1863.

Em seguida a esta e na distancia de onze leguas, existe a cachoeira denominada *Araras*, formada de muitas ilhotas e pedras, que tornam as passagens mais ou menos difficultosas.

Após esta vem a mais temivel de todas, a do *Ribeirão*. Uma legua antes do seu primeiro salto ou sirga, principiam a annuncial-a os successivos penedos e correntezas que se encontram; vencida aquella primeira sirga, se lhe segue segunda e terceira, que ainda se passam com as canôas carregadas, o que já não é possivel na quarta sirga, que equivale a uma grande cachoeira. Vencido este quarto abrolho seguem-se logo duas sirgas e muitas correntezas até chegar ao Ribeirão.

O *Ribeirão*, diz o Sr. Dr. A. de Barros, offerece um curioso phenomeno hydrographico: é a desigualdade do nivel d'agua na direcção da normal. Do alto da cachoeira prolongam-se áquem, pelo meio do rio, alguns ilhotes de pedra, sendo o leito mais elevado do lado direito. Por este motivo o nivellamento das aguas não póde effectuar-se logo depois da queda. Pela parte inferior da ultima ilhota correm então, da margem direita para a esquerda, as aguas velozes e frementes, por causa dessa differença de nivel e dos cachopos, que constituem outras tantas pequenas cachoeiras. Mais para diante, a direcção e força da corrente modificam-se, seguindo as aguas pela diagonal, até finalmente confundirem-se com as das margens.

A cachoeira denominada da *Misericordia* e que dista apenas meia legua da do *Ribeirão*, é de curta extensão e formada por um grande penedo, que está unido á terra, tendo defronte outros tres penedos, por entre os quaes se passa. E' perigosa com o rio cheio, por lançar a agua, que corre precipitada pelo lado ou ponto do mencionado penedo, tendo o risco de poderem d'alli rolar as canôas para cima dos tres, que estão defronte.

Duas leguas acima da cachoeira da *Misericordia* encontra-se a cachoeira denominada do *Madeira*. Annuncia-se ella por uma grande sirga ou salto, e em seguida mais duas sendo preciso para as vencer, descarregar as canôas e transportar as cargas por terra, por espaço de 300 passos, e tornando-as outra vez a carregar, segue-se a viagem com prôa de S até uma ponta em que acaba a cachoeira. Tem meia legua de extensão e é toda cheia de pequenas ilhas e um sem numero de pedras dispersas por toda a largura do rio, que neste lugar é bastante grande.

A cachoeira das *Lages*, que se segue, é pequena e pouco perigosa; assim como a immediata, denominada do *Pau Grande*; posto que na vasante do rio não deixe de ser algum tanto perigosa.

Duas leguas distante do *Pau Grande* apresenta-se a cachoeira das *Bananeiras*, que é summamente perigosa: gastam-se na sua passagem alguns dias, sendo necessario descarregar as canôas, para poderem vadear os differentes saltos e canaes de que ella se compõe.

As cachoeiras do *Guajará-assú* e *Guajará-mirim*, que constituem apenas uma só cachoeira, são de pequena extensão e muito pouco perigosas. Entretanto dá algum trabalho a passagem, sendo quasi sempre preciso pôr as canôas a meia carga.

As cachoeiras do Madeira, segundo os obstaculos que apresentam, podem ser classificadas em quatro ordens:

1.ª ordem:—Theotonio—Girau—Ribeirão—Bananeiras.

2.ª ordem—Madeira—Caldeirão do Inferno.

3.ª ordem—Santo Antonio—Paredão—Pederneira—Arara—Pau Grande—Guajará.

4.ª ordem—Morrinhos.

As correntezas são: Macacos—Tres Irmãos—Periquitos e Misericordia.

Destas, a maior é a segunda e depois a quarta.

A respeito de cachoeiras, diz o autor do *Roteiro do Madeira*, não se póde positivamente dizer nem o seu estado, nem o tempo que se gastará em passar cada uma dellas. Dous palmos d'gua mais ou menos lhes fazem uma consideravel differença, pois esta pequena quantidade basta para diminuir em umas as sirgas e saltos, facilitando-lhes breves canaes, e em outras fazer succeder tudo pelo contrario, augmentando a ruina das canôas e a demora dos seus concertos.

« A variação de 2 a 3 palmos do nivel, diz o Dr. Silva Coutinho, muda completamente o estado das cachoeiras. No mesmo lugar em que hontem passou-se a remo, sem perigo, é preciso hoje descarregar e empregar o maior cuidado. Em menos de uma hora a cachoeira passa do turbilhão medonho á placidez do lago. »

Muito, é certo, diminuem esses escolhos, de que está semeado o rio, as transacções e o movimento commercial entre o Brazil e a Bolivia; mas o homem que dispõe actualmente da polvora, do vapor e de outros agentes poderosos, mais tarde ou mais cedo ha de conseguir triumphar desses obstaculos que lhe parecem querer esbarrar o caminho.

E' o Madeira um dos rios mais povoados da provincia do Amazonas; nestes ultimos annos sobretudo a população tem corrido para alli attrahida pelas vantagens, que ainda offerece a extracção da borracha. O clima até pouco acima de Borba é habitavel, mas nas proximidades das cachoeiras e além, as febres intermittentes e as infecções paludosas atacam e dizimam aquelles que ahi procuram fixar-se.

« Não acredito na insalubridade absoluta do valle do Amazonas; não direi, como em 1857, se dizia no senado: Os rios do Pará são tão insalubres que nem os proprios animaes podem viver em suas margens! Não sómente aqui podem viver e vivem homens e animaes, como parece pelo contrario que é esta zona em extremo saudavel, por isso que as molestias são rarissimas, e não poucos são os exemplos de longevidade.

« A uniformidade da temperatura do valle amazonico, dizia em 1866 o Sr. professor Agassiz, a pouca intensidade

das variações thermometricas influem sobre o caracter dos habitantes. Todavia, o clima, uniforme e humido, é mui *salubre*, muito mais do que se poderia suppôr, incomparavelmente mais do que algumas pessoas o tem descripto. A salubridade deste clima, é em grande parte devida á acção quasi constante de um vento qne sopra uniformemente de E para O, e que aliás nada mais é do que a grande corrente dos ventos geraes. Esta corrente entra na immensa abertura formada pelo Amazonas, e sob o valle do grande rio. Uma branda viração faz-se alli constantemente sentir, e produz uma evaporação, graças á qual a temperatura baixa e o solo não se esquenta indefinidamente. A constancia desta viração refrigeradora, torna o clima do Amazonas agradavel, e até mesmo um dos mais agradaveis. De manhã, a temperatura é fresca, o ar sereno, só perto do meio dia, é que o calor vai-se tornando mais e mais intenso, em razão da acção directa dos raios solares; mas depois das 3 horas da tarde, volta o fresco, o qual, á medida que se aproxima a noite, torna-se cada vez maior. Estas leves differenças na temperatura produzem, como se vê, durante o dia, sensações diversas, mas em summa a impressão total, geral, é favoravel, e não se parece de fórma alguma com a prostração que resulta inevitavelmente de um dia inteiro de calor excessivo.

Não é inutil insistir nestas cousas. A opinião geral com effeito, é que o clima do Amazonas é dos mais insalubres. Não ha um só viajante que o não descreva de um modo assustador. E' o paiz das febres, dizem todos. E' certo que ha febres, e que ellas são, por assim dizer, estacionarias em certos lugares; mas a causa dellas parece dever ser antes attribuida aos proprios habitantes, aos seus costumes, á sua maneira de viver, ao seu modo de alimentação sobretudo, do que á natureza ou ao clima. Citaremos um facto entre mil para corroborar esta asserção. Perto da cidade de Manáos, um tanto ao norte, ha uma bahiasinha serena e pouco funda, cujas aguas se acham ao facil alcance dos habitantes. E pois, é-lhes ella de summa utilidade dá-lhes agua para beber; é nella que vão lavar roupa; servem emfim para mil diversos misteres. A temperatura das aguas dessa bahia é de 33° a 34°. Facilmente se concebe pois que em taes condições, uma agua cheia de materias animaes ou vegetaes, sujeitas á fermentação, deve ser deleteria, impotavel, e tornar-se para quem della usa um lento, mas infallivel veneno. Um pouco mais adiante demora um igarapé de aguas frescas e limpidas, cuja temperatura não excede de 21° e que ministram uma bebida mais sã e agradavel; porém.... para isso seria necesario que, o dar mais alguns passos, por natural indolencia ou por desmazelo proveniente do habito, os habitantes preferem beber com a agua a febre de que é fóco a bacia situada mais ao seu alcance. »

E em outra parte:

« O ar atmospherico nesta terra conserva um tal equilibrio e harmonia, entretendo uma tão *agradavel temperatura*, que

os reinos propagam e crescem com uma potencia admiravel. »

O que é verdade tambem, o que parece querer destruir de alguma sorte a amenidade do clima,—é que nas *cabeceiras* da maior parte dos rios e em alguns lugares em que predominam condições anormaes,—as febres e as infecções paludosas ameaçam de morte os que mais ousados delle se aproximam.

Quaesquer porém que sejam as causas que para isso concorram, é certo que poderão ser combatidas e destruidas pelos esforços do homem. A' proporção que os rios se forem povoando, que a lavoura se fôr desenvolvendo, que os pantanos forem desapparecendo, que o trabalho intelligente do homem fôr conquistando as matas ; quando os vapores cruzarem os rios e o sibilo da locomotiva levar a vida e o movimento a essas solidões immensas, sem duvida desapparecerão essas causas da actual insalubridade, e o Madeira, assim como os demais rios, offerecerão seus thesouros, sem esse apparato assustador de que ainda se revestem.

Termino esta breve noticia sobre tão importante rio, citando as palavras que em 1867 dizia á presidencia do Amazonas o Dr. Silva Coutinho.

« O Madeira é o caminho natural da provincia de Mato Grosso e devia ser preferido ao Paraguay pela razão altamente politica de pertencer-nos exclusivamente.....
.....A' grande vantagem politica deste caminho liga-se o interesse commercial e o desenvolvimento da industria e da civilisação, que é patente. Uma grande região, hoje deserta, rica em productos naturaes, seria animada pelos transportes e daria importancia ao paiz. A Bolivia só póde desenvolver-se com a navegação do Madeira. O Brazil, concedendo-lhe este grande favor em troca de outros, ainda lucra muito, porque o commercio desta republica virá a ser nosso.

O territorio, que hoje constitue a provincia do Amazonas, foi por carta regia de 3 de Março de 1755 e que abaixo vai transcripta,—dirigida ao governador e capitão-general do Gram Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, pelos fundamentos nella declarados, de se poder administrar justiça com maior brevidade e para evitar delongas aos moradores do Rio Negro, elevado á categoria de capitania, subalterna da do Pará, com a denominação de capitania de S. José do Rio Negro.

Eis a integra da dita carta regia :

« Francisco Xavier de Mendonça Furtado, governador e capitão general do Gram-Pará e Maranhão, amigo—*Eu El-Rei* vos envio muito saudar.

« Tendo consideração ao muito que convém ao serviço de Deus e meu, e do bem commum dos meus vassallos moradores nesse Estado, que nelle se augmente o numero dos fieis alumiados das leis do Evangelho, pelo proprio meio da multiplicação das povoações civis e decorosas; para que attrahindo a si os racionaes, que vivem nos vastos sertões do mesmo Estado, separados da nossa santa fé catholica e até

dos dictames da mesma natureza, e achando alguns delles na observancia das leis divinas e humanas soccorro e descanço temporal e eterno, sirvam de estimulo aos mais que ficarem nos matos, para que, imitando tão saudaveis exemplos, busquem os mesmos beneficios e attendendo a que aquella necessaria observancia de lei, si não conseguirá para produzir tão uteis effeitos, si a vastidão do mesmo Estado, que tanto difficulta os recursos ás duas capitaes do Gram-Pará e de S. Luiz do Maranhão se não se subdividisse em mais alguns governos a que as partes possam requerer para conseguirem que se lhes administre justiça com maior brevidade e sem a vexação de serem obrigados a fazer tão longas e penosas viagens, como agora fazem.

« Tenho resoluto estabelecer um terceiro governo nos confins occidentaes desse Estado, cujo chefe será denominado governador da capitania de S. José do Rio Negro. O territorio do sobredito governo se estenderá pelas duas partes do norte e do occidente até ás duas raias septentrional e occidental dos dominios de Hespanha; e pelas outras duas partes do oriente e do meio dia lhe determinamos os limites que vos parecerem justos e competentes para os fins acima declarados.

« Para a residencia do mesmo governador sou servido mandar erigir logo em villa a aldêa que mandei novamente estabelecer entre a boca oriental do rio Javary e a aldêa de S. Pedro, que administram os religiosos de Nossa Senhora do Monte do Carmo.

« E por favorecer aos meus vassallos que habitarem na referida villa, hei por bem conceder-lhes todos os privilegios, prerogativas, isenções e liberdades seguintes:

« Os officiaes da camara que forem eleitos na fórma da ordenação deste reino, e servirem na referida villa: hei por bem que tenham e gozem de todos os privilegios e prerogativas que têm e de que gozam os officiaes da camara da cidade do Gram-Pará, capital desse Estado, para o que se lhes passará carta em fórma.

« Os officios de justiça da mesma villa não serão dados de propriedade, nem de serventia a quem não fôr morador nella. Entre os seus habitantes, os que forem casados preferirão aos solteiros para as propriedades e serventias dos ditos officios. Porém os mesmos moradores solteiros serão preferidos a quaesquer outras pessoas de qualquer prerogativa e condição que sejam, ou destes reinos ou do Brazil ou de qualquer outra parte, de sorte que só aos moradores da dita villa se dêm esses officios.

« E por mais favorecer aos outros moradores: hei por bem que não paguem maiores emolumentos aos officiaes de justiça ou fazenda do que aquelles que pagam e pagarem os moradores da cidade do Pará, assim pelo que toca á escripta aos escrivães, como pelo que pertence ás mais diligencias que os ditos officiaes fizerem.

« Por favorecer ainda mais aos sobreditos moradores da referida villa e seu destricto: hei por bem de os isentar a

todos de pagarem fintas, talhas, pedidos e quesquer outros tributos; e isto por tempo de doze annos, que terão principio do dia da fundação da dita villa, em que se fizer a primeira eleição das justiças que hão de servir nella: exceptuando sómente os dizimos devidos a Deus dos fructos da terra, os quaes deverão pagar sempre como os mais moradores do Estado.

« E pelo que desejo beneficiar esse novo estabelecimento: sou servido que as pessoas que morarem na sobredita villa não possam ser executadas pelas dividas que tiverem contrahido fóra della e do seu districto. O que porém se entenderá sómente nos primeiros tres annos contados do dia em que os taes moradores forem estabelecer-se na mesma villa, ou seja na sua fundação ou no tempo futuro.

« Bem visto que deste privilegio não gozem os que se levantarem com fazenda alhêa, a qual seus legitimos donos poderão haver sempre pelos meios de direito, por serem indignos dessa graça os que tiverem tão escandaloso e prejudicial procedimento.

« E para que a referida villa se estabeleça com maior facilidade, e essas mercês passam surtir o seu devido effeito: sou servido ordenar-vos, que aproveitando a occasião de vos achardes nessas partes passando á referida aldêa, depois de haverdes publicado por editaes o conteúdo nesta e de haverdes feito relação dos moradores que se offerecem para a povoar, convoqueis todos para determinado dia, no qual sendo presente o povo, determineis o lugar mais proprio para servir de praça, fazendo levantar no meio della o pelourinho: assignando área para se edificar uma igreja capaz de receber um competente numero de freguezes, quando a povoação se augmentar, como tambem as outras áreas competentes para as casas das vereações e audiencias, cadêas e mais officinas publicas, fazendo delinear as casas dos moradores por linha recta, de sorte que fiquem largas e direitas as ruas.

« Aos officiaes da camara que sahirem eleitos, e aos que lhes succederem ficará pertencendo darem gratuitamente o terreno que se lhes pedirem para casas e quintaes nos lugares que para isso se houver delineado, só com a obrigação de que as ditas casas sejam sempre fabricadas na mesma figura uniforme pela parte exterior, ainda que na outra parte interior as faça cada um conforme lhe parecer, para que dessa sorte se conserve sempre a mesma formosura na villa e nas ruas della a mesma largura, que se lhe assignam na fundação.

« Junto da mesma villa ficará sempre um districto, que seja competente, não só para nelle se poderem edificar novas casas na sobredita fórma, mas tambem para logradouros publicos. Esse districto se não poderá em tempo algum dar de sesmaria, nem de aforamento, em todo ou em parte, sem especial ordem minha, que derogue esta; porque sou servido, que sempre fique livre para os referidos effeitos.

« Para termo da referida villa assignareis na sua fundação aquelle territorio que parecer competente, e nelle po-

derão os governadores dar de sesmaria toda a mais terra que ficar fóra do sobredito destricto; dando-a porém com as clausulas e condições que tenho ordenado; excepto no que pertence á extensão da terra, que tenho permittido dar a cada morador, porque nos contornos da dita villa e na distancia de seis leguas ao redor della, não poderão dar de sesmaria a cada morador mais do que meia legua em quadro, para que augmentando-se a mesma villa, possam ter as suas datas de terra todos os moradores futuros.

« Permitto comtudo que dentro da sobredita distancia de seis leguas se conceda uma data de quatro leguas de terra em quadro para a administrarem os officiaes da camara e para do seu rendimento fazerem as despezas e obras do conselho, aforando aquellas partes da mesma terra, que lhes parecer conveniente, comtanto que observem o que a ordenação do reino dispõe a respeito destes aforamentos.

« Fóra das ditas seis leguas, darão os governadores as sesmarias na fórmas das ordens que tenho estabelecido para o Estado do Brazil.

« Depois de haverdes determinado os limites do novo governo, que mando estabelecer, encarregareis delle interinamente, até eu nomear governador, a pessoa que vos parecer que com mais autoridade, desinteresse e zelo do serviço de Deus e meu e do bem commum daquelles povos, póde exercitar um lugar de tantas consequencias e promover um novo estabelecimento, que é tão importante.

« Semelhantemente, depois de haverdes determinado a fundação da villa na referida fórma, impondo-lhe o nome de Villa Nova de S. José, elegereis as pessoas que hão de servir os cargos della, como se acha determinado pela ordenação.

« E hei por bem que na mesma villa haja (por ora) dous juizes ordinarios, dous vereadores, um procurador do conselho, que sirva de thesoureiro, um escrivão da camara, que sirva tambem da almotaceria; e um escrivão do publico judicial e notas, que servirá tambem das execuções.

« O que se entende, emquanto a povoação não crescer, de sorte que sejam necessarios nella mais officiaes de justiça, porque sendo-me presente a necessidade que nellas houver, proverei os que forem precisos.

« E chegando os moradores do numero declarado na lei da creação dos juizes de orphãos, se procederá na eleição delle conforme dispõe a mesma lei. Os officiaes da camara farão eleição dos almotaceis e se constituirá alcaide na fórma da ordenação, tendo seu escrivão da vara.

« As serventias dos officios do provimento dos governadores provereis nas pessoas mais capazes, sem donativo pelo tempo que podeis, emquanto eu não dispuzer o contrario.

« E para conhecer dos aggravos e appellações tenho nomeado ouvidor de nova capitania, com correição e alçada em todo o seu territorio.

« O que tudo me pareceu participar-vos para que assim o executeis, não obstante quaesquer ordens ou disposições con-

trarias, promovendo a fundação do dito governo e villa capital delle, com o cuidado que espero do zelo com que vos empregais no meu real serviço.

« Escripta em Lisboa a tres de Março de mil setecentos e cincoenta e cinco.—*Rei.*—Para Francisco Xavier de Mendonça Furtado, governador e capitão general do Gram-Pará e Maranhão, ou quem seu cargo servir. »

Em 1758 tomou posse da nova capitania o primeiro governador o coronel Joaquim de Mello Povoas, sendo a capital o lugar da antiga aldêa de *Mariuá*, que passou a ser villa com a denominação de Barcellos.

Foi tambem de 1755 creada a vigararia geral do Rio Negro pelo bispo do Pará D. Fr. Miguel de Bulhões e provida no Dr. José Monteiro de Noronha, tão conhecido pelo seu importante «*Roteiro da viagem da cidade do Pará, até as ultimas colonias do sertão da provincia,*» escripto na villa de Barcellos, no anno de 1768.

Por carta regia de 18 de Junho de 1760 foi confirmada a vigararia geral do Rio Negro.

Possuia então a nova e sem duvida florescente capitania de S. José do Rio Negro uma população não inferior a 100.000 almas com cerca de 30.000 fogos, distribuidos nas aldêas seguintes:

Saracá, Itacoatiara, S. Raymundo, Conceição, S. Pedro Nolasco, Matary, Trocano, Coary, Teffé, Parauari, Caiçara, Fonte-Boa, Eviratena, S. Paulo, Javary, Maripi, Barra, Jahú, Pedreiras, Aracari, Cumarú, Mariuá, Caboquena, Bararoá, Dari, Santa Izabel, Camanáo, Camará, Castanheiro, Coané, Curiana, Guia, Iparaná, Loreto, Mabé, Maraçabi, Sant'Anna, Santa Barbara, S. Filippe, S. Marcellino. S. Pedro, Carmo, Santa Maria, S. Martinho e Conceição.

Em 1759, foram elevadas pelo governador, coronel Joaquim de Mello Povoas á categoria de villas as aldêas de *Itacoatiara* com o nome de *Serpa*; de *Saracá* com o nome de *Silves*; de *S. Paulo dos Cambibas* com o nome de *Olivença* e *Teffé* com o nome de *Ega*: e á categoria de lugares as aldêas *de Aracari* com o nome de *Carvoeiro*; *Caboquena* com o de *Moreira*; *Caiçara* com o de *Alvarães*; *Coari* com o de *Alvellos*; *Cumarú* com o de *Poiares*; *Dari* com o de *Lama-Longa*; *Eviratena* com o de *Castro de Avelams*; *Jahú* com o de *Airão*; *Parauari* com o de *Nogueira* e *Taracotena* com o de *Fonte-Bôa*.

O furor de alusitanar o paiz, diz o capitão tenente Amazonas, parou ao aspecto da primeira cachoeira do Rio Negro acima das quaes conservaram as povoações seus primitivos nomes brazileiros.

Para regularidade da administração creou o decreto de 30 de Junho de 1759 uma provedoria de fazenda e uma ouvidoria, para as quaes foi nomeado o Dr. Lourenço Pereira da Costa.

Em consequencia da declaração de guerra por parte da Hespanha colligada com a França contra a Inglaterra e Portugal (1762), mandou o governador do estado, Manoel Ber-

nardo de Mello e Castro, em 1763, fundar as fortalezas de *S. Gabriel* e *Marabitanas* no Rio Negro e expellir das malocas dos marabitanas os hespanhóes que se achavam nella estabelecidos: expedindo para isto uma consideravel força ás ordens do governador interino o coronel Gabriel de Souza Filgueiras.

Para supprir a insufficiencia da villa de *S. José do Javary* para o registro da fronteira do Solimões, que pertencia ao destacamento alli existente, mandou o governador estabelecer um piquete no lugar denominado *Tabatinga*, onde pouco depois fundou o sargento-mor Domingos Franco uma povoação a que deu o nome de *S. Francisco Xavier da Tabatinga*.

Em 1768 o governador do estado Fernando da Costa de Atahyde Teive mandou fundar no rio Içá a povoação de *S. Fernando*, como um posto avançado contra os hespanhóes.

Em 1771 foi creado um tribunal de fazenda, composto do Ouvidor como provedor, de um escrivão como contador, e de mais um escripturario, um ajudante e um almoxarife.

Em 1772 tomou posse do governo da capitania o seu segundo governadar o coronel Joaquim Tinoco Valente, havendo governado interinamente depois da morte do governador Povoas, Gabriel de Souza Filgueiras, Nuno da Cunha de Atahyde Verona e Valerio Corrêa Botelho.

Em 1788 tomou posse do governo da capitania Manoel da Gama Lobo d'Almada, para que fôra nomeado depois da sua exploração dos confluentes do Rio Negro e do Rio Branco.

Em 1791 transferiu o governador a capital da capitania de Barcellos para a villa da Barra, hoje cidade de Manáos, por lhe parecer de muito mais vantagem este ultimo ponto, na confluencia de tres grandes rios, e centro das tres divisões naturaes da capitania, de onde mais prompta e efficazmente podia estender-se a acção administrativa.

De dia em dia diz o capitão-tenente Amazonas, novos estabelecimentos revelavam a dedicação, o esmero e a sabedoria daquelle governador..... Distava todavia muito o paiz do engrandecimento de que era susceptivel: mas esse demonstrando a presença de uma transcendente capacidade, foi de sobejo para suscitar zelos ao governador do estado D. Francisco de Souza Coutinho, o qual despertando-se da probabilidade de vir a ter por successor no governo do Estado do Pará a Manoel da Gama, empenhou seu valimento na côrte tão aleivosamente, que recebeu o dito Gama em 1798 um aviso della (1), recommendando-lhe de não comprometter a fazenda em especulações, nem abusar do seu emprego para fazer a sua fortuna: ao que elle respondeu com a remessa do

---

(1) Baena dá a este aviso a data de 17 de Julho de 1797.

inventario a que fez proceder do seu mesquinho haver de militar (1).

---

(1) Ao favor do um amigo devo a seguinte cópia do inventario remettido para Lisboa pelo calumniado coronel Manoel da Gama. E' um documento importantissimo.

« Por esta da minha propria letra escripta, eu abaixo assignado certifico debaixo do juramento dos Santos Evangelhos: por tudo que ha de mais sagrado na religião catholica romana que professo, pela hostia consagrada que reverente adoro e temo com o mais profundo respeito: que eu não possuo pedras preciosas algumas; nem possuo de ouro ou prata senão o seguinte.

« Dous pares de fivelas de ouro de sapatos com o peso, ambos os pares, de 131 oitavas e 21 grãos.

« Um par de fivelas de ouro de calção com o peso de 17 oitavas e 4 grãos.

« Uma fivela de ouro de pescocinho com o peso de 9 1/2 oitavas e 10 grãos.

« Um par de botões de ouro de punhos de camisa com o peso de 8 oitavas e 8 grãos.

« Uma cadêa de ouro de relogio e sua chave com o peso de 7 oitavas.

« Um cordão de ouro servindo de cadêa de relogio com o peso de 7 oitavas e 5 grãos.

« Um castão de ouro de que não sei o peso em uma bengala de cana da India.

« Um annel, da invenção de Bartholomeu da Costa encastoado em ouro.

« Os galões de ouro de suas fardas e um chapéo.

« Um espadim de prata dourada com seu gancho tambem de prata.

« Dous relogios de prata.

« Um par de esporas de prata com as suas fivelas tambem de prata.

« Um faqueiro com doze talheres e nelle doze colherinhas para chá, espumadeira e tenaz, tudo de prata.

« Dous talheres mais de prata.

« Uma colher de prata de tirar sopa.

« Uma colher de prata de tirar arroz.

« Uma salva de prata com o peso de 136 oitavas.

« Seis castiçaes cobertos com casquinha de prata, em um delles uma bandeira com um varão de prata.

« Um espivitador com seu pratinho de prata, com o peso de 38 oitavas.

« Uma barra de ouro com o valor de 23$000, segundo a sua competente guia.

« Uma barra de ouro com o valor de 15 20$000, conforme a guia.

« Dinheiro.—Em trinta meias dobras 192$000. Em moeda provincial 520$760.

« N. B. Todo o sobredito (em que bem se vê que entram bens de meu uso) não chega a quatro mil cruzados.

« Tenho por cobrar da fazenda real a importancia de 2:081$422 dos meus soldos vencidos até o dia de hoje, liquido dos soccorros com que tenho sido assistido e da quantia com que pela real permissão de Sua Magestade soccorro em Lisboa as minhas irmãs; cuja sobredita importancia se acha destinada para acabar de pagar a quantia que devo á administração dos fundos da

Em 1798 mandou o governador do estado retirar a séde da capital da capitania do lugar da Barra para a villa de Barcellos, conforme o aviso que impetrára, de 3 de Agosto de 1798, para dest'arte dar golpe de morte á prosperidade da capitania. (1)

Ao golpe terrivel da mudança da capital havia precedido o da extincção do directorio pela carta regia de 12 de Maio de 1798, tambem impetrada pelo mesmo governador do estado, pelo facto de que era este o elo que conservavam os indigenas unidos á sociedade.

Era o directorio um regulamento dado pelo governador do estado do Gram-Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em 3 de Maio de 1757, para regular a administração dos indios.

Todos quantos lhe tem applicado a critica, diz o capitão-tenente Amazonas, concordando em sua inexequibilidade, explicam-na pela deficiencia de homens habilitados para o seu desempenho em qualidade de directores.

O marquez de Queluz, que mais attentamente parece ter estudado o directorio pronunciando-se a respeito, diz: «Emfim, o directorio, dado pelo alvará de 15 de Agosto de 1758, nos parece quasi todo bem pensado, mas faltaram-lhe executores.»

---

extincta companhia do commercio do Pará, a qual, ainda cobrando a dita importancia, lhe resto alguma cousa.

« E não possûo mais dinheiro algum, que páre em meu poder, nem que eu tenha dado ou remettido para enthesourar na mão de outrem, nem em moeda, nem em cousa que o valha, nem divida alguma activa para cobrar, senão o meu soldo vencido, que deixo dito.

« Rio Negro em 22 de Janeiro de 1798.—*Manoel da Gama Lobo de Almada.* »

(1) A boa escolha que o governador do Rio Negro tinha feito do lugar da Barra para assento do governo, unida a sua energia: excitada pela ambição de gloria, que é talvez o mais poderoso movel das acções humanas nas emprezas arduas, produziu uma distincta prosperidade de commercio e cultura. Este homem verdadeiramente amigo do bem publico não cessava de promover com pasmosa actividade tudo quanto conspirar pudesse para a felicidade dos habitadores. De anno em anno surdiam estabelecimentos novos e todos proficuos. Alli se padejou pão de arroz moido em atafona movida por bestas. Estabeleceu-se uma fabrica de pannos de algodão de rolo, na qual haviam desoito teares e dez rodas de fiar com vinte e quatro fusos cada uma. Fez-se uma fabrica de calabres e cordas de piassaba para as canôas. Construiu-se uma nora para ministrar agua á excellente fabrica da fecula do anil e a uma horta cujas plantas, regadas ao teor da Europa, recebiam facilmente das aguas o effeito da sua benefica influencia na fertilisação do solo disposto em alforbes. Estabeleceu-se uma olaria, cujo arranjamento de amassaria, estendedouro e fornos calcinatorios e de torrefação da telha e ladrilho, era por extremo bem concebido. Agricultou-se arroz no Rio Branco, do qual se colhiam mais de mil e duzentos alqueires annuaes. Creou-se uma

A injuria feita á probidade do coronel Manoel da Gama pelo governador do estado D. Francisco de Souza Coutinho, e o empenho que mostrava em retardar-lhe o progresso da capitania do Rio Negro, haviam-no mortalmente affectado, de modo que a 27 de Outubro de 1799 acabrunhado de desgostos, repousava aquelle benemerito varão nos braços da morte das injustiças, da calumnia e da inveja dos homens.

Manoel da Gama Lobo d'Almada chegou ao Pará em 1770 no posto de major, em companhia dos colonos masaganistas. Em 1771 commandou a fortaleza de Macapá, e em 1788 tomou posse do governo da capitania do Rio Negro. Morreu em Barcellos, deixando um nome, diz o capitão tenente Amazonas, que ainda hoje se não pronuncia sem respeito e saudade.

O conde dos Arcos tomou a si rehabilitar a memoria daquelle benemerito varão. Em um officio dirigido em 1804 ao governo da metropole demonstra a conveniencia de transferir-se a séde do governo da capitania do Rio Negro para o lugar da Barra, como o tinha sido até 3 de Agosto de 1798, e como o mais efficaz instrumento da sua prosperidade, propõe para governador da mesma capitania o coronel de engenheiros José Simões de Carvalho.

Não chegou porém o coronel Carvalho a tomar posse do governo do Rio Negro, porque morreu em Villa Nova da

---

officina de velas de cera para provimento das igrejas das villas, julgados e povoações, cuja cera vinha em pão do Solimões. Lavrou-se a terra com arado para a sementeira e cultivo do anil. Estabeleceu-se um açougue regular em que se talhava e vendia carne de vacca vinda do Rio Branco, em cujas campinas immensas e pingues o mesmo governador, a despezas suas, havia posto gado vaccum de excellente qualidade, cavallar e muar, importado das terras dos hespanhóes, na certeza de que a visivel bondade daquelles campos assalitrados faria crescer rapidamente a producção destes animaes a ponto de que não só chegaria para alimentar os moradores do Rio Negro mais ainda para estes exportarem para o Pará. Estabeleceram-se dous pesqueiros no Rio Branco, um na margem esquerda 22 leguas acima da sua embocadura, e o outro na margem direita defronte da boca do rio Uanuman...

« Eis o espectaculo, que ateou no governador do Estado do Pará uma inveja perfeitissima, que por extremo o indispoz contra um homem verdadeiramente zeloso do serviço do principe e amante da publica utilidade; de cujo genio creador receiava que a noticia chegasse a concitar na côrte a lembrança de o fazer seu successor no governo do Estado; e para baldar esta possibilidade tratava de cortar pelo credito e merecimento daquelle homem, denegrindo e offuscando a sua pessoal reputação perante o throno soberano, na certeza de ser acreditado por um irmão, que nesse momento occupava um dos lugares do gabinete (D. Rodrigo de Souza Coutinho), e de não ser desconcertada a sua calumnia e acirrada intriga pelas cartas officiaes do Gama, buscando como buscava interceptal-as para mais empecilhar a verdade.» (*Compendio das eras da provincia do Pará* por BAENA.)

Rainha, hoje Villa Bella da Imperatriz, onde se acha sepultado, de uma indigestão de ovos de gaivota.

Em consequencia disso foi em 1805 nomeado e tomou posse em 1806 de governador da capitania o intendente da marinha e dos armazens reaes no Pará o capitão de mar e guerra José Joaquim Victorio da Costa. (1)

Teve a capitania do Rio Negro sete governadores de nomeação regia, além de quatro governadores e um governo interinos, até que a nova ordem constitucional estabelecida, em Portugal, fez baixar o decreto de 29 de Setembro de 1821, pelo qual se installou alli, como nas outras provincias uma junta provisoria, eleita em 3 de Junho de 1822 e composta dos cidadãos Antonio da Silva Craveiro, Bonifacio João de Azevedo, Manoel Joaquim da Silva Pinheiro e João Lucas da Cruz, a qual entrou no governo em lugar do governador nomeado o coronel Antonio Luiz Pires Borralho, que ainda não havia tomado posse do cargo.

Enviou o Rio Negro dous deputados ás côrtes constituintes de Portugal, que foram João Lopes da Cunha e José Cavalcanti de Albuquerque.

Proclamada a independencia do Brazil, o decreto de 20 de Outubro de 1823 aboliu as juntas provisorias, nomeando para as provincias presidentes com conselhos electivos. Nestas nomeações não se contemplou o Rio Negro, que continuou a ser administrado até 1825 pela sua junta provisoria.

Nessa época, sendo presidente do Pará José Felix Pereira de Burgos, depois barão de Itapicurú-mirim, e constando-lhe a agitação em que se achava o Rio Negro, pelos conflictos suscitados entre o ouvidor e a junta provisoria, tomou a deliberação de mandar dissolver a mesma junta e de nomear para alli commandar as armas o capitão Hilario Pedro Gurjão; do que tudo deu parte ao governo geral, que approvou todas estas medidas, por aviso de 8 de Outubro de 1825.

As instrucções que haviam baixado do governo geral a 26 de Março de 1824, designando nominalmente todas as provincias e o numero de deputados, que ellas deveriam dar á assembléa geral, nenhuma menção fizeram do Rio Negro. Sómente em 8 de Novembro de 1825, por occasião da extincção da junta provisoria, officiando o governo á presidencia do Pará, pediu informações sobre o estado e causas da decadencia da *provincia* do Rio Negro.

Portanto, depois da proclamação da independencia, o governo do Brazil não contemplou o Rio Negro como provincia, não obstante o art. 2.º da constituição, que determinou que o imperio ficasse dividido nas provincias que então existiam.

Depois dessa época, occorreu no mez de Junho de 1832 uma sublevação do povo e tropa, que proclamaram o Rio

---

(1) Diz o capitão tenente Amazonas que tornou-se o governador Victorio da Costa, tão conhecedor da lingua tupy ou geral, que até corrigia os proprios indigenas.

Negro provincia, nomearam presidente por acclamação o ouvidor da comarca Manoel Bernardino de Souza Figueiredo, o qual, bem que protestasse, percorreu entretanto as ruas mais publicas da villa da Barra debaixo do pallio.

Foi igualmente acclamado commandante das armas o tenente Boaventura Bentes.

Em seguida lavraram os insurgentes uma acta de desmembração do Pará, deputando ao governo imperial o religioso carmelita Fr. José dos Innocentes, o qual procurando dirigir-se ao Rio de Janeiro pelo Madeira, foi impedido pelo presidente de Mato Grosso e obrigado a retroceder.

O presidente do Pará José Joaquim Machado de Oliveira apenas teve conhecimento de semelhantes acontecimentos, fez marchar uma força commandada pelo tenente coronel Domingos Simões da Cunha para reprimir os insurgentes. Prepararam-se estes para a defesa, fortificando com trincheiras os pontos das Lages e do Bomfim, pouco abaixo da villa da Barra, e nelles assentaram 30 peças de artilharia e acamparam para cima de 1.000 homens.

Foram porém batidos os sublevados e no dia 10 de Agosto foi dissolvida a provincia, que, voltando a ser comarca, foi administrada pelo commandante da força expedicionaria.

Por varias vezes pretendeu-se restabelecer a comarca do Rio Negro na sua antiga categoria de provincia. A distancia em que se achava a capital da provincia do Pará da cabeça daquella comarca, cujas fronteiras limitam não menos de seis Estados; o risco que havia do apparecimento de conflictos territoriaes, que as autoridades de jurisdicção limitada não poderiam prevenir, não lhes restando outra alternativa a não ser a de testemunharem impassiveis a offensa dos direitos nacionaes, a espera de ordens e instrucções tardias, ou antes a de aggravarem as questões por excesso de zelo ou por falta de conhecimento preciso da materia, eram razões bem poderosas para o restabelecimento da provincia.

Além disso, muito mal se fazia sentir a acção da autoridade presidencial naquellas paragens tão remotas, distantes da capital do Pará 300, 400 e 500 leguas; muito pouca ou quasi nenhuma fiscalização podia ella exercer sobre as autoridades subalternas, de modo que era uma necessidade imprescindivel o restabelecimento da provincia.

« Emquanto a comarca do Rio Negro, dizia no senado o então visconde de Abrantes, foi administrada por governadores, no tempo da monarchia absoluta, prosperou; a secretaria e a thesouraria do Pará podem offerecer documentos valiosos ao estado de progresso em que ia o Rio Negro durante a administração particular dos governadores; a renda publica tinha augmentado, a colonização tinha prosperado, a população tinha-se avantajado, havia um tal ou qual commercio regular com a capital e com os estados vizinhos, haviam estabelecimentos industriaes, que se achavam em via de progresso..... desde que esse passado foi posto á margem, a comarca do Alto Amazonas definhou-se e como que desappareceu! »

A comarca do Alto Amazonas ou do Rio Negro compunha-se então:

Na parte ecclesiastica: de 1 vigararia geral, 23 parochias, sendo 5 despovoadas ou decadentes, 1 seminario, creado em 1848, e filial ao do Pará, e 3 missões estabelecidas em Porto Alegre, no Rio Branco, no Japurá, Içá e Tonantins, e finalmente no Andirá, que era a unica que ia apresentando alguns resultados.

Na parte civil e judiciaria: 1 comarca com um juiz de direito; 2 julgados ou termos municipaes com juizes letrados; 4 municipios, compostos de 1 cidade e 3 villas, e de 15 delegacias ou subdelegacias.

Na parte estatistica: 21.982 habitantes livres e 710 escravos, ao todo 22.692 almas (segundo o incompleto recenseamento de 1851); não se comprehendendo naquella cifra uma multidão numerosa de indigenas pacificos ou irregularmente aldeados ou das tres missões.

Na parte da navegação commercial: faziam a navegação entre a comarca do Alto Amazonas e a provincia, propriamente dita do Pará, 40 a 50 barcos e canôas, de porte de 15 a 16 tonelladas, e mais de 2.000 canôas de differentes lotações empregavam-se em muitos e variados ramos de negocio para Mato-Grosso (1) e até ás fronteiras dos estados estrangeiros

---

(1) « Essa navegação, porém, em gyro continuo, escrevia ao ministerio do imperio o Sr. J. B. de F. Tenreiro Aranha, por tantos e tão ramificados rios e pelos tão vastos lagos desta provincia, é penivel quando se sóbe através das fortes correntezas das aguas que correm sempre com impectuosidade para baixo, mormente nos seis mezes de Janeiro a Julho, que são os da enchente, que vem desses depositos immensos do interior.»

O vapor, porém, veio acabar com esses embaraços e abrir nova era á navegação do Amazonas e seus affluentes.

Por vezes appareceram tentativas para a navegação a vapor no Amazonas. Em 1826 um barco dos Estados-Unidos surgiu na capital do Pará, com importante carregamento, no intuito de subir pelo Amazonas para o Perú. Foi, porém, embaraçado e teve de voltar, visto como era privativa dos nacionaes a navegação do interior.

Em 1828 uma sociedade com o titulo de—promotora da agricultura, industria e navegação,—pretendeu estabelecer-se no Pará. O presidente da provincia nomeou uma commissão para dar parecer sobre a utilidade da empreza.

Foi promptamente satisfeito, e esses trabalhos foram publicados no Pará, e transcriptos com honrosa menção na Inglaterra, no Apendice do padre Amaro.

Não foi, porém, avante.

Em 1837, sob a direcção do presidente da provincia, se quiz organisar outra sociedade para fazer-se a navegação a vapor pelo Amazonas e aguas do Pará. Nomeou-se uma commissão para apresentar o projecto, que foi approvado e publicado no jornal *Treze de Maio*. E tendo-se já inscripto um numero consideravel de acções, ficou tudo sem andamento, em consequencia da retirada do mesmo presidente.

Em 1838, apresentou o Sr. J. B de F. Tenreiro Aranha um pro-

vizinhos e de uns para outros lugares do interior, em todos os sentidos, elevando-se o numero das pessoas, que as tripolavam, inclusive mulheres, a mais de 6.000.

Na parte politica: 4 collegios eleitoraes, 55 eleitores de parochia e 1.965 votantes qualificados.

Na parte militar: 1 commando geral militar, creado por portaria de 5 de Julho de 1837, e que comprehendia todo o seu territorio; 5 pontos militares na fronteira; 168 praças de linha, 65 da guarda policial destacada, 1.339 praças de um batalhão da guarda policial, 1.902 do corpo de traba-

---

gramma para, com auxilios do corpo legislativo e do governo, emprehender-se a dita navegação. Declarou-se-lhe, porém, que era isso da competencia da assembléa provincial, em vista do art. 10 do acto addicional.

Nesse mesmo anno de 1838 e no de 1839, por duas resoluções da assembléa provincial do Pará, foram concedidos privilegios a quem emprehendesse e fizesse a dita navegação nas aguas do Pará e para a ilha de Marajó. Nenhum resultado tiveram.

Em 1840 passou na assembléa provincial uma lei concedendo privilegio por 10 annos e uma prestação de 40:000$ á companhia ou emprezario que estabelecesse a dita navegação a vapor pelo Amazonas e aguas do Pará.

Em 1841, na camara dos deputados, por outra resolução se concedeu privilegio por 40 annos á companhia de Joaquim Antonio Pinheiro e outros, para fazer a mesma navegação pelo Amazonas. Ficou sem andamento no senado.

Em 1842, o negociante e proprietario Joaquim Francisco Danin, estabelecido no Pará, trazendo dos Estados-Unidos uma barca a vapor, pretendeu formar uma companhia para a navegação com o privilegio e o auxilio concedido pela lei provincial de 1840. Achando-se tudo na melhor disposição para dar-se principio á navegação, não quiz o presidente da provincia prestar o auxilio pecuniario concedido pela lei, de modo que viu-se obrigado o emprezario a fazer voltar a barca para os Estados-Unidos, ficando o Amazonas ainda por essa vez privado de ser navegado por vapores.

Em fins do mesmo anno de 1842 subiu pela primeira vez o Amazonas o vapor de guerra *Guapiassú*, commandado pelo 1.° tenente José Maria Nogueira, que publicou o roteiro de sua viagem feita em 10 dias, não incluindo os dias em que esteve fundeado, desde o porto de Belém até o de Manáos, sendo pela metade do tempo a viagem de volta á capital do Pará.

Conduzia este vapor uma commissão enviada pelo governo imperial para explorar o Rio Branco, composta do coronel Frederico Carneiro de Campos, do capitão de engenheiros Innocencio Velloso Pederneiras e do engenheiro Toulois.

Foi ainda o mesmo vapor que sulcou pela segunda vez as aguas do grande rio. Sahiu em Novembro de 1847 do porto de Belém, sob o commando do 1.° tenente Lassance, conduzindo o conselheiro Joaquim Manoel de Oliveira Figueiredo, então capitão de fragata, incumbido de fazer recrutamento de marinheiros pelos lugares do Amazonas.

Foi igualmente o mesmo vapor que subiu pela terceira vez o Amazonas; em Dezembro de 1831, conduzindo o presidente da nova provincia, J. B. de F. Tenreiro Aranha e as autoridades que o acompanhavam. Gastou nessa viagem 17 1/2 dias, sa-

dores, instituido pela lei de 25 de Abril de 1838, e que tão bons serviços prestou á provincia (1).

A instrucção publica era dada em um seminario, onde se ensinavam as linguas latina e franceza, e em 8 escolas de instrucção primaria.

---

hindo de Belém no dia 10 de Dezembro e chegando a Manáos a 27 do mesmo mez, em consequencia da demora havida nos portos intermedios.

Em 1847, na lei do orçamento, passou da camara dos deputados para o senado uma autorisação para empregar o governo 100:000$000 na compra de um vapor para a navegação do Amazonas. Ficou, porém, sem effeito.

Em 1848, quando se discutia a lei do orçamento na camara dos deputados, propôz um deputado que se incluisse nella a mesma disposição para a compra do vapor, que já havia passado na lei do anno anterior, havendo mais uma emenda para que o governo fosse autorisado a estabelecer a navegação a vapor pelo Amazonas e nas aguas do Pará com vapores de guerra ou com prestações a alguma companhia.

Nenhuma dessas propostas foi, porém, approvada.

Em 1850 decretou a assembléa geral, e foi sanccionada, a seguinte lei:

« O governo é autorisado a estabelecer desde já no Amazonas e aguas do Pará a navegação por vapor, que sirva para correios, transportes, rebocagem até ás provincias vizinhas e territorios estrangeiros confinantes, consignando prestações a quem se propuzer a manter a dita navegação, ou empregando embarcações do Estado. »

Finalmente foi organisada a companhia de navegação e commercio do Amazonas, de que mais detidamente e em lugar opportuno me occuparei, e o dia 1.º de Janeiro de 1853, em que começou as suas viagens, abriu uma nova era ás duas provincias do Amazonas e Pará.

(1) « *Francisco José de Souza Soares de Andréa, official da imperial ordem do Cruzeiro, marechal de campo graduado do exercito do Brazil, presidente e commandante das armas, da provincia do Pará, etc.*

« Faço saber a todos os seus habitantes, que a assembléa legislativa provincial decretou e eu sanccionei a lei seguinte :

Art. 1.º O governo fica autorisado a estabelecer em todas as villas e lugares da provincia corpos de trabalhadores destinados ao serviço da lavoura, do commercio e das obras publicas.

« Art. 2.º Estes corpos serão compostos de indios, mestiços e pretos, que não forem escravos e não tiverem propriedades ou estabelecimentos á que se appliquem constantemente.

« Art. 3.º A organisação, divisão, regimen e economia dos mesmos corpos será da competencia do governo, que lhes dará commandantes e officiaes tirados das classes dos officiaes dos antigos corpos ligeiros, ou d'entre os cidadãos mais idoneos, residentes nos respectivos districtos.

« Art. 4.º O serviço a que estes corpos ficam destinados será contractado por quem delles precisar, perante o juiz de paz do districto, precedendo licença dos commandantes respectivos, que serão responsaveis ao governo pela igualdade e segurança de taes contractos.

Na parte financeira havia: 1 recebedoria de rendas geraes, creada em 1837, e em 18 collectorias, produzindo aquella apenas o rendimento annual de 2:000$000, e estas o de 4:778$800 (1).

Em 1843 foi discutido, e passou na camara dos deputados, um projecto para se elevar a provincia a comarca do Rio Negro, com a denominação de provincia do Amazonas, com uma assembléa provincial de 20 membros, e dando um deputado e um senador á assembléa geral.

Este projecto, porém, ficou embaraçado no senado.

Uma das difficuldades para a adopção da medida que conferia o predicamento de provincia ao territorio do Rio Negro era o não ter elle todos os requisitos precisos de renda e sufficiente pessoal habilitado para a gestão separada de uma administração provincial.

O benemerito Sr. conselheiro Jeronymo Francisco Coelho julgou, porém, conjurar este inconveniente com o seguinte projecto de sua lavra, offerecido á assembléa geral em 1850.

1.° A comarca do Rio Negro ou Alto Amazonas fica restabelecida na categoria de provincia com a denominação de S. José do Rio Negro. O seu governo, porém, será filial e su-

---

« Art. 5.° Os individuos que formarem estes corpos não poderão sahir da villa ou lugar, a que pertençam, sem guia dos seus commandantes, que declare o lugar e o fim a que se dirigem. Compete aos juizes de paz fazer prender e remetter aos respectivos commandantes aquelles que vagarem por seus districtos e não apresentarem a guia aqui exigida.

« Art. 6.° Logo depois da publicação da presente lei, o governo fará proceder ao necesrario alistamento de todos os individuos comprehendidos no art. 2.°

« Art. 7.° Ficam revogadas todas as disposições em contrario.

« Mando, portanto, etc.—*Francisco José de Souza Soares de Andréa.* »

(1) As rendas com que se mantinha florescente a capitania, foram indo em decadencia, a ponto de que não chegavam para a decima parte das despezas.

Pela repartição geral a somma total da arrecadação era de 2 a 3:000$ por anno, e assim devia de ser, porque lugares havia em que as collectorias, ou não arrecadavam, nem lançavam nos livros cousa alguma, ou nada remettiam para a repartição central.

Depois da installação desta provincia, já sómente pela recebedoria desta capital tem entrado para a thesouraria, pois ainda não chegaram as remessas das outras collectorias, nos mezes de Janeiro e Fevereiro, a quantia de 911$488, sendo bem de presumir, por esses outros dados, que as rendas, pela repartição geral, em um anno poderão chegar pelo menos a 12:000$000, e que logo que o commercio e a navegação por meio de vapores, fôr em maior escala para o Perú e para os outros Estados vizinhos desta provincia mediante certos direitos, será o computo das rendas, aproximado senão equivalente, ao das despezas que hajam de fazer-se.

Ainda mais reduzidas, senão extraviadas, as rendas provinciaes, comquanto sejam em grande quantidade os generos es-

balterno ao da provincia de Santa Maria de Belém do Grão-Pará.

2.° A sua capital será na cidade da barra do Rio Negro, emquanto de outro modo não fôr designado pela assembléa provincial.

3.° Os limites de separação territorial com a nova provincia filial de S. José do Rio Negro, ficam provisoriamente marcados no rio Amazonas, a saber: pela margem esquerda, a boca superior do rio Nhamundá ou Jamundá, seguindo em todo o seu desenvolvimento o leito do dito Nhamundá, rio acima para o norte; e pela margem direita do Amazonas a montanha denominada—Parintins—como era a antiga divisa, ficando dependentes os limites interiores e tudo quanto fôr relativo á extrema e territorio da nova provincia, da fixação definitiva, que deverá ser feita por decreto do governo, e depois de havidos todos os esclarecimentos e informações precisas sobre as localidades.

4.° Haverá em exercicio e com o ordenado de 3:000$000 um vice-presidente nomeado pelo governo geral, bem como haverá dous substitutos designados para servirem em sua

---

peciaes e de alto apreço desta provincia, e as imposições sobre elles as mesmas que agora são, apenas chegavam a 3:000$000 por anno; e era tal a confusão ou desordem em que a arrecadação se achava, que, nos proprios balanços do thesouro provincial dados á presidencia do Pará, não se mostrava ao menos quanto se arrecadava em cada um dos annos pelas collectorias, por isso que, com esses dados, omissos e heterogeneos de annos diversos não se podia saber ao certo qual era a arrecadação de toda a provincia em cada exercicio: o que mui patente estava e se sentia era que esses resultados não correspondiam ao valor dos productos especiaes desta tão abundante e vastissima provincia, porque nella não se arrecadava ainda nem o meio dizimo.

Dadas as primeiras ordens e instrucções, logo que entrei na administração aqui, começaram algumas collectorias a apresentar resultados, que certamente offerecem provas satisfactorias e evidentes do grande augmento das rendas provinciaes no presente e no porvir, porquanto a collectoria desta capital, que tinha arrecadado em todo o anno de 1851 a somma de 1:229$244, sómente nos dous primeiros mezes de Janeiro e Fevereiro deste anno, já tem arrecadado 3:143$360, e a collectoria de Villa Nova, que em todo o predito anno de 1851 arrecadou 109$640, já no mez de Janeiro tem arrecadado 324$640, cujos dados são sufficientes para conhecer-se que as rendas peculiares desta provincia, que não chegavam a 3:000$000 por anno, neste virão a ser de 20:000$000 e nos seguintes ainda de muito mais, se porventura o commercio, agricultura, a pesca e todos os ramos de industria, que se trata de activar e desenvolver, chegarem a fazer reproduzir e melhorar tudo quanto aqui a natureza tão liberal está offerecendo. »

(*Relatorio apresentado em 30 da Abril de 1852 ao ministerio do imperio pelo primeiro presidente da provincia do Amazonas João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha.*

falta ou impedimento. O vice-presidente terá um official ás ordens.

5.° Tambem haverá um commandante geral militar, com um secretario, para os objectos relativos á força militar, serviço da guarnição e fronteiras. O dito commandante militar, além das vantagens de exercicio, terá duas cavalgaduras e 600$000 de gratificação annual.

6.° Haverá mais para o serviço da guarnição e fronteiras um corpo fixo de linha, composto de quatro companhias e da força de 400 praças.

7.° A provincia constituirá uma só comarca, e o respectivo juiz de direito terá o ordenado de 2:400$000, e se lhe contará o tempo de serviço de mais metade do que effectivamente servir: além das honras de desembargador, que lhe ficarão competindo depois de um quatriennio de exercicio daquelle cargo de magistratura na dita provincia.

8.° A comarca terá tres termos ou julgados municipaes, a saber: o da Barra, comprehendendo a villa de Barcellos, o de Ega e de Maués, todos tres com juizes municipaes letrados, vencendo o ordenado de 600$000, contando-se-lhes tambem mais metade do tempo de serviço; e tendo a villa de Barcellos fôro civil e conselho de jurados, e os juizes substitutos de que trata o art. 19 da lei de 3 de Dezembro de 1841. Os juizes municipaes letrados, alternarão com o juiz de direito na abertura das sessões dos jurados e correições.

9.° Haverá um só commando superior de guardas nacionaes, e o commandante geral militar poderá accumular este emprego.

10. A provincia do Gram-Pará continuará a dar tres deputados e um senador á assembléa geral, e a do Rio Negro dará dous e um senador.

11. O vice-presidente, commandante geral militar e magistrados, que servirem no Rio Negro, não poderão ahi ser eleitos nem senador nem deputados geraes ou provinciaes.

12. O numero de membros da assembléa legislativa provincial do Gram-Pará fica elevado a 36, sendo oito eleitos pela provincia do Rio Negro.

13. Haverá um delegado geral de policia, que será bacharel formado, com o ordenado annual de 800$000, e se lhe contará este serviço como de magistratura e com direito a accesso de juiz de direito. A este delegado competem as mesmas funcções na provincia do Rio Negro, que ao chefe de policia do Pará.

14. Para arrecadação dos impostos geraes e pagamentos das despezas e serviços geraes haverá uma recebedoria de rendas, composta de um administrador com 1:200$000, de ordenado annual, um escrivão e um thesoureiro, cada um delles com 800$000, um amanuense com 400$000 e um continuo, que servirá de porteiro com 360$000.

Haverá mais um ajudante do procurador fiscal da thesouraria com 600$000.

15. Pela thesouraria do Pará se auxiliará o cofre da rece-

bedoria das rendas do Rio Negro, com a quantia que fôr necessaria para supprimento de deficit que houver, e conforme as ordens do governo geral.

16. O vice-presidente da provincia do Rio Negro, annualmente enviará á assembléa legislativa provincial, no tempo de suas sessões e por intermedio do presidente do Pará, um relatorio do estado dos negocios publicos daquella provincia que sejam relativos a objectos provinciaes e municipaes, indicando as necessidades, a que a sobredita assembléa deva prover de remedio, e indicando as medidas, que para esse fim lhe parecerem mais apropriadas. As camaras municipaes na mesma occasião, e pelo intermedio do referido vice-presidente, remetterão os seus relatorios, balanços e orçamentos, para ser tudo presente a assembléa provincial.

17. O vice-presidente do Rio Negro, terá todas as attribuições que as leis em vigor conferem aos presidentes de provincia, especialmente a de 3 de Outubro de 1843, com a declaração, porém, de que todos os actos por elle ordenados, tendo logo de ser executados, como o exige o bem do serviço publico, ficam sujeitos a ulterior e definitiva resolução do presidente do Pará, a quem se dirigirá sobre todos os objectos e em todos os casos em que os presidentes de provincia se dirigem ao governo geral.

18. A nova provincia continua na parte ecclesiastica a fazer parte da diocese da provincia do Grão-Pará.

Semelhante projecto, sôbremodo deficiente para as necessidades que reclamavam prompto remedio, continuando a collocar a nova provincia na dependencia da provincia do Pará, e sem a automica necessaria, não conseguiu ser adoptado, e a comarca do Rio Negro ou do Alto Amazonas continuou a fazer parte da provincia do Pará, até que pela lei n.° 582, de 5 de Setembro de 1850, foi de novo elevada á categoria de provincia, com a denominação de—Provincia do Amazonas.—

Eis a intrega da lei:

Art. 1.° A comarca do Alto Amazonas, na provincia do Grão Pará, fica elevada á categoria de provincia, com a denominação de provincia do Amazonas. A sua extensão e limites serão os mesmos da antiga comarca do Rio Negro.

Art. 2.° A nova provincia terá por capital a villa da Barra do Rio Negro, em quanto a assembléa respectiva não decretar a sua mudança.

Art. 3.° A provincia do Amazonas dará um senador e um deputado á assembléa geral: Sua assembléa provincial constará de 20 membros.

Art. 4.° O governo fica autorisado para crear na mesma provincia as estações fiscaes indispensaveis para arrecadação e administração das rendas geraes, submettendo-as depois ao conhecimento da assembléa geral para a sua definitiva approvação.

Art. 5.° Ficam revogadas as leis em contrario.

A installação da nova provincia do Amazonas, teve lugar no 1.° de Janeiro de 1852.

Dos archivos da camara municipal de Manáos, antiga villa da Barra do Rio Negro, extrahe o seguinte e importante documento da solemne inauguração da nova provincia do Amazonas, que ahi vai fielmente transcripto.

CAMARA MUNICIPAL.

SESSÃO EXTRAORDINARIA DO DIA 1.° DE JANEIRO DE 1852.

Presidencia interina do Sr. Rodrigues do Carmo.

« A's nove horas menos dez minutos da manhã, feita a chamada, se acharam presentes os Srs. vereadores Barroso, Páo-Brasil, Roberto, Brandão, Paula Azevedo, Manoel José de Macedo, Fleury e Pedro Mendes Gonçalves Pinheiro: verificado pelo Sr. presidente existir numero legal para formar casa, declarou aberta a sessão e em seguida passou a nomear uma commissão para receber o Exm. Sr. João Baptista de Figueiredo Ferreira Aranha, presidento nomeado para esta provincia do Amazonas, que se deve achar na casa ás nove horas para prestar juramento e tomar posse da mesma, como tudo se acha concluido na acta da sessão de 29 de Dezembro ultimo, cuja nomeação recahiu nos Srs. vereadores Brandão, Fleury, Pinheiro, Paula Azevedo e Páo-Brasil.

A' hora indicada compareceu o mesmo Exm. Sr., que foi recebido e introduzido pela commissão da sala das sessões, tomou assento ao lado esquerdo do Sr. presidente da camara, depois do que mandou este proceder á leitura da carta imperial, por onde Sua Magestade o Imperador houve por bem nomear o mesmo Exm. Sr. para presidente desta provincia, e finda a leitura da dita carta imperial, deferiu a este o juramento dos Santos Evangelhos em um livro delles, nos termos seguintes: « Juro aos Santos Evangelhos defender o Imperio, manter as liberdades constitucionaes, executar as leis, promover, quanto em mim couber, os melhoramentos moraes e materiaes desta provincia do Amazonas; assim Deus me ajude. »

Findo este acto, levantou-se o Sr. presidente e convidou o mesmo Exm. Sr. a tomar assento á sua direita, o que assim foi effectuado, declarando aquelle, em voz alta e intelligivel, que em virtude da sobredita carta imperial, e do aviso expedido pelo ministerio do imperio de 7 de Junho do dito anno, dava a camara municipal posse da provincia ao Exm. Sr. João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, presidente para ella nomeado. E passou logo o Sr. presidente da camara a convidar o 1.° vice-presidente nomeado Dr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda para prestar o devido juramento deste cargo, cujo juramento lhe foi effectivamente

deferido da fórma mencionada, e repetindo o 2.° vice-presidente o conego Joaquim Gonçalves de Azevedo; o 3.° o coronel João Henrique de Mattos e o 6.° o cidadão Manoel Thomaz Pinto «assim o juro» O Sr. presidente da camara, sendo o vice-presidente nomeado em 5.° lugar passou a presidencia desta ao Sr. vereador immediato em votos, o que feito, deferiu este á aquelle o juramento nos mesmos termos acima mencionados, e reassumiu novamente a presidencia.

O Exm. Sr. presidente da provincia, pedindo permissão á camara, deferiu igualmente o juramento dos Santos Evangelhos, com as formalidades que constam do termo retro, a João Wilkens de Mattos, que por carta imperial de 18 de Agosto do anno proximo passado, foi nomeado para secretario do governo desta provincia.

Concluido que foi o que acima fica declarado, sahiu a camara em companhia do Exm. presidente da provincia e mais autoridades e cidadãos outros, que se achavam presentes e se dirigiram á capella do seminario episcopal, onde foi celebrado o religioso acto de acção de graças, dirigindo-se depois ao palacio do governo, onde foram pelo Exm. presidente da provincia empossados dos seus cargos os empregados nomeados pelo governo de Sua Magestade o Imperador para chefes de diversas repartições. Logo se recolheu ao paço della, acompanhando o Exm. Sr. presidente, e ahi na sala de suas sessões, tomando novamente assento o mesmo Exm. Sr. ao lado direito do Sr. presidente da camara, declarou em voz alta, que em virtude da lei de 5 de Setembro de 1850 installava a provincia do Amazonas para a qual fôra nomeado presidente por carta imperial de 7 de Junho do anno proximo passado do que lavrou o secretario da presidencia o competente auto, que foi assignado por elle presidente, pelos vereadores da camara, pelas autoridades e mais cidadãos, que presentes estavam.

Finalmente, depois de ter a camara deliberado que se fizesse publico por editaes todas as occurrencias nesta mencionadas e que se communicasse a todas as camaras da provincia, convidou o Sr. presidente da mesma ao Exm. Sr. presidente da provincia para que se dirigisse á igreja de Nossa Senhora dos Remedios, matriz provisoria desta cidade, a fim de ahi assistirem ao solemne *Te-Deum laudamus* em acção de graças por tão satisfactorios acontecimentos e levantou a sessão, mandando lavrar esta acta que com os demais membros assignou. E eu Clementino José Pereira Guimarães, secretario, que a escrevi. (*Seguem-se as assignaturas.*)

De 1852 a 1874 tem sido a provincia do Amazonas administrada por 14 presidentes.

A população dessa immensa provincia, igual em superficie á quarta parte do imperio, e talhada pela natureza para conter em si tres estados grandes e poderosos, é por demais reduzida, sendo apenas avaliada em pouco mais de 60.000 almas.

Segundo algumas estatisticas, sem duvida nenhuma muito imperfeitas e incompletas, a sua população era:

Em 1788	de.....	30.800 almas.
1821	»	34.692 »
1825	»	32.732 »
1848	»	22.772 »
1849	»	22.762 »
1851	»	29.904 »
1856	»	41.819 »
1861	»	46.187 »
1866	«	40.443 »

No *ensaio corographico* de Baena vem uma taboa numerica da população da comarca do Rio Negro, que se resume da maneira seguinte:

RIOS.	POVOAÇÕES.		HABITANTES LIVRES.
Negro.....	26	.....	8.031
Branco	3	.....	697
Uapés	1	.....	122
Xié.....	1	.....	40
Amazonas até Tabatinga.....	13	.....	5.265
Madeira	2	.....	601
Canumã	1	.....	366
Maué-assú.....	1	.....	1.689
Fura Urariá.....	1	.....	253
Uatumã	1	.....	332
Jatapú.....	1	.....	485
	51	.....	17.881
Escravos em toda a comarca.....			962
Total, exceptuados os indios selvagens.....			18.843

Na comarca do Rio Negro, diz ainda Baena, desvaneceram-se os lugares de S. Marcellino, da Conceição, de S. Felippe e de S. Martinho do Rio Branco e a villa de S. José do Javary, no Solimões. As villas e mais povoações, que permanecem ainda, apresentam-se mui pouco fornidas de habitantes: não ha taboa de população desta comarca que não patenteie de anno em anno um decrescimento sensivel: vê-se ainda na de 1821 o numero de 34.692 habitantes; na de 1825 o de 32.732; na de 1827 o de 16.403; e na de 1831 o de 16.213; e por consequencia no espaço de 10 annos a população mediterranea perdeu 18.479 moradores, perda que se diz occasionada da diserção dos indianos, do contagio das sezões e bexigas e das correrias dos *Muras*.

O Dr. João Antonio de Miranda, no relatorio que em Agosto de 1840 apresentou á assembléa provincial do Pará, dava á comarca do Rio Negro, de 30 a 40.000 almas.

O capitão-tenonte Amazonas, contestando em parte os calculos de Baena, ponderando que a extincção ou desapparecimento de muitas habitações outr'ora existentes em certos lugares não póde considerar-se como prova do decrescimento da população, por ser conhecido que os moradores têm mudado a sua residencia para as cabeceiras de innumeros lagos, rios e igarapés, e reconhecendo finalmente a impossibilidade de um arrolamento exacto, apresenta, como resultado da sua propria observação e das fracas e incompletas noticias, que começou a colligir em 1840, um mappa de toda a população naquella época, excepto os selvagens, com distincção das classes ou raças de que se compõe, a saber: brancos naturaes do paiz e mui poucos estrangeiros; mamelucos, que são o apuro da raça indigena por sua união com os brancos; indigenas genuinos, nascidos no gremio da sociedade; cafuzes ou caribocas, que são a degeneração da raça indigena, por sua união com os negros; e estes ultimos.

O referido mappa resume-se nos seguintes algarismos:

	Almas.
Amazonas	14.766
Solimões	5.865
Baixo Rio Negro	14.899
Rio Branco	1.070
Alto Rio Negro	3.984
	40.584
Brancos	3.454
Mamelucos	10.871
Indigenas	23.339
Mestiços	1.980
Escravos	940
	40.584
Por 100:	
Brancos	9
Mamelucos	29
Indigenas	58
Mestiços	4
Escravos	3
	100
Fogos	4.530

Em 1788, segundo Baena, o numero de fogos da comarca do Rio Negro era de 29.568.

Segundo o recenseamento confeccionado em 1852 e geralmente reconhecido como muito incompleto, era a população da provincia do Amazonas de 29.798 almas, sendo 7.815

homens livres e 225 escravos, 8.772 mulheres livres, e 117 escravas, 6.776 menores livres do sexo masculino e 117 escravos, e do sexo femenino 5.685 livres e 146 escravas.

De dous quadros estatisticos da população da provincia extrahi o seguinte :

Em 1849:

Homens livres, maiores.....	6.073
Idem idem, menores...	4.956
Mulheres livres, maiores.....	6.167
Idem idem, menores.....	4.786
Homens escravos, maiores..	198
Idem idem, menores.	140
Mulheres escravas, maiores.....	231
Idem idem, menores..... ..	131
Estrangeiros.....	80
Indios.....	
Total.....	22.762

Em 1851:

Homens livres, maiores.....	7.815
Idem idem, menores.....	6.776
Mulheres livres, maiores.....	8.772
Idem idem, menores.....	5.685
Homens escravos, maiores..	225
Idem idem, menores...	117
Mulheres escravas, maiores.....	272
Idem idem, menores.....	136
Estrangeiros.....	106
Indios.....	
Total.....	29.904
Differença para mais no ultimo.....	7.142

Assim como se não póde attribuir certamente esta differença a crescimento tão rapido da população em dous annos, disse o presidente do Pará no relatorio que apresentou ao presidente inaugurador da provincia do Amazonas, assim tambem não póde deixar de reconhecer-se que ainda mui diminuta foi a que se deu no segundo quadro; porquanto aquella differença é devida á falta de se não ter inscripto no primeiro a população dos lugares de Tabatinga e Moreira, e de se ter retirado para o interior a população de Santa Isabel, Moura, Carvoeiro e outros do Rio Negro, e nem se quer se fez menção de alguns outros populosos lugares da provincia, cuja omissão se acha de alguma sorte corrigida no segundo quadro, com o numero mais approximado de pessoas.

Todavia, continúa o presidente do Pará, ainda no quadro do anno de 1851, assim como no de 1849, nota-se que, ten-

do-se inscripto em ambos o numero dos escravos e estrangeiros, houvesse a tão sensivel falta dos indigenas, devendo-se ter lançado pelo menos o consideravel numero dos que se acham domesticados das tribus Maués, dos rios Mamurú e Andira; Mundurucús, dos rios Abacaxis, Canumá e Muruámuratuba; Uarauquis e Pariquis, do rio Uatumá; Mundurucús, dos rios Madeira e Purús e das povoações do Amatary, Uautás e dos lagos Manacapurú e Manaquiri, que se acham em torno e proximos dessa capital, e outros que se acham pelos rios e lagos ainda mais distantes, já em povoações e estabelecimentos de lavoura, ou dados á pesca, navegação, etc.

A serem incluidos, como penso que devem ser, todos esses habitantes naturaes dessa provincia, pelo menos aquelles que se acham baptisados e já de alguma sorte uteis á sociedade, estou que o quadro da sua população poderá ser elevado a mais de 100.000 pessoas, sem se incluirem as hordas barbaras, errantes e ainda desconhecidas.

Fallando do recenseamento de 1866, dizia o illustrado Sr. Tavares Bastos: « Comquanto se deva considerar aquelle total de 40.443 almas, como o da população conhecida, aldeada ou catechisada, com excepção das tribus com que não ha pratica habitual de commercio, é elle comtudo manifestamente insignificante. E' uma gotta d'agua naquelle oceano. »

Eis como se achava nessa época distribuida a população pelos differentes districtos:

Manáos	6.404
Tauapessassú	1.398
Canumã	529
Borba	2.335
Crato	5.998
Moura	707
Rio Branco	268
Barcellos	646
Thomar	824
Marabitanas	618
S. Gabriel	1.223
Serpa	1.533
Silves	3.426
Alvellos	1.433
Teffé	1.894
Fonte Boa	651
S. Paulo de Olivença	1.007
Tabatinga	624
Villa Bella	4.333
Andirá	1.097
Conceição (Maués)	3.609

O recenseamento de 1873 approxima-se um pouco mais da verdade, mas não é ainda a sua legitima expressão. Indica-

rei algumas differenças entre os dous recenseamentos (1866 e 1873) e que attestam o augmento da população:

	1866.	1873.
Teffé	1.894	2.237
Barcellos	646	944
Serpa	1.533	2.569
Andirá	1.097	1.747
Canumã	529	1.896
Thomar	824	875
S. Paulo	1.007	2.184
Alvellos	1.433	2.078
Rio Branco	268	355
Cudajaz		2.175
Tabatinga	624	786

E' claro que nestes recenseamentos não se acham comprehendidos os indios ainda não catechisados e dos quaes não é possivel conhecer o numero, por habitarem alguns delles, ou a maior parte das tribus, regiões até agora não exploradas, ou mal conhecidas.

Podem, entretanto, ser approximadamente calculados de 30 a 40 mil almas. (1)

---

(1) A catechese dos indios tem merecido attenção particular da parte do Exm. Sr. Dr. Domingos Monteiro Peixoto, actual presidente da provincia.

Existem na provincia tres missões, denominadas: Caldeirão, S. Pedro e S. Francisco.

Eis as noticias que dellas nos fornece o relatorio da presidencia do corrente anno:

Caldeirão.—A localidade em que está fundada esta missão é alta, vistosa e arejada; proxima a matas de boas madeiras de construcção e perto de um igarapé de excellente agua. Porém, como todos os pontos do rio Solimões, é muito sujeita a piuns e a carapanans.

O lugar em que está a missão tem 898 braças de frente, compõe-se da igreja e de 22 casas bem preparadas, além de outras mais pequenas, que servem de fornos e outros misteres...

... A população, quasi toda ella de indios catechisados, é de 176 almas e emprega-se no cultivo da mandioca e cereaes, na construcção de canôas, na pesca e na caça, que muito abundam naquelle ponto.

Ha alli para mais de 100 cabeças de gado...

S. Pedro.—Esta missão foi fundada pelos padres missionarios franciscanos observantes, na margem direita do rio Madeira, duas milhas ao norte do lago de S. Pedro, abundantissimo em tartarugas e peixes de diversas qualidades...

Compõe-se a sua população de 75 habitantes, todos elles indios muras... São doceis e obedientes ao seu pastor.

Ha na missão uma capella, quasi concluida, e 14 casas. Os habitantes têm feito 24 roças de mandioca e algumas plantações de cereaes; possuem 14 canôas de diversas dimensões e empregam-se

Fallando da população da provincia, dizia o Exm. Sr. presidente, no relatorio apresentado no corrente anno á assembléa provincial:

« Calculando-se approximadamente, segundo os dados officiaes existentes, póde-se affirmar que a população da provincia é de 74.216 almas, numero quasi igual a que foi adoptado pela repartição de estatistica do Imperio.

Compõe-se a provincia do Amazonas de 4 comarcas, 7 municipios, 3 cidades, 6 villas com 22 freguezias.

As cidades são: Manáos, capital, antiga villa da Barra ; Teffé e Itacoatiara, antiga villa de Serpa.

As villas são: Silves, Villa Bella da Imperatriz, Conceição, antiga villa de Maués ; Barcellos, Cudajaz, Alvellos. (1)

São freguezias e povoações mais notaveis, Canumã, Moura, Tabatinga, Tauapessassú, Thomar, Borba, Manicoré, Fonte Boa, Tonantins, Manacapurú, S. Paulo e Rio Branco.

A comarca da capital (Manáos) foi creada por decreto de 26 de Julho de 1850.

A comarca de Solimões foi creada pela lei de 7 de Setembro de 1853 e constituida a 19 de Março de 1855.

A de Parintins foi creada pela lei de 24 de Satembro de 1858.

A do Rio Negro foi creada por lei de 30 de Abril de 1873 e contituida a 25 de Setembro do mesmo anno.

Consta igualmente a provincia do Amazonas de um dis-

---

na agricultura, pesca do pirarucú, caça, construcção das casas e canôas e limpeza das ruas da povoação.

. . . . . .

S. Francisco.—Missão tambem fundada pelos padres missionarios na confluencia do rio Preto com o Madeira, em terras firmes, altas, abundantes em caça e excellentes para agricultura.

Os dous rios, nas suas proximidades, são abundantes em pescado de diversas qualidades e em tartarugas.

Consta a população de 135 indios Araras, quasi todos maiores, porque as crianças, antes dos pais serem aldeados, tinham sido com facilidade tomados pelos regatões....,..

Compõe-se o aldeamento de uma capella e 55 casas boas, além de outras pequenas que servem para fornos e outros serviços : entre aquelle numero conta.se uma destinada para nella funccionar a escola publica e outra para residencia do missionario.

Os habitantes preparam para mais de 60 roças de mandioca, milho e bananeiras ; e no anno proximo findo, além da farinha, gasta no consumo, venderam 300 alqueires ao preço de 5$ a 7$ cada um.

Além disso possuem 26 canôas, que se empregam na pesca.

Onze rapazes já sabem ler, escrever, contar e fallar soffrivelmente a lingua portugueza.

O serviço da catechese está sob a direcção do superior dos missionarios capuchinhos padre Samuel Mancini.

(1) Cudajaz e Alvellos (antiga freguezia do Coary) foram elevadas á categoria de villas por lei provincial do 1.º de Maio de 1874.

tricto eleitoral com seis collegios, e conta 111 eleitores e 7.903 votantes.

Elege um senador, dous deputados geraes e 20 deputados provinciaes.

Barcellos, ou antes Mariuá, foi a primeira capital da capitania de S. José do Rio Negro.

Está situada na margem direita do Rio Negro. O indio Camandri, chefe dos Manáos, foi o seu fundador.

Logo acima da villa, e servindo-lhe de limite, corre um grande igarapé de agua branca, denominada *Pai-grande*. No tempo da cheia do Rio Negro, nos mezes de Fevereiro e Março, as aguas deste rio represam as do *Pae-grande* e vê-se perfeitamente a separação das duas aguas de côres differentes. No meio da villa, e cortando-a, corre um outro igarapé muito menor, a que dão o nome de *igarapé da ponte*.

Por ordem do governador do Estado Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que a visitou em 1754, foi a antiga aldêa de Mariuá designada para servir de residencia á commissão mixta de demarcações, portugueza e hespanhola.

O mesmo governador, em 1758, elevou-a á categoria de villa com o nome de Barcellos, e no anno seguinte teve alli lugar a reunião da commissão, da qual, por parte de Portugal, era chefe o mesmo governador, e por parte da Hespanha, D. José Iturriaga.

Em 1780 estabeleceu alli residencia o general plenipotenciario João Pereira Caldas, commissario das demarcações do Rio Negro e Mato Grosso.

A villa de Barcellos, que já possuiu um palacio, que era a residencia dos governadores, uma casa de polvora, um quartel, uma ribeira de canôas, uma olaria, uma fabrica de pannos de algodão, um armazem real e um convento carmelitano, acha-se hoje na maior decadencia. O mato invadiu o palacio dos governadores, cujos alicerces ainda existem, e na margem do rio ainda vêm-se grandes peças de marmore, que deviam ser transportadas para a fronteira, a fim de servirem de marcos na linha divisoria.

E' Barcellos a villa do Amazonas, diz o capitão tenente Amazonas, onde concurreram em maior numero illustres personagens e onde, não obstante o deserto em que está encravada, se póde observar a diplomacia européa em todo o apuro de sua duplicidade e cavillação, officiosidade e cortezia.

Cultiva-se alli, em pequena escala, o algodão, o café e o tabaco, a despeito da espontaneidade com que se presta o terreno, que tambem dá em abundancia o cacáo, e deu em outro tempo em grande quantidade o anil. (1). Fabricam-se

---

(1) E' de lamentar que se ache completamente perdida no Amazonas a cultura do anil, que tanto promettia.

Em 1787 dirigiu o ministro dos negocios da marinha e do ultramar uma carta ao governador do Rio Negro, recommendando-lhe

alli rêdes de maqueira, primorosamente bordadas de pennas.

Em Barcellos nasceu (a 4 de Setembro de 1769) o insigne poeta amazonense Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha.

Era filho de Raimundo de Figueiredo Tenreiro Aranha, e neto de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, capitão-mór de Gurupá e provedor da fazenda real no Pará.

Orphão de pai, logo na primeira infancia, e de mãi aos sete annos, deveu Tenreiro Aranha a sua educação e o desenvolvimento de sua intellligencia aos desvellos de seu padrinho, o vigario geral José Monteiro de Noronha, que o mandou estudar no convento de Santo Antonio, em Belém, e depois nas aulas maiores dos padres mercenarios.

Nomeado pelo governador Martinho de Souza e Albuquerque director dos indios de Oeiras, passou dahi, em recompensa dos importantes serviços que prestára nessse lugar, para o de escrivão da abertura da alfandega do Pará, e depois para o de escrivão da mesa grande.

Foi Tenreiro Aranha um dos mais inspirados, senão o mais inspirado poeta, que tem produzido o Amazonas.

Os seus sonetos são notaveis pela elegancia e correcção da phrase, e entre elles passa como um verdadeiro primor o que vai ahi publicado na nota e que tão popular é no Pará (1).

Foi escripto por occasião do assassinato de uma mulher

---

a cultura e manufactura do anil e fazendo-lhe sensatas observações sobre a sua manipulação. Aquelle governador, aproveitando-se da idéa e das instrucções que se lhe davam, cuidou seriamente da cultura do anil, sob tão bons auspicios, que nos annos que decorreram de 1787 a 1797 só elle forneceu ao laboratorio de Lisboa, por conta da fazenda real, 677 arrobas e 6 libras, exportando os particulares, no mesmo periodo, 736 arrobas e 3 libras.

(1) Eis o soneto:

« Si acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo, já cadaver feito,
Leva piedoso com sentido aspecto
Esta nova ao esposo, afflicto, errante.

« Diz-lhe, como de ferro penetrante
Me viste, por fiel, cravado o peito,
Lacerado, insepulto e já sujeito
O tronco frio ao corvo altivolante.

« Que de um monstro inhumano, lhe declara,
A mão cruel me trata desta sorte,
Porém que allivio busque á dor amara;

« Lembrando-se que teve uma consorte,
Que, por honra da fé que lhe jurára,
A' mancha conjugal prefere a morte. »

mameluca, chamada Maria Barbara, por um individuo, que tentou violental-a (1).

Tambem a ode, que escreveu em honra de Manoel da Gama Lobo de Almada, antigo governador do Rio Negro, é uma bella producção, capaz por si só de fazer a reputação de um bom poeta.

Como prosador, foi tambem Tenreiro Aranha escriptor de grande merecimento.

E' pena que sómente escapasse á voracidade do tempo e ao facho incendiario da revolução o pequeno volume que tenho á vista, publicado em 1850 por seu filho João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, o primeiro presidente da provincia do Amazonas.

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha falleceu a 25 de Novembro de 1811, e não a 11 do mesmo mez, como consta de um artigo biographico, publicado na revista do instituto historico.

A cidade de Manáos (antiga villa da Barra) é a capital do Amazonas. Provem-lhe o nome de uma das mais importantes tribus, que dominaram o Rio Negro e alguns dos seus affluentes.

Está situada em uma pequena eminencia, á margem esquerda do Rio Negro, 10 milhas acima de sua foz e a 930 milhas da capital do Pará, e é cortada de igarapés, que se transpõe por meio de tres boas pontes de madeira.

« Pequena embora, diz o Sr. Tavares Bastos, Manáos o cupa uma situação extremamente pittoresca e um ponto geographico da maior importancia. Como S. Luiz, no Mississipi, ella domina o largo espaço da navegação interior pelo Solimões e pelo Rio Negro; vê o Madeira internar-se pelo coração da Bolivia, o Purús cortar o Perú, e tem a quatro dias de distancia o porto do Pará. Creando a capital de uma provincia, lançava-se talvez a primeira pedra da capital de um grande imperio, em que não sonha o presente, mas que por ventura está escripta nos destinos do futuro. »

Possue a cidade de Manáos alguns edificios publicos e particulares que attrahem a attenção, sobresahindo entre elles a igreja matriz, que está a terminar-se, e que será o primeiro e o mais imponente e magestoso templo do Amazonas. Possue ainda a igreja de Nossa Senhora dos Remedios e a do Hospicio de S. Sebastião, administrado pelos religiosos capuchinhos.

Além destes tres templos, convém igualmente mencionar a capella do seminario episcopal, notavel pela sua elegancia e singeleza.

---

(1) O assassinato dessa mulher, perpetrado no caminho da fonte do Marco, nas immediações da cidade de Belém, foi attribuido a um soldado, que por isso foi condemnado á morte e soffreu a pena, protestando por sua innocencia.

Annos depois, ralado de remorsos, fazia o verdadeiro assassino, á hora da morte, publica confissão do seu crime.

O seminario episcopal de Manáos foi creado em 1848 pelo bispo D. José Affonso de Moraes Torres. O abandono em que o zeloso prelado achou a maior parte das freguezias do Amazonas, a falta quasi absoluta de sacerdotes de que pudesse lançar mão para provel-as convenientemente, a grande repugnancia que encontrava da parte dos poucos que havia em sahirem da capital do Pará, onde mais ou menos viviam cercados dos commodos da vida, para se empregarem nas remotissimas parochias do Amazonas, taes foram as razões que levaram o prelado a crear este seminario, que tem sido mais ou menos auxiliado pela assembléa provincial do Amazonas.

O edificio em que funcciona é sobremodo acanhado; é porém de crer que, augmentando-se os recursos da provincia, não duvide ella concorrer para que tome mais largas proporções aquelle util estabelecimento.

O palacio do governo é actualmente uma casa particular, meio arruinada e de acanhadissimas proporções. No pavimento terreo funcciona a secretaria da provincia.

A assembléa provincial, o lyceu, a bibliotheca publica e a repartição das obras publicas funccionam em um elegante palacete, ultimamente concluido, a esforços do actual presidente, o Sr. Dr. Domingos Monteiro Peixoto. Este palacete, depois de ter consumido quantia superior a 70:000$, achava-se abandonado e exposto á acção destruidora do tempo. Com a sua conclusão muito lucrou a provincia, porque, além da decencia das accommodações que encontraram as repartições que alli funccionam, fizeram os cofres provinciaes uma economia mensal de 150$000, e eximiram-se de fazer concertos em predios particulares, que, a despeito de grandes despezas, nunca poderiam ser collocados nas condições de se prestarem aos misteres a que eram destinados.

A camara municipal, que tambem funccionava em um predio particular, terá brevemente um edificio proprio para as suas sessões.

Foi collocada a primeira pedra para elle no dia 1.º de Janeiro do corrente anno, na praça denominada—Pedro II.

Tambem, a esforços do actual presidente, o Sr. Dr. Domingos Monteiro Peixoto, foi lançada, no 1.º de Janeiro de 1783, a primeira pedra de um vasto edificio, destinado para hospital da santa casa da misericordia, na quadra de terra, que demora entre as ruas do Progresso e José Clemente, concedida pelo governo imperial.

Tem a cidade de Manáos, dividida em 3 bairros, 499 casas, das quaes 255 são cobertas de telha e 244 de palha. Entre as primeiras ha 18 sobrados ou casas assobradadas. Tem mais 20 ruas, 11 travessas, 7 praças e 3 estradas. Ha alli 52 casas commerciaes.

Além de um bem montado estabelecimento de educandos artifices, inaugrado a 25 de Março de 1858, possue tambem uma companhia de aprendizes marinheiros, creada por decreto de 17 de Janeiro de 1871 e inaugurada a 21 de Agosto de 1872.

Tem os seguintes limites a freguezia que comprehende a cidade de Manáos. Confina pela parte de leste com a freguezia de Serpa, na foz do lago *Arumá* inclusive, á esquerda do Amazonas, de onde corre a linha á margem opposta, entrando pelo rio *Uautás* até a boca do rio *Japéim*, inclusive o paraná-miri do *Pantaleão* até a foz do rio *Mamory*. Desta linha para o sul limita com a freguezia de Borba (1).

A 8 ou 9 milhas abaixo de Manáos vê-se o lugar denominado *Lages*, onde em 1832 levantaram os revoltados do Rio Negro uma especie de fortificação, que foi confiada á direcção do carmelita Fr. Joaquim de Santa Luzia. Quando por aquelle simulacro de fortificação passou a barca de guerra *Independencia*, que de Belém conduzia força ao mando do tenente coronel Domingos Simões da Cunha para suffocar a revolução, foi saudada com alguns tiros, cujas pontarias eram dirigidas pelo dito carmelita.... A barca *Independencia*, entretanto, passou incolume.

A população da cidade de Manáos é calculada em 5.000 almas.

A villa de Cudajaz fica á margem do Solimões. Foi o lugar em que, em 1864, apportaram pela primeira vez os irmãos Rocha Tury, quando se propuzeram a explorar o lago Cudajaz e o rio Purús.

Em 1871 foi elevada á categoria de freguezia, e por lei provincial do 1.º de Maio de 1874, á categoria de villa.

A lavoura continúa ainda a ser alli completamente nulla. Não ha campinas proprias para a creação de gado, mas os Srs. Rocha Tury acabam de abrir um campo artificial, aproveitando a margem de um lago proximo á villa, e alli montaram uma fazenda, que conta já um crescido numero de cabeças de gado vacum e cavallar.

O principal ramo de commercio, que alli se faz em grande escala, é o da extracção da borracha, que é preparada no lago Cudajaz. A pesca do pirarucú é igualmente feita em larga escala. Tambem exporta salsaparrilha.

A sua população, calculada, segundo o recenseamento de 1873, em 2.175 almas, é quasi toda emigrada do Pará e Baixo Amazonas. Possue a villa seis casas de commercio e um armazem de grosso tracto.

A villa de Alvellos (antiga freguezia do Coary) fica á margem oriental da bahia do Coary, quatro leguas acima da sua foz.

Foi sua primeira situação no rio Paratary, oito leguas acima da fóz, donde trasladou-se para o dasaguadouro do lago Anamá, e dahi para a ilha Guajaratiba, donde depois passou-se para a actual situação. Em 1758 foi elevada á categoria de *lugar* com a denominação de Alvellos; em 1833

---

(1) Depois de escriptas estas linhas, tive noticia de que a assembléa provincial havia, na sessão do corrente anno, alterado estes limites.

foi qualificada simples freguezia, com a primitiva denominação de Coary, e por lei provincial do 1.º de Maio de 1874 acaba de ser elevada á categoria de villa, com o nome de Alvellos.

Segundo o ultimo recenseamento, é de 2.078 almas a população do seu termo.

O rio *Coary*, que fórma a bahia em que está assentada a villa, é um affluente do Solimões, no qual se lança, á margem direita, por duas bocas, entre os rios Purús e Teffé, ou mais approximadamente, entre o rio Mamiá e o ribeiro Uariaú.

As demais povoações carecem de importancia, e a sua descripção tornar-se-hia fastidiosa, por monotona. Todas ellas mais ou menos se parecem. Um amontoado de casas de palha, com algumas bem raras de telha, e em geral uma igreja meio arruinada, eis o espectaculo que todas ellas mais ou menos apresentam. A vida dos seringaes vai matando a vida dos povoados.

A instrucção publica, de alguns annos a esta parte, vai tomando no Amazonas notavel desenvolvimento.

Além de um lyceu bem montado e regularmente frequentado, tem a provincia mais 36 escolas publicas do ensino primario, sendo 28 para o sexo masculino e 8 para o feminino.

O lyceu possue todos os preparatorios exigidos para as academias do Imperio. As matriculas são gratuitas e os compendios são os adoptados no imperial collegio de Pedro II e no lyceu paraense.

São regulares os vencimentos dos professores do lyceu, bem como os dos professores primarios. Vencem estes annualmente 1:200$000. O director geral da instrucção publica tem 3:000$000 de vencimentos.

A camara municipal da capital creou em Agosto de 1872 duas escolas nocturnas, que já se acham funccionando, para os adultos, e os que, por qualquer circumstancia, não puderem frequentar as escolas que funccionam durante o dia.

Com a instrucção publica despende a provincia do Amazonas annualmente a quantia de 70:000$000, pouco mais ou menos.

Publicavam-se em Manáos os seguintes jornaes :

— *A Estrella do Amazonas.*
— *O Jornal do Amazonas.*
— *Jornal do Rio Negro.*
— *Catechista.*
— *Amazonas.*
— *O Correio de Manáos.*
— *O Monarchista.*
— *Cinco de Setembro.* (1)

---

(1) Este foi o primeiro jornal publicado depois de ser elevada a comarca do Rio Negro á categoria de provincia.

— *Jornal do Norte.*
— *Chrysalida.*
— *Reforma Liberal.*
— *Commercio do Amazonas.*
— *O Rio Negro.*
— *Diario do Amazonas.*
— *Boletim Official.*

Os cinco ou seis ultimos numeros continuam a ser publicados.

Em Itacoatiara (antiga villa de Serpa) publica-se um periodico intitulado *Itacoatiara.*

As rendas da provincia do Amazonas vão progressivamente augmentando. Os dados seguintes fallam bem alto.

Foram as rendas em :

1852 de.....	18:767$889
1853 de.....	29:566$802
1854 de.....	33:165$103
1855 de.....	46:246$173
1856 de.....	54:848$296
1857 de.....	61:972$193
1858 de.....	65:568$711
1859 de.....	83:748$327
1860 de.....	101:929$616
1861 de.....	90:220$485
1862 de.....	93:347$803
1863—(semestre isolado).....	57:289$271
1863—1864.....	122:346$400
1864—1865.....	130:350$753
1865—1866.....	178:038$781
1866—1867.....	226:097$554
1869—1870.....	420:338$744
1870—1871.....	365:468$691
1871—1872.....	499:685$653
1872— (semestre).....	242:990$771
1873—1874.....	515:374$000

No exercicio de 1866—1867 tinha a provincia do Amazonas: 4 açougues, 3 boticas, 1 bilhar, 1 fabrica de sabão, 121 casas de seccos e molhados, 2 lojas de alfaiate, 2 ditas de funileiro, 1 de drogas, 1 de ourives, 2 officinas de ferreiro, 3 de marcenaria, 1 de pentieiro, 2 de sapateiro, 4 olarias, 3 padarias.

Destes estabelecimentos, 76 eram brazileiros, 68 portuguezes, 6 inglezes e 4 de diversas nacionalidades.

Estiveram empregados nelles 118 caixeiros, sendo 87 brazileiros, 28 portuguezes, 4 inglezes e 1 de outra nacionalidade.

Pagaram estes estabecimentos para os cofres provinciaes a somma de 2:810$000 de impostos.

No commercio fluvial denominado de regatões, foram empregadas 113 embarcações de vela, com 445 toneladas, e tripoladas por 259 marinheiros: pagaram de impostos a quantia de 9:386$046.

No commercio de cabotagem, isto é, entre a provincia do Amazonas e a do Pará, empregaram-se 25 embarcações, sendo 4 a vapor, todas com 1.645 toneladas, e tripoladas por 315 marinheiros.

Pagaram de impostos a somma de 668$940.

A exportação provincial no exercicio de 1871—1872, montou á cifra de 3.375:088$005.

O genero de mais exportação foi a borracha, que elevou-se á somma de 1,588,132,616 kilos.

Segue-se o pirarucú secco, que apenas se exporta para o Pará, e que no citado exercicio subiu á somma de kilos 1,245,513,481.

Couros de boi e veado, estopa, guaraná, manteiga de tartaruga, oleo de copahyba, piassava e salsa, tambem foram generos de grande exportação.

Em Abril do corrente anno, sahiu do porto de Manáos para Hamburgo o brigue dinamarquez *Familiens Haab*, primeira tentativa de navegação directa do Amazonas para a Europa, levando a seu bordo os generos seguintes:

Castanha.....	128.200	kilos
Borracha.....	6.110	»
Salsa.....	250	»
Oleo de copahyba.....	340	»
Piassava em rama.....	2.600	»
Cacáo.....	300	»
Couros diversos.....	43	
Madeira em toros, met.....	142	

O carregamento que levou para Manáos foi avaliado em 180:000$000.

Semelhante tentativa e outras, que sem duvida se lhe seguiram, muito concorrerão para o desenvolvimento do commercio e o augmento das rendas da provincia.

Um outro facto, que augura importantes vantagens para o commercio do Amazonas, é o contracto de navegação directa da Europa para Manáos, celebrado a 19 de Março de 1873 entre o governo da provincia e o commendador Alexandre Paulo de Brito Amorim. Em virtude desse contracto obriga-se o emprezario a estabelecer uma linha de navegação directa, a vapor, entre o porto de Manáos e differentes praças

estrangeiras, fazendo seu ponto de partida da cidade de Liverpool, com escala pelo Havre, Vigo e Lisboa, e dentro do Imperio pelas cidades do Pará, Santarém e Obidos, e dentro da provincia do Amazonas na villa de Serpa, podendo tambem tocar em S. Luiz do Maranhão, quando convier aos interesses da navegação e do commercio. Obriga-se tambem o emprezario a estabelecer em Manáos uma casa de grosso tracto com mercadorias importadas da Europa.

Obriga-se a provincia a conceder ao emprezario a subvenção de 90:000$000 por cada anno do primeiro quinquennio, e a de 100:000$000 annualmente nos quinquennios seguintes até a terminação do contracto.

Em Abril do corrente anno, chegou a Manáos o vapor *Mallard*, primeiro ensaio da nova empreza.

Eis o quadro demonstrativo da quantidade, unidade, qualidade e valores dos generos exportados da provincia do Amazonas no exercicio de 1871—1872.

Quantidade.	*Unidade.*	*Qualidade.*	*Valores officiaes.*	*Impostos.*
109	k.	Algodão em caroço	14$160	1$416
53.140.156	litros.	Azeite animal	20:343$708	2:034$370
1.370.807.759	k.	Borracha fina e entrefina	2.456:677$173	292:203$240
503.402	k.	Dita grossa	769$510	92$339
216.821.455	k.	Dita sernamby	241:982$930	28:934$094
1	lata.	Banha de tartaruga	10$000	1$000
294.073.179	k.	Cacáo	74:715$337	7:471$533
332.706.620	k.	Castanha	35:685$361	3:568$536
392.116.048	litros.	Dito	41:785$505	4:178$550
413.200	k.	Café	142$982	14$298
73	k.	Canella	146$000	14$600
15.451.705	k.	Couros de boi seccos e salgados	6:811$619	681$161
1.107	numeros.	Ditos de veado, onça e outros animaes	643$400	64$440
113.194	k.	Cumarú	71$542	7$154
3	k.	Casca preciosa	3$000	$300

1 189.729	k.	Carne secca e de salmoura	566$180	56$617
20.889.280	k.	Estopa	7:572$134	757$213
545	k.	Fio de tecum	2:090$000	209$000
36	k.	Farinha de tapioca	5$760	$576
3.296.056	k.	Guaraná	7:668$442	766$844
355	numeros.	Maqueiras de tucúm e travessas	341$000	34$100
956	potes.	Mixira	7:650$000	765$000
11.10	metros.	Muirapinima	22$200	2$220
23.616.148	litros.	Oleo de cupahiba	28:447$944	2:844$794
3	caixas.	Ovos de tartaruga	10$000	1$000
1.245.513.510	h.	Pirarucú secco e de salmoura	358:828$698	17:939$891
70.473.250	k.	Piassava em cordas e em rama	29:125$200	2:912$520
430.462	k.	Puxiry	690$983	69$098
527.384	k.	Peixe-boi secco	148$882	7$444
364.644	k.	Sebo em rama e coado	199$827	12$538
22.187.170	k.	Salsa intaniçada e por intaniçar	48:833$854	4:883$384
7	numeros.	Redes de mirity	45$500	4$550
782.253	k.	Tabaco	2:958$450	295$845
20	k.	Tucum em rama	22$000	2$200
111	metros.	Taboas de cedro	24$420	2$442
42.688	k.	Tambaqui	15$445	$772
»	k.	Urucú	32$306	3$230
			3.375:088$005	370:845$308

23

Conego *Francisco Bernardino de Souza.*

94. faltam aos índios as três letras F. L. R. Por isso em religiões e costumes são em extremo pobres: não teem Fé, nem Lei, nem Rei.

011927

JM